

**UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM**  
**SOCIEDADE, CULTURA, E FRONTEIRAS**  
**LINHA DE PESQUISA: TERRITÓRIO, HISTÓRIA E MEMÓRIA**

MAC DONALD FERNANDES BERNAL

**IGREJA MATRIZ SÃO JOÃO BATISTA DE FOZ DO IGUAÇU:**  
**DA IGREJA HISTÓRICA À IGREJA ALEGÓRICA**

FOZ DO IGUAÇU

2021

**UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM**  
**SOCIEDADE, CULTURA, E FRONTEIRAS**  
**LINHA DE PESQUISA: TERRITÓRIO, HISTÓRIA E MEMÓRIA**

**IGREJA MATRIZ SÃO JOÃO BATISTA DE FOZ DO IGUAÇU:  
DA IGREJA HISTÓRICA À IGREJA ALEGÓRICA**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras - Linha de pesquisa: Território, História e Memória, do Centro de Educação, Letras e Saúde (CELS) – UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu - Paraná, sob orientação do *Prof. Dr. Samuel Klauck*.

FOZ DO IGUAÇU

2021

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Donald Fernandes Bernal, Mac

IGREJA MATRIZ SÃO JOÃO BATISTA DE FOZ DO IGUAÇU: DA IGREJA HISTÓRICA À IGREJA ALEGÓRICA / Mac Donald Fernandes Bernal; orientador Samuel Klauck. -- Foz do Iguaçu, 2021.  
251 p.

Tese (Doutorado Campus de Foz do Iguaçu) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2021.

1. Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu. 2. História. 3. Memória. 4. Alegoria. I. Klauck, Samuel, orient. II. Título.

MAC DONALD FERNANDES BERNAL

**IGREJA MATRIZ SÃO JOÃO BATISTA DE FOZ DO IGUAÇU:  
DA IGREJA HISTÓRICA À IGREJA ALEGÓRICA**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de Doutor em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Mestrado e Doutorado, área de concentração em Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Samuel Klauck  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE  
Orientador

---

Prof. Dr. José Carlos dos Santos  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE  
Membro Efetivo (da Instituição)

---

Prof. Dr. Valdir Gregory  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE  
Membro Efetivo (da Instituição)

---

Prof. Dr. Frank Antonio Mezzomo  
Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR  
Membro Efetivo (convidado)

---

Prof. Dr. Antonio Marcos Myskiw  
Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS  
Membro Efetivo (convidado)

Foz do Iguaçu, 25 de março de 2021.

Respondeu-lhes Jesus:  
*“Destruí vós este templo, e eu o reerguerei em três dias”.*

(Evangelho de São João, Capítulo 2, Versículo 19).

Dedico esta tese à minha família:

Minha esposa, Vanuza Almeida Prado F. Bernal, que me incentivou a chegar até aqui, e ir além. E meus amados filhos: Suzan Prado Fernandes Bernal (doutoranda com muito orgulho!); Mayck Prado Bernal; e Lucas Prado Fernandes Bernal. Razões do meu coração.

E aos meus pais (*in memoriam*):

Birna Bernal e Paulo Lúcio Fernandes, por todo amor do mundo, e por me tornarem quem sou.

## AGRADECIMENTOS

Sou grato primeiramente a Deus, por sua presença e cuidados, e por me ensinar que a maior riqueza que eu poderia almejar é a simplicidade.

Agradeço a Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, por ter me acolhido e proporcionado um ambiente inspirador, criativo e amigável.

Estendo minha gratidão a toda direção, administração e equipe técnica, especialmente a Vania Maria da Costa Valle e Fátima Ruiz de Oliva, por oportunizar sua presteza para que este caminho fosse menos complicado.

De forma especial, gostaria de honrar os brilhantes mestres desta instituição, fontes inesgotáveis de sabedoria, que propuseram desafios possíveis de serem superados de forma positiva por meio de seus ensinamentos.

Não querendo desmerecer nenhum professor, gostaria de citar alguns nomes que foram essenciais nesta caminhada: A professora Denise Rosana da Silva Moraes, por sua amizade e exemplo de superação; O professor Valdir Gregory, por sua simpatia contagiante e suas sempre bem-vindas contribuições; O professor José Carlos dos Santos, a quem atribuo muito de minhas inspirações; e, especialmente, meu orientador, professor Samuel Klauck que, por meio de sua sapiência e paciência, acreditou no meu desempenho e soube me lapidar para que eu pudesse ofertar o melhor de mim.

Minha admiração se estende também aos docentes: Andressa Szekut; Fernando José Martins; Ivo José Dittrich; Maria Elena Pires Santos; Regina Coeli Machado e Silva; e Silvana Aparecida de Souza. A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado.

Minhas considerações também à banca examinadora, pelo tempo dedicado para a leitura destas linhas e por suas contribuições para esta nova etapa em minha caminhada.

Aos meus colegas do programa de pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Unioeste, pelo companheirismo e amizade ao longo desta jornada, dentre eles, os dignos de nota: Milena Mascarenhas; Cláudio Renato de Camargo Mello; Solange da Silva Portz; Ana Carolina Acon, Nataly Yolanda Capelari Santos e Paola Stefanutti.

Agradeço o aporte fornecido à minha pesquisa pelos amigos: Loty Ferreira; Paulo Rigotti; Rita A. Araújo (blog “Terrinha das Águas”); Roger Meireles; Silvana Werner; e Valdir Garbin.

Sou grato também aos clérigos: Padre Edvino Sicuro, SVD; Padre Germano Lauck, SVD (*in memoriam*); Padre Vincent C. Adaikkalasamy, SVD; que forneceram preciosas colaborações para esta tese, em especial ao saudoso amigo Dom Laurindo Guizzardi, CS, cujo falecimento se deu na época de conclusão destes estudos.

Meu reconhecimento às instituições: Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, minha segunda casa, na pessoa de seu Diretor-Presidente e amigo Juca Rodrigues; Ao Centro Universitário Dinâmica das Cataratas – UDC, por ter me dado a oportunidade da experiência docente.

Transmito minha alegria igualmente aos meus familiares. De forma especial, aos meus irmãos: Miriam Bernal Matos; Rafael Fernandes de Oliveira e Tone Ronald Fernandes Bernal. Sou muito feliz por ter vocês em minha vida.

Por fim, sendo propositalmente redundante, dedico integralmente esta tese à minha família: pais, esposa e filhos.

Este doutoramento é conquista de todos nós!

BERNAL, Mac Donald Fernandes. *Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu: Da Igreja Histórica à Igreja Alegórica*. 2021. Tese. Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2021.

## RESUMO

Este estudo tem como objeto de investigação basilar a Igreja Matriz São João Batista, localizado no centro da cidade de Foz do Iguaçu, Oeste do Paraná. O objetivo principal da pesquisa é analisar este templo em seu processo de transição entre a igreja histórica à alegórica, tendo como princípio seus mecanismos de representação ligados à memória. Para tanto, as observações são feitas entre 1924, ano de sua fundação, até 2015, quando houve intervenções que culminaram na reforma, demolição e reconstrução do templo com vistas a um conceito histórico. A pesquisa se desdobra em três objetivos específicos: analisar a história e a historiografia da Paróquia São João Batista, pelo qual se observará a evolução da edificação em suas várias etapas construtivas, bem como as fases de mudanças administrativas da igreja, onde se destacam a figura de alguns de seus clérigos que obtiveram maior notoriedade por suas realizações; pesquisar as modificações da igreja-edificação ocorrida entre reforma, demolição e reconstrução, onde são inquiridas as motivações e as deliberações que levaram seus dirigentes à nova concepção do templo, aderente a um conceito histórico; por fim, as análises são observadas à luz de teorias referentes à história, a memória e a cultura. As definições sobre o templo são esquadrihadas por meio de bases conceituais acerca de sua alegoria e sacralidade. O quadro de fontes para a pesquisa principia-se pelos itens elencados como elementos indiciários (painéis instrucionais sobre a história e a reforma do templo, textos, documentos, fotografias, ou a própria edificação), sendo suas análises auxiliadas por depoimentos orais e material bibliográfico que se ramificam a partir dos itens principais, propiciando o aprimoramento das contribuições para a pesquisa. Estes elementos são esmiuçados prescrevendo-os pelo *método indiciário* proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, assim como a escala do recorte de observação que se faz por meio do paradigma teórico de *micro-história*. A abordagem traz como resultados uma melhor compreensão do processo de modificação do templo por meio das análises fotográficas e textuais, demonstrando que a alegoria referente à edificação se configura como uma tentativa de conexão entre o que a igreja representa hoje trazendo consigo valores de seu tempo. Por fim, a abordagem contempla também o posicionamento da igreja no ambiente multicultural característico de Foz do Iguaçu para a compreensão de como elementos representativos da história ou da identidade cultural tendem a se tornar atrativos turísticos nesta espacialidade. As investigações apontam para um esforço de monumentalização do templo por seus clérigos a partir da moldagem de representações em torno dela.

**Palavras chave:** Foz do Iguaçu; Igreja Matriz São João Batista; História; Memória; Alegoria.

BERNAL, Mac Donald Fernandes. *Iglesia Madre São João Batista de Foz do Iguaçu: De la Iglesia Histórica a la Iglesia Alegórica*. 2021. Tesis. Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2021.

## RESUMEN

Este estudio tiene como objeto de investigación básica la Igreja Matriz São João Batista, ubicada en el centro de la ciudad de Foz do Iguaçu, Oeste de el Paraná. El principal objetivo de la investigación es analizar este templo en su proceso de transición entre la iglesia histórica y la alegórica, a partir de sus mecanismos de representación vinculados a la memoria. Por tanto, las observaciones se realizan entre 1924, año de su fundación, hasta 2015, cuando hubo intervenciones que culminaron en la reforma, demolición y reconstrucción del templo teniendo em conta un concepto histórico. La investigación se desarrolla en tres objetivos específicos: analizar la historia e historiografía de la Parroquia de São João Batista, a través de la cual se observará la evolución del edificio en sus distintas etapas de construcción, así como las fases de cambios administrativos de la iglesia, donde se destaca la figura de algunos de sus clérigos que alcanzaron mayor notoriedad por sus logros; investigar los cambios en la edificación de la iglesia ocurridos entre reforma, demolición y reconstrucción, donde se indagan los motivos y deliberaciones que llevaron a sus líderes al nuevo diseño del templo, adhiriéndose a un concepto histórico; finalmente, los análisis se observan a la luz de diferentes teorías referentes a la historia, la memoria y la cultura. Se buscan definiciones sobre el templo a través de bases conceptuales sobre su alegoría y sacralidad. Lo cuadro de fuentes para la investigación se basa en los ítems enumerados como elementos indicativos (paneles instructivos sobre la historia y reforma del templo, textos, documentos, fotografías o el edificio en sí), y sus análisis se apoyan en testimonios orales y material bibliográfico, que se ramifican a partir de los rubros principales, proporcionando la mejora de las contribuciones a la investigación. Estos elementos se escudriñan prescribiéndolos utilizando el método indicativo propuesto por el historiador italiano Carlo Ginzburg, así como la escala del recorte de observación que se realiza a través del paradigma teórico de la microhistoria. El enfoque da como resultado una mejor comprensión del proceso de modificación del templo a través de análisis fotográficos y textuales, demostrando que la alegoría del edificio se configura como un intento de conectar lo que la iglesia representa actualmente trayendo consigo los valores de su tiempo. Finalmente, el enfoque también contempla el posicionamiento de la iglesia en el característico entorno multicultural de Foz do Iguaçu para comprender cómo elementos representativos de la historia o la identidad cultural tienden a convertirse en atractivos turísticos en esta espacialidad. Las investigaciones apuntan a un esfuerzo por monumentalizar el templo por parte de sus clérigos moldeando representaciones a su alrededor.

**Palabras-Clave:** Foz do Iguaçu; Igreja Matriz São João Batista; Historia; Memoria; Alegoría.

BERNAL, Mac Donald Fernandes. São João Batista Mother Church of Foz do Iguaçu: From the Historical Church to the Allegorical Church. 2021. Thesis. Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2021.

### ABSTRACT

This study has as its main object of investigation the Church Matriz São João Batista, located in downtown Foz do Iguaçu, West of Paraná. The main objective of the research is to analyze this temple in its transition process from the historical to the allegorical church, having as a principle the mechanisms of representation linked to memory. For this, observations are made between 1924, the year of its foundation, until 2015, when there were interventions that culminated in the renovation, demolition and reconstruction of the temple with a view to a historical concept. The research is developed around three specific objectives: to analyze the history and historiography of the Parish of São João Batista, through which the evolution of the building in its different construction stages will be observed, as well as the phases of administrative changes of the church, where the figure of some of its clergymen who achieved greater notoriety for their achievements stands out; investigate the changes in the building of the church that occurred between reform, demolition and reconstruction, where the reasons and deliberations that led its leaders to the new design of the temple are investigated, adhering to a historical concept; finally, the analyzes are observed in the light of different theories regarding history, memory and culture. Definitions of the temple are sought through conceptual bases on its allegory and sacredness. The source table for the research is based on the items listed as indicative elements (instructive panels on the history and reform of the temple, texts, documents, photographs or the building itself), and its analyzes are supported by oral testimonies and bibliographic material, which branch from the main items, providing improved contributions to research. These elements are scrutinized by prescribing them using the indicative method proposed by the Italian historian Carlo Ginzburg, as well as the scale of the observation cut that is carried out through the theoretical paradigm of microhistory. The approach results in a better understanding of the temple modification process through photographic and textual analyzes, demonstrating that the allegory of the building is configured as an attempt to connect what the church currently represents while bringing with it the values of its time. Finally, the approach also contemplates the positioning of the church in the characteristic multicultural environment of Foz do Iguaçu to understand how representative elements of history or cultural identity tend to become tourist attractions in this spatiality. Research points to an effort to monumentalize the temple by its clerics by molding representations around it.

**Keywords:** Foz do Iguaçu; Church of Saint John the Baptist; History; Memory; Allegory.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01:	Celebração de reinauguração da Igreja	39
Figura 02:	Bênção do Painel <i>História</i> pelo Bispo Dom Dirceu Vegini	39
Figura 03:	Os painéis da história e da reforma	39
Figura 04:	Layout do Painel <i>História</i>	40
Figura 05:	Primeira Missa no Brasil	42
Figura 06:	Visita do Padre Itinerante	50
Figura 07:	Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek	53
Figura 08:	Padre João Progzeba	53
Figura 09:	Mapa da província Sul	54
Figura 10:	Interior da antiga capela de madeira	57
Figura 11:	Incêndio da antiga capela	60
Figura 12:	Revolucionários no Marco das Três Fronteiras	66
Figura 13:	Primeiras instalações do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre	70
Figura 14:	Crianças se organizam em frente ao G. E. Bartolomeu Mitre	70
Figura 15:	Visita Técnica ao antigo prédio do G. E. Bartolomeu Mitre	71
Figura 16:	Santa Casa Monsenhor Guilherme em madeira	73
Figura 17:	Santa Casa Monsenhor Guilherme em alvenaria	73
Figura 18:	IMSJB, Casa Paroquial, e o antigo G. E. Bartolomeu Mitre	77
Figura 19:	O frontispício da Casa Paroquial com a sigla S.V.D. 1930	77
Figura 20:	Evento sendo realizado em frente à igreja ainda inacabada	83
Figura 21:	Registro da abertura da igreja pelo Mons. Manuel Könnner	84
Figura 22:	Monsenhor Manoel Könnner	87
Figura 23:	Padre Martinho Seitz	87
Figuras 24 e 25:	Os sinos da torre	88
Figura 26:	A Igreja Matriz com a torre concluída	90
Figura 27:	Aspecto do presbitério em 1951	91
Figura 28:	Bênção da pedra fundamental da nova IMSJB	94
Figura 29:	Padre Germano Lauck celebra missa na sede da CMFI	97
Figura 30:	Memorial da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu	97
Figura 31:	Registro sobre o acidente do Padre Germano Lauck	97
Figura 32:	Padre Germano Lauck Cidadão Honorário de Foz do Iguaçu	97
Figura 33:	Hospital Municipal Padre Germano Lauck	98
Figura 34:	Memorial ao Padre Germano Lauck no Hospital Municipal	98
Figura 35:	Centro Pastoral Padre Germano Lauck	98
Figura 36:	Placa de inauguração Centro Pastoral Padre Germano Lauck	98

Figura 37:	Túmulo do Padre Germano Lauck	98
Figura 38:	Missa da posse de Dom Olívio Aurélio Fazza	100
Figura 39:	Layout do Painel <i>Reforma</i>	109
Figura 40:	Altar adornado da Paróquia São João Batista.	112
Figuras 41 e 42:	Registros de uma celebração onde se vê os vitrais da igreja	113
Figuras 43 e 44:	As bases dos vitrais com inscrições	114
Figura 45:	Layout da igreja original e modificações ocorridas em 1978	117
Figura 46:	Aspecto interno da igreja original.	118
Figura 47:	Igreja modificada após 1978	118
Figura 48:	Mezanino da igreja original	118
Figura 49:	Mezanino eliminado e paredes abertas após a reforma de 1978	118
Figura 50:	Ampliação da nave e janelões redondos instalados	119
Figura 51:	Modificação do altar em 2001	119
Figura 52:	Ilustração da primeira propostas de reforma	123
Figura 53:	Ilustração da proposta aprovada para a execução	123
Figura 54:	Comparação entre o projeto de reforma e antes das obras	124
Figura 55:	Festa realizada no pátio da IMSJB	125
Figura 56:	Missionários verbitas com Dom Dirceu Vegini na IMSJB	126
Figura 57:	Rachaduras nas laterais da igreja	128
Figura 58:	Falta de pilares e vigas de sustentação	128
Figura 59:	Abside e cúpula em fase de desmanche	128
Figura 60:	Tapumes ajudam a ocultar as obras da igreja	129
Figura 61:	Por outro ângulo, a igreja demolida	130
Figura 62:	Restauração dos vitrais	132
Figura 63:	Vitrais reinstalados na igreja reconstruída	132
Figuras 64 e 65:	Celebração de reinauguração da IMSJB	135
Figura 66:	Registro de um casal com a igreja original ao fundo	140
Figura 67:	Ampliação da imagem da Igreja Matriz, ainda sem a torre	140
Figura 68:	Torre da igreja em construção	141
Figura 69:	Transformações ocorridas no altar da IMSJB	143
Figura 70:	Ônibus Foz do Iguaçu <i>City Tour</i>	169
Figura 71:	Mapa de templos, monumentos e paisagens simbólicas	171
Figura 72:	Catedral N.Sra. Guadalupe e o brasão da Diocese	180
Figura 73:	Logomarca da Congregação do Verbo Divino - SVD	182
Figura 74:	A igreja e as logomarcas da Paróquia São João Batista	182
Figura 75:	Paisagem urbana de Foz do Iguaçu onde se destaca a igreja	188
Figura 76:	Imagens comparativas sobre a monumentalização do templo	194

## LISTA DE SIGLAS

- APMI: Associação de Proteção a Maternidade e a Infância  
CDC: Código de Direito Canônico  
CDSI: Compêndio da Doutrina Social da Igreja  
CEPAC: Conselho Municipal de Patrimônio Cultural  
CIC: Catecismo da Igreja Católica  
CMFI: Câmara Municipal de Foz do Iguaçu  
CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
CPP: Conselho Paroquial de Pastoral  
GE: Grupo Escolar  
IMSJB: Igreja Matriz São João Batista  
Iphan: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
PSJB: Paróquia São João Batista  
SJB: São João Batista  
SVD: *Societas Verbi Divini* (Congregação do Verbo Divino)

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b>	13
<b>INTRODUÇÃO</b>	17
<b>CAPÍTULO 1 - DESCONSTRUINDO UMA IGREJA HISTÓRICA</b>	37
1.1. O PAINEL <i>HISTÓRIA</i>	38
1.2. ANTECEDENTES DA HISTÓRIA DA IGREJA CATÓLICA EM FOZ DO IGUAÇU	41
1.3. ONDE MORRE O RIO NASCE UMA CIDADE	44
1.4. A CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO (SVD)	45
1.5. UM VASTO TERRITÓRIO	53
1.6. SÃO JOÃO BATISTA	55
1.7. A PRIMEIRA CAPELA DE MADEIRA	56
1.8. O INCÊNDIO DA IGREJA EM 1925	57
1.9. MONSENHOR GUILHERME MARIA THILETZEK	68
1.10. MONSENHOR MANOEL KÖNNER	84
1.11. A IGREJA FINALIZADA	89
1.12. DOM ARMANDO CIRIO	91
1.13. PADRE GERMANO LAUCK	95
1.14. DOM OLÍVIO FAZZA	98
CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 1	102
<b>CAPÍTULO 2 - CONSTRUINDO UMA IGREJA ALEGÓRICA</b>	108
2.1. O PAINEL <i>REFORMA</i>	109
2.2. A IGREJA ORIGINAL	110
2.3. A IGREJA DESCARACTERIZADA	115
2.4. A IGREJA IDEALIZADA	120
2.5. A IGREJA DEMOLIDA	127
2.6. A IGREJA PRESERVADA	130
2.7. A IGREJA REERGUIDA	133
2.8. A IGREJA REINAUGURADA	134
CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 2	138

<b>CAPÍTULO 3 - UM VELHO TEMPLO PARA OS NOVOS TEMPOS</b>	145
3.1. A ALEGORIA DO TEMPLO	146
3.2. A SAGRAÇÃO DO TEMPLO	152
3.3. A CENTRALIDADE DO TEMPLO	157
3.4. O ESPAÇO DO TEMPLO	163
3.5. A REPRESENTAÇÃO DO TEMPLO	175
3.5.1. A representação iconográfica	177
3.5.2. A representação fotográfica	182
3.5.3. A representação monumental	191
3.5.4. A representação clerical	194
3.5.5. A representação discursiva	196
3.6. A MEMORIALIZAÇÃO DO TEMPLO	202
3.7. A PATRIMONIALIZAÇÃO DO TEMPLO	207
CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 3	211
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	213
<b>FONTES PRIMÁRIAS</b>	218
<b>FONTES ORAIS</b>	219
<b>REFERÊNCIAS: MEIO ELETRÔNICO</b>	220
<b>REFERÊNCIAS: ARTIGO – DISSERTAÇÃO – TESE</b>	224
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	226
<b>ANEXOS</b>	232
<b>APÊNDICE</b>	243

## PRÓLOGO

Antes da imersão ao conteúdo desta tese, gostaria de esclarecer as motivações que me levaram a escrevê-la, e também indicar algumas orientações para a leitura.

Minha trajetória pessoal me permite pensar que o tema que será aqui apresentado não surgiu unicamente como a escolha de uma abordagem com vistas ao doutorado, pois percebo que estas linhas refletem um pouco de minhas vivências. Nasci e morei até o início de minha adolescência em Minas Gerais, lugar onde a cultura e a história são muito latentes. Minha família veio para Foz do Iguaçu na década de 80, onde meu pai pôde encontrar melhores oportunidades de trabalho no setor turístico e, mais tarde, no ensino de artes. Esta mesma veia artística me impulsionou a realizar a graduação em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda, formação esta, que me oportunizou desempenho profissional, sobretudo, na área de artes visuais, comunicação e pesquisas relacionadas a memórias locais por meio da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, lugar onde hoje atuo.

É perceptível para mim que estes princípios me direcionaram a este programa de pós-graduação, primeiramente no mestrado, e agora no presente doutorado. E, de certa forma, por mais que eu tenha buscado esta formação, sinto que foi ela que veio ao meu encontro. Trata-se, portanto, não de uma alternativa de pós-graduação dentre outras, mas de uma escolha muito bem definida.

Por tudo isso, a história, a iconografia e o catolicismo, e agora a sociedade, a cultura e a fronteira, são substratos de minhas experiências pessoais, e estão presentes nos campos de investigação que serão delineados neste estudo.

A respeito do objeto desta tese, posso dizer que a Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu não é algo estranho pra mim. Foi a Igreja onde eu participei ativamente durante bastante tempo no exercício comunitário de minha religiosidade, e onde integrei a equipe de animação litúrgica, participei do movimento de Renovação Carismática, e onde também pude contribuir com a composição da extinta revista paroquial *Anúncio e Testemunho*.

Esta Igreja sempre me causou admiração, não apenas pelo valor emocional, intrínseco às minhas atividades naquele local, mas também por sua relevância histórica.

Talvez por eu gostar de história, buscava sempre que possível conhecer também o passado desta Igreja. Ao meu olhar, aos poucos ela tornou-se mais que um templo. Passei a vê-la como um monumento que foi sendo erguido juntamente com o desenvolvimento da cidade, um marco centralizador não só da religiosidade, como também da história do município.

Pude perceber, contudo, que esse sentimento não era unânime. Nem todos do meu convívio tinham essa mesma percepção. Para a maioria, a igreja-edificação nada mais era que um local para a prática do catolicismo, e sua representação simbólica se restringia aos valores da religiosidade. De qualquer forma, o meu jeito de percebê-la além da fé era uma observação empírica particular que ficaria no limbo ainda durante algum tempo.

E o tempo propício para reativar estas observações chegou. Esta tese, assim como ocorreu com outros temas que desenvolvi, nasceu a partir de uma experiência própria. Uma questão que chamou minha atenção, atiçou minha curiosidade, e me provocou até que eu pudesse obter respostas ou, ao menos, me colocasse no caminho da investigação.

Apesar de eu já ter em mente há algum tempo a Igreja Matriz São João Batista como tema de pesquisa, posso dizer que o esclarecimento sobre a abordagem que ela deveria assumir só me sobreveio no decorrer do processo, mais precisamente quando ocorreu o incêndio da *Catedral de Notre-Dame* em Paris. Pode parecer infausto, mas a partir desta tragédia, pra mim, tudo ficou mais claro. Naquele quinze de abril de 2019 os noticiários do mundo todo exibiam o inacreditável espetáculo daquela icônica igreja em chamas. As imagens eram impressionantes. De início, me fizeram lembrar, quase que naturalmente, do *Quasímodo* nas produções cinematográficas baseadas no romance de Victor Hugo *O Corcunda de Notre-Dame*. Contudo, o que se via sendo consumido pelo fogo era algo bem maior que uma antiga catedral, e sua representatividade ultrapassava os valores da fé.

Nas inúmeras reportagens que se seguiram, havia sempre entrevistas com especialistas sobre o assunto. Por conta disso, na ocasião pude conhecer, como nunca antes, o valor cultural daquela igreja como símbolo e monumento histórico para os franceses, e também para o resto do mundo. Muito além da religiosidade, falavam sobre a arquitetura da igreja e seu estilo gótico, também sobre suas peças de arte, suas relíquias, seus vitrais, os povos e os clérigos que tiveram contato com ela, suas épocas, conflitos e glórias e, acima de tudo, seu legado cultural. Cogitavam também sobre a reconstrução das partes que haviam sido danificadas pelo fogo, objetivando reaver o mesmo aspecto de

outrora. Para os franceses era muito clara a missão de preservar aquela edificação. Um monumento centralizador de quase mil anos de memórias. Ali já se desenhava a utilidade que a *alegoria* viria a ter em minhas análises.

Intuitivamente tracei um paralelo com minha, não tão notória, Igreja Matriz São João Batista. Mesmo pouco conhecida, ela também guardava uma notável riqueza histórica. Incêndio, vitrais, clérigos, reconstrução... itens que, de alguma maneira, conectavam a Igreja de Foz do Iguaçu com a *Notre-Dame* francesa. Senti-me feliz, não pelo incêndio, mas pelo fato de aquela tragédia ter me indicado um caminho de investigação. E ela partiria de minúcias. Os painéis recentemente instalados no templo indicam uma variedade de fontes de informações históricas, não apenas sobre a Igreja, mas também sobre Foz do Iguaçu, emanadas por meio de itens, pessoas e acontecimentos ligados a ela. Existe ali uma potencialidade de conexões entre a história da Igreja e a memória da cidade. A Igreja está em Foz e Foz está nela.

O templo sofreu uma intervenção extrema entre 2013 e 2015. Foi reformado, demolido e reconstruído. Hoje, ao adentrar neste recinto é possível perceber sua modernidade ao mesmo tempo em que ela faz lembrar seu passado, indicando que ela se esforça em representar mais que os valores da fé.

Eu fiz parte desta iniciativa! Os painéis instalados no templo que apresentam a história e as etapas de reforma da igreja foram produzidos em parceria com a Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, onde atualmente trabalho. Senti-me honrado por ter integrado a equipe que elaborou estes painéis, porém isso não significa que a pesquisa para esta tese foi facilitada. Ao contrário, precisei desfazer muito de mim para que sobressaísse a neutralidade necessária nas percepções. Por conseguinte, decidi por me ausentar dos textos desta tese, permitindo que sejam evidenciados tão somente os fatos, suas conjunturas e suas análises.

Outro ponto que gostaria de salientar como instrução para esta leitura, seria o uso dos “is” empregados ao termo “igreja”. Esta é uma palavra que será lida inúmeras vezes nesta tese, sendo que Igreja com “I” maiúsculo se refere à instituição católica como um todo, e igreja com “i” minúsculo é usado para indicar o templo enquanto edificação. Da mesma forma diferenciada é o tratamento dado aos termos *História* e *Reforma*, que são grafados desta forma, em *itálico*, quando se trata do nome dado aos painéis. Neste texto também serão mencionados alguns termos pouco usuais, principalmente os que se referem ao universo

eclesiástico e da arquitetura. Seria conveniente, portanto, a elaboração de um glossário, porém, optei por explicá-los por meio de notas de rodapé como alternativa para que o leitor obtenha o esclarecimento necessário sem precisar se desconectar do fluxo do texto.

Outra observação seria quanto ao uso das imagens. A proposta interdisciplinar deste programa me permite aproveitar bem um instrumento muito presente ao longo minha formação, que é a comunicação imagética. Da mesma forma em que as histórias em quadrinhos, o vídeo, o cinema e a fotografia me proporcionaram aprendizado e são componentes que se fazem presente no cotidiano de minha profissão, penso que consigo ser mais bem entendido quando procuro explicar as coisas por meio de imagens. E elas estarão aqui, muito presente nestas páginas, hora sustentando o texto, hora sendo seu motivo.

Por fim, antes da imersão na tese, gostaria de emitir aqui um juízo de valor, se é que a escrita científica me permite fazê-lo. Falo da minha admiração pela subjetividade. Por ela, se originam as reflexões, as indagações, as interpretações e tudo mais que se liga ao imaginário e ao simbólico. Subjetivos são os conceitos relacionados à fé, a memória, a história e a alegoria. Assim como também são subjetivos a sociedade, a cultura e as fronteiras. Tudo parte de um olhar. As coisas estão lá e são o que são até que alguém as problematize. E esta é a beleza da subjetividade. E é o que motivou esta pesquisa. Observar além do que é aparente.

As análises não se esgotam aqui, ao contrário, pretendem ser provocativas. Do tema proposto, existe muito mais a se explorar. E este talvez seja o maior legado resultante desta tese. Por mais que ela encontrasse aqui um fim, este ainda seria um fim subjetivo.

Boa leitura!

Mac Fernandes,  
Dezembro de 2020.

## INTRODUÇÃO

Igrejas católicas se fazem presente em quase a totalidade dos municípios brasileiros<sup>1</sup>, seja compondo o cenário urbano de grandes cidades, como também em vilas rurais. Geralmente ocupando um ponto central, a igreja é dedicada ao padroeiro da localidade que, não raro, é também o nome do próprio município. Localizam-se em local de destaque, habitualmente em frente a uma praça ou área que apresenta grande fluxo de pessoas. Seu estilo arquitetônico é variado, podendo ser uma construção bem simples ou figurar-se como templo suntuoso, com formas diferenciadas e grande predominância artística. São peculiares por sua presença e sua notoriedade como ponto referencial para as cidades onde se localizam<sup>2</sup>.

Contudo, a igreja não surge por acaso. Sua localização é estratégica e, a partir do histórico de sua implantação, é possível colher pistas para a compreensão do desenvolvimento urbano e social da comunidade em torno dela.

A Igreja Matriz São João Batista em Foz do Iguaçu, objeto basilar desta tese, sugere esta regra de centralidade<sup>3</sup>. Ela se faz presente desde os primórdios da criação do município. Conforme Ottília Schimmelpfeng (1991, p. 51), esta igreja foi o primeiro templo católico da cidade, sendo inicialmente uma pequena capela de madeira erguida em 1924, posteriormente substituída pela igreja de alvenaria após um incêndio ocorrido em 1925<sup>4</sup>. Segundo relatos do Padre Martinho Seitz<sup>5</sup> (1974, p. 36), a obra levou um longo

---

<sup>1</sup> As Igrejas são compreendidas como integrantes de um amplo projeto global expansionista do cristianismo a partir do século XVI, quando o território brasileiro foi aos poucos englobado nos quadros organizatórios da Igreja Católica. Tratava-se de integrar o imenso território da forma mais eficiente possível, dada as condições da época. Pois o esforço organizatório fazia parte de um movimento mais complexo, de dimensões econômicas, sociais e políticas, que partia da Europa: a expansão do sistema mundial capitalista. (HOORNAERT, 1982, p. 10).

<sup>2</sup> Reforçando esta observação, as pesquisas realizadas pelo historiador Samuel Klauck sobre a Gleba dos Bispos na cidade de Missal deflagra esta similaridade. Conforme Klauck (2004, p. 41), “A observação do traçado da cidade permite perceber que as principais avenidas conduzem para o ponto onde se localiza a Igreja Matriz Católica e o Marco”.

<sup>3</sup> Em Foz do Iguaçu não são nítidas as asserções acerca de um ponto central da cidade. Existe o centro como bairro, mas não um centro pontual. No ano de 2013 foi aprovado pela câmara municipal o requerimento N° 179/2013 de autoria do vereador Zé Carlos (PMN), solicitando ao prefeito o estabelecimento oficial do “Marco Zero” do Município de Foz do Iguaçu, porém, nunca realizado. Dentre as possíveis localizações, a proposta indica a Av. Brasil (no ponto onde está a bandeira nacional), e a Praça Getúlio Vargas, locais estes que são próximos à Igreja Matriz São João Batista.

<sup>4</sup> Episódio que será evocado posteriormente nesta tese, junto a outras análises.

tempo até ser parcialmente concluída, sendo aberta ao público apenas em 1942, e mais uma década<sup>6</sup> até que a torre com os sinos fosse definitivamente finalizada, apresentando a igreja com a aparência que lhe é característica até os dias atuais.

A Igreja Matriz São João Batista está situada no centro da cidade, próximo à confluência entre importantes vias de tráfego que compõem o eixo turístico do município<sup>7</sup>. É facilmente percebida em fotografias antigas de Foz do Iguaçu, onde é possível vê-la se destacando na extremidade da Avenida Brasil. Contudo, atualmente ela se mostra um pouco mais diminuta em meio a outras edificações volumosas que se ergueram ao seu redor ao longo do tempo.

O templo sofreu adaptações no decorrer dos anos, incidindo, principalmente, sobre sua aparência interna. As que mais impactaram ocorreram no final dos anos 1970<sup>8</sup>, quando foram ampliadas as paredes laterais, instalada a forração horizontal e feita a elevação de uma parede dividindo o altar para se criar espaço para a sacristia e um depósito<sup>9</sup>. Porém, nada comparado à intervenção a qual foi submetida em 2013. Uma drástica reforma que culminou na necessidade de demolição quase que total do prédio. A igreja reerguida é, em sua parte externa, aparentemente similar à antiga, porém sua estética interna é moderna, executada com acabamento de alto padrão arquitetônico, bem diferente do que comumente se observa nas igrejas antigas de diversas outras cidades, onde se prima pela conservação de sua originalidade.

---

<sup>5</sup> Vigário da Paróquia São João Batista nos anos 1950.

<sup>6</sup> A página 83 do segundo volume do Livro Tombo da Paróquia São João Batista apresenta uma foto datada de 1951 onde é possível ver o altar da igreja ricamente adornada com pinturas de autoria atribuída ao Irmão Lucas, SVD. Esta seria a igreja concluída após longos anos em construção. (vide: Capítulo 1, Figura 27).

<sup>7</sup> A Avenida Jorge Schimmelpfeng, onde a Igreja Matriz São João Batista se situa, é considerada como “eixo turístico” conforme a Lei Nº 3144, de 14 de dezembro de 2005 - Anexo 08. (Foz do Iguaçu, 2005). Disponível em: <<http://leismunicipa.is/abkdq>>. Acesso em: 12 de out. 2020.

<sup>8</sup> Época da criação da Diocese de Foz do Iguaçu pelo Papa Paulo VI, em 5 de maio de 1978, desmembrando da Diocese de Toledo. Seu primeiro bispo foi Dom Olívio Aurélio Fazza. Disponível em: <[diocesedefoz.org.br](http://diocesedefoz.org.br)>. Acesso em: 11 de mar. 2020.

<sup>9</sup> Conforme Guizzardi (2014, p. 63), “Pe. Germano Lauck, promoveu a reforma da igreja, alargando-a aos lados, rebaixando o forro e reestruturando o presbitério. As reformas, dirigidas pelo arquiteto Emílio Zanon, tornaram o ambiente mais espaçoso e aconchegante, mas comprometeram o estilo arquitetônico original”.

Desta forma, em quase sua totalidade, a edificação que existe atualmente não é a mesma do passado, e sim outra construção, inspirada no prédio original. Da igreja antiga, foram preservados apenas a torre, a fachada, e dois vitrais do altar<sup>10</sup>.

O prédio refeito remete ao antigo, mas não de forma espontânea. A conexão entre sua representação, com vistas ao passado, e o exercício da memória é auxiliada por meio de dois painéis<sup>11</sup> fixados nas paredes próximas à entrada principal da nave<sup>12</sup>. Estes painéis narram resumidamente, em textos e fotografias, a história da igreja e da recente reforma, apresentando uma cronologia linear contendo fatos, personagens e fases de sua implantação até a conclusão dos recentes restauros.

Estes itens sugerem, portanto, uma estratégia para se gerar mecanismos de ativação (ou construção) de memórias em torno da igreja, em grande parte produzidas por ela mesma<sup>13</sup>, possibilitando legitimar o templo como monumento histórico<sup>14</sup> da cidade. Esta concepção, como construção de um discurso de historicidade, favorece a definição de sua identidade e seu posicionamento no âmbito do poder simbólico<sup>15</sup> em sua espacialidade. Contribui para isto seu caráter predecessor, que lhe garante certo aspecto de tradicionalidade<sup>16</sup>.

---

<sup>10</sup> Itens que serão abordados posteriormente no decorrer desta tese.

<sup>11</sup> Dois painéis, sendo um intitulado *História* e o outro *Reforma*, medindo 170 centímetros de largura por 75 centímetros de altura cada um, instalados em forma de nicho nas paredes do *hall* da entrada principal da igreja. Um deles com o tema da história da Paróquia, numa cronologia que vai de 1907 até os anos 2010; e o outro, trazendo informações sobre a recente reforma da igreja em quinze etapas, desde a idealização até sua finalização. Estes painéis foram produzidos pela Paróquia São João Batista em parceria com a Fundação Cultural de Foz do Iguaçu e foram instalados assim que a reforma foi concluída.

<sup>12</sup> De acordo com Bruce-Mitford (2002, p. 18), O termo arquitetônico “nave” se refere ao espaço fechado de um templo, é originário do grego *naos*, que também significa “barco”. Conceito simbólico ligado à narrativa bíblica de Noé, o dilúvio e a arca, lugar de refúgio e salvação da criação Divina.

<sup>13</sup> Registros, livros e documentos elaborados por autoridades eclesiásticas locais, pároco e leigos ligados à Paróquia São João Batista ao longo do tempo, que foram disponibilizados para a composição dos painéis.

<sup>14</sup> Do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (‘advertir’, ‘lembrar’), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza efetiva de seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á *monumento* tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. (CHOAY, 2006, p. 17).

<sup>15</sup> De acordo com Bourdieu (1989, p. 7), “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Conforme o bispo emérito Dom Laurindo Guizzardi, CS (2014, p. 62), além de acompanhar o desenvolvimento do município desde sua origem, a igreja foi a primeira Catedral da Diocese de Foz do Iguaçu, de 1978 até 2007, quando voltou a ser paróquia<sup>17</sup>, transferindo o título para a nova Catedral Nossa Senhora de Guadalupe, em fase de construção no alto da Avenida Paraná, no bairro Vila A.

Partindo desta conjuntura, ao analisar a Igreja Matriz São João Batista em Foz do Iguaçu, no percurso entre seu surgimento até os dias atuais, é possível perceber uma metamorfose entre a igreja histórica à alegórica<sup>18</sup>. E desta correlação surge a questão: De que forma esta memória institucionalizada, hegemonicamente produzida a partir da própria instituição católica por meio de seus clérigos, se conecta à história da cidade<sup>19</sup>, proporcionando aos iguaçuenses sentido às referências alegóricas? Este é o axioma que permeia esta tese.

A escolha deste tema surge da observância sobre a cidade e seus prédios históricos. Empiricamente é possível constatar em Foz do Iguaçu uma carência de iniciativas em se criar ou eleger espaços memoriais<sup>20</sup>. A cidade sequer possui um museu histórico para a preservação da memória regional. A história local, por vezes, se condiciona a uma

---

<sup>16</sup> Conforme Hobsbawn (1997, p. 9), “[...] tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.”.

<sup>17</sup> A Paróquia São João Batista agora é denominada como “Igreja Matriz” (Igreja Mãe). Conforme Røwer (1947, p. 117), o termo que serve para designar a mais antiga igreja de uma região geográfica ou movimento a partir da qual as demais se originaram.

<sup>18</sup> *Alegoria*: “[...] a transposição semântica de um signo presente para um signo ausente” (HANSEN, 2006, p. 230); Obra de pintura, desenho, arquitetura ou escultura em que as formas representam valores simbólicos. Disponível em: MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 11 de mar. 2020.

<sup>19</sup> História do município que é conhecida por meio de canais oficiais, não só pelo site da prefeitura ou em órgãos governamentais, mas também por meio de publicações (sites diversos, livros, revistas, audiovisuais), auxiliando a manutenção de uma memória coletiva iguaçuense.

<sup>20</sup> Apenas recentemente ocorreu uma iniciativa por parte do poder público para este intuito. A Lei Nº 4470, de 5 de agosto de 2016, que Dispõe sobre a proteção do Patrimônio Cultural, Histórico, Artístico e Ambiental do Município de Foz do Iguaçu, trás em seu artigo 3º: “O Poder Público Municipal deverá promover, garantir e incentivar a preservação, conservação, tombamento, fiscalização, execução de obras, estudos ou serviços visando à proteção, à valorização e à promoção do patrimônio cultural iguaçuense. [...] § 1º Compete ao Poder Público promover a conscientização pública para a salvaguarda do Patrimônio Cultural”. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/tsouj>>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

narrativa empobrecida, com episódios e personagens pouco detalhados<sup>21</sup>. No ambiente urbano restam poucos prédios antigos, como a igreja matriz, que servem como referência para se conhecer histórias sobre o município e seus personagens<sup>22</sup>. O fator é preocupante, pois sem monumentos referenciais preservados, a memória desmaterializada tende a evaporar-se<sup>23</sup>. Desta forma, a igreja, enquanto monumento, configura-se como um marco reminescente significativo para a cidade, aglutinador de crônicas peculiares.

Contudo, por localizar-se predominantemente em sua parte interna, uma possível interpretação acerca da alegoria do templo apresenta-se condicionada aos frequentadores da igreja ou visitantes ocasionais. Soma-se a isso, o fato de que, por questões de espaço, as informações contidas nos painéis ficaram bastante resumidas, não fazendo jus à profundidade que os relatos podem revelar com um devido esforço de pesquisa complementar. Desta forma, a intenção de se conectar a nova obra da igreja à suas devidas referências histórica pode ser prejudicada, ademais se considerando o público externo.

A Paróquia São João Batista revela-se como fonte provedora de histórias e de personagens que, de alguma forma, se conectam com a história da cidade, favorecendo a ampliação das narrativas sobre o tema<sup>24</sup>. Requer-se, entretanto, de uma pré-disposição para um ajuntamento de dados, visto que muitos destes relatos não se encontram facilmente disponíveis.

---

<sup>21</sup> A narrativa histórica sobre Foz do Iguaçu, emanada de canais oficiais, geralmente confere maior relevância a outros temas, tais como a implantação da colônia militar e os ciclos econômicos ocorridos ao longo do tempo. Corroborar com isso o fato do lugar ser mundialmente conhecido por seus atrativos turísticos, sendo que toda ocorrência ou personagem que se ligue a estes fatores recebe maior visibilidade em detrimento de outros.

<sup>22</sup> A cidade, através de seus governantes, elegeu antigos clérigos que se destacaram ao terem passado pela paróquia São João Batista. Como exemplo, Monsenhor Guilherme, Dom Olívio Aurélio Fazza e Padre Germano Lauck foram homenageados com seus nomes sendo dados à escolas, hospitais e ruas da cidade. Porém, além do perímetro ligado à religiosidade, o conhecimento acerca de suas biografias é pouco difundido.

<sup>23</sup> Conforme Candau, o monumento exerce a função, mesmo que limitada, de ativação e compartilhamento de uma memória institucional. “De maneira geral, todos os traços que tem por vocação ‘fixar’ o passado (lugares, escritos, comemorações, monumentos etc.) contribuem para a manutenção e transmissão da lembrança de dados factuais: estamos, assim, em presença de ‘passados formalizados’, que vão limitar as possibilidades de interpretação do passado e que, por essa razão, podem ser constitutivos de uma memória ‘educada’, ou mesmo ‘institucional’, e, portanto, compartilhada”. (CANDAUI, 2011, p. 118).

<sup>24</sup> Llorenç Prats, antropólogo da Universidade de Barcelona, emprega o termo “ativação patrimonial” para explicar o esforço de prolongar a existência de itens através de um processo de valorização, que geralmente depende de iniciativas políticas. Segundo Prats (1997, p. 64), “Nenhuma invenção adquire autoridade se não for legitimada como construção social e nenhuma construção social se produz instantaneamente sem um discurso prévio inventado”.

Uma igreja histórica pode ser compreendida como uma edificação erguida em um espaço de tempo no qual é possível detectar elementos que possibilitam traçar uma narrativa acerca de seu surgimento, etapas de desenvolvimento e seus artefatos. Somam-se a ela, ações que dela decorrem, seus atores e seus feitos, constituindo, desta forma, uma gama de componentes que se entrelaçam, provocando em seus envolvidos a manifestação da memória<sup>25</sup>.

Desta forma, o recorte temporal previsto para esta análise examina a época de implantação do templo até a recente reforma (1924 - 2015), objetivando a compreensão da história da igreja neste percurso, culminando em seu processo de caracterização alegórica.

A partir desta conjectura, é possível também pensar na igreja como monumento histórico, marco referencial para a manutenção de lembranças e de tradições, cuja significação habita o campo do imaginário<sup>26</sup>. A igreja, enquanto monumento, cumpre papel de perpetuação de sua instituição, fortalecendo seu posicionamento, inclusive em âmbito mercadológico, no território onde se insere. Em sua estética, ela torna-se ponto de referência e de singularidade do local onde se encontra, promovendo, em contrapartida, a formação da identidade cultural local<sup>27</sup>. Desta forma, o recorte espacial desta análise busca abranger a região trinacional de Foz do Iguaçu<sup>28</sup>, área de inserção da igreja no ambiente multicultural característico do lugar. Destarte, é possível a compreensão sobre como ela se posiciona frente a outras denominações religiosas que se fazem presente neste entorno.

O objetivo central desta tese consiste em analisar a Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu em seu processo de transição entre a igreja histórica à alegórica tendo

---

<sup>25</sup> Se identidade, memória e patrimônio são “as três palavras-chave da consciência contemporânea” – poderíamos, aliás, reduzir a duas se admitimos que o patrimônio é uma dimensão da memória -, é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade. (CANDAUI, 2011, p. 16).

<sup>26</sup> Conforme Bachelard (1998, p. 126) “o imaginário não encontra suas raízes profundas e nutritivas nas imagens; a princípio, ele tem necessidade de uma presença mais próxima, mais envolvente, mais material”; para Mafessoli (2001, p. 76), “o imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”.

<sup>27</sup> De acordo com Hall (2002, p.70), “[...] sobre a identidade, o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação*. Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais”.

<sup>28</sup> cf. termo empregado pelo Ministério do Turismo, por meio do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável - PDITS (abrange a região de fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai). Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/DPROD/PDITS/PARANA/PDITS\\_POLO\\_DE\\_FOZ\\_DO\\_IGUACU.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/DPROD/PDITS/PARANA/PDITS_POLO_DE_FOZ_DO_IGUACU.pdf)>. Acesso em: 17 de mar. 2020.

como princípio seus mecanismos de representação ligados à memória. A partir destes rudimentos, a pesquisa subdivide-se em três objetivos específicos:

Primeiramente, a pesquisa objetiva analisar a historiografia da Paróquia São João Batista, tomando como base as fontes primárias utilizadas para a elaboração da cronologia apresentada no Painel *História*. Dos diversos episódios apresentados na cronologia, são observados de forma especial aqueles que versam sobre sua representação estética, apresentada pela evolução da edificação em suas várias etapas construtivas. Também são contempladas as fases de mudanças administrativas da igreja, onde se destacam a figura de alguns clérigos que obtiveram maior notoriedade naquele período por suas realizações.

Em segundo lugar, a pesquisa se dirige a análises sobre as modificações da igreja-edificação ocorrida entre reforma, demolição e reconstrução, proposta pelos gestores da Paróquia São João Batista. As bases para as investigações se principiam a partir do conteúdo apresentado no Painel *Reforma*, onde são inquiridas as motivações e as deliberações que levaram seus dirigentes à nova concepção do templo, aderente a um conceito histórico.

Por fim, as análises são observadas à luz de teorias referentes à história, a memória e a cultura. As definições sobre o templo são esquadrihadas por meio de bases conceituais acerca de sua alegoria e sacralidade, onde também são inquiridos aspectos sobre sua espacialidade como forma de compreensão no que concerne a seu posicionamento em meio ao característico contexto multicultural local. Os fatores conectivos entre a igreja e a memória são observados por meio de suas formas de representação: a iconografia, a fotografia, o monumento, o clero, e os discursos constituídos em torno dela. Por fim, são estudados os esforços de memorialização e patrimonialização do templo como forma de estabelecimento e perpetuação de sua imagem.

Destarte, explorações sobre a *história* e a *reforma* da igreja, postas em conexão com suas subjetividades, poderão proporcionar assimilações sobre o conceito histórico representacional pela qual a igreja dispense esforços em significar por meio da alegoria do seu novo templo.

O caráter de ineditismo desta tese baseia-se na abordagem sobre o aspecto representacional imaginado sobre a Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu na contemporaneidade, e sua relação com a memória do município.

O material disponível sobre a história da Paróquia apresenta-se fragmentado. São objetos, documentos, fotos e livros dispersos, contudo, possíveis de serem reunidos e explorados pelo pesquisador para se produzir análises em torno destes artefatos. Por conseguinte, a metodologia empregada no desenvolvimento desta tese parte da escolha de itens elementares como fontes de investigação, favorecendo maior aproximação aos objetivos propostos. Encabeçado pelo conteúdo apresentado nos painéis, somam-se registros textuais, documentos, fotografias e depoimentos orais relacionadas à igreja, bem como a própria edificação e seus poucos elementos arquitetônicos originais preservados da demolição.

Esse método de apuração constitui o que o historiador italiano Carlo Ginzburg (1999, p. 143), classifica como *paradigma indiciário*<sup>29</sup>. A análise é feita a partir de uma exploração exaustiva das fontes, por vezes envolvendo também a descrição etnográfica, e tendo a preocupação com uma narrativa histórica que se diferencia da narrativa literária, uma vez que se relaciona com as fontes. Visa um caminho mais detalhado de investigação, inversa de teorias mais generalizantes e deterministas das ciências humanas, que muitas vezes não se sustentam quando confrontados com eventos ou sujeitos em escalas menores. Contempla temáticas ligadas ao cotidiano de comunidades específicas e biografias ligadas à reconstituição de micro contextos, dedicando-se a personagens extremos, geralmente figuras anônimas que passariam despercebidos pela multidão, como é o caso de *Menóquio* na obra de Ginzburg (2006) *O queijo e os vermes*.

Uma metodologia complementar ao paradigma indiciário, aplicada a este texto, é conhecida por *micro-história*<sup>30</sup>. Ela permite que o pesquisador, mesmo este não sendo um historiador, como no caso desta tese, obtenha uma abordagem altamente precisa do período

---

<sup>29</sup> Conjunto de princípios e procedimentos que contém a proposta de um método heurístico centrado no detalhe, nos dados marginais, nos resíduos tomados enquanto pistas, indícios, sinais, vestígios ou sintoma. (GINZBURG, 1999).

<sup>30</sup> A micro-história foi defendida inicialmente pelos historiadores italianos Giovane Levi e Carlo Ginzburg. Constitui-se em um paradigma teórico que destaca um determinado recorte de observação em escala mínima. Este método torna-se uma importante ferramenta de auxílio à construção de uma história local, uma vez que a abordagem geral, por estabelecer uma visão por demais generalista, perde de vista a singularidade dos eventos, privilegiando, em certos casos, estruturas ou ideologias, e deixando escapar detalhes que poderiam sinalizar para uma compreensão mais apurada dos fenômenos. A aplicação metodológica da micro-história não significa uma abordagem superficial. A narrativa de episódios produzida a partir dela se destina existencialmente a preencher períodos que se perderam na imensidão da história geral, resgatando uma importante parcela de sua singularidade e identidade. Esta abordagem caracteriza-se por uma mudança de escala na análise histórica, focando em eventos profusamente particulares e em indivíduos, sem, no entanto, ignorar o contexto ao redor, que é fundamental para a compreensão do todo. (LEVI apud BURKE, 1992, p. 133).

proposto no recorte temporal que, na conjunção aqui apresentada, é sincrônico ao da história da cidade e, portanto, podendo ser pensada como uma análise de micro contexto<sup>31</sup>. Um recorte dado à história da igreja que, por sua vez, se conecta à história da cidade, promovendo seu aprimoramento.

O método de análise dos indícios físicos, primeiramente busca apurar dados técnicos acerca do item. Local e datação aproximada de sua feitura, autoria, dimensões, material empregado, técnica construtiva, mecanização, dentre outras informações, servem como premissa básica para a compreensão de sua objetivação ou contextualidade. Desta forma, a pesquisa promove uma nova utilidade ao objeto, diferente daquela que foi pensada em sua feitura<sup>32</sup>. O item passa a servir ao pesquisador como fonte de prospecção, proporcionando uma vasta dimensionalidade de aplicações, ampliando também a natureza de sua escala de usuários.

Consecutivamente, as generalizações ocorrem na medida em que os itens passam a ser confrontados com fontes bibliográficas de temáticas conectivas ao objeto, além de fontes documentais aderentes ao mesmo. As fontes documentais são sempre bem-vindas nas pesquisas sobre épocas, ocorrências e pessoas, em especial a fotografia, por se tratar de registros gerados por elas mesmas, proporcionando bases para interpretações contemporâneas. Para tanto, faz-se necessária a dedicação para uma investigação acerca da conjuntura que envolveu ato, atores e autores, donde as análises históricas são auxiliadas por teorias referentes ao campo da produção imagética, correlacionando-as às vertentes da semiótica e da memória.

Sendo o objeto desta tese observado em um contexto substancialmente simbólico, a fotografia assume relevância fundamental para as análises, objetivando uma melhor

---

<sup>31</sup> As obras de micro-história apresentam sua narrativa à luz que é dada à documentação, similar aos estudos antropológicos. Aproximam-se mais da literatura que a história clássica cientificista. Essa proximidade com a antropologia se dá por meio da “descrição densa”, conceito este criado pelo antropólogo Clifford Geertz (1978, p. 13). Ele acreditava que, para se descrever um comportamento, para entender o outro em sua singularidade na pesquisa, era necessário descer às minúcias na descrição de cada aspecto da cultura estudada. Isto transposto para o paradigma indiciário significa que, no momento em que se examina um documento, é necessário utilizar todos os filtros possíveis e imagináveis para se desconstruir esse documento e analisar cada uma de suas minúcias na tentativa de apreender melhor a essência do que o documento significa, sua época, quem o fez e sua destinação social. Nesse ponto, o documento em si (vitrais, painéis ou fotografia) torna-se um sujeito histórico.

<sup>32</sup> A inserção da cultura material das sociedades do passado (e também do presente) na operação de conhecimento supõe uma alteração radical na própria natureza das coisas, um esvaziamento dos predicados que lhes eram próprios nos contextos sociais e, no mesmo movimento, a atribuição de outras potencialidades, de caráter epistemológico. O documento só existe, portanto, por intervenção do historiador. (CARDOSO; VAINFAS, 2012, p. 148).

compreensão de sua representação estética, delineada conforme a evolução de suas fases construtivas. O elemento imagético tende a auxiliar o exercício de interpretação do componente alegórico, que se principia fundamentalmente pelo caráter físico-espacial da arquitetura do templo, agregando, a partir desta ótica, os contextos históricos adjacentes, que se somam a épocas, lugares, ocorrências e personagens. Desta forma é possível, também, tecer comparativos entre as fases abordadas, proporcionando um aprimoramento das investigações.

A compreensão sobre o espaço e o tempo no qual o objeto se situa na atualidade, bem como seu contexto, é observada para a construção das argumentações. Foz do Iguaçu abarca um espaço que se consolidou pela vocação turística, contendo atrativos mundialmente procurados. Além disso, a cidade tornou-se referência como representação multicultural por sua pluralidade étnica<sup>33</sup>. A diversidade trouxe consigo suas crenças e seus templos, alguns deles se tornando também atrativos por seu formato diferenciado<sup>34</sup>, o que corresponde a uma crescente busca por um nível cada vez mais aprimorado de representatividade. Neste parâmetro, o templo, por vezes, responde a objetivos que vão além do usual, buscando atrair um público que se apresenta heterogêneo, em um ambiente onde a fé se configura também como atrativo mercadológico<sup>35</sup>. A representatividade torna-se, desta forma, um parâmetro de sobrevivência, ao menos permanência, no ambiente cultural plural.

Desta forma, as Igrejas, em suas várias denominações e na diversidade de formas de expressão da fé, podem ser pensadas também como patrimônio cultural<sup>36</sup>. Na prática do

---

<sup>33</sup> Conforme Klauck e Szekut (2012, p. 2), solidificou-se um discurso construído institucionalmente, pelo poder público e setores do turismo, de forma interessada, de que essa constituição multicultural é uma riqueza da cidade, seu patrimônio. De acordo com Chartier (1990, p. 17), citado por Klauck e Szekut (2012, p. 3), “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio”. Este discurso encontra-se presente também no portal oficial do município: “Com cerca de 260 mil habitantes, Foz do Iguaçu é caracterizada por sua diversidade cultural. São aproximadamente 80 nacionalidades, sendo que as mais representativas são oriundas do Líbano, China, Paraguai e Argentina”. Disponível em: <<https://www5.pmf.pr.gov.br/cidade>>. Acesso em: 15 de mar. 2020.

<sup>34</sup> Como exemplo, o ônibus que faz o *city tour* (circuito turístico) de Foz do Iguaçu trás estampado as figuras da nova catedral Nossa Senhora de Guadalupe, a Mesquita Muçulmana e o Templo Budista.

<sup>35</sup> Segundo o *Travelers Choice Awards*, premiação criada pelo site de viagens TripAdvisor.com, os destinos turísticos relacionados a monumentos religiosos estão entre os mais procurados mundialmente. Disponível em: <<https://www.tripadvisor.com.br/TravelersChoice>>. Acesso em: 18 de mar. 2020.

<sup>36</sup> O patrimônio cultural é uma construção social que determinado grupo humano considera digno de ser legado às gerações futuras. Um conjunto de bens materiais e imateriais que exprimem as experiências simbólicas e

catolicismo, por exemplo, são parte de seu cerne as ações litúrgicas e sacramentais<sup>37</sup> que, tradicionalmente, reúne e movimenta uma parcela considerável de iguassuenses, configurando o templo como marco referencial centralizador destas representações culturais.

As percepções aqui relacionadas se justificam, portanto, como uma forma de contextualizar o panorama espacial onde o objeto se insere. Este, por sua vez, carece de uma análise específica sobre o plano de posicioná-lo como marco referencial histórico.

O quadro de fontes indicados para esta tese principia-se pelos itens elencados como elementos indiciários (os painéis, textos, documentos, fotografias, ou a própria edificação), sendo sua análise auxiliada pelas fontes orais, pela busca sistemática de material bibliográfico e pela evocação de outros registros documentais, imagens e escritos que se ramificam a partir dos itens principais, propiciando o aprimoramento das contribuições para a pesquisa.

Convém mencionar que parte das fontes aqui apresentadas foi selecionada por este pesquisador no desempenho de sua função junto à Fundação Cultural de Foz do Iguaçu e por sua proximidade com a Paróquia, primeiramente no período de produção dos painéis e posteriormente para esta tese, tendo os propósitos das análises sendo previamente apresentadas nas prospecções para o devido consentimento de acesso às informações orais e documentais por seus envolvidos.

A primeira parte do trabalho dedica-se à construção de um enquadramento historiográfico sobre a Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu, tomando como base para sua composição a cronologia apresentada no Painel *História*, localizado na entrada do templo. Esforço este, possível por meio do ajuntamento de informações, uma vez que são raros os materiais integrais sobre este tema.

Destarte, além do conteúdo do Painel, é acrescentada às análises a consulta de alguns registros textuais disponíveis, onde são revelados apontamentos acerca de períodos, ocorrências e pessoas ligadas à Paróquia.

---

ideológicas de determinada sociedade, fundantes de uma identidade cultural referencial. Cf. DANTAS, Fabiana Santos. *O patrimônio cultural protegido pelo Estado brasileiro*. In *Patrimônio cultural, direito e meio ambiente: um debate sobre a globalização, cidadania e sustentabilidade* [recurso eletrônico] / Juliano Bitencourt Campos, Daniel Ribeiro Preve, Ismael Francisco de Souza, organizadores - Curitiba: Multideia, 2015, p. 32. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/texto\\_especializado.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/texto_especializado.pdf)>. Acesso em: 20 de mar. 2020.

<sup>37</sup> Missas, Celebrações de Natal, Páscoa, Primeira Comunhão, Crisma, Batizados, Casamentos, dentre outros.

Desta composição, espera-se obter uma narrativa ampliada sobre fatos e personagens, proporcionando mais detalhamento e expandindo o conteúdo que é apresentado no Painel, resultando, desta forma, em uma visão aprimorada sobre o aspecto representacional em que a alegoria da igreja se esforça em referenciar.

A pesquisa principia-se pela consulta ao caderno da Congregação do Verbo Divino – SVD, intitulado “Jubileu Áureo”, de 1945. Este caderno encontra-se em volume único, arquivado na Casa dos Missionários do Verbo Divino em Ponta Grossa, cujo acesso foi permitido pelo Padre Edvino Sicuro, SVD<sup>38</sup>. Seu conteúdo apresenta registros sobre os primeiros anos de missões verbitas no Brasil, incluindo o surgimento da Prelazia de Foz do Iguaçu<sup>39</sup> e seus protagonistas.

Com dinâmica literária semelhante à deste caderno, em 1974 surge o livreto comemorativo dos cinquenta anos da Paróquia São João Batista<sup>40</sup>, que provavelmente caracteriza a primeira iniciativa de se reunir registros históricos especificamente sobre a Igreja Católica em Foz do Iguaçu. Organizado pelo Padre Martinho Seitz, SVD<sup>41</sup> (1974), suas quarenta e oito páginas apresentam, de forma resumida, o surgimento do município e da Igreja local concomitantemente, apontando seus principais acontecimentos e pessoas até o ano de 1974.

Mais tarde, estes textos serviram como base para o padre iguaçuense Lotário Welter<sup>42</sup> (1992) elaborar um novo trabalho sobre a história da Paróquia São João Batista

---

<sup>38</sup> Anexo 01: Imagem do Padre Edvino Sicuro, SVD, nos arquivos da Casa dos Missionários do Verbo Divino - Rua Julia da Costa, 505. Ponta Grossa – PR.

<sup>39</sup> De acordo com Mezzomo (2000, p. 92), *Prelazia* é uma circunscrição eclesiástica presidida por um bispo, mas que não possui total autonomia e plena jurisdição como uma diocese.

<sup>40</sup> SVD. *1924-1974: Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu no seu cinquentenário*. Org. Padre Martinho Seitz. Editora SVD. São Paulo, SP. 1974. A Congregação do Verbo Divino, por meio de sua própria editora em São Paulo, encomendou poucas impressões deste livro, tendo em vista somente a ocasião do cinquentenário da paróquia, referindo-se a ela em suas páginas iniciais como a “Pioneira do Oeste do Paraná”.

<sup>41</sup> Primeiro pároco da cidade de Santa Helena, com a criação da paróquia em 1961. “A vida Pastoral deste religioso já era bastante conhecida em todo o Oeste do Paraná e muito importante foi sua atuação para o desenvolvimento das atividades religiosas em toda a região. Padre Martinho Seitz, já no ano de 1947, havia sido nomeado Vigário de Foz do Iguaçu. Com trinta e cinco anos de idade, era o vigário mais jovem da Congregação do Verbo Divino e, no entanto, foi-lhe dada a responsabilidade da direção da mais vasta paróquia. Em Foz do Iguaçu, o padre Martinho procurou reestruturar a sede da paróquia e agilizar os trabalhos de catequese em toda a sua jurisdição, que haviam sofrido um estrangulamento durante o período da permanência do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Durante o tempo em que ficou na região, além de atender as necessidades da sua grande paróquia, procurou viabilizar os seus esforços de catequese também na Argentina e no Paraguai”. (COLODEL, 1988, p. 260).

com ênfase nas atividades desenvolvidas por seus missionários e outros personagens. Este novo livro apresenta uma narrativa com maior tom emocional sobre diversos episódios, alguns deles bastante pitorescos, citando nomes que protagonizaram o surgimento e desenvolvimento da Igreja em Foz do Iguaçu.

Tanto Seitz como Welter produziram seus escritos a partir de depoimentos selecionados em seu escopo de pesquisa, agregando também suas próprias memórias, obtidas pela vivência que tiveram no período de contato com aquela igreja. Muito destes relatos baseiam-se nos registrados do Livro Tombo da Paróquia São João Batista<sup>43</sup>. Um documento oficial, primordial para o embasamento desta e de outras pesquisas sobre o tema.

Uma publicação mais recente sobre o assunto é o livro de autoria do bispo emérito de Foz do Iguaçu, Dom Laurindo Guizzardi (2014). Apresenta a história da diocese desde os fatores que antecederam a presença da Igreja na região Oeste do Paraná. O estabelecimento da Prelazia de Foz do Iguaçu, a criação da diocese, a história dos párocos, ações pastorais e também a constituição da nova catedral são pautados na publicação de forma concisa, mas não menos profunda. A reunião de temas contidos nessa obra proporciona especial compreensão sobre os processos transitórios da Diocese, tanto estruturais como administrativos. Este, contudo, é um material pouco acessível, pois é parte componente de uma coleção elaborada pela editora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, com distribuição restrita e focada em clérigos.

Desta forma, o volume do Jubileu Áureo SVD, O Livro Tombo da Paróquia SJB, e os escritos de Seitz, Welter e Guizzardi, bem como o conteúdo do Painel *História* (cronologia e fotografias) são elencados como elementos indiciários primários proponentes para esta pesquisa, onde o presente texto se ancora para o desenvolvimento dos assuntos em uma dinâmica de incoação, consulta ou ratificação.

---

<sup>42</sup> Conforme Aguilar (2010, p. 232), Padre Lotário Welter era filho dos pioneiros Carlos Welter e Verônica Welter. Verbita de formação, ele atribui seus escritos ao ardor missionário de sua vocação. Faleceu em 2010 na cidade de Piraquara aos 83 anos.

<sup>43</sup> O livro tomo da Paróquia São João Batista é um inventário que proporciona a consulta de registros oficiais referentes à paróquia desde os primórdios de sua consolidação. O primeiro e mais antigo dos cinco volumes traz registros a partir de 1923, com manuscritos de relatos sobre a formação do município e outras atividades ligadas à paróquia. Algumas folhas contêm a assinatura do padre Guilherme Maria Thiletzek, dentre outros religiosos. Apesar de ter quase cem anos e algumas páginas danificadas por traças, estes livros estão relativamente bem conservados, provavelmente por se encontrarem arquivados em um armário da secretaria da paróquia, sendo, desta forma, um material pouco manipulado e desconhecido da maioria das pessoas. De qualquer forma, é um material de importante teor histórico para a cidade e poderia ter um aproveitamento mais apropriado se fosse preservado em um museu.

Outros materiais encontrados no decorrer da pesquisa são apresentados como complementação no desenvolvimento dos escritos, dentre eles os de cunho jornalístico ou registros memoriais pontuais. Por conseguinte, contribui para a pesquisa os depoimentos de personagens contidos na publicação elaborada pela Fundação Cultural de Foz do Iguaçu *Foz 80 anos – Projeto memória* (1994). Elaborado há mais de 20 anos, muitos de seus entrevistados já se foram, mas deixaram descritos neste caderno seus registros memoriais, testemunhos de protagonistas em seu cotidiano de tempos laboriosos nos primórdios do município. Algumas destas declarações fazem menção à Igreja, proporcionando conhecimento inerente a períodos específicos de sua história.

Adiciona-se a estes relatos, o depoimento de Otília Schimmelpfeng (1991), filha do primeiro prefeito de Foz do Iguaçu. Ela traz em seus escritos, recordações da Igreja e de uma cidade sempre ativa em suas ações e socializações. Um dos raros registros de quem viveu uma época fundante e pôde compartilhar seus depoimentos para o deleite dos pesquisadores.

Contribuem com o texto os relatos de José Maria de Brito (2005), um dos descobridores da foz do Rio Iguaçu. Escrito como um diário, seus apontamentos retratam lugares e pessoas, dificuldades e façanhas, ocorridos em meados de 1889, um tempo inóspito que revela o panorama onde a Igreja local surgiu.

Em consonância com a proposta de analisar a Igreja Matriz São João Batista em sua transição entre a igreja histórica à alegórica, a segunda parte desta tese se dedica a examinar o período metamórfico da igreja-edificação, deliberando sobre seu aspecto construtivo e conceitual, transitório entre reforma, demolição e reconstrução. São pautados, portanto, as resoluções que levaram seus gestores a demandarem, primeiramente uma reforma interna do templo, objetivando resgatar a estética original da edificação com vistas ao plano de um conceito histórico, e que culminou com a necessidade de demolição quase total da igreja, sendo aplicados esforços para a preservação dos vitrais do altar, a torre da igreja e sua fachada principal, itens estes, mantidos na edificação.

O ajuntamento de dados é orientado pelo conteúdo apresentado no Painel *Reforma*. Por conseguinte, este material configura-se como elemento indiciário principal para esta parte da pesquisa. Diferente do que se apresenta no Painel *História*, cujos assuntos são descritos como uma cronologia, o conteúdo do Painel *Reforma* é exposto em quinze “etapas”, e mais alguns textos complementares.

A partir do conteúdo abordado no Painel, as fontes são acionadas na investigação, onde se agregam atas de reuniões do Conselho Paroquial, o projeto arquitetônico do edifício, registros documentais, além das fontes orais, obtidas por meio de depoimentos do arquiteto responsável pela reforma, Valdir Garbin, do Pároco na época, Padre Vicente, do bispo emérito Dom Laurindo Guizzardi, que acompanhou este processo de transição, e da paroquiana Loty Ferreira, leiga atuante desta igreja desde os anos 1950.

Os depoimentos foram coletados no decorrer da escrita desta tese, em encontros pré-agendados, realizados, sobretudo, nos locais de trabalho dos entrevistados, e visam proporcionar perspectivas de âmbito técnico, eclesiástico e laico acerca do objeto em análise.

Por fim, na terceira parte desta tese, os conteúdos analisados são postos à luz de abordagens teóricas em curso, onde predominam as que versam sobre o campo das representações e sua relação com a memória.

São primeiramente esmiuçados os conceitos de alegoria, sacralidade e espacialidade do templo, onde são acionados textos dos historiadores João Adolfo Hansen (2006) e Zahira Souki (2006) em suas pesquisas sobre *alegoria*. Já os aspectos sobre a arquitetura do templo e sua sacralidade são indicados pelos escritos do arquiteto e urbanista italiano Bruno Zevi (1992); e pelo psicólogo britânico David Fontana (2013). No âmbito da espacialidade, as contribuições são feitas por meio das citações do filósofo romeno Mircea Eliade; e do exegeta francês Jacques Musset (1993). As análises do templo em sua configuração multicultural são feitas por meio dos textos dos historiadores Samuel Klauck e Andressa Szekut (2012), em ponderações sobre a constituição do discurso de multiculturalidade na fronteira; São somadas ao tema, as concepções sobre *hibridismo cultural* propostas pelo antropólogo argentino Néstor García Canclini (2005), dialogando sobre a miscigenação cultural e suas implicações; sobre a *comunidade*, pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003); e sobre a *pós-modernidade* e a construção da *identidade cultural*, pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall (2002).

Outras fontes para este tema foram elencadas para proporcionar uma análise sobre a igreja em seu enquadramento multicultural, suas relações com outros ícones dispostos no ambiente urbano, e na relação que estabelece frente a outros símbolos do catolicismo ou de outras denominações religiosas. É também examinada a questão mercadológica, de posicionamento competitivo enquanto atratividade, bem como sua manutenção e promoção.

Da igreja histórica é possível extrair fatos e personagens, mas ela, por si só, é bastante representativa enquanto monumento. Neste aspecto, os historiadores franceses Françoise Choay (2006), Jacques Le Goff (1996) e o antropólogo Joël Candau (2014) apresentam esta dicotomia entre documento e monumento, propondo que o documento é aquele que o historiador seleciona para escrever a história, e o monumento é aquele que a sociedade ratifica e que conserva determinados registros de memória. Importante contribuição para uma compreensão de como a sociedade pode, a partir do monumento, conectar memórias que, por sua vez, se ancoram em histórias constituídas a partir do objeto.

Por conseguinte, as análises sobre *memória* tornam-se um importante contributo para a pesquisa em questão. Candau (2014) constrói uma base interpretativa aplicável ao objeto enquanto monumento histórico centralizador de memórias, enquadrando seu repertório às classificações de *protomemória*, *memória* e *metamemória*, sendo, este último, essencial para a formação de uma memória coletiva. Desta forma, é ajuntado a estes teóricos, as definições do sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006), fundador do conceito sobre memória coletiva.

Pesquisar, conhecer e trazer à tona histórias, seus atores e o contexto na qual as ocorrências se desenvolveram, configura-se como um desafio de suma importância para a ativação e preservação da memória. Por conseguinte, são também considerados os conceitos que associam a memória ao campo das representações.

As fontes imagéticas prescritas, sobretudo pela fotografia, são relacionadas ao estudo da construção de significado que, por sua vez, podem ser interpretados por meio da semiótica. Para tanto, faz-se necessário um embasamento sobre o assunto, primeiramente evocando um de seus principais teóricos, Charles Sanders Peirce (1999), propício na tentativa de esclarecer o conceito de *signo* e a construção de seu significado. Os estudos semióticos, que auxiliam a compreensão dos mecanismos de produção e interpretação das representações, são embasados também pelas idealizações de Lúcia Santaella (2012), expoente das pesquisas semiológicas no Brasil.

O objeto de pesquisa é também observado por sua representatividade simbólica, onde as citações do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007) demonstram que o mesmo precisa estar alicerçado em uma base de conhecimento prévio para poder ser devidamente interpretado como tal, demonstrando que este poder invisível só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder, ou mesmo daqueles que o exercem.

A abordagem é enriquecida pela análise iconográfica do historiador de arte alemão Erwin Panofsky (2001), e da artista plástica americana Donis A. Dondis (2007), que versa sobre a linguagem visual.

Das formas de representação do templo, o campo da fotografia é valorizado por ser este elemento empregado como item significativo nas análises. Os textos, portanto, são auxiliados primeiramente pelos historiadores Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997), no exercício de relacionar a imagem fotográfica à sua utilização como documento histórico. Soma-se a este, os conceitos formulados por Boris Kossoy (2001), delineando elementos constitutivos para análise iconográfica.

Em sua tese, a historiadora Lucia Teresinha Macena Gregory (2010) adota uma metodologia proposta por Mauad, que fornece subsídios para pesquisas analíticas de imagens fotográficas, que se desenvolvem em cinco categorias, indicando possibilidades aplicáveis também nas análises em questão. Seriam elas: O *espaço fotográfico*: relacionado ao fotógrafo e como ele organiza sua produção, levando em conta o enquadramento, iluminação, técnica, equipamentos, etc.; O *espaço geográfico*: que compreende o espaço físico representado na fotografia, caracterizado pelos lugares fotografados e pelas mudanças registradas no decorrer do período que envolve a coleção; o *espaço do objeto*: onde são observados os objetos, seus tipos e formas, atributos das pessoas e da paisagem; o *espaço da figuração*: onde se observa a distribuição dos figurantes no espaço enquadrado, seus atributos e gestos, bem como todos os componentes vivos (homens, mulheres, crianças e animais) presentes no espaço da figuração; e, por fim, o *espaço da vivência*, que se constitui como uma síntese dos espaços anteriores resultando na composição do ato fotográfico. Esta forma de leitura de imagens será considerada nas entrelinhas da tessitura das análises de algumas das fotografias obtidas do Painel *História*, por sua relevância contextual enquanto documento indiciário e de representação do templo e seus clérigos.

As análises são complementadas pelos textos do antropólogo catalão Llorenç Prats (2005), tratando sobre os efeitos de patrimonialização percebido na atualidade; e do historiador francês Dominique Poulot (2009) na fundamentação aos assuntos sobre patrimônio.

Além do material até aqui descrito, as análises são complementadas por abordagens científicas relacionadas ao tema. O catolicismo no Oeste do Paraná tem sido objeto de estudo já há algum tempo. Historicamente, desde o período das missões jesuíticas a Igreja

se faz presente na região, sendo preponderante no decorrer do tempo por suas ações ou seus clérigos. São diversas as pesquisas acadêmicas, dissertações e teses que, de alguma forma, abordam temas relacionados à fé católica. Não obstante, esta tese buscou observar alguns destes textos como forma de dignificar a linha de pesquisa pela qual estes escritos buscaram trilhar. É possível aqui citar alguns destes, dignos de nota.

A tese do historiador Frank Antonio Mezzomo (2009) se debruça sobre o episcopado de Dom Olívio Aurélio Fazza, apresentando o processo de instalação e consolidação da diocese de Foz do Iguaçu no período de 1978 a 1984. Apropriações simbólicas constituídas pelo bispo e as implicações pastorais, bem como as problemáticas sociais surgidas na região sob seu episcopado são pautados em seus estudos. A observância dos escritos sobre este personagem é de notável relevância para a pesquisa aqui delineada, uma vez que se trata do primeiro bispo da diocese de Foz do Iguaçu, cuja intitulada “catedral”, o templo vinculado ao bispo, era a Igreja Matriz São João Batista, objeto desta tese.

Outra temática relacionada à história desta diocese é a abordada na pesquisa de Nilceu Jacob Deitos (2004). Em sua tese, o historiador lança luzes à relação de estabelecimento da Igreja no Oeste do Paraná e sua influência junto aos colonos por meio de discursos e ações pastorais, com especial atenção à atuação de Dom Armando Cirio, primeiro bispo da Diocese de Toledo e Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Cascavel. Entender o fenômeno de significação do catolicismo entre os fiéis é uma diretriz que permite a compreensão dos valores simbólicos que se estabelecem com a presença da Igreja em suas representações, como é o caso do próprio templo.

Contribuem também com esta tese, as pesquisas desenvolvidas por Micael Alvino Silva (2010), na temática sobre os imigrantes alemães radicados em Foz do Iguaçu. Notadamente, os primeiros clérigos que participaram do estabelecimento da Igreja na cidade eram de origem alemã e, de certa forma, propuseram influências culturais em suas ações. A observação dada ao episódio da prisão do Monsenhor Manuel Könnner em Foz do Iguaçu nos anos 1940, período em que ocorria a segunda grande guerra, configura-se como um elo conectivo que liga a cidade aos conflitos mundiais, ao mesmo tempo em que demonstra indícios de xenofobia contra o religioso na tessitura do processo.

Conforme o fluxo do texto é acionado partes da dissertação e da tese do historiador Antônio Marcos Myskiw (2009 e 2002). A primeira, versando sobre um dos personagens que fizeram parte da colonização do Oeste do Paraná; e a segunda, apresentando alguns

dos registros apontados em sua tese, da época em que ocorreu a implantação da Colônia Militar em Foz do Iguaçu.

Finalmente, são arguidos os textos das teses dos colegas deste Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteira da Unioeste: a pesquisa apresenta pelo arquiteto Cláudio Renato de Camargo Mello (2020), quando esta aborda alguns dos edifícios históricos elencados no decorrer dos assuntos; e partes da pesquisa de Solange da Silva Portz (2020), quando se trata sobre os usos da fotografia pelo historiador.

Sobre o tema da fotografia, o texto é abrilhantado pelo subsídio apresentado na já citada tese de Lucia Teresinha Macena Gregory (2010), onde são considerados métodos de análises sobre a dinâmica de espacialidade na produção fotográfica.

A estrutura desta tese se desenvolve em três capítulos, sendo o primeiro e o segundo objetivados para esquadrihar componentes que evidenciam os desencadeamentos entre a história e a alegoria da Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu; e o terceiro apresentando interações que vinculam os temas a abordagens científicas correntes.

No capítulo 1, o tema é a Matriz São João Batista enquanto igreja histórica, onde são feitas análises e inserções sobre sua cronologia, disposta entre 1907 até meados de 2010, exibida em um dos painéis instalados na entrada do templo. Encomendado pelo então pároco, Padre Vincent C. Adaikkalasamy, SVD, para ser inaugurado juntamente com a reforma da igreja, o Painel *História* apresenta, por meio de fotos e textos, pessoas e fatos relacionados à Paróquia, desde seu surgimento até antes da reforma. Esta cronologia seria uma forma de oficializar a historiografia da Igreja local, tornando-se também uma das principais formas de compreensão sobre o contexto no qual a alegoria do templo preocupava-se em se vincular.

O capítulo 2 discorre sobre o aspecto alegórico na qual a Paróquia São João Batista se pronuncia com as recentes reformas do templo. Apresenta análises sobre o conteúdo apresentado no Painel *Reforma*, indicativo para a compreensão do transcurso de modificação do edifício ocorrido por meio da reforma/demolição/reconstrução do templo. Este seria, portanto, o processo de transição entre a igreja histórica à alegórica, promovido por seus feitos.

Concluindo, o capítulo 3 se dedica a associar as análises desenvolvidas nos capítulos anteriores aos conceitos teóricos referentes à história, a memória e a cultura,

direcionando as percepções ao objeto em tese. É também indagado o aspecto espacial de inserção do templo como forma proponente de significações e como esta se projeta em face ao contexto turístico e multicultural da região<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> Conforme o Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu 2014, a Igreja Matriz São João Batista é considerada como atrativo turístico cultural pela Secretaria Municipal de Turismo. Disponível em: <<http://www.pmf.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=75475>>. Acesso em: 05 de abr. 2020.

## CAPÍTULO 1

### DESCONSTRUINDO UMA IGREJA HISTÓRICA

O termo *desconstrução*<sup>45</sup> é propositalmente trazido no título deste capítulo por sua ambiguidade entre o aspecto físico de dismantelamento de uma edificação ou máquina, e o conceito de decomposição dos elementos da escrita. Enquanto o primeiro se refere diretamente à ação de destruição, que fatalmente resulta em bagunça, o segundo pode ser idealizado numa categoria de desmontagem e reorganização. A desconstrução, nesta instância, objetiva revelar partes do conteúdo que estão encobertas pelo volume do montante. Aspecto este, que se integra na já mencionada metodologia da micro história.

Destarte, este capítulo se define por apresentar uma síntese da história da Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu com atenção dada a partes pontuais. As informações descritas se baseiam pela cronologia apresentada no Painel *História*, que se somam às fontes primárias de pesquisa como elementos indiciários para a elaboração de uma narrativa focal ampliada.

Como forma de situar o leito ao contexto historiográfico em questão, é acrescida aqui uma síntese sobre os rudimentos da presença da Igreja Católica na região Oeste do Paraná, culminando na destacada atuação da Congregação do Verbo Divino (SVD) a partir do início do século vinte.

A evolução construtiva da edificação, assim como suas mudanças administrativas, é delineada no texto, onde, neste interim, se sobressaem os nomes de alguns dos religiosos verbitas que se destacaram em suas atuações no decorrer dos anos.

O templo, seus personagens e sua história são postos em análise para a compreensão do processo de monumentalização da Igreja matriz São João Batista de Foz do Iguaçu e sua representatividade. Processo este, que culminará na forma de interpretação de sua alegoria, conforme veremos adiante.

---

<sup>45</sup> Conceito atribuído ao filósofo Jacques Derrida (2005).

### 1.1. O PAINEL *HISTÓRIA*

Conforme já mencionado, em 2013 iniciou-se uma grande reforma na Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu. Ela havia sofrido diversas modificações nas últimas décadas e, naquela ocasião, a intenção do pároco Padre Vicente<sup>46</sup>, e da equipe que o auxiliava, era a de resgatar a aparência que a igreja apresentava originalmente, principalmente em sua parte interna. Este interesse se deu em momento oportuno. O título de “catedral” havia sido transferido para uma nova igreja, com projeto de design inovador, que estava em andamento no bairro Vila “A”.

O projeto inicial de reforma previa ampliar o espaço interno removendo a parede que dividia a nave da igreja e o depósito, como também devolver a forração em formato arcado. Além do propósito usual prático, esta intervenção viria a proporcionar certo conceito histórico, uma vez que faria lembrar a antiga igreja.

A forma de esclarecimento acerca deste conceito histórico, bem como a justificativa sobre necessidade de reestruturação do prédio, seria facilitada por meio da instalação de dois painéis a serem fixados nas paredes próximas à entrada principal da igreja. Um deles, intitulado *História*, tratando sobre a trajetória da Paróquia São João Batista de forma cronológica, e outro, chamado *Reforma*, abordando a motivação e as fases dos restauros a partir de 2013.

O painel sobre a história da paróquia ficou pronto primeiro e foi exibido ao público com a bênção solene do então bispo Dom Dirceu Vegini<sup>47</sup> durante a celebração de reinauguração do templo<sup>48</sup>, recebendo grande destaque perante o numeroso público presente. A ênfase dada ao painel durante a celebração e seu notório local de fixação demonstra sua relevância como item primordial para o efeito de significação do novo

---

<sup>46</sup> Padre Vincent Chinnaiyan Adaikkalassamy, filho de agricultores, nascido na Vila Maranery, estado de Tamil Nadu, na Índia. Sua caminhada de fé iniciou cedo, após ajudar sua família no trabalho no campo e ingressou no Seminário da Congregação do Verbo Divino aos 15 anos. Realizou votos perpétuos em 2003 e já em 2004 foi ordenado sacerdote e veio ao Brasil. Entre as três cidades brasileiras que viveu, a que mais permaneceu foi Foz do Iguaçu onde assumiu a Paróquia São João Batista entre 2011 a 2020. Disponível em: <<https://www.fozdoiguacu.pr.leg.br/institucional/noticias/padre-vincent-e-homenageado-na-camara-de-foz>>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

<sup>47</sup> Após Dom Laurindo Guizzardi, Dom Dirceu Vegini foi Bispo de Foz do Iguaçu entre 2010 a 2018, quando veio a falecer em 29 de setembro, vítima de câncer no abdômen.

<sup>48</sup> O Rito de Dedicção de Igreja segue as orientações do Cerimonial dos Bispos, n. 864-917, e do Pontifical Romano: Dedicção de Igreja e de Altar, Cap. I. Assunto este, que será esmiuçado posteriormente no capítulo 3.

templo. Já o painel sobre a reforma tardou um pouco mais para ser concluído, sendo instalado alguns meses depois.

As imagens a seguir apresentam a participação popular durante a celebração de reinauguração do templo. Para uma melhor apreciação do público a apresentação do painel foi feita por meio de uma cópia impressa em papel de tamanho real, similar às dimensões do mesmo. Na imagem seguinte é possível ver o Painel *História* e o Painel *Reforma* já instalados próximos à entrada principal da igreja.

**Figura 01 e 02:** Celebração de reinauguração da Igreja com a bênção do painel historiográfico pelo Bispo Dom Dirceu Vegini.



Fotos: Roger Meireles. Data: 16 de agosto de 2015.

**Figura 03:** Vista interna da Igreja.  
Os painéis da história e da reforma, instalados próximo à entrada principal.

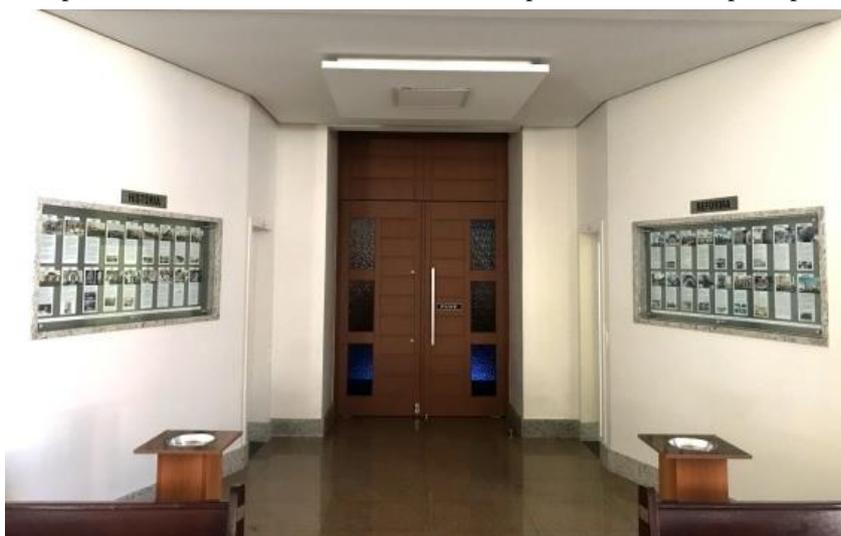


Foto: Mac Fernandes. Data: Janeiro de 2020.

Para examinar o processo de constituição da história da paróquia, nesta primeira parte da tese o elemento indiciário de análise será o Painei *História*. Seu conteúdo, tanto textual quanto imagético, configura-se como um dos poucos mecanismos de manutenção de memórias relacionadas à igreja, servindo, concomitantemente, para propor significados às representações alegóricas projetadas por meio da reforma do templo. De sua tessitura surge o que seria uma narrativa oficializada, concebida a partir das memórias de seus clérigos. Este seria um dos principais meios ofertados pela instituição para a compreensão sobre o contexto no qual a alegoria do templo preocupa-se em se vincular. A partir da narrativa apresentada, as fontes são incrementadas ou agregadas a outras referências complementares como forma de aprimoramento das informações nela contidas.

**Figura 04:** Layout do Painei *História*<sup>49</sup>. Dimensões 170cm x 75cm. Apresenta uma síntese cronológica de 1907 a até os anos 2000.

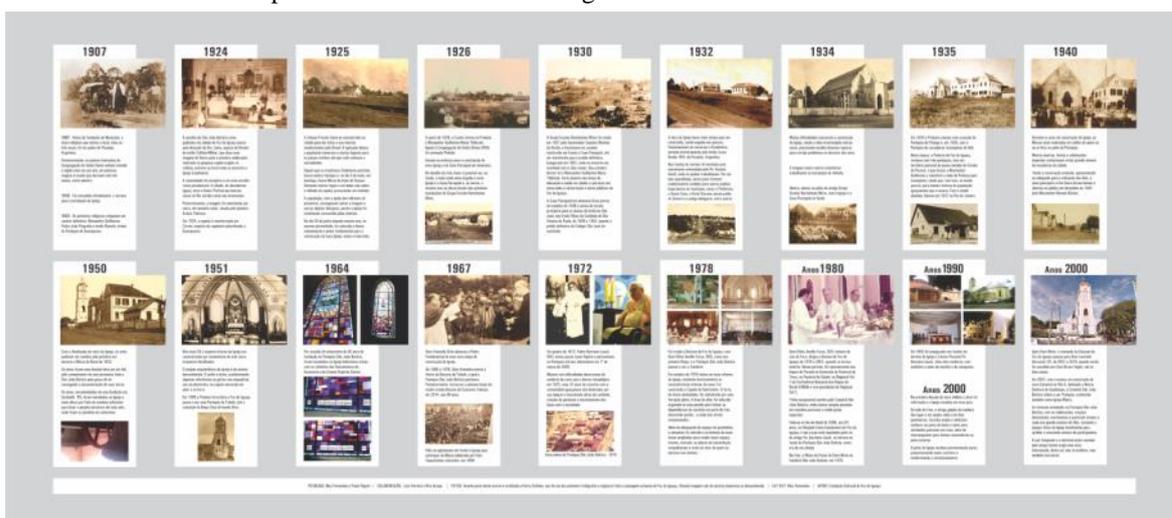


Foto: Mac Fernandes. Ano: 2015.

Para a produção dos painéis, o pároco optou por acionar uma representação secular que pudesse agregar subsídios historiográficos ao projeto. Desta forma, o layout dos painéis foi concebido pela Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, baseando as pesquisas pelas fontes fornecidas pelo pároco e agregando algumas das imagens históricas de seu acervo.

A montagem da cronologia apresentada no Painei *História* principia-se pela fonte fornecida pelo Padre Vicente, mais precisamente o livro *1924-1974: Paróquia São João*

<sup>49</sup> Créditos descritos no Painei *História*: PESQUISA: Mac Fernandes e Paulo Rigotti; COLABORAÇÃO: Loty Ferreira e Rita Araujo; FOTOS: Grande parte deste acervo é creditado a Harry Schinke, que foi um dos primeiros fotógrafos a registrar fatos e paisagens urbanas de Foz do Iguaçu. Demais imagens são de autoria imprecisa ou desconhecida; LAYOUT: Mac Fernandes; APOIO: Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.

*Batista de Foz do Iguaçu no seu cinquentenário*, volume este, organizado pelo Padre Martinho Seitz (1974). Segundo o pároco, este seria o único exemplar restante daquele raro livreto que trazia apontamentos sobre a história da Paróquia desde suas origens até o ano de 1974, e serviria bem como base primária para a montagem do painel histórico, somando-se a outros textos e fotografias adjacentes.

Para o intuito desta pesquisa, estas fontes foram revisitadas e, no decorrer do trabalho, se revelaram igualmente importantes para uma exploração mais ampliada, conforme já descrito na introdução desta tese.

A construção da narrativa que se segue neste presente capítulo, revela-se como uma síntese sobre a história da Paróquia, tendo como base a linha cronológica apresentada no Painel *História*. Para tanto, foram analisados os textos e selecionadas algumas das imagens contidas no mesmo, acrescidas de outras fotografias e informações, obtidas por meio de pesquisas complementares. As imagens se apresentam conforme são delineados os assuntos.

Esta análise pretende situar o leitor sobre a trajetória desta Igreja em Foz do Iguaçu a partir de seu surgimento. Em suas linhas, no entanto, são agregados detalhamentos e algumas referências como forma de aprimorar as informações acerca de fatos e personagens que, de certa forma, estabelecem maior estreitamento entre a história da Igreja e a história da cidade. As informações complementares não se esgotam aqui, ao contrário, são provocativas, pois apontam possibilidades para investigações diversas, possíveis por meio do esforço de pesquisa expansiva.

## 1.2. ANTECEDENTES DA HISTÓRIA DA IGREJA CATÓLICA EM FOZ DO IGUAÇU

Tratando-se de história, a região que abrange o Oeste do Paraná se configura como notável palco de acontecimentos desde o descobrimento do Brasil. Embora, por vezes, ocorrências de maior vulto ganhem destaque nas narrativas habituais, outros aspectos históricos podem igualmente serem explorados. A cada esforço de pesquisa, a região revela-se como uma das mais significativas no que tange a fatos históricos. Ocorrências estas que, de alguma forma, impactaram o desenvolvimento econômico e cultural do país e dos países circunvizinhos, tendo notadas vezes a Igreja ou suas ações como partícipes deste cenário, quando não, como própria protagonista delas.

De forma sintética, é possível descrever que a presença da Igreja na região remonta à época das grandes navegações. Registros oficiais sobre o descobrimento do Brasil datam a chegada da frota comandada por Pedro Álvares Cabral ao território onde hoje se localiza o Brasil em 22 de abril de 1500. No domingo seguinte daquela semana, dia 26 de abril, Henrique de Coimbra, frade e bispo português, celebrou a primeira missa no Brasil, na praia da Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália, no litoral sul da Bahia. Evento este, mais tarde imaginado e eternizado pela pintura de Victor Meirelles (1861)<sup>50</sup>.

**Figura 05:** A Primeira Missa no Brasil, óleo sobre tela.



Foto: Victor Meirelles. Data: 1861.

Disponível em: <<https://www.mnba.gov.br/portal/colecoes/pintura-brasileira>>. Acesso em: 05 de jul. 2020.

Na época de seu descobrimento, o Brasil, antes de ser oficialmente denominado como tal, foi conhecido por nomes religiosos. Segundo Fausto (1996, p. 41): Ilha de Vera Cruz, em 1500; Terra de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz, em 1503; e Terra de Santa Cruz do Brasil, em 1505, posteriormente encurtado para simplesmente “Brasil”, alusivo à madeira cor de brasa, denominado “pau-brasil”, árvore leguminosa nativa da Mata Atlântica.

Conforme Bueno (2000, p. 73), os jesuítas<sup>51</sup> que chegaram ao Brasil, liderados pelos Padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta em 1549, foram informados da

<sup>50</sup> Esta pintura pode ser pensada também como uma das primeiras representações alegóricas sobre o estabelecimento da Igreja no país.

<sup>51</sup> Conforme o site oficial da ordem, os jesuítas faziam parte de uma ordem religiosa chamada *Companhia de Jesus*, fundada no período da contrarreforma, em 1534 pelo espanhol Inácio de Loyola, com o objetivo de expandir a fé católica nos locais onde ela ainda não existia, e nas novas terras que estavam sendo descobertas. Disponível em: <<https://www.jesuitasbrasil.org.br/>>. Acesso em: 13 de fev. 2021.

existência dos guaranis pelos aventureiros que haviam percorrido o caminho do *Peabiru*. Os relatos davam conta de que eram índios amistosos e que possuíam conhecimento agrícola para o cultivo da mandioca, milho e erva mate, e eram também dados à grandes deslocamentos e conhecedores de trilhas<sup>52</sup>.

De acordo com Fausto (2000, p. 51), a grande nação guarani habitava a região circundante aos rios Paraguai, Paraná, Iguaçu, Paranapanema e Uruguai. Áreas que, atualmente, compreendem o Brasil, Paraguai e nordeste da Argentina. Historicamente são originários do tronco *tupi-guarani*, onde a presença dos tupi abrangia o litoral brasileiro e os guarani a região do *chaco* e pantanal mato-grossense, ocupando a área que hoje é o sul do Mato Grosso do Sul, o Oeste do Paraná, o Oeste de Santa Catarina, o Oeste do Rio Grande do Sul e boa parte do Paraguai e a província de *Misiones*, na Argentina.

Conforme Schallenberger (2011, p. 156) no período de 1580 a 1640 ocorreu a União Ibérica, na qual a coroa espanhola absorveu a portuguesa, favorecendo as missões dos jesuítas espanhóis. A primeira delas surgiu a partir de 1608 no *Guayrá*, (cuja palavra significa “salto intransponível” em guarani, expressão esta, que se referiria às cataratas das Sete Quedas, hoje submersas pelo lago de Itaipu), ou Guaíra, hoje Oeste do Paraná. Posteriormente foram criadas as Missões de *Loreto* e *San Ignacio Mini*, em território argentino. Havia também a redução de Santa Maria, próximo às Cataratas do Iguaçu.

O processo de catequização dos guaranis ocorre naquela região pouco depois do início das explorações da bacia do Prata, e se configuram como uma forma de frear a violência entre colonos, índios e bandeirantes.

Os indígenas desta região sofreram dois tipos de colonialismo e duas frentes de colonização: a primeira foi a fixação do índio ao trabalho na “encomienda” espanhola, e a outra foi do bandeirante, na sua busca violenta de mão de obra escrava para os engenhos e plantações brasileiras. E esse conflito sobre o índio provocou um problema muito sério desde o ponto de vista demográfico, entre outros, porque desorganizou e esvaziou a região de população. Além disso, causou inúmeros conflitos entre as tribos, provocando seguidas revoltas. Foi a partir daí que as autoridades coloniais entenderam que era necessário fazer uma intervenção “humana e cristã”. (SCHALLENBERGER, 2011, p. 151).

---

<sup>52</sup> O *Caminho de Peabiru*, assim como outras trilhas indígenas, serviram também aos primeiros sertanistas e aventureiros paulistas no processo de colonização do sul do Brasil. De acordo com Schallenberger (2011, p. 154), as trilhas refletem a cultura do povo guarani, cujo território simbólico não tem limites, se estabelecendo apenas pela sua possibilidade de caminhar.

Ao todo, a província do Guayrá viria a ter treze reduções com cerca de cinco mil indígenas morando em cada uma delas. Essas reduções foram criadas por volta de 1609 a 1624, sendo o sacerdote jesuíta peruano Antonio Ruiz de Montoya seu principal organizador.

Ainda, conforme Schallenberger (2011, p. 158), o trabalho dos missionários jesuítas durou curto período. A partir de 1624, sob forte ameaça de escravização pelos bandeirantes paulistas, acontece a evacuação da Província do Guayrá, tendo seus integrantes obrigados a buscar refúgio no Paraguai e na Província de Misiones, na Argentina.

De acordo com Guizzardi (2014, p. 15), “com a partida dos jesuítas e dos índios, o território da atual diocese de Foz do Iguaçu caiu no abandono e viveu em letargo por mais de duzentos anos”.

### 1.3. ONDE MORRE O RIO NASCE UMA CIDADE

Foz, ou desembocadura, é o local onde um corpo de água fluente, como um rio, desagua em outro corpo de água<sup>53</sup>. A cidade, localizada no extremo Oeste do estado do Paraná recebeu este nome por estar localizada no fim do curso do Rio Iguaçu. Este rio nasce perto de Curitiba, na Serra do mar, e percorre todo o território do Paraná, na parte que vai do leste a oeste do estado.

No final do seu curso, forma divisa com a Argentina, onde as águas se misturam com as do Rio Paraná, formando as Três Fronteiras: Brasil, Paraguai e Argentina. Suas quedas foram vistas por um europeu pela primeira vez em 1541, na expedição chefiada por Dom Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, espanhol nomeado administrador de Assunción que, naquela data, cruzou o Rio Iguaçu rumo ao Paraguai<sup>54</sup>.

Nos relatos de Brito (2005, p. 88), consta que nas imediações de Foz do Iguaçu havia uma aldeia indígena, provavelmente um remanescente das missões fundadas pelos padres jesuítas, com o nome de Santa Maria.

---

<sup>53</sup> Fonte: MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 11 de abr. 2020.

<sup>54</sup> Fonte: PMFI. Disponível em: <<https://www5.pmf.pr.gov.br/cidade>>. Acesso em: 11/04/2020.

A Aldeia foi abandonada no século XVIII, mas o nome ficou e serviu para, naquele tempo, denominar as cataratas como “Salto de Santa Maria do Rio Iguaçu”.

Conforme Colodel (1988, p. 41), em princípios de 1888, fundou-se em Curitiba a Comissão das Estradas Estratégicas do Paraná, dirigida pelo engenheiro militar Belarmino Augusto de Mendonça Lobo.

Uma das finalidades dessa fundação era assegurar o território nacional e fazer presente o Brasil na região das três fronteiras pela fundação de uma colônia militar. Naquele ano, o também engenheiro militar, José Joaquim Firmino fundou a Colônia Militar do Iguaçu, subordinada ao Ministério da Guerra do Brasil. Era um lugar isolado, uma sentinela solitária da pátria. Naqueles anos, as cidades mais próximas dali eram Posadas, na Argentina, e Encarnación, no Paraguai.

A região da colônia militar vivia da extração de madeira e de erva-mate, produtos estes, explorados também por argentinos e paraguaios, que habitavam a região em maior número, mais que os próprios brasileiros<sup>55</sup>. O idioma comum praticado pelos moradores era o castelhano e o guarani. Falava-se pouco o português.

Em 1906 foi inaugurada a linha telegráfica, ligando a colônia militar a outras cidades paranaenses como Guarapuava, Ponta Grossa e Curitiba. Em 1912, a colônia militar foi emancipada do Ministério da Guerra e entregue ao estado do Paraná. Posteriormente, a denominação de Colônia Militar do Iguaçu foi substituída para dar nome ao município de Foz do Iguaçu com a criação da comarca<sup>56</sup>.

#### 1.4. A CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO (SVD)

Após estas ambientações, a partir daqui damos início à narrativa sobre a história da Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu, propriamente dita, tendo como elemento indiciário o Painel *História*, já comentado anteriormente. Para tanto, são acionados alguns trechos de textos que compõem a cronologia, assim como algumas imagens. A

---

<sup>55</sup> Conforme dados de Brito (2005, p. 57), “Por ocasião da descoberta de Foz do Iguaçu o território brasileiro já era habitado. Existiam no mesmo 324 almas, assim descrita: brasileiros, 9; franceses, 5; espanhóis, 2; argentinos, 95, paraguaios, 212; inglês, 1”.

<sup>56</sup> Fonte: PMFI. Disponível em: <<https://www5.pmfi.pr.gov.br/cidade>>. Acesso em: 11 de abr. 2020.

Congregação do Verbo Divino é elencada neste primeiro momento, não só por uma organização linear dos fatos, mas também por sua relevância enquanto protagonistas da presença da Igreja na cidade.

1907: Antes da fundação do município, o único religioso que visitou o local, duas ou três vezes, foi um padre de Posadas, Argentina. Posteriormente, os padres itinerantes da Congregação do Verbo Divino vinham atender a região uma vez por ano, em penosas viagens à cavalo que duravam até três meses, mato adentro. (Painel *História*. PSJB, 2015).

Conforme apontado no Painel *História*, a Igreja Católica iniciou uma presença mais efetiva na região Oeste do Paraná no início do século XX, notadamente pelos religiosos *verbitas*. De acordo com o descrito no livro de seu *Jubileu Áureo* (SVD, 1945, p. 3), a Congregação do Verbo Divino é uma irmandade religiosa católica fundada no ano de 1875, em *Steyl*, nos Países Baixos, pelo padre alemão Arnaldo Janssen<sup>57</sup>. Notadamente, havia um interesse pela difusão do catolicismo alemão por meio das missões *verbitas* em diversos países, em especial onde já havia a presença da colonização alemã, proporcionando maior eficácia na inserção.

Arnaldo Janssen tinha objetivos concretos. Sacerdotes e religiosos alemães na maior parte deveriam dedicar-se à conversão dos não cristãos nas missões. Em vista das restrições *estringentes* e leis impostas às ordens religiosas pelo *Kulturkampf*, comunidades inteiras bem poderiam apresentar-se para servir nas Missões. “Oxalá chegue o tempo em que a Alemanha católica em nobre zelo competitivo com a França, venha comprometer-se na nobilitante causa das missões pagãs... Não digamos que ainda há muito para missionar na Alemanha, porque o Senhor ordena: “Ide a todas as nações”! Ainda que essas palavras em si não sejam dirigidas a cada pessoa em particular, mas para as grandes nações católicas em sua totalidade. Ao menos devemos obter a graça da vocação missionária para alguns membros de nosso povo”. (SVD, 2000, p. 21).

A citação é extraída do livro biográfico sobre Arnaldo Jansen, fundador da Congregação do Verbo Divino. Suas linhas revelam que, inicialmente na Holanda, e posteriormente China, África e Áustria, os missionários do Verbo Divino se espalharam por diversos países, objetivando não só a causa evangélica, mas também com o intuito da “[...]”

<sup>57</sup> Nascido em *Goch*, a cinco de novembro de 1837, Arnaldo Janssen viveu um tempo marcado pela *Kulturkampf*, espécie de revolução cultural do novo império alemão Bismark, que impunham novas leis de exclusão e que constrangiam drasticamente as atividades dos padres, das ordens religiosas e associações católicas, especialmente nas escolas. Fonte: folder informativo verbita “Arnaldo Janssen: Uma vida a serviço da Missão”.

criação de uma sociedade religiosa, que pusesse a Alemanha católica dignamente ao lado de outras nações, fadoras da ideia missionária, no sentido de preparar e formar elementos idôneos para difundir e consolidar o Reino de Cristo em terras estrangeiras pagãs” (SVD, 1945, p. 1). O website da congregação<sup>58</sup> menciona que é característico ao carisma dos missionários do Verbo Divino “suscitar novas comunidades”, sendo notável o empenho em edificação de igrejas e outras obras de assistência comunitária.

Ainda, segundo o website, o Brasil é o maior campo de trabalho dos *verbitas* na América do Sul. Os primeiros missionários que chegaram ao país foram os padres Francisco Tolliger e o Pe. Francisco Dold, ambos alemães, no dia 12 de fevereiro de 1895, no estado do Espírito Santo. Visitaram duas comunidades de imigrantes alemães: Santa Isabel e Santa Leopoldina. No dia 19 de março daquele mesmo ano, dia de São José, a Congregação do Verbo Divino foi fundada no Brasil por eles, junto aos colonos do Tirol.

Com o estabelecimento da Congregação na Argentina e no *Ecuador* parecia traçado já o caminho para o Brasil, sem que os superiores, nem de longe se tivessem ocupado em seus planos com a fundação na Terra da Santa Cruz, alcançou um convite da Sagrada Congregação dos negócios eclesiais extraordinários, de Roma, para se dedicarem à *pastoreação* dos colonos alemães no Estado do Espírito Santo, que havia bastantes anos se achavam sem assistência religiosa. O pedido dos mesmos à Santa Sé fizeram-no com conhecimento e aquiescência de D. Pedro Maria Lacerda, Bispo da Diocese do Rio de Janeiro, à qual o Estado do Espírito Santo eclesiasticamente pertencia. (SVD, 1945, p. 1).

A atividade *verbita* no Sul do Brasil teve início em 1899, em São José dos Pinhais, Paraná, chegando posteriormente ao Oeste do estado. Em Foz do Iguaçu, no entanto, o primeiro contato com os missionários de Verbo Divino partiria de Posadas, na Argentina<sup>59</sup>.

Até o ano de 1889 a atenção dos dirigentes da Congregação se concentrava quase que exclusivamente no trabalho das Missões entre os pagãos, quando da Argentina convite tiveram, para se interessar pela *pastoreação* entre os milhares de colonos russos e alemães, ali domiciliados, muito ressentidos, entretanto, da falta de sacerdotes. Para lá foram os primeiros Padres do Verbo Divino no mesmo ano, e se

<sup>58</sup> Disponível em: < <http://www.verbodivino.org.br/Portal/index.php/svd/no-mundo-no-brasil>>. Acesso em: 10 de jul. 2020.

<sup>59</sup> Era notória a dependência de Foz do Iguaçu, por parte da Argentina, no campo material. Tudo vinha de lá por meio dos navios: Salto, Espanha, Guairá, etc. Até o dinheiro corrente era o peso argentino e a língua mais falada era o espanhol. Já no século XVI toda aquela faixa formava a província del Guairá, como parte do Paraguay. (WELTER, 1992, p. 15).

estabeleceram em Buenos Aires, onde lhes foi confiada a paróquia de N. Senhora de Guadalupe. Seu trabalho teve a bênção divina, pois esta fundação veio a ser a semente de uma frondosa árvore, que estendeu os seus ramos sobre o vasto território daquela grande República sul-americana. (SVD, 1945, p. 1).

De acordo com Welter (1992, p. 15), era notória a dependência de Foz do Iguazu por seu país vizinho. No campo material, tudo vinha da Argentina por meio de embarcações. O dinheiro corrente era o peso argentino e a língua mais falada era o espanhol.

Contou-me, recentemente, a Sra. Dora Schloegel Edhler, antiga moradora de Foz, hoje morando em Eldorado, Misiones, Argentina, onde é coordenadora de catequese, que, antes de 1916, Foz do Iguazu era curato de Posadas, Argentina. Que por ocasião do Natal, vinha de lá algum padre do Verbo Divino e permanecia por quinze dias. Tratava-se dos padres Fuchs e Rademacher. Que toda a redondeza vinha batizar seus filhos nessa oportunidade, inclusive do Paraguai e da Argentina. Muitos não traziam padrinhos, os quais eram improvisados com os moradores locais. Que inesperada e surpreendente revelação: Foz do Iguazu foi curato de Posadas, distante mais de 200 quilômetros, mas que era a paróquia mais próxima de então! Assim se completa a sua total dependência da Argentina, tanto no campo material como espiritual. (WELTER, 1992, p. 14).

Os religiosos ligados à Congregação do Verbo Divino (SVD) eram, em sua maioria, de origem alemã, assim como seu fundador Arnaldo Janssen, o que, de certa forma, influenciou o contato entre a cultura local e a germânica. O livro *Foz 80 anos – Projeto memória Vol.1* (1994, p. 91), traz o depoimento de Otto Hermann Friedrich, que relata: “Comecei a estudar numa escolinha dos padres<sup>60</sup>, perto da Igreja. Os padres, além das matérias normais do curso primário, ensinavam também alemão. Eles eram alemães e havia muitos alemães em Foz do Iguazu”.

Dom Olívio Aurélio Fazza, primeiro bispo de Foz do Iguazu, em seu depoimento também registrado no livro *Foz 80 anos – Projeto memória Vol.1* (1994, p. 38), relata que, em 1907, antes da fundação do Município, o único religioso que visitou o local, duas ou três vezes, foi um padre de Posadas, Argentina. Conforme pesquisa apresentada na tese de Antônio Marcos Myskiw (2009), este religioso poderia ter sido um capelão que atendia a Colônia Militar naquele tempo. No estudo, o engenheiro militar Cândido Ferreira de Abreu apresenta uma relação nominal de colonos matriculados na Colônia Militar de Foz do Iguazu

---

<sup>60</sup> Refere-se ao grupo escolar Bartolomeu Mitre em suas primeiras instalações.

em 1905. Em alguns destes nomes é acrescido a informação “casado pelo Rocha”. De acordo com (Myskiw, 2009, p. 197), “Rocha era o nome de um capelão argentino que, de tempos em tempos, se deslocava à Colônia Militar para celebrar missa, batizados e casamentos”.

Posteriormente, conforme descrito no Painel *História* (1907), os padres itinerantes da Congregação do Verbo Divino vinham atender a região uma vez por ano “em penosas viagens a cavalo que durava até três meses, mato adentro”. Esta informação encontra-se registrada nas primeiras páginas do Livro Tombo da Paróquia São João Batista (Vol. I, 1923), assinado pelo Padre Guilherme Maria Thiletzek.

Conforme Seitz (1974, p. 11), em suas incursões os missionários pernoitavam onde achavam casa hospitaleira, se alimentando conforme a provisão disponível, dormindo muitas vezes com as roupas molhadas, em leitos infestados de pulgas e baratas, rodeados por indígenas e lavradores<sup>61</sup>. Celebravam a missa em ranchos de bambu, batizavam as crianças, legitimavam matrimônios e disseminavam o evangelho. Algo tido como importante ação para a manutenção da ordem e da moralidade numa terra praticamente sem lei, habitada por indivíduos de culturas díspares<sup>62</sup>. Contudo, um local permanente, apropriado para o culto católico, fazia-se necessário.

Perto de 2 decênios pastorearam os missionários do Verbo Divino a paróquia imensa de Guarapuava. Em viagens longas e penosas eles atravessaram-na em diversas direções entre inúmeras dificuldades. Já nos primeiros anos chegou o R. Padre Guilherme Münster, sempre a cavalo até Foz do *Iguassú*, onde *pode* admirar o fenômeno grandioso das *quédas* maravilhosas de fama mundial. O R. Pe. Matias Esser *chegára* também às Sete *Quédas*, perto de Guaíra. Outros lhe seguiram em tempos posteriores, munidos de faculdades extraordinárias, pois o recurso à autoridade eclesiástica em tais distâncias era impossível. Afinal, em 1923 Foz do *Iguassú*, cidadezinha apenas, mas prometedora do extremo sudoeste da paróquia devia ser residência de 2 padres, como o desejavam a população e o Exmo. Sr. Bispo, que criou a paróquia. (SVD, 1945, p. 89).

De acordo com Welter (1992, p. 29), “o caminho de Foz do Iguaçu a Laranjeiras do Sul era apenas carroçável”. Melhorias no trajeto só viriam ocorrer em 1920 com a inauguração da estrada que ligava Foz do Iguaçu a Guarapuava, pelo então Presidente do

---

<sup>61</sup> Segundo Welter (1992, p. 28), conta-se que, naquele tempo, os moradores guardavam os animais que possuíam dentro de casa à noite, como precaução contra ataques furtivos de onças ou outros predadores. Daí se explica a presença de grande quantidade de insetos que as casas acabavam acumulando.

<sup>62</sup> Naquele cenário as ações que geravam senso de civilidade eram bem-vindas. A manutenção da ordem, numa visão militar estratégica, poderia auxiliar a reverter a vulnerabilidade de uma importante fronteira do país.

Estado do Paraná Afonso Alves de Camargo. As viagens pastorais dos padres neste percurso duravam cerca de dois meses entre o local de partida e o destino.

**Figura 06:** Visita do Padre Itinerante.



Foto: Autor desconhecido. Fonte: Painel *História: 1907* - Acervo da Fundação Cultural de Foz do Iguçu.

A fotografia apresentada no painel, de autoria desconhecida, indica o que seria o registro de um missionário (não identificado), vestido com uma tradicional batina preta<sup>63</sup>, em uma de suas viagens pastorais, feita com carroça puxada por cavalos. Próximo a ele estão duas pessoas, um adulto e uma criança, aparentemente pai e filho<sup>64</sup>, de vestimentas simples, possivelmente moradores das redondezas. Para o registro, o fotógrafo se posicionou do outro lado de uma ponte de madeira que atravessa o que se percebe ser um pequeno córrego<sup>65</sup>.

O conjunto dos elementos dispostos na imagem consegue ilustrar a narrativa sobre a fase inicial de contato da Igreja nos primórdios da cidade de Foz do Iguçu, ao mesmo tempo em que indica a dedicação e o esforço missionário do retratado.

<sup>63</sup> Conforme Røwer (1945, p. 39) a batina se refere à vestimenta talar que, com o cabeção, voltinha e faixa é a veste ordinária do sacerdote secular, geralmente de cor preta (símbolo da morte e da renúncia). Na atualidade, a batina preta deixou de ser obrigatória. Só é mantida hoje por padres tradicionalistas.

<sup>64</sup> Não há como afirmar com certeza, mas, pelo que a foto sugere, dada a coloração mais clara dos cabelos destes dois elementos, podem se tratar de integrantes de uma das colônias alemãs em que os *verbitas* assistiam.

<sup>65</sup> O trajeto percorrido pelos religiosos era cortado por diversos rios, onde, nem sempre havia pontes para transpassa-los. Conforme Welter (1992, p. 30), “É fácil de imaginar o que de perigos não passaram esses intrépidos missionários que não levavam arma nem os recursos necessários para os primeiros socorros. Os perigos mais comuns foram os rios e suas enchentes”.

Na imagem é possível também perceber pés de araucária ao fundo da cena. Árvore esta, que é símbolo do estado paranaense. Contudo, esta espécie arbórea é mais provável de ser encontrada na região central do estado e nos campos gerais, sendo pouco comum sua ocorrência na região Oeste do Paraná. Este indicativo aponta a possibilidade da foto não ter sido realizada propriamente em Foz do Iguaçu, mas, provavelmente, entre as cercanias de Guarapuava e Cascavel.

O Painel *História* indica que em 1916 “foi concedido oficialmente o terreno para a instalação da Igreja”. De acordo com Guizzardi (2014, p. 27), “Em 1916, ergueram uma capelinha de madeira num terreno doado pelo prefeito Jorge Schimmelpfeng<sup>66</sup>, no local onde hoje se encontra a matriz de São João Batista, e lá oficiavam em língua castelhana”.

Contudo, conforme Seitz (1974, p. 11), faltava a presença de sacerdotes que, naqueles tempos difíceis pela carência de recursos diversos, eram vistos como aplacadores dos sofrimentos da alma. Traziam vigor e esperança à população, necessários para a superação das dificuldades e limitações humanas<sup>67</sup>.

De acordo com a narrativa, um alento às precariedades religiosas locais se deu com a chegada ao Brasil do padre alemão Guilherme Maria Thiletzek. De acordo com Seitz (1974, p. 12), em 1922, por ordem do então bispo de Curitiba, Dom João Francisco Braga, padre Guilherme fez uma viagem de inspeção à região de Foz do Iguaçu, estudando as possibilidades da criação de uma paróquia, ao menos de um *curato*<sup>68</sup>, para melhor atender as demandas espirituais do povo.

---

<sup>66</sup> Cf. o portal oficial do município de Foz do Iguaçu: “Cronologia: 1916 - O Prefeito Jorge Schimmelpfeng doou o terreno para construção da igreja matriz que recebeu o nome de São João Batista, em virtude da doação da imagem do Santo”. Disponível em: <<https://www5.pmfi.pr.gov.br/cidade>>. Acesso em: 11 de abr. 2020; Segundo Otília Schimmelpfeng (1991, p. 12), Jorge Schimmelpfeng, nasceu em 03/04/1876 em Curitiba-PR. Militar, com patente de coronel, foi vereador em Curitiba. Instalou uma Comissão Fiscal na então Colônia Militar de Vila Iguaçu. Chegou em Foz do Iguaçu 1905. Comerciante de erva-mate, foi o primeiro prefeito da cidade, numa gestão que durou dez anos (1914/1924). Também foi deputado estadual, delegado de polícia e inspetor escolar. Foi um destacado e grande pioneiro na área do turismo hoteleiro, construiu o primeiro hotel nas Cataratas do Iguaçu. Faleceu em 21/10/1929, em Curitiba, onde encontrava-se para tratamento de saúde.

<sup>67</sup> Segundo Brito (2005, p. 89), “A cidade de Foz do Iguaçu, se não retrogradou, permaneceu estacionada, todavia durante muitos anos, com preguiça de progredir! Somente de 1931 por diante começou a despertar da letargia que a dominava”.

<sup>68</sup> *Curato*: termo religioso, derivado de *cura*, ou *padre*, que era usado para designar aldeias e povoados com as condições necessárias para se tornar uma paróquia / *Capelania*: Cargo, dignidade ou ofício de capelão. Fonte: MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <[michaelis.uol.com.br](http://michaelis.uol.com.br)>. Acesso em: 15 de abr. 2020.

Caetano Munhoz da Rocha, governador do estado na época, ofereceu aos padres uma subvenção estadual e remuneração regular caso assumissem o compromisso de construir e dirigir um grupo escolar<sup>69</sup>. Tarefa aceita pelos padres e fielmente cumprida pelo estado até 1930.

Em 1922 foi concedida a previsão jurídica para os padres como coadjuvantes de Guarapuava e a nomeação do Padre Guilherme Thiletzek como encarregado da Igreja de Foz do Iguaçu. Além dele, vieram também o Padre João Gualberto Progzeba e o Irmão Bianchi Altenburger (austríaco), todos vindos da paróquia de Guarapuava<sup>70</sup>.

As figuras a seguir apresentam fotografias de alguns dos primeiros religiosos da Congregação do Verbo Divino que trabalharam na Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu naqueles anos iniciais. Estas imagens foram conseguidas durante pesquisas para esta tese, realizadas no acervo documental da Casa dos Missionários do Verbo Divino em Ponta Grossa. Não fazem parte das fotos integrantes do Painel *História*, porém são aqui apresentadas como forma ilustrativa de se conhecer parcialmente quem eram esses missionários, visto que raramente é possível se obter imagens destes religiosos, geralmente conhecidos apenas pelo nome.

---

<sup>69</sup> O Grupo Escolar “Bartolomeu Mitre” foi criado em 1927 pelo Governador do Estado do Paraná Sr. Caetano Munhoz da Rocha, com a denominação de Grupo Escolar “Caetano Munhoz da Rocha”, sendo na época Prefeito do Município o Sr. Jorge Sanwais. Somente no Governo seguinte é que passou a denominar-se Grupo Escolar “Bartolomeu Mitre”, em homenagem ao General argentino, pelo seu desempenho nas lutas da “Tríplice Aliança” em 1865, que durante a guerra impediu que as tropas paraguaias cruzassem o território argentino para invadir o Brasil. O Grupo Escolar “Bartolomeu Mitre” foi instalado em 15 de novembro de 1927, tendo iniciado suas aulas no dia 15 de janeiro de 1928. Em 1977, pelo Decreto 3533/77, passou a se chamar Escola Estadual Bartolomeu Mitre. O Decreto de criação do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre da cidade de Foz do Iguaçu é nº 282 de 21/12/44. Foi o colégio pioneiro no ensino, e na ocasião de sua criação, de 1927 a 1952, o grupo funcionou no prédio situado ao lado da Praça Getúlio Vargas. Depois desta data passou a funcionar onde encontra-se até hoje na Avenida Jorge Schimmelpfeng. Em dezembro de 2001, o colégio passou por uma revitalização e recebeu um novo espaço, a Praça das Nações, que se tornou um ponto de encontro da comunidade local. Em 2018 a governadora Cida Borghetti assina o decreto que cria o Colégio da Polícia Militar em Foz do Iguaçu, extinguindo, assim, o Colégio Estadual Bartolomeu Mitre. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445488&view=detalhes>>. Acesso em: 12 de abr. 2020.

<sup>70</sup> Cf. Seitz (1974, p. 13), “O Padre João Progzeba ficou encarregado da escola que logo contou com 63 alunos, ajudado pelo Irmão Bianchi. O Padre Thiletzek ficou com a cura das almas na matriz, atendendo também as capelas”.

**Figuras 07 e 08:** Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek e Padre João Prozbeba.

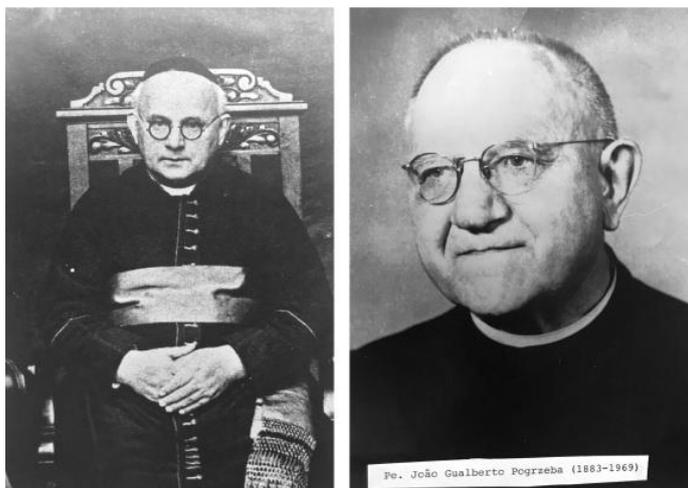


Foto: Autor desconhecido. Data: Desconhecida.

Fonte: Arquivos SVD: Acervo da Casa dos Missionários da Congregação do Verbo Divino.  
Ponta Grossa, PR. 2020.

Diversos padres da Congregação do Verbo Divino passaram pela Paróquia são João Batista ao longo dos anos, alguns deles se tornando célebres atuantes cujos nomes se perpetuam em vias e edifícios da cidade, conforme veremos adiante.

### 1.5. UM VASTO TERRITÓRIO

Conforme Welter (1992, p. 15), em 1924 a capela foi transformada em *Curato*, espécie de capelania<sup>71</sup> subordinada à Posadas, na Argentina e, posteriormente, à Guarapuava.

Para os leigos no assunto devo explicar um pouco o que significa curato. Quando uma capela ou comunidade está em vias de se tornar paróquia, muitas vezes passa a ser curato, isto é: quase paróquia, dependendo ainda da paróquia à que faz parte como capela. Assim Foz foi capela e curato de Posadas, de um outro país, certamente algo raro na história da Igreja. Em 1916 passou a depender de Guarapuava, freguesia brasileira mais próxima, distante, todavia, mais de 400 quilômetros. De lá vinham os padres a cavalo, visitar a longínqua Foz do Iguaçu. Como vimos atrás, em 1924 passou a ter vida própria com a vinda definitiva dos primeiros missionários, e já em 1926 o curato foi elevado a prelazia, ao que tudo indica, sem chegar a ser paróquia, com jurisdição sobre um imenso território, compreendido entre o Rio Ivaí, ao norte, e os limites com Santa Catarina e Argentina, ao sul; desde os limites do município de Guarapuava ao leste, até o rio Paraná, ao oeste. (WELTER, 1992, p. 15).

<sup>71</sup> Assistência Religiosa e Social prestada aos serviços Civis e Militares.



O mapa apresenta a subdivisão administrativa eclesiástica assumida pelos verbitas no Estado do Paraná em 1945, antes da criação da Diocese de Toledo e, mais tarde, de Foz do Iguaçu. O Livro do Jubileu Áureo (1945, p. 61) apresenta ainda outros registros sobre a ação dos religiosos no território paranaense, onde, segundo qual, não havia um ano ainda da chegada dos primeiros missionários verbitas no Estado do Espírito Santo, quando o Nuncio Apostólico solicitou sua assistência ao Estado do Paraná, onde a administração eclesiástica ainda pertencia ao bispado de São Paulo. Em 1893 foi criada a diocese de Curitiba, que abrangia os Estados do Paraná e Santa Catarina. Com a carência de sacerdotes para atender o território, o prelado solicitou à Congregação do Verbo Divino que assumisse primeiramente as paróquias de São José dos Pinhais, Palmeira e Ponta Grossa. Posteriormente, aos verbitas foi também confiada a paróquia de Guarapuava, onde se realizava a catequese dos índios. Deste modo, sucessivamente, foi-lhes entregue a maior parte da Diocese e do Estado do Paraná.

#### 1.6. SÃO JOÃO BATISTA

As principais fontes de informação sobre a vida e atividade de João Batista são os textos bíblicos presentes nos quatro Evangelhos do Novo Testamento. Nascido na Judéia, Palestina, perto de Jerusalém, é considerado pelos cristãos como profeta e precursor de Jesus Cristo. O Novo Testamento descreve João como um pregador que batizou seus seguidores nas águas do Rio Jordão, onde também Jesus de Nazaré foi batizado por ele. Após um período de solidão no deserto, João Batista surgiu como profeta naquela região, pregando a iminência do Juízo Final, conclamando o arrependimento e o batismo em reparação ao pecado. João é considerado o precursor que aponta o caminho para Jesus como o Messias “cordeiro de Deus” (João 1:29,36).

Os relatos sobre a escolha de São João Batista como padroeiro de Foz do Iguaçu apresentam pelo menos duas versões diferentes que, em linhas gerais, não chegam a ser conflitivas, podendo ser ambas consideradas.

Em uma delas, segundo Otília Schimmelpfeng (1991, p. 51), a definição de São João Batista como padroeiro da cidade passa pela devoção da família do diretor da então

Colônia Militar, João Soares Neiva de Lima, cuja esposa, Dona Alzira<sup>72</sup>, foi quem doou uma pequena imagem do santo para a primeira celebração realizada na pequena capela erigida na colônia em 1924, próximo ao local onde se encontra a igreja atualmente.

Por outro lado, a outra versão aponta para o fator fluvial local como determinante para a escolha. Conforme relata Seitz (1974, p. 10), “certamente a característica de águas abundantes na região e a presença dos dois rios teve influência direta na escolha desse Santo, que pregava e batizava à beira do Rio Jordão” na narrativa bíblica. De acordo com o Painel *História*, “a comunidade foi receptiva e viu esta escolha como providencial. A cidade, de abundantes águas, teria o Santo Profeta que batizou Jesus no Rio Jordão como seu intercessor<sup>73</sup>”.

Ainda, conforme descrito no painel, posteriormente, a imagem foi substituída por outra, de tamanho maior, doada pelo pioneiro Acácio Pedroso. Contudo, para esta pesquisa, não foram encontrados registros que apontem o paradeiro da imagem antiga ou que certifique que uma das imagens de São João Batista guardadas na paróquia seja a referida nos relatos.

### 1.7. A PRIMEIRA CAPELA DE MADEIRA

O Painel *História* apresenta o que seria uma fotografia do aspecto interno da primeira capela em madeira, cuja autoria do registro é desconhecida. Mesmo com a visualização prejudicada pela baixa resolução da imagem, nela é possível ver crianças ajoelhadas em frente ao altar<sup>74</sup> coberto por panos. A foto não mostra pessoas adultas, apenas crianças. A capela apresenta-se organizada com vasos de flores, velas, quadros da via-sacra, bancos de madeira e um pequeno tapete. Em cima deste altar distinguem-se três

---

<sup>72</sup> Algumas publicações apresentam erroneamente o nome de Dona Elzira como “Senhora Neiva”. No painel *História* este nome vem escrito como “Sra. Leiva”, pois teve como fonte o livro de Welter (1992, p. 12), que apresentava este outro equívoco.

<sup>73</sup> Em Foz do Iguaçu ficou estabelecido o dia 24 de junho, dedicado a São João, feriado municipal do dia do padroeiro da cidade, conforme sancionado pela lei nº 197, de 7 de abril de 1958, que dispõe sobre o código de posturas do município.

<sup>74</sup> Encontra-se preservada em um depósito da Casa Paroquial o que seria este primeiro altar simples de madeira, coberto por panos na fotografia.

oratórios com imagens de santos, identificados como sendo a de São João Batista ao centro, ladeado pela do Sagrado Coração de Jesus e a de Nossa Senhora das Graças<sup>75</sup>.

**Figura 10:** Interior da antiga capela de madeira.



Foto: Autor desconhecido. Fonte: Painei *História*: 1924 - Acervo da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.

Sobre a imagem do Sagrado Coração de Jesus, nos arquivos da Casa dos Missionários do Verbo Divino, em Ponta Grossa, existe um pequeno escrito biográfico sobre o Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, onde em determinado trecho que trata sobre a chegada dos religiosos em Foz do Iguaçu (29/10/1922), pode-se ler: “Enfim (os missionários) estavam entre gente pronta para ajudar. Capela não havia. Um salão que servia para teatro, reuniões e mesmo cinema, cedeu lugar para um altar com uma bela imagem do Sagrado Coração de Jesus, de braços abertos a convidar os fiéis”. A referida imagem, possivelmente é a mesma que aparece na fotografia, e pode também ser a mesma que hoje se encontra no frontispício da Casa Paroquial (Figura 19), porém não foram encontradas fontes que atestem esta hipótese. O texto revela ainda os usos da capela, anterior ao fim religioso.

#### 1.8. O INCÊNDIO DA IGREJA EM 1925

Na Foz do Iguaçu dos anos 1920, a população era heterogênea. Conforme dados oficiais da antiga Diretoria Geral de Estatística<sup>76</sup>, naquela época havia na cidade 1.480

<sup>75</sup> O Anexo 15 apresenta uma ampliação para identificação das imagens mencionadas.

habitantes brasileiros e 1.275 estrangeiros, grande parte destes, composto por paraguaios e argentinos.

Apesar da diferença de nacionalidade entre a população local, alguns registros demonstram que o entrosamento era relativamente tranquilo e as reuniões sociais e eventos festivos não eram raros. Segundo relatos da pioneira Otília Schimmelpfeng, o povo era dado às festas promovidas, principalmente, em torno da Igreja:

Lembro-me, a partir do tempo em que Foz do Iguaçu (1923), na categoria de Paróquia, contava com padres residentes, sendo seu primeiro Vigário, o Pe. Guilherme (mais tarde, Monsenhor Guilherme, de saudosa memória). O mês de Junho se iniciava com a feliz expectativa das festas juninas. Desde o dia 15 o povo começava a afluir à Igreja, para assistir as festivas novenas, e os fogos de artifícios espocavam no ar, preludiando o Dia de São João que, geralmente, nascia com a sua característica: claro de sol e frio, na temperatura. Solene missa cantada precedia as festividades externas e a Procissão do Santo Padroeiro percorria as ruas da cidade, com grande acompanhamento. Não faltavam ao cortejo, as Zeladoras da Congregação do Sagrado Coração de Jesus, as Filhas de Maria e os Marianos, todos incorporados, portando o seu distintivo. No decorrer do tempo, seguindo a marcha natural dos anos, essas festividades foram tomando outro aspecto, porém, não faltando a participação ativa dos paroquianos, nem a fiel concorrência do povo. A lembrança daqueles longínquos dias de São João não se apaga. Como esquecer a animação das barraquinhas que se armavam na via pública, frente à igreja, cercadas de todo o povo de Foz do Iguaçu? Muita gente havia que só aquela data reservava para o seu feriado, quando deixava a chácara e vinha com toda a família debulhar, prazerosa, nas atrações da festa, os níqueis amealhados durante o ano. E quem não estreava um traje novo? Qual a jovem que não oferecia a sua colaboração na venda de bilhetes para os sorteios e ainda, lacinhos de fita e ramalhetes que pregavam na lapela dos jovens, todos presentes? Quem se sentia cansado para rematar os festejos numa improvisada reunião social? E o intervalo era apenas para recompor a toalete... Havia a fogueira, com as labaredas ondulantes, clareando todo o céu. Em torno dela a gurizada divertia-se lançando bombinhas de estouro na lenha incandescente, provocando fagulhas que pulverizavam o ar, num brilhante espetáculo, para mais animar o folguedo. (SCHIMMELPFENG, 1991, p. 52).

O relato apresenta uma percepção particular sobre o cenário de socialização dos iguaçuenses naquele tempo, construindo em tom nostálgico uma atmosfera bucólica de uma comunidade ainda predominantemente colonial que, em determinado momento, deixava as atividades rurais para se reunir no povoado com outras famílias.

---

<sup>76</sup> Directoria Geral de Estatística - Recenseamento de 1920 - Volume IV (1ª parte). Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6461.pdf>>, p. 465. Acesso em: 23 de jan. 2020.

A presença do Monsenhor Guilherme, a missa solene, a procissão do padroeiro, as novenas e as festividades são postos como elementos motivadores. O clima frio do mês de junho e o ambiente festivo propiciavam as brincadeiras das crianças em torno da fogueira e os galanteios entre os jovens.

Para estas interações, a música era também elemento indispensável. A música ao vivo em festividades existe desde os primórdios do município. Como exemplo disso, o primeiro livro de leis de Foz do Iguaçu traz o registro de um conjunto musical chamado “Echos da Fronteira”, (Lei nº6 de 30 de outubro de 1914, pg. 7), assinada pelo então primeiro prefeito municipal Jorge Schimmelpfeng<sup>77</sup>.

O remanso que a cidade apresentava naquele período seria, no entanto, alquebrado pelo episódio ocorrido em 1925, com a passagem da Coluna Prestes pelo município. Fator este, apresentado no Painel *História* da seguinte forma:

1925: A Coluna Prestes havia se concentrado na cidade para dar início a sua marcha revolucionária pelo Brasil. A agitação deixou a população temerosa e muitos fugiram para os países vizinhos até que tudo voltasse a normalidade. Depois que os revoltosos finalmente partiram, houve muitos festejos e, no dia 3 de maio, um domingo, houve Missa de Ação de Graças. Soltaram muitos fogos e um deles caiu sobre o telhado da capela, provocando um incêndio. A população, com a ajuda dos militares ali presentes, conseguiu salvar a imagem e outros objetos litúrgicos, porém a Igreja foi totalmente consumida pelas chamas. (Painel *História*. PSJB, 2015).

O Painel *História* contém a fotografia do incêndio da antiga igreja, conforme descreve o relato. Esta foto é também comumente encontrada em diversas publicações e sites, junto a outras imagens históricas do município que versam sobre este assunto, apreciadas principalmente por estudantes e entusiastas de história, ou mesmo por curiosos ou saudosistas que divagam nas recordações trazidas pelas fotos antigas. Trata-se, portanto, de uma imagem relativamente conhecida, principalmente dada sua notoriedade por se tratar de uma calamidade, algo que geralmente chama a atenção.

---

<sup>77</sup> Fonte: Cópia do Livro de Leis do Município onde consta a autorização do pagamento do cachê da banda no valor de quinhentos e trinta e três mil e trezentos e trinta reis. Disponível para consulta na Biblioteca Municipal de Foz do Iguaçu, Pr.

**Figura 11:** Incêndio da antiga capela São João Batista de Foz do Iguaçu.



Autor: Harry Schinke. Data: 03 de maio de 1925.

Fonte: Painei *História*: 1925. Acervo Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.

A autoria do registro fotográfico do incêndio é creditada a Harry Schinke<sup>78</sup>, um fotógrafo de origem alemã, conhecido pelas fotos que fez de locais e pessoas nos primeiros anos de Foz do Iguaçu, principalmente entre as décadas de 1920 a 1940. Era também farmacêutico, atendendo pessoas em sua própria residência, onde possuía um modesto laboratório<sup>79</sup>.

Na foto percebe-se um aglomerado de pessoas em frente à igreja. É possível concluir que a imagem retratada é tecnicamente boa, mesmo levando-se em conta o provável frenesi causado pelo infortúnio e a precariedade do equipamento existente naquela época e local. O fotógrafo teve a destreza de se distanciar do objeto a fim de enquadrá-lo melhor, sem tremer ou perder o foco na captura da imagem. Como resultado, conseguiu registrar de forma satisfatória o flagrante, demonstrando parcialmente a atmosfera que envolveu o evento.

<sup>78</sup> Harry Erwin Schinke, é conhecido como “o fotógrafo da fronteira”, nasceu na Alemanha no dia 06 de maio de 1903. Veio com seus pais e irmãos para o Brasil, instalaram-se inicialmente em Joinville, Santa Catarina, no ano de 1905. Não se tem informação da data exata da sua vinda para Foz do Iguaçu, publicações constam que sua chegada teria sido na década de 1920. Morreu vítima de câncer no pulmão, aos 72 anos de idade, no dia 23 junho de 1975, e foi sepultado no cemitério São João Batista, de Foz do Iguaçu. (Portz, 2018).

<sup>79</sup> Local onde seu amigo, o escritor e botânico suíço Moisés Santiago Bertoni, faleceu acometido de malária, no dia 19 de setembro de 1929.

Não há, ou pelo menos não foram encontrados, dados sobre uma possível utilização desta imagem na época em que foi concebida. Se foi útil para ilustrar alguma publicação noticiosa sobre o fato, se coube como registro documental do sinistro, ou simplesmente serviu para motivar assuntos sem grandes pretensões entre os moradores da cidade. Tampouco se sabe sobre o paradeiro da imagem original e seu filme negativo. Sabe-se, contudo, que a imagem que se apresenta publicamente é uma cópia da original, replicada diversas vezes com o passar dos anos, sendo exibida, principalmente, em diversas plataformas digitais na atualidade, tais como sites, blogs ou canais de redes sociais que abordam temas históricos sobre Foz do Iguaçu.

A imagem figurou em algumas publicações e periódicos ao longo do tempo, habitualmente em temáticas históricas sobre o município. Além do Painel *História*, sua exibição de maior permanência, pensada num âmbito “oficial”, seria um retrato fixado numa das paredes do corredor central da Biblioteca Pública de Foz do Iguaçu Elfrida Engel Nunes Rios, juntamente com outras fotografias históricas do município. As referências existentes vinculadas às imagens, porém, são geralmente rasas. A que se encontra fixada na biblioteca traz consigo apenas uma curta legenda, porém, indica o ano da foto de forma equivocada como sendo de 1929.

Empiricamente é possível perceber uma carência de informações complementares sobre a referida fotografia. Tal fator tende a um conhecimento superficial acerca da circunstância na qual se atribui a ocorrência retratada. As investigações aqui delineadas demonstram que as informações contidas no Painel *História* encontram base nos relatos de Seitz (1974, p. 14), que apresenta uma narrativa um pouco mais ampliada sobre o fato:

Em 05/07/1924 iniciou-se em São Paulo a Revolução, mais tarde chamada Paulista, que infelizmente acabou no Paraná. Ela perturbou muito a vida do novo Curato e toda região. Vieram os revolucionários pela Serra dos Medeiros, antiga estrada, passaram por Cascavel e Depósito Central, entraram em Guaíra, desceram a margem do Rio Paraná por Santa Helena e chegaram em fins de setembro em Foz do Iguaçu. Os primeiros tempos eram ainda toleráveis. Depois começaram as requisições. Muitos perderam tudo. Em diversos casos o Pe. Thiletzek foi atendido pelo comandante nas suas reclamações a favor da população. Ele cuidava também das almas destes soldados, muitos deles enganados pelos chefes, atendendo suas confissões na Capela (Matriz) e no Hospital Militar, principalmente na Semana Santa de 1925. Uma parte dos soldados deixou a cidade no domingo de Páscoa. Mas poucos dias depois veio a cavalaria revolucionária. Houve tiroteio, todos os moradores, também os padres, deixaram a cidade à procura do mato. Após a retirada

dos revolucionários vieram os legalistas, tropas do governo. O regozijo era grande. No dia 3 de maio de 1925, um domingo, houve solene missa em ação de graças pela libertação, e depois grandes festejos. Soltaram muitos foguetes e um deles caiu em cima do telhado da Capela-Matriz ainda coberta de tabuinhas, prendeu-se entre estas tabuinhas e incendiou logo a capela, que, em poucos minutos era vítima das chamas. A população viu consternada a capela queimada. A cidade estava livre, mas a casa de Deus destruída. De fato um preço caro para a liberdade. (SEITZ, 1974, p. 14).

De forma complementar, Welter (1992, p. 12) aponta que “como o fogo começou de cima para baixo, deu tempo para salvar a imagem do padroeiro, os quadros da via-sacra, o Santíssimo etc. Havia muitos soldados presentes e eles ajudaram a salvar muita coisa”. O infortúnio, porém, deixou a população bastante consternada. O fato retratado encontra-se também registrado no Livro Tombo da Paróquia São João Batista, escrito na mesma época da ocorrência, sendo, desta forma, provavelmente o primeiro texto a descreva-la:

29 de abril de 1925 – “A primeira pedra da nova igreja matriz em Foz do Iguassú passa ser lançada”. Terminada a revolução que principiou no dia 5 de julho de 1924 na capital de (São) Paulo e acabou no Estado do Paraná depois do combate decisivo em 27 de março de 1925 em Catanduvas, o Pe. Guilherme Maria Thiletzek, encarregado da Igreja de Foz do Iguassú, prelado desta diocese, quando no dia 5 de maio de 1925, por ocasião de uma missa campal e de um leilão a favor da nova igreja, estando presente na Foz as tropas de (ilegível) em 1200 homens, se soltaram foguetes e regozijo do reestabelecimento da paz nesta cidade, os quais ocasionaram o incêndio da velha igreja de Foz do Iguassú, feita de madeira. Apesar do auxílio que tão velozmente todos os soldados principalmente os gaúchos<sup>80</sup> prestaram, não se podiam extinguir as chamas devido à grande seca e escassez de água. A igreja velha ficou completamente destruída pelas chamas do incêndio. (Livro Tombo da Paróquia São João Batista. Vol. I, 1923, p. 13).

De acordo com Seitz (1974, p. 14), o militar, Capitão Mendonça Lima, chefe do destacamento local, consternado com a fatalidade, enviou telegrama ao seu superior em

---

<sup>80</sup> Nas diversas narrativas existentes sobre a Coluna Prestes é possível constatar a participação de revolucionários do Rio Grande do Sul, especialmente em sua fase inicial. Contudo, o registro apontado no Livro Tombo, sobre a presença de “gaúchos” no momento do incêndio da igreja é um tanto enigmática, uma vez que a ocorrência se dá no período em que a Coluna já havia deixado a cidade. Desta forma, os “gaúchos” que o manuscrito se refere, pode ser um indicativo de revolucionários remanescentes ou desertores. Se por ventura a referência não diz respeito apenas a soldados, poderia se tratar de civis que acompanhavam as tropas e que, por algum motivo, acabaram ficando em Foz do Iguassú. Por outro lado, a citação poderia também estar se referindo aos gaúchos residentes, pois é importante salientar que, naquele tempo, boa parte dos colonos eram ligados às companhias colonizadoras como a *Petry, Meier & Azambuja* e a *Companhia Florestal do Paraná S/A*, de Miguel Matte, que atraiu dezenas de colonos vindos do Rio Grande do Sul, conforme aponta Myskiw (2002, p.147). De qualquer forma, essas são suposições imprecisas sobre os ditos “gaúchos”.

Guarapuava, solicitando ajuda material. O assunto abordado no telegrama também se encontra descrito no Livro Tombo da Paróquia São João Batista:

No dia 6 de maio o Exmo. Cap. Mendonça Lima, chefe do estado maior do destacamento Almada telegrafou ao Sr. Cap. Raul de Mello (ilegível) dizendo o seguinte: “Capitão Raul Mello – Guarapuava, após missa de *acção* de graças mandada rezar pela população por ter sido restabelecido aqui (ilegível) da lei e quando se realizara *kermesse* promovida para levantamento de outra igreja foi completamente destruído por violento incêndio a única igreja de Foz do *Iguassú*. Bem se pode imaginar quanto isso nos aborrece e penaliza, pois a população *catholica* viu destruir-se, desaparecer, a casa onde tantas vezes durante o cativo refugiu-se na ânsia de encontrar conforto para a dor que todos ferira. Para nós que representamos a força a serviço da lei em benefício da família brasileira, seria muito agradável se pudermos reparar ao menos os prejuízos materiais sofridos (ilegível) sua igreja pela bondosa população de Foz do *Iguassú*. Inicia-se aqui uma possível reparação para esse fim e bem pode imaginar quanto nos auxiliaria de levantar-se a ideia de nossos camaradas ali auxiliassem esta empresa, sem levar em conta as crenças religiosas de cada um. Agradeço o que fizer. Ass. Cap. Mendonça Lima. (Livro Tombo da Paróquia São João Batista. Vol. I, 1923, p. 14).

Providencialmente, antes do incêndio, o Curato de Foz do Iguaçu já havia recebido uma autorização vinda de Curitiba para a construção de uma nova igreja de alvenaria que pudesse acolher melhor a população católica do povoado. O texto presente no Painel *História* acrescenta que “No dia 24 de junho daquele mesmo ano, na mesma proximidade, foi colocada e benta solenemente a pedra fundamental para a construção da nova Igreja, maior e mais bela”. De fato, este registro é apontado no Livro Tombo da Paróquia São João Batista (Vol. I, p. 13), de 29 de abril de 1925, assinado pelo Padre Guilherme Maria Thiletzek. A nova igreja em alvenaria, no entanto, só seria definitivamente concluída em 1942.

O Livro Tombo sugere que o evento onde ocorreu o incêndio da igreja tinha ao menos dois objetivos. Primeiramente celebrar ação de graças em uma missa campal pela partida das tropas de revolucionários; e, simultaneamente, angariar fundos para a construção de uma nova igreja em alvenaria, por meio de um leilão ou quermesse a ser realizado naquela mesma ocasião. Ou seja, já havia planos de se estabelecer uma nova edificação naquele local. Mesmo tido como acidental naquela ocasião, de qualquer forma, o desmanche da igreja de madeira era algo previsto de ocorrer dali a algum tempo. O

infortúnio serviu para promover o aceleração do processo inicial de construção da nova igreja, conforme indicado no caderno da Congregação do Verbo Divino:

[...] o sinistro comoveu muitíssimo os praças oficiais. Estes logo se empenharam para alcançar do ministério da Guerra uma subvenção de 30.000 cruzeiros. Por enquanto servia a antiga residência como capela, mas na festa de São João, padroeiro da paróquia, já estava colocada a pedra fundamental para uma nova igreja. Os moradores fugitivos aos poucos voltaram. Para a nova igreja veio uma subvenção do Rio. (SVD, 1945, p. 90).

Um fator que merece atenção nos relatos seria a motivação para a comemoração que deu origem ao incêndio provocado pelo fogo de artifício<sup>81</sup>. A comunidade estaria festejando o alívio da partida dos revolucionários que, de acordo com os escritos, causaram temor em sua passagem. Algo possível de ser aclarado a partir de uma observação mais ampliada sobre seu contexto.

O “pano de fundo” que contextualiza a foto do incêndio na igreja em Foz do Iguaçu vincula-se ao período das revoltas militares no Brasil e que se fizeram presentes também na região Oeste do Paraná nos anos 1920, período da República Velha, também denominado como Primeira República (1889 a 1930). Conforme Drummond (1985 p. 26), em 1924 um bloco de resistência tenentista foi formado com cerca de mil soldados, compondo a chamada “Coluna Paulista”. Este levante parte, então, de São Paulo em direção à Foz do Iguaçu, para se encontrar com os rebeldes gaúchos comandados pelo capitão Luiz Carlos Prestes que, na ocasião, marchava também em direção ao Oeste do Paraná. Da junção entre a Coluna Paulista e a gaúcha nasceu a *Coluna Prestes*<sup>82</sup> sob a liderança de Luiz Carlos Prestes.

A Coluna Paulista levou três meses para chegar ao Oeste do Paraná e resistiu mais seis meses a um poderoso cerco legalista; a Divisão Rio

---

<sup>81</sup> Os escritos de Otília Schimmelpfeng (1991, p. 62) trazem uma menção ao fabricante dos fogos de artifício naquela época, onde se lê: “Os foguetes atroavam o ar, principalmente aquele morteiro fabricado pelo alemão Sachs, um competente mecânico”.

<sup>82</sup> Conforme Drummond (1985, p. 07), a *Coluna Prestes* foi um movimento militar brasileiro conhecido também como *tenentismo*, ocorrido entre 1922 e 1930, e liderado por Luís Carlos Prestes, que visava depor o presidente da República e introduzir algumas modificações institucionais. Em seus dois anos e meio de duração, a Coluna, composta de 1500 homens, percorreu cerca de 25 mil quilômetros através de catorze estados do Brasil. Apesar da marcha ter sido obra de um pequeno grupo de oficiais do Exército brasileiro, algumas características de um movimento popular são identificadas, uma vez que a maioria de seus soldados eram principalmente trabalhadores do campo, analfabetos e semianalfabetos.

Grande, reunindo pequena parte dos rebeldes no Rio Grande do Sul, marchou para o Norte entre dezembro de 1924 e abril de 1925 para juntar forças com a Coluna Paulista. A chegada da Divisão Rio Grande (no início de abril), sob o comando de Prestes, ao Oeste do Paraná dependeu de uma “guerra de movimento” que se mostrou eficiente contra adversários superiores em número e armamento. [...] Uma derrota desmoralizante era também uma possibilidade bem concreta. Entre civis e militares (estes em maioria), 2500 combatentes rebeldes estavam acudados no Oeste do Paraná, de Guaíra à Foz do Iguaçu, por tropas legalistas do Exército e de diversas polícias militares estaduais, sob o comando geral do general Cândido Rondon. A Coluna Paulista ainda tinha 1700 homens, e a Divisão Rio Grande oitocentos. (DRUMMOND, 1985, p. 26).

Segundo Meirelles (1996, p. 313), Foz do Iguaçu compunha um importante entroncamento telegráfico que ligava a cidade à Porto Mendes<sup>83</sup>, onde os rebeldes podiam se comunicar com o resto do país e com o exterior. Quando houve o anúncio de que chegariam ao Oeste do Paraná, o clima de insegurança tomou conta da pequena cidade de Foz do Iguaçu<sup>84</sup>, forçando moradores a cruzar os rios e buscar refúgio nos países vizinhos.

Alguns relatos acerca deste episódio descrevem soldados amistosos, porém há outros que mencionam condutas mais hostis, desordens, invasão de propriedade e o confisco de alimentos e animais para servirem às tropas. Em um destes relatos, contido no caderno *Foz 80 anos – Projeto memória* (FCFI, 1994, p. 75) traz o depoimento de Manêncio Martins, morador de Foz do Iguaçu desde 1911, na qual ele apresenta a seguinte declaração em tom coloquial:

Com a invasão de Foz do Iguaçu pelos revolucionários da Coluna Prestes em 1924, todo mundo se mandou para a Argentina, com muito medo, porque diziam que eles vinham para matar meio mundo. Alguns ficaram por aqui, mas a maioria preferiu não arriscar o couro. Nós também fomos à Argentina e ficamos lá até terminar a confusão. Abandonamos roças, criações e ranchos. Mas era tudo boato, porque os revolucionários respeitavam a todos. Prestes, Cabanas e outros chefes revolucionários eram moços de muita educação.

---

<sup>83</sup> Porto Mendes Gonçalves é um distrito brasileiro pertencente ao município de Marechal Cândido Rondon, Paraná, fundado pela Companhia Mate Laranjeira em 1915. Hoje as antigas instalações estão encobertas pelo Lago Internacional de Itaipu, porém muitas máquinas, elementos decorativos e utensílios estão preservados no Museu de Porto Mendes. Disponível em: <<https://marechalcandidorondon.atende.net/#!/tipo/servico/valor/189/padrao/2>>. Acesso em: 15 de fev. 2020.

<sup>84</sup> A notícia de que tropas muito violentas estavam por chegar provocou a debandada do contingente militar que já era insuficiente. Quando chegaram não houve resistência, Foz do Iguaçu estava praticamente deserta, o que facilitou a tomada da cidade. (COLODEL, 1988, p. 153).

Por outro lado, o mesmo caderno *Foz 80 anos – Projeto memória* (FCFI, 1994, p. 69) apresenta também o depoimento do pioneiro José Werner, no qual ele revela que, apesar de não ter havido tiroteios durante a passagem da Coluna Prestes pela cidade, houve o fuzilamento de um homem, Franklin de Sá Ribas, que cuidava do cartório e correio local. Crime este, ocorrido às margens do Rio Paraná por desobediência às ordens dos revolucionários que proibiam Franklin de transportar gado para o Paraguai.

De fato, existem também outros depoimentos, como a de Ottília Schimmelpfeng, que evidenciam ainda mais o aspecto negativo do movimento:

Em setembro daquele ano de 1924 deu-se a invasão da coluna de revolucionários, comandada por Izidoro Dias Lopes, que ocupou a cidade durante meses. [...] E Foz do Iguaçu, sofrendo o êxodo de sua população e em estado de confinamento total, parou, registrando apenas a fase histórica que se constituiu de trágicos episódios. Nestas circunstâncias o *Hotel dos Saltos*, a mercê dos invasores, sofreu depredações, inclusive de viaturas, do que nunca mais se refez. Em consequência, ao retornar ao estado de legalidade, Foz do Iguaçu era uma cidade quase extinta e os prejuízos incalculáveis. (SCHIMMELPFENG, 1991, p. 31).

Até mesmo o trabalho pastoral dos padres ficou restrito ao perímetro urbano. Conforme citado anteriormente, em diversos casos o padre Guilherme Thiletzek cuidava das almas dos soldados atendendo suas confissões na Capela e no Hospital, o que sugere uma forma diplomática de lidar com a situação.

**Figura 12:** Revolucionários no Marco das Três Fronteiras, em Foz do Iguaçu. À esquerda, sentado, de batina, padre (monsenhor) Guilherme Maria Thiletzek SVD, 1º vigário da Matriz São João Batista da cidade.



Autor: Desconhecido. Data: 1924 (imprecisa).

Disponível em: <<https://www.memoriarondonense.com.br/calendario-historico-single/9/24/>>. Acesso em: 25 de jan. 2020<sup>85</sup>.

<sup>85</sup> Este mesmo site [www.memoriarondonense.com.br](http://www.memoriarondonense.com.br), apresenta uma narrativa que comprova o clima de tensão entre os iguaçuenses naquele período: “1924 - Chega à cidade de Foz do Iguaçu o primeiro grupo de

Após a junção de forças entre paulistas e gaúchos no Oeste do Paraná, a Coluna Prestes iniciou uma marcha que cruzou grande parte do Brasil. Segundo o depoimento do próprio Prestes no documentário *O Velho - A história de Luis Carlos Prestes*, de Toni Venturi (1997)<sup>86</sup>, a marcha contava com a participação inclusive de mulheres. A recepção pela população residente por onde a Coluna passava era variada. Enquanto em alguns locais eram recepcionados como heróis salvadores pela população, em outros eram recebidos de maneira fria e desconfiada, e, até mesmo temerosa, pela fama das ações que realizavam.

Esta seria, portanto, uma síntese do que concerne à passagem da Coluna Prestes por Foz do Iguaçu. Se houve realmente ações violentas durante este episódio ou não, o fato é que a retirada das tropas provocou um sentimento de alívio na população local, que culminou nos festejos que resultaram no incêndio da igreja, conforme o retrato.

Durante a presente pesquisa foi possível perceber que a passagem da Coluna Prestes por Foz do Iguaçu mostra-se como uma temática ainda pouco explorada nos estudos acadêmicos. A fotografia do incêndio da igreja, mesmo não se referindo diretamente ao seu contexto, revela-se como um dos poucos elementos existentes do episódio ocorrido em Foz do Iguaçu. Se por um lado existe uma grande variedade de textos que mencionam o assunto, outras fontes materiais são quase inexistentes. Conforme o material analisado, aparentemente não houve confrontos bélicos durante a passagem das tropas pela cidade que pudessem resultar em cápsulas deflagradas, paredes perfuradas por tiros ou mesmo algum chapéu<sup>87</sup>, arma ou item de guerra esquecido por algum soldado, e que pudesse posteriormente se tornar

---

revolucionários da conhecida Revolução Paulista, por sob o comando o militar Juarez Távora (in COSTA, Luiz Alberto Martins da. *Calendário Histórico de Toledo – Cronologia de Fatos, Registros e Curiosidades da História do Município de Toledo*. Toledo: Gráfica & Editora GFM, 2009. p. 210). Ao chegar às Três Fronteiras, o grupo logo foi cometendo atrocidades. Demonstrando reticência em aderir ao movimento reacionário ao Governo Central, os rebeldes fuzilaram covardemente o tabelião local Franklin Sá Ribas (teve que cavar a sua própria sepultura às margens do Rio Paraná), o sargento Hartmann (PMPR) e seis empregados da Companhia Matte Larangeira (nota do pesquisador). Ao se unir esse grupo precursor e outros vindo de São Paulo aos subelevados gaúchos liderados por Luis Carlos Prestes, deu origem a famigerada Coluna Prestes. Meses depois os rebeldes *prestianos* ocupariam o empreendimento Puerto Artaza (agora submerso pelas águas de Itaipu), de Júlio T. Allica, tomando as instalações (danificando-as) e alimentando-se dos animais de criação, causando enormes prejuízos a Allica. Cercado pelas tropas federais, sob o comando do General Rondon, o grupo insurreto se desalojou de Artaza, pela única via possível, transpondo o Rio Paraná, adentrando ao território paraguaio para tomar caminho ao Mato Grosso”. Disponível em: <<https://www.memoriaronдонense.com.br/calendario-historico-single/9/24/>>. Acesso em: 25 de jan. 2020.

<sup>86</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tRpEw2q0GWw>>. Acesso em: 16 de jan. 2020.

<sup>87</sup> Os combatentes não usavam capacetes e sim chapéus. Conforme Meirelles (1996, p. 314), trajavam o mesmo uniforme sujo e encharcado por muito tempo em condições insalubres.

um souvenir<sup>88</sup> ou item museológico. Seja por descuido ou intencionalmente, até o momento permanece desconhecido artefato ou lugar que sirva especificamente de memorial<sup>89</sup> referente ao episódio da Coluna Prestes em Foz do Iguaçu<sup>90</sup>.

De qualquer forma, além de seu valor histórico implícito, o episódio do incêndio configura-se como um divisor de águas para a Igreja em Foz do Iguaçu. A partir dali um novo templo estaria pronto para “renascer das cinzas” e se tornar um edifício inédito, imponente ponto referencial para a cidade.

### 1.9. MONSENHOR GUILHERME MARIA THILETZEK

Em 1926, nomeado “Monsenhor”, Guilherme Maria Thielletzek, ficou responsável pela recém-criada *Prelazia*<sup>91</sup> de Foz do Iguaçu, assumindo esforços para a construção da nova igreja em alvenaria e da casa paroquial. O Painel *História* apresenta “1926: A partir de 1926, o Curato tornou-se Prelazia e Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, ligado à Congregação do Verbo Divino (SVD), foi nomeado Prelado”.

Monsenhor Guilherme, que seguia como linha pastoral a atuação também nas áreas de educação e saúde, teve seu nome dado a uma das ruas da cidade, um colégio estadual, em funcionamento até hoje, e à extinta Santa Casa Monsenhor Guilherme, cujo prédio atualmente se encontra em ruínas, aparentando estado de abandono. Sobre este exercício de nomeação, posto em análise nas linhas seguintes, é importante pontuar que, se por um lado Monsenhor Guilherme foi homenageado com seu nome, por outro lado ele também nominou. Conforme descrito no portal do município de Cascavel<sup>92</sup>, inicialmente aquela

---

<sup>88</sup> O site “Jornal da Fronteira” apresenta locais de sepultamento de soldados, campos de batalha, restos de artefatos bélicos e publicações de época, ocorridos na região Oeste do Paraná, mas não especificamente em Foz do Iguaçu. Disponível em: <<https://www.jornaldafronteira.com.br/voce-conhece-a-historia-da-coluna-prestes-na-regiao/>>. Acesso em: 25 de jan. 2020.

<sup>89</sup> Na Praça dos Girassóis, em Palmas no Tocantins, existe o memorial à Coluna Prestes, e em Porto Alegre o Memorial Luiz Carlos Prestes. Ambas são obras concebidas pelo arquiteto e amigo Oscar Niemeyer. Em Santo Ângelo-RS, existe o Memorial Coluna Prestes, contendo imagens, objetos e documentos diversos.

<sup>90</sup> Foz do Iguaçu não possui um museu histórico ou casa da memória onde se poderia conhecer relíquias ligadas ao passado da cidade ou de episódios como este da Coluna Prestes.

<sup>91</sup> Tipo de circunscrição eclesiástica erigida para atender a necessidades peculiares em um território.

<sup>92</sup> Disponível em: <<https://cascavel.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/2>>. Acesso em: 20 de out. 2020.

localidade era conhecida como “Encruzilhada dos Gomes”. Teria então Monsenhor Guilherme a rebatizado como “Aparecida dos Portos”, nome que não vingou entre a população. A vila foi oficializada pela prefeitura de Foz do Iguaçu em 1936, já com a denominação de Cascavel<sup>93</sup>.

Conforme descrito em registros biográficos da Congregação do Verbo Divino, Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek (do polonês *Tyleczek*) nasceu aos 24 de novembro de 1877 em *Huta Laura*, na região de *Katowice*, sul da Polônia (naquela época sob ocupação germânica). Seus pais se chamavam Carlos e Henrica.

Em 1894 entrou no seminário verbita em *Nysa*, concluindo filosofia e teologia em São Gabriel SVD, perto de Viena, sendo ordenado padre em 1902. Designado para o Brasil, chegou em 24 de junho de 1906. Após breve tempo em Curitiba, trabalhou na pastoral em Ponta Grossa de 1906 a 1916, e em Guarapuava de 1917 a 1922. Ainda, conforme o registro, os verbitas atendiam povoados nascentes pelo interior do Paraná, chegando até Foz do Iguaçu.

A atividade de cunho social, aquela que extrapola o âmbito religioso ou é agregado a ele, bem como os da esfera educativa, são princípios constitucionais do carisma verbita e, de certa forma, configuram-se como diretrizes da ação missionária destes religiosos.

Conforme SVD (2000, p. 386), as Constituições de 1905, publicadas no documento *Fontes Historici SVD*<sup>94</sup>, declaram primeiramente que “o fim da Congregação é a conversão dos pagãos, hereges e descrentes, especialmente dos pagãos”. Acrescentando na sequência: “Além disso, tenha-se em vista ainda outros fins secundários; o trabalho na educação e formação da juventude em orfanatos, colégios e academias. Também o atendimento de hospitais, a pregação de exercícios espirituais e a publicação de bons livros. Se for necessário podem-se assumir também paróquias com a permissão do superior geral”.

---

<sup>93</sup> Distrito criado com a denominação de Cascavel, pelo Decreto-lei Estadual n.º 7.573, de 20-10-1938, subordinado ao município de Foz do Iguaçu. Elevado à categoria de município com a denominação de Cascavel, pela Lei Estadual n.º 790, de 14-11-1951, desmembrado de Foz do Iguaçu. O termo "cascavel" origina-se de uma variação do latim clássico “*caccabus*”, cujo significado é "borbulhar d'água fervendo". Segundo a lenda, o nome surgiu de um grupo de colonos que, pernoitando nos arredores de um rio, descobriram um grande ninho de cobras cascavéis, denominando então o local como “Cascavel”. A sonoridade do guizo originou o nome da serpente: do latim “*tintinnabulum*”, literalmente “o badalar do chocalho”. Símbolo de poder e sabedoria, a serpente era cultuada na antiguidade. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=31650&view=detalhes>>. Acesso em: 20 de out. 2020.

<sup>94</sup> Disponível em: <<http://www.svdcuria.org/public/mobile/dimidx.htm>>. Acesso em: 05 de set. 2020.

Destarte, o Painel *História* procura salientar as atividades do Monsenhor Guilherme em áreas que extrapolam o da religiosidade.

1930: O Grupo escolar Bartolomeu Mitre foi criado em 1927 pelo Governador Caetano Munhoz da Rocha, e funcionava no casarão construído em frente a Casa Paroquial, até ser transferido para o prédio definitivo, inaugurado em 1952, onde se encontra em atividade até os dias atuais. Seu primeiro diretor foi o Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, forte atuante nas áreas de educação e saúde na cidade, e que teve seu nome dado à vários locais e obras públicas de Foz do Iguaçu. (Painel *História*. PSJB, 2015).

**Figura 13 e 14:** A primeira imagem mostra o antigo prédio que abrigava as primeiras instalações Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, sob direção do Monsenhor Guilherme. Na segunda imagem, crianças se organizam em frente a esta mesma escola, antes de adentrarem para as aulas.

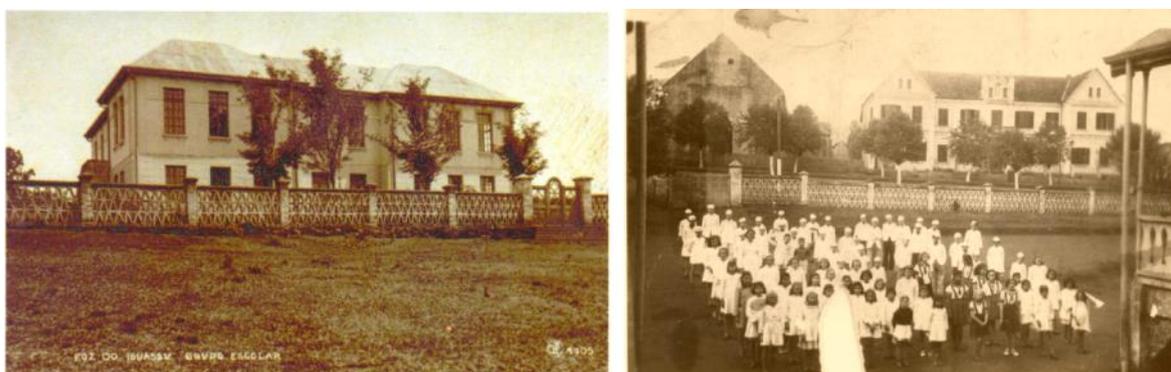


Figura 13: Autor: Harry Schinke. Data: 1943 / Figura 14: Autor: desconhecido. Data: Anos 1930.  
Fonte: Painel História / Acervo Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.

Conforme Mello (2020), fundado em 1927, durante a gestão do prefeito Jorge Sanwais, o Colégio Estadual Bartolomeu Mitre<sup>95</sup> originalmente se denominava Grupo Escolar Caetano Munhoz da Rocha, que, na época, era governador do Paraná. Localizava-se no terreno em frente à Paróquia São João Batista. A data oficial de início das aulas é assinalada aos 15 dias do mês de janeiro do ano de 1928, e seu primeiro diretor foi o Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek<sup>96</sup>.

<sup>95</sup> Em 1952 o colégio mudou-se para o prédio atual, na Avenida Jorge Schimmelpfeng, funcionando, inicialmente, em uma pequena casa de madeira, que posteriormente passou para alvenaria. Neste cenário, pelo decreto nº 282 de 21/12/1944, passou a designar-se Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, um tributo ao general argentino pela sua atuação nas lutas da “Tríplice Aliança”, em 1865, durante a Guerra do Paraguai. Pelo Decreto nº3533/77 o colégio passa a chamar-se Escola Estadual Bartolomeu Mitre e em dezembro de 2001 a escola passou por uma revitalização, sendo criado o espaço da Praça das Nações. No ano de 2019, a Escola passou a ser a quinta do Paraná a adotar a proposta pedagógica da Polícia Militar. (MELLO, 2020).

<sup>96</sup> Os registros biográficos sobre Monsenhor Guilherme, na Congregação do Verbo Divino, trazem a informação de que o sacerdote encaixou aulas de formação religiosa nos dias da semana em que as aulas

O prédio em questão ainda existe, porém encontra-se em desuso. Sua última utilização estava sob responsabilidade do departamento de patrimônio da prefeitura. Atualmente tramita uma solicitação feita pela Fundação Cultural de Foz do Iguaçu para que se torne uma casa da memória, algo que viria suprir a carência deste tipo de espaço na cidade, como já comentado anteriormente. No entanto, conforme visita técnica realizada recentemente pela Fundação Cultural, o prédio necessitará de uma reforma antes de se prestar ao uso público, visto que se encontra parcialmente deteriorado pela ação do tempo e pela falta de manutenção adequada.

**Figura 15:** No conjunto de imagens, a equipe da Fundação Cultural faz visita técnica ao prédio, onde foi possível constatar sua precariedade de conservação. O prédio ainda guarda suas características originais. Numa das salas é possível ver ganchos que serviam para que os alunos pendurassem suas bolsas e mochilas. Também foi constatada a existência de um poço artesiano contendo uma antiga bomba d'água que abastecia as instalações.



Fotos: Mac Fernandes. Data: Novembro de 2020.

O painel menciona que Monsenhor Guilherme “teve seu nome dado à vários locais e obras públicas de Foz do Iguaçu”. Desta forma, outro estabelecimento de ensino que merece observação nesta pesquisa é o Colégio Monsenhor Guilherme<sup>97</sup>.

Conforme descrito no site do colégio, atrelado ao portal da Secretaria Estadual de Educação do Paraná, este estabelecimento de ensino foi criado pelo Decreto Nº 11282 durante o governo de Moisés Lupion, em 05 de julho de 1950, com nome de “Ginásio Estadual de Foz do Iguaçu”. Foi inaugurado em 02 de março de 1952, pelo Governador Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto.

---

normais terminavam mais cedo. Provavelmente a atuação do Monsenhor na área da educação contou com a ajuda de seus colegas padres. Os escritos de Seitz (1974, p. 13), revelam que “o Padre João Progzeba ficou encarregado da escola que logo contou com 63 alunos, ajudado pelo Irmão Bianchi”, não deixando claro se se tratava deste mesmo grupo escolar em questão.

<sup>97</sup> O Colégio Estadual Monsenhor Guilherme - Ensino Fundamental, Médio e Profissional (Conforme resolução nº 4845/10 DOE 28/12/2010), está situado na Rua Naipi, nº 261 – Centro, no município de Foz do Iguaçu – Estado do Paraná.

O site também apresenta informações sobre as etapas que estabeleceram sua denominação:

O nome do estabelecimento foi uma homenagem ao dedicado sacerdote Pe. Guilherme Maria Thiletzek, da congregação do Verbo Divino que fundou centros religiosos em toda Prelazia. Surge então o novo ginásio que passou a se chamar Ginásio Estadual Monsenhor Guilherme pelo Decreto nº 26.950, ato 16, de 05 de agosto de 1960. Funcionou no prédio do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre até o ano de 1964. A partir de 1965 passou a funcionar em prédio próprio, que foi inaugurado em setembro de 1965, no Governo do Sr. Paulo Pimentel. Pelo Decreto 19.245 de 20 de setembro de 1965, foi criado o ciclo colegial (2º ciclo) abrangendo o 1º e 2º ciclo com a denominação de “Colégio Estadual Monsenhor Guilherme”. Pelo parecer nº 147 de 06 de junho de 1974 foi aprovado em definitivo o projeto de implantação do Ensino de 2º Grau, do Colégio Estadual Monsenhor Guilherme e o Ensino de 2º Grau do Colégio Comercial Estadual “Antônio de Castro Alves”, para funcionar na sede do Colégio Estadual Monsenhor Guilherme, como curso de Assistente de Administração. Pelo Decreto nº 3533 de 21 de junho de 1977, o Colégio Estadual Monsenhor Guilherme e o Colégio Estadual Antônio de Castro Alves, passaram a constituir-se em um único estabelecimento, sob a denominação de Colégio Estadual Monsenhor Guilherme – Ensino de 1º e 2º Graus. (SEED/PR)<sup>98</sup>.

Uma reflexão importante a se pontuar é que, neste processo de nomeação, é possível que ocorra a identificação estabelecida de maneira involuntária, por aproximação. É o caso da denominada “favela Monsenhor Guilherme” ou “favela do Monsenhor”, um aglomerado subnormal urbano<sup>99</sup> dos mais antigos da cidade, localizado nas cercanias do colégio, e que acabou herdando o nome dele. Não raro é noticiado pela mídia ações criminosas e atos de violência ocorridos nesta localidade ao longo de sua existência. Fator este, que resultou na consolidação de certa fama negativa sobre a segurança na localidade, depreciando, em alguns casos, impressões sobre o colégio<sup>100</sup> e, conseqüentemente, o nome “Monsenhor Guilherme”.

Outra obra pública que leva o nome de Monsenhor Guilherme é uma das vias do loteamento Jardim São Paulo I, criado pelo decreto municipal nº 4.390 de 15 de outubro de

---

<sup>98</sup> Disponível em: <<http://www.fozguilherme.seed.pr.gov.br/modules/noticias/>>. Acesso em: 20 de out. 2020.

<sup>99</sup> Denominação adotada oficialmente pelo IBGE a partir do Censo de 2010.

<sup>100</sup> Apesar de estar localizado em local notório pela segurança vulnerável, em seu percurso o colégio em si tornou-se referência por estabelecer uma dinâmica multiforme de ensino, ofertando aprendizado de qualidade e agregando qualificação profissional em sua estrutura.

1975. Nesta pesquisa não foram encontrados dados que apontem a motivação da escolha do nome. Percebe-se, porém, que as ruas do loteamento receberam nomes de antigos moradores da cidade, dentre eles o Monsenhor Guilherme. A rua que leva seu nome é uma das principais vias do bairro, ligando a Avenida República Argentina à Avenida Felipe Wandscheer, e é notória por concentrar diversos pontos comerciais de pequeno e médio porte.

Na área de saúde do município, Monsenhor Guilherme teve uma participação que lhe rendeu um tributo mais duradouro. A Santa Casa que leva seu nome foi fundada em 10 de junho de 1938<sup>101</sup> (ano seguinte à sua morte), existindo até 2006, quando a justiça declarou a falência da instituição, causado principalmente por dívidas<sup>102</sup>. Conforme Seitz (1974, p. 15), o projeto teve início em 1926, com a promessa de subvenção do governo do estado<sup>103</sup>.

**Figura 16 e 17:** Primeiras instalações da Santa Casa Monsenhor Guilherme, primeiro em madeira e posteriormente em alvenaria.



Figura 16: Autor desconhecido. Data: 1935. Fonte: Painel História / Acervo FCFI.

Figura 17: Autor desconhecido. Data: Anos 1950. Fonte: Biblioteca IBGE<sup>104</sup>.

A primeira fotografia apresenta as instalações da Santa Casa Monsenhor Guilherme em sua fase inicial, ainda em madeira. O registro é datado como sendo de 1935, porém de autoria desconhecida. Esta imagem integra o Painel *História*, ilustrando o assunto acerca

<sup>101</sup> Disponível em: <<http://leismunicipa.is/jfibq>>. Acesso em: 12 de out. 2020.

<sup>102</sup> Disponível em: <<https://www.tribunapr.com.br/noticias/parana/justica-declara-falencia-da-santa-casa-de-foz/>>. Acesso em: 12 de out. 2020.

<sup>103</sup> Nesta pesquisa foram encontrados apontamentos no livro de notas da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu “Razão nº1”, de 1939, p. 61, onde constam valores de despesas referentes a “fornecimento de medicamentos e aluguel do prédio do hospital”, o que demonstra que os subsídios de manutenção da instituição, ou parte dela, já naquela época eram custeados pelo poder público municipal.

<sup>104</sup> Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445487&view=detalhes>>. Acesso em 05 de ago. 2020.

das obras desenvolvidas pelo religioso. Este retrato é parte integrante do acervo da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu e está exposta, junto à outras imagens, na Biblioteca Pública Municipal Elfrida Engel Nunes Rios. A segunda fotografia, apresentada aqui em caráter ilustrativo, é de meados de 1950, também de autoria desconhecida, e apresenta a Santa Casa já em alvenaria. Esta imagem faz parte do acervo da Biblioteca *online* do IBGE. Ambas evidenciam o nome do religioso dado à instituição, em destaque na entrada principal do estabelecimento.

Nesta pesquisa não foram encontrados registros que evidenciem o exercício de atividades diretas do Monsenhor na Santa Casa, sendo, todavia, sua participação mostrada pelos esforços na implementação desta unidade hospitalar<sup>105</sup>. Este comprometimento, possivelmente, foi determinante para a motivação da escolha do nome como sendo “Santa Casa Monsenhor Guilherme”. O mais provável é que esta seria uma forma de homenagear o prelado que, em 1935, precisou deixar a cidade para se fixar em Laranjeiras em função da mudança de sede da prelazia.

Na imagem que se apresenta no Painel *História*, datada de 1935, como já mencionado, é possível visualizar uma placa que identifica o estabelecimento como sendo a Santa Casa Monsenhor Guilherme, o que sugere que o nome pode ter sido dado à instituição mesmo antes de sua fundação oficial. Contudo, os escritos de Seitz (1974, p. 15), trazem a informação de que, originalmente, Monsenhor Guilherme havia manifestado a intenção de dedicá-la a São Rafael<sup>106</sup>. Outro indício de nomeação feita pelo Monsenhor que também não se concretizou.

Em março de 1926, o governo do Estado do Paraná prometeu uma boa ajuda para a construção de um Hospital de Caridade. Se esta ajuda veio ou não, não consta no livro tomo. Porque no dia 24/10/1926, foi colocada a pedra fundamental deste hospital, que a devoção e piedade do Pe. Thiletzek dedicou a São Rafael. Também esta construção teve suas maiores dificuldades. Pois só em nossos dias foi mais ou menos concluído o hospital, agora com o nome do Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek. (SEITZ, 1974, p. 15).

---

<sup>105</sup> De acordo com Seitz (1974, p. 18), na década de 1930, a saúde do Monsenhor Guilherme já dava sinais de fragilidade, minando suas atividades. Até mesmo o Grupo Escolar já havia passado da responsabilidade dos padres para a direção de professores leigos. Os religiosos ficaram limitados apenas ao trabalho pastoral, o que já não era pouca coisa.

<sup>106</sup> Anjo (ou arcanjo) da cura, na narrativa bíblica. (Tb 5,4).

Comumente, obras vinculadas à religiosidade recebem nomes que homenageiam figuras bíblicas, santos ou beatos. Também nomes de clérigos não são incomuns, sendo que os preferidos, em grande parte, são os de alta patente, como Papa, bispo, ou fundador de ordem religiosa e, em casos mais esporádicos, padres que tiveram participação direta com a obra em questão, podendo a honraria ocorrer com o mesmo ainda em vida.

Apesar da instituição já ter sido extinta, o prédio da Santa Casa persiste em pé, mesmo em desuso e quase em ruínas. Possivelmente, nem mesmo uma demolição poderá apagar completamente a memória da Santa Casa Monsenhor Guilherme, não apenas pelo tempo em que pôde exercer presença de alguma forma na vida de diversas gerações que tiveram contato com ela durante sua existência, mas também pelas ações que insistem em não esquecer-la. A lei municipal nº 3313, de 6 de março de 2007, institui o "Memorial Santa Casa" para acervo de bens e materiais que retratem a trajetória do antigo hospital Santa Casa Monsenhor Guilherme<sup>107</sup>. Uma iniciativa por parte do poder público municipal na tentativa de perpetuar a memória desta instituição.

Essas diretrizes certamente contribuem para a consolidação de um imaginário sobre o perfil pastoral do Monsenhor Guilherme Maria Thielletzek, ao ponto de se perceber que, na atualidade, o nome “Monsenhor Guilherme” é mais facilmente associado às obras que levam ou levaram seu nome (rua, colégio, hospital), que propriamente a pessoa do religioso em si. Desta forma, o efeito de associar (ou re-associar) as obras à pessoa e, conseqüentemente, à Igreja, são parte da iniciativa proposta pelo Painel *História*, demonstrando uma igreja que se vincula com a sociedade local por meio de seu legado.

Entretanto, um fator pouco explorado no painel seria o suplício do Monsenhor Guilherme frente aos desafios exigidos pela missão em local tão inóspito. Segundo Seitz (1974, p. 19), além das atividades em torno da Igreja e do pequeno povoado de Foz do Iguaçu, o território de trabalho dos poucos missionários disponíveis se estendia bem mais além, e precisavam cobrir uma imensa região com sua ação pastoral.

Em 1934 foi anexada a paróquia de Pitanga. No ano anterior (1933) ela tinha sido criada, desmembrada de Guarapuava, como paróquia independente do Bispado de Ponta Grossa. Com seus imensos territórios, entre os Rios Ivaí e Piquirí passou, junto com os seus padres, que eram também do Verbo Divino, para a Prelazia de Foz do Iguaçu. Em março de 1935 a paróquia de Laranjeiras (hoje Laranjeiras do Sul), criada em 1932

---

<sup>107</sup> Disponível em: <<http://leismunicipa.is/kcaqe>>. Acesso em: 12 de out. 2020.

e desmembrada de Guarapuava, passou do Bispado de Ponta Grossa para a Prelazia de Foz do Iguaçu, com 2 padres SVD. Já eram ao todo 3 paróquias, número pequeno, mas um território que era quase a metade do Estado do Paraná. Só em 1943 foi criada a 4ª paróquia, Campo Mourão, desmembrada de Pitanga com 1 vigário SVD. (SEITZ, 1974, p. 19).

A dificuldade em empreender ações pastorais num espaço geográfico tão extenso forçou o Monsenhor Guilherme a transferir a sede da Prelazia para Laranjeiras, tendo que, com isso, se mudar para lá. Conforme Guizzardi (2014, p. 31), “O projeto era bem justificado, mas deixou a população de Foz do Iguaçu profundamente consternada”. Após um curto período de trabalho administrativo e pastoral, partiu para São Paulo onde foi diagnosticado com hidropisia, em seguida se deslocando para o Rio de Janeiro para tratamento de saúde. Com a saúde abalada, faleceu aos 26 de fevereiro de 1937 no Rio de Janeiro<sup>108</sup>.

Voltando ao contexto sobre a evolução das obras da igreja, Seitz (1974, p. 15) cita que a criação da prelazia e a escolha de um prelado verbita foram fatores que ajudaram a impulsionar as ações de construção da Casa Paroquial. O prédio foi finalizado antes mesmo da igreja. Sua arquitetura imponente apresenta em seu frontispício<sup>109</sup> a data “1930” e a sigla “SVD” (*Societas Verbi Divini*), referente aos Missionários do Verbo Divino, juntamente com uma imagem de Santo, que hoje é a do Sagrado Coração de Jesus<sup>110</sup>. Aqui, mais uma vez, é notadamente forte a intencionalidade de se perpetuar a marca da congregação verbita como instituição católica presente na história do município desde suas origens.

---

<sup>108</sup> Conforme Seitz (1974, p. 21), “Foi sepultado no cemitério São João Batista (Rio de Janeiro), ao lado de tantas celebridades do Brasil”.

<sup>109</sup> Fachada ou parte anterior e principal de um edifício; frontaria. Fonte: MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 15 de abr. 2020.

<sup>110</sup> Ao que indica a citação a seguir, a imagem existente na época da conclusão do prédio seria a de São José. A seguir, apresento a oração aos santos honrados pelos verbitas, dentre eles os que figuram na IMSJB (com grifo meu). Conforme descrito em SVD (2000, p. 326), uma espécie de síntese das intenções da Congregação encontra-se na invocação dos Santos Padroeiros, nas quais transparece o espírito apostólico que os inspira: “Espírito Vivificador, vivificai os vossos filhos (quer dizer, particularmente os sacerdotes). Santíssimos Corações de Jesus e Maria uni convosco todos os corações. São Miguel, São Gabriel e São Rafael, protegei a Igreja com todos os Anjos. São José, São Joaquim e Sant’Ana, ajudai os aflitos. São Pedro, São Paulo, São João e Santo André, propagai a fé com todos os Apóstolos. São Gregório, Santo Agostinho e São Vicente, rogai por nós com todos os Santos. Rezemos pelos pobres países pagãos: Todos os Anjos e Santos de Deus, intercedei por eles. Pelos méritos de vossa santa infância, Jesus, compadecei-vos das pobres crianças pagãs. Santos Reis Magos e todos os Santos Inocentes Intecedei por elas”. O texto finaliza: “Pode-se afirmar, portanto, e com toda razão, que na Congregação do Verbo Divino, a vida de piedade é o solo fértil e fonte viva e causa soberana que atua desde as alturas sobre a sua atividade apostólica”.

**Figura 18:** A Igreja Matriz, ainda sem a torre; a Casa Paroquial, e o antigo Grupo Escolar Bartolomeu Mitre.

**Figura 19:** O frontispício da Casa Paroquial com a sigla “S.V.D.” 1930.



Figura 18: Autor: Harry Schinke. Data: anos 1930.

Fonte: Painel *História*: 1932 / Acervo Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.

Figura 19: Autor: Mac Fernandes. Data: outubro de 2020.

Na época de sua conclusão, o prédio se destacava por sua vultuosidade, ainda mais por se localizar em local elevado, sendo facilmente notado nas imagens fotográficas antigas da cidade. Conforme Seitz (1974, p. 35), seu espaço interno era desproporcional à quantidade de clérigos que nela habitavam.

A casa estava boa, mas bem vazia. Cederam-na temporariamente para uma congregação de Irmãs para instalação de um Colégio. Estas ocuparam  $\frac{3}{4}$  da casa, Pe. Martinho ocupava uma metade. Como havia uma imagem de São José no frontispício da casa, batizaram-na de Instituto São José. As Irmãs Vicentinas têm desde 1961 um prédio próprio, mas o nome de São José continua. (SEITZ, 1974, p. 35).

O Painel *História* acrescenta que “A Casa Paroquial em alvenaria ficou pronta em meados de 1930 e serviu de escola provisória para os alunos do Instituto São José, das Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paula, de 1948 a 1952, quando o prédio definitivo do Colégio São José foi concluído”.

Conforme Mello (2020), o Instituto São José, fundado a 29 de novembro de 1947, estabeleceu-se inicialmente na casa paroquial São João Batista, acolhendo 164 alunos do Curso Primário, onde permaneceu até 1952. A implantação de sua sede própria possibilitou a abertura de novos cursos a partir de 1961. Pela Resolução nº 3.459/99 a instituição passou a ser denominada como Colégio Vicentino São José – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio e, na década de 1990, como forma de atender as demandas de

espaço físico, novas tecnologias e necessidades pedagógicas, um moderno edifício anexo foi construído.

Inegavelmente, direta ou indiretamente, os missionários da Congregação do Verbo Divino tiveram participação no desenvolvimento da cidade. Essas ações encontram ressonância com as diretrizes constitucionais da instituição, citadas anteriormente, e se prestam também a atender às chamadas “dimensões”, integrantes do carisma missionário verbita. Conforme o site da Congregação<sup>111</sup>, as dimensões são realizadas em quatro áreas: Comunicação, Justiça e Paz, Animação Missionária e Bíblia, sendo que a aplicação da “Dimensão Justiça e Paz” pelos missionários em Foz do Iguaçu se acentua por ter proporcionado maiores contributos para a cidade em sua fase incipiente.

Conforme apontado na descrição destas ações, elas resultam em “trabalhos em conjunto com leigos e paróquias, promove ações sociais, desenvolvendo mecanismo para diminuir as desigualdades e injustiças sociais. Trabalhando em conjunto nesta Dimensão os Missionários propõe resgatar valores familiares, histórias da cultura, direitos de justiça e fortalecer as comunidades”. Esta dinâmica previa que os recursos obtidos seriam aplicados não somente nas obras da instituição, como também no auxílio ao desenvolvimento em torno dela.

Não obstante, o Painel *História* apresenta a informação de que “Nos fundos do terreno foi montada uma marcenaria comandada pelo Padre Vicente Hackl, onde os padres trabalhavam. Por ser bem aparelhada, serviu para fornecer madeira também para outros prédios importantes do município, como a prefeitura, a Santa Casa, o Hotel Cassino (atual prédio do Senac) e a antiga delegacia, entre outros”. Esta indicação é similar ao conteúdo dos relatos do pioneiro Antônio Urnau, publicado no caderno *Foz 80 anos – Projeto memória* (1994, p. 24), que traz o relato sobre a época em que trabalhou nesta carpintaria auxiliando os padres. Segundo ele, “todas as aberturas eram feitas naquela marcenaria da igreja”, referindo-se às esquadrias dos principais estabelecimentos da cidade. Ainda hoje é possível conhecer na parte interna da Casa Paroquial o acabamento primoroso em madeira de lei realizado pelos religiosos.

A célebre carpintaria dos padres, a única daqueles tempos, atendia também pedidos dos poucos habitantes da pequena cidade. Ela tinha todos os recursos, como: serra-fita, torno, circular, plaina, tupia,

---

<sup>111</sup> Disponível em: <<http://www.verbodivino.org.br/Portal/index.php/dimensoes>>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

furadeira, etc. num total de 14 máquinas, sem contar a grande bomba d'água para refrigerar o motor a diesel, que movimentava tudo. (SEITZ, 1974, p. 13).

Uma questão, no mínimo curiosa a se pontuar, é o fato de que, mesmo contando com uma carpintaria bem aparelhada e exímios carpinteiros, as fontes sugerem que o templo foi erguido muito gradativamente e de forma aparentemente displicente. O Painel *História* descreve que “A obra da Igreja levou mais tempo para ser finalizada, sendo erguida aos poucos, primeiramente concluindo o presbitério<sup>112</sup> [...] Muitas dificuldades marcaram a construção da Igreja, sendo a obra interrompida muitas vezes, precisando receber diversos reparos para corrigir problemas no decorrer dos anos”<sup>113</sup>. O texto de Seitz endossa este fato:

A construção desta Igreja-Matriz foi uma tragédia, muito vagarosa, muitas vezes interrompida e inacabada, com alicerces fracos e telhado mal colocado, que mais tarde deu muitos atritos e reparaduras. A nave da Igreja estava ainda em 1940 com andaimes [...] tudo era bastante fraco. (SEITZ, 1974, p. 15).

Nesta pesquisa foi possível acrescentar um depoimento acerca desta conjuntura. Atualmente a página do *Facebook* na web possui um grupo público com cerca de seis mil membros, chamado “Foz do Iguaçu e Cataratas Memória e Fotos Atuais”, onde é possível conhecer imagens e textos sobre pessoas e lugares vinculados à cidade de Foz do Iguaçu ou às Cataratas. Dentre as diversas postagens que o grupo recebe semanalmente, recentemente um dos membros compartilhou a postagem da Sra. Ana Rodinski, contendo o seguinte testemunho:

Histórias Iguaçuenses: Um fato que ocorreu em Foz do Iguaçu há muitos anos, que não esqueço até hoje. Eu, ainda menina, estava na Igreja Matriz São João Batista, assistindo a novena da Coroação de Nossa Senhora, no dia 31 de maio, quando ouvi um barulho de pedras caindo. Pensei que fossem bolinhas de gude caindo do bolso dos meninos. (Achei estranho que meninos trouxessem bolinhas de gude para a igreja...) De repente, começou uma correria e uma gritaria. Todos correndo e gritando dentro da igreja. Resolvi correr também, mas não pude passar para o lado do altar para onde as pessoas corriam, porque muitas delas caíram quando

<sup>112</sup> Espaço que num templo ou catedral católicos precede o altar-mor.

<sup>113</sup> Cf. Guizzardi (2014, p. 61), “A construção teve início em 1926, mas só foi concluída em 1941, sob os cuidados do Pe. Vicente Hackl, sucessor do Pe. José Mühlbacher, o qual antes da inauguração, teve de corrigir erros do projeto e da própria construção”.

subiram os degraus e não podiam levantar porque eram pisoteadas. Olhei aquilo e não tive coragem de passar por cima. Voltei para o centro da igreja onde encontrei minha avó Francisca, que não pôde correr. Nós nos perguntávamos: “o que será que aconteceu?” Muitos pularam as janelas. Um senhor teve que ficar de quatro sobre uma senhora grávida, para protegê-la. A maioria dos fiéis correu para a saída da igreja (onde estava o perigo). Descobrimos depois que a correria começou quando algumas pessoas que estavam embaixo da divisa onde ficava a torre da igreja foram atingidas por pó de cimento e pedras miúdas. O que aconteceu foi que a torre se despreendeu do prédio. A novena acabou. O padre gritava, em vão, que não era nada. A coroa de Nossa Senhora? Bem, foi parar sabe-se lá aonde...<sup>114</sup>.

Este depoimento, um tanto pitoresco, é agregado aqui como forma de corroborar sobre o fato de que a igreja, além de ter sofrido a ação do tempo ao longo dos anos, também foi debilitada em sua feitura. As prioridades e condições de recursos aplicados à igreja decorreram de iniciativas dos diversos clérigos que estiveram à frente da administração paroquial em seu percurso, despendendo tratamentos diferenciados à construção. Por suas várias mãos, ao final, a obra se resulta num estilo arquitetônico indefinido, e sua reforma, conforme veremos adiante, se comprova justificável.

A vivência comunitária em torno do templo merece especial atenção para a compreensão de sua representatividade junto à sociedade local. São gerações de pessoas que produziram suas memórias em celebrações religiosas que se misturam com costumes e realizações da vida civil. Neste quesito, além das missas, estão as cerimônias de casamento, batizados, exéquias, quermesses, primeira comunhão, crisma, e outras tantas festas litúrgicas notórias por concentrar grande número de participantes.

Sobre a interação comunitária promovida em torno da igreja, o Painel *História* salienta a importância desta prática apresentando o seguinte trecho: “Durante os anos da construção da Igreja, as Missas eram realizadas em salões de apoio ou ao ar livre no pátio da Paróquia. Muitos eventos, festas e celebrações especiais costumavam atrair grande número de moradores da cidade”. Aqui vale relembrar trechos de um depoimento, já citado, de Otília Schimmelpfeng:

[...] o povo começava a afluir à Igreja, para assistir as festivas novenas, e os fogos de artifícios espocavam no ar. [...] Solene missa cantada precedia as festividades externas e a Procissão do Santo Padroeiro

<sup>114</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/fozdoiguacufotos/permalink/2947410518705997/>>. Acesso em: 20 de out. 2020.

percorria as ruas da cidade, com grande acompanhamento. [...] Como esquecer a animação das barraquinhas que se armavam na via pública, frente à igreja, cercadas de todo o povo de Foz do Iguaçu? (SCHIMMELPFENG, 1991, p. 52).

Assim como ocorre em diversas culturas, a vida civil é marcada pelo cumprimento de ciclos de transição, sendo que, boa parte delas assume um caráter religioso, realizado por meio de uma solenidade que determina este rito. O local onde se dá esta passagem, geralmente um templo, se consolida como lugar notável e centralizador de memórias referentes a aquela praxe. Não obstante, o Catecismo da Igreja Católica (CIC, 1879-1880) apresenta a seguinte instrução:

A pessoa humana tem necessidade de vida social. Esta não constitui para ela algo acrescentado, mas é uma exigência de sua natureza. Mediante o intercâmbio com os outros, a reciprocidade dos serviços e o diálogo com seus irmãos, o homem desenvolve as próprias virtualidades; responde, assim, à sua vocação. Uma sociedade é um conjunto de pessoas ligadas de maneira orgânica por um princípio de unidade que ultrapassa cada uma delas. Assembleia ao mesmo tempo visível e espiritual, uma sociedade perdura no tempo; ela recolhe o passado e prepara o futuro. Por ela, cada homem é constituído “herdeiro”, recebe “talentos” que enriquecem sua identidade e com os quais deve produzir frutos. (CIC, 1879-1880).

Historicamente, registros sobre celebrações que envolvem socializações existem desde os primórdios do município, em grande parte por meio de fotografias. No exercício de compartilhamento das memórias de família são comuns as evocações sobre a igreja onde se casou, o padre que batizou, ou a festa do padroeiro da cidade onde se estava. De alguma forma, direta ou indiretamente, a Igreja é acionada em grande parte dessas memórias. Fenômeno este, que certamente contribui para a consolidação da representatividade do templo.

Esta representatividade não ocorre apenas de forma subjetiva. Ao longo do tempo, a Igreja, enquanto instituição, fornece parâmetros para o cumprimento da prática religiosa tendo o templo como local de vivência comunitária fraterna por excelência. O modelo pode ser pensado a partir do próprio Cristo, que realizou o que é considerado como seu primeiro milagre durante uma festa de casamento (bodas) em Caná da Galileia (Evangelho de João

2: 1-11). Nesta perspectiva, o Compêndio da Doutrina Social da Igreja (CDSI, 286)<sup>115</sup>, prescreve que “As autoridades públicas têm o dever de vigiar para que não se subtraia aos cidadãos, por motivos de produtividade econômica, o tempo destinado ao repouso e ao culto divino”.

Da mesma forma, o Concílio Vaticano II (1962-1965), por meio da declaração *Dignitatis Humanae*<sup>116</sup>, descreve que “a natureza social do homem exige que este exprima externamente os atos religiosos interiores, entre em comunicação com os demais em assuntos religiosos e professe de modo comunitário a própria religião”.

Outro indicativo para o exercício de socialização é o que se apresenta por meio do Documento 43, intitulado “Animação da vida litúrgica no Brasil”, formulado durante a 27ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em 1989 na cidade de Itaici, São Paulo, onde recomenda as seguintes diretrizes:

137. No nosso país, por toda parte, onde quer que se aglomerem moradias, o povo sente necessidade de local de reunião para celebrar sua fé. 138. No Missal e na Liturgia das Horas têm um natural destaque as festas de Dedicção das igrejas. Embora as exigências pastorais façam surgir hoje novos lugares para celebração litúrgica, o templo é o espaço mais conveniente para nosso culto. 139. O templo é sinal da presença e ação salvífica do Pai; é imagem do Corpo Místico de Jesus Cristo, único e verdadeiro templo, construído com pedras vivas para oferecer sacrifícios novos (cf. Jo. 2,19 e 21). O próprio Deus consente que nossos edifícios sejam sua casa, pois nesse espaço ele nos dá vivenciar a sua união conosco e a união entre nós. 140. Por isso, a igreja-edifício é sinal também da Igreja-Comunidade. Assim este edifício não é uma construção qualquer: é sinal da Igreja peregrina, é a imagem da Igreja celeste. 141. A Igreja, como família de Deus, precisa de uma casa, para reunir-se, dialogar, viver na alegria e na comum-união os grandes momentos de sua vida religiosa. 142. A Igreja-edifício deve ser funcional e significativa, favorecendo, através da configuração e distribuição dos dois espaços fundamentais, tanto a execução da ação litúrgica quanto a participação ativa dos fiéis. (CNBB, 1989, p. 52).

---

<sup>115</sup> Publicado inicialmente como Encíclica *Rerum Novarum*, pelo Papa Leão XIII, em 15 de maio de 1891, vindo posteriormente a ser chamado de “Doutrina Social da Igreja”. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html#\\_ftn62](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#_ftn62)>. Acesso em: 15 de fev. 2021.

<sup>116</sup> Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651207\\_dignitatis-humanae\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html)>. Acesso em: 15 de fev. 2021.

**Figura 20:** Evento sendo realizado em frente à Igreja São João Batista de Foz do Iguaçu, ainda inacabada.



Foto: Autor desconhecido. Data: Imprecisa (meados de 1930/1940).

Fonte: Painel *História*. Disponível em: <<https://terrinhadasaguasfz.wordpress.com/>>. Acesso em: 12 de out. 2020.

A fotografia exibida no Painel *História* ajuda a ilustrar o tema apresentando uma destas citadas celebrações, ocorrida em frente à Igreja Matriz São João Batista. A imagem corresponde ao período em que a torre da igreja ainda não havia sido finalizada. A árvore em frente ao acesso principal evidencia a estagnação das obras. As fontes não mencionam a motivação do evento. Contudo, é possível distinguir, em meio ao público, a participação do que parecem ser militares uniformizados. Um deles, inclusive em pé, em uma plataforma elevada semelhante a um palco, parece se dirigir à multidão, sugerindo, desta forma, se tratar de um evento cívico-religioso.

Conforme já citado, as celebrações eram improvisadas em espaços arranjados ou ao ar livre, como a que se apresenta na imagem. Uma situação que se estendeu por vários anos, tendo a residência dos padres, maior que a igreja, sendo finalizada bem antes dela.

Nesta perspectiva, vale aqui um adendo. Não é raro perceber, mesmo nos dias atuais, uma tendência no catolicismo de empreender ações em prol da construção ou restauração de seus templos. As campanhas são as mais diversas, podendo ser organizadas por meio da associação entre fieis, eventos beneficentes, rifas, bingos, jantares, ou qualquer outro meio que possa mobilizar a comunidade num esforço comum em favor da conclusão da edificação.

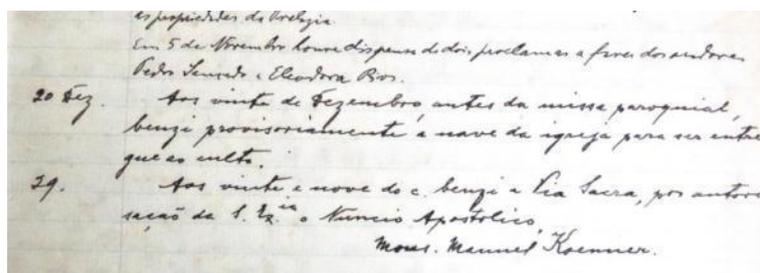
Notadamente, a conscientização acerca da ação voluntária participativa de cada indivíduo resulta em comprometimento e certo sentimento de protagonismo: “uma igreja que eu ajudei a construir”. Algo relevante para o estabelecimento de uma fidelização duradoura e uma conexão entre a obra e seu valor sentimental.

### 1.10. MONSENHOR MANOEL KÖNNER

Dando continuidade ao aspecto construtivo da igreja, o Painel *História* relata que “tendo a construção avançada e apresentando-se adequada para a utilização dos fiéis, a nave principal e a Via Sacra foram bentas e abertas ao público em dezembro de 1942 pelo Monsenhor Manoel Konner”.

A imagem a seguir, extraída do Livro Tombo da Paróquia São João Batista, evidencia esta realização. Após quase duas décadas em construção, o templo finalmente seria aberto ao público, mesmo que de maneira provisória, como o registro aponta.

**Figura 21:** Registro da abertura da Igreja ao público pelo Monsenhor Manuel Könnner, onde se lê: “Aos vinte de dezembro, antes da missa paroquial, benzi provisoriamente a nave da igreja para ser entregue ao culto”.



Fonte: Livro Tombo da Paróquia São João Batista, Vol. II, 20 de dezembro de 1942, p. 41.

A apresentação deste momento significativo para a comunidade católica de Foz do Iguaçu mostra-se atenuante, tendo em vista um contexto mais amplo. Enquanto a evolução da igreja física caminhava a passos lentos, neste íterim, seus administradores se viam inseridos num inconveniente de dimensões diplomáticas, resultando em mudanças significativas na conjuntura administrativa da Igreja:

No início da Segunda Guerra Mundial, os padres Teodoro Harbecke e Humberto Frisch, por serem cidadãos alemães, tiveram de afastar-se de Foz, por causa da Lei da Fronteira e do Litoral. Substituiu-os D. Manoel Könnner que, embora alemão, foi respeitado por ser autoridade eclesiástica. Quando ele foi preso por causa de denúncia de atividades subversivas, governou a Prelazia, como Vigário Geral, o Pe. Napoleão Lacerda de Avelar. No fim da guerra, os padres puderam reassumir a paróquia, mas a encontraram em péssimas condições: roupas, panelas, pratos, cobertores, materiais de carpintaria, tudo havia desaparecido. Apesar de tudo, a paróquia retomou seu ritmo, contando sucessivamente com o serviço dos padres Paulo Schorn, Teodoro Harbecke e Antônio Patuí. Em 1944, assumiu como pároco o Pe. Antônio Klein, tendo como

vigário o Pe. Anton Fertl. Dois anos depois, Pe. Klein foi substituído pelo Pe. Antônio Patuí, que, por sua vez, em 1947, deixou o lugar ao Pe. Martinho Seitz. Pe. Martinho concluiu a obra da igreja e construiu a torre, conseguindo com que o empresário Miguel Matte doasse os sinos. (GUIZZARDI, 2014, p. 61).

Foz do Iguaçu, naqueles anos 1940, cidadezinha ainda, timidamente localizada no extremo Oeste paranaense, distava milhares de quilômetros dos conflitos que abalavam o mundo. Contudo, o episódio ocorrido com Monsenhor Manuel Könnner, de alguma forma, conseguiu conectá-la à guerra. Ocorrência esta, não mencionada (ou evitada) no Painel *História*. Os escritos a seguir, sintetizam os acontecimentos:

Em 1937/1938 hospedava-se na casa dos Padres, naqueles anos a casa mais confortável da cidade, um membro da Família Real da Áustria, um Arqueduke de Habsburgo. Este tinha uma grande fazenda no Paraguai. Foi diversas vezes por semana com um próprio avião para lá, com cientistas e exploradores, para estudar o solo desta fazenda. No início de 1938 foi para Europa, mas prometeu voltar logo no mesmo ano. Mas quando em março de 1938 as tropas de Hitler invadiram a Áustria ele ficou preso e não voltou mais. Deixou aos cuidados dos padres alguns caixotes grandes com artigos de uso pessoal e artigos e material de trabalho para exploração das terras da fazenda. Continham também alguns fuzis e munição e 1-2 quilos de dinamite. Os padres nem sabiam do conteúdo destas caixas e guardaram religiosamente tudo num quarto sempre chaveado. Em 1942 havia na Foz do Iguaçu um homem que era bastante conhecido daquele Arqueduke austríaco e este sabia do conteúdo destas caixas, foi ele denunciar Mons. Könnner na Delegacia, de ter ocultado material bélico na sua residência, tudo proibido para estrangeiros pela Lei da Fronteira e do Litoral. Pobre do Mons. Könnner. Ele não sabia de nada, nem das caixas nem de seu conteúdo, pois era Provincial em 1938 com residência em Minas, e os outros Padres, ao lhe deixarem na casa sozinho, só lhe disseram, que naquele quarto havia caixas e coisas pertencentes ao Arqueduke. Na segunda metade de janeiro, antes da festa de São Sebastião, foi repentinamente declarado preso, dentro da sua residência, pelo próprio Delegado Regional da Polícia. Dias depois, em fins de janeiro de 1943, foi levado preso de ônibus, remetido a Curitiba, incomunicável. Por causa do tempo o ônibus pernitoou em Laranjeiras e Monsenhor conseguiu mandar um bilhete ao Vigário Pe. Paulo Schneider, deixando-o provisoriamente de Vigário Geral da Prelazia e pedindo a remessa de um Breviário, pois lhe tinham tirado tudo antes de partir. Por causa do mau tempo o ônibus pernitoou no dia seguinte em Guarapuava. Também conseguiu mandar um bilhete aos Padres, pedindo um cobertor para a noite e para chamar a atenção dos Padres sobre o fato doloroso da sua prisão. Em Curitiba depois de uns dias foi solto, até que foi obrigado a deixar o Estado do Paraná. (SEITZ, 1974, p. 29).

Este seria, portanto, o relato de um colega, membro do clero e pertencente à mesma congregação verbita do Monsenhor Könnner. Outra análise sobre este mesmo caso pode ser observada na tese desenvolvida pelo historiador Micael Alvino da Silva (2010), onde apresenta evidências que demonstram excessos por parte de autoridades na época, não somente aos religiosos, como também à Congregação do Verbo Divino, considerada pelo delegado regional de então como uma rede de espionagem nazista.

De acordo com Silva (2010, p. 155), os autos apontavam que Monsenhor Manoel Könnner e seus antecessores praticaram o crime previsto pelo art. 13 da Lei de Segurança Nacional: “Fabricar, ter sob sua guarda, possuir, importar ou exportar, comprar ou vender, trocar, ceder, ou emprestar, por conta própria ou de outrem, transportar, sem licença da autoridade competente, substancias ou engenhos explosivos, ou armas utilizáveis como de guerra ou como instrumento de destruição”<sup>117</sup>.

Conforme prescreve a Lei, a acusação contra o religioso não seria injusta. Em sua defesa, porém, havia o fato de o Monsenhor alegar não ser proprietário daquela caixa e ignorar o conteúdo dela. Entretanto, o mais pontual na análise de Silva (2010, p. 149), seria o aparente aspecto preconceituoso (ou xenofóbico) cometido contra estrangeiros, sobretudo os de origem alemã, na qual o processo se desenhou. Fator perceptível pela forma de condução e descrição dos autos registrados nos arquivos do DOPS-PR, apresentados na tese.

Por fim, já no Rio de Janeiro, Monsenhor Manoel Könnner foi sentenciado a três anos de reclusão “com grande espalhafato da imprensa inimiga”, conforme descreve o Livro Tombo da Paróquia São João Batista (Vol. II, 17 de outubro de 1943, p. 43). O registro atesta também que, após uma complexa mobilização, o então chefe de polícia, Coronel Nelson de Melo, por “um ato de gentileza” conseguiu evitar que o prelado fosse levado ao presídio de Ilha Grande<sup>118</sup>, sendo encaminhado à “penitenciária de mulheres delinquentes” em Bangú<sup>119</sup>, onde prestou serviços como capelão coadjutor.

Seitz (1974, p. 32), descreve que “em 15/02/1944, Monsenhor Könnner foi absolvido e seu processo arquivado, por carecer de base jurídica”. O processo teria sido considerado

---

<sup>117</sup> Relatório s/n. 22/01/1943. Pront. 0325, Top. 38, “Congregação do Verbo Divino de Foz do Iguaçu”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná (in SILVA, 2010, p. 155).

<sup>118</sup> O presídio de Ilha Grande era oficialmente chamado de *Instituto Penal Cândido Mendes*, e funcionou de 1903 a 1994, sendo conhecido por receber presos políticos.

<sup>119</sup> Atualmente denominado como Complexo Penitenciário de Gericinó, localiza-se na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

originário de fonte caluniosa. “Ao então denunciado, foi feita inteira justiça pelas autoridades brasileiras, principalmente militares, que permitiram a ele e a todos os padres alemães, de regressar novamente à Foz do Iguaçu”, completa Seitz.

Conforme a análise de Silva (2010, p. 158), a ocorrência não chegou a afetar a imagem da Igreja ou dos religiosos na cidade. Ao contrário, Seitz (1974, p. 24), descreve largamente sobre a receptividade calorosa concedida ao monsenhor Manoel Könnner em seu retorno às atividades da prelazia. O Padre Martinho Seitz dedica boa parte de seus escritos ao “bispo do sertão”, segundo qual, Monsenhor Könnner era conhecido, chamando atenção especialmente para seu perfil, descrevendo-o como pessoa de alma simples e abnegada, que fazia diversas diligências pelo vasto território da prelazia para visitar as comunidades assistidas pela Igreja, sempre à cavalo, calçando botas altas e chapéu largo, não aparentando ser prelado ou bispo.

Dom Manoel Könnner tem seu nome dado a um colégio estadual situado em Santa Terezinha de Itaipu, cidade vizinha a Foz do Iguaçu<sup>120</sup>; e a uma rua do bairro Interlagos em Cascavel. As imagens a seguir foram conseguidas do Livro *Jubileu Áureo: 19 de Março - 1895-1945 - 50º Aniversário da chegada dos primeiros missionários da Congregação do Verbo Divino ao Brasil (1945)*. A fotografia que mostra Monsenhor Könnner montado no cavalo serve para atestar o que Seitz descreve a respeito das características deste religioso. Não obstante, a outra foto apresenta o único registro encontrado do autor, Padre Martinho Seitz, conseguido durante pesquisas para esta tese.

**Figuras 22 e 23:** Monsenhor Manoel Könnner e Padre Martinho Seitz<sup>121</sup>.



Foto: Autor desconhecido. Data: Desconhecida.

Fonte: Livro *Jubileu Áureo: 19 de Março - 1895-1945 - 50º Aniversário da chegada dos primeiros missionários da Congregação do Verbo Divino ao Brasil (1945)*.

<sup>120</sup> Inicialmente, em 1967, denominada como Ginásio João XXIII pela Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC). Em 08/03/1971 o Governo do Estado do Paraná decretou *Escola Estadual Dom Manoel Könnner*, “devido a sua contribuição moral e religiosa para a educação”, conforme seu histórico.

<sup>121</sup> Autor/organizador do livro *1924-1974: Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu no seu cinquentenário (1974)*, uma das fontes primárias desta tese.

Retornando ao tema da igreja-edificação, conforme Seitz (1974, p. 37), o campanário<sup>122</sup> e o pináculo<sup>123</sup> só puderam ser concluídos em meados de 1950. Com a finalização da torre da Igreja, os sinos puderam ser ouvidos pela primeira vez durante a Missa de Natal de 1952.

**Figuras 24 e 25:** Os sinos da torre, da marca Bellini e as inscrições: “Em honra de São Miguel Arcanjo”.



Fotos: Valdir Garbin. Fonte: Painel *História*: 1950.

De acordo com Guizzardi (2014, p. 61), “Pe. Martinho Seitz concluiu a obra da igreja e construiu a torre, conseguindo com que o empresário Miguel Matte<sup>124</sup> doasse os sinos”. Conforme descrito no Painel *História*, seria uma retribuição pelo cumprimento de uma promessa feita a São João Batista<sup>125</sup>, pela graça de ter conseguido a documentação de suas terras. Acrescenta ainda que “Os sinos, encomendados de uma fundição em Garibaldi – RS<sup>126</sup>, foram instalados na igreja à meia altura por falta de madeira forte o suficiente para levar a pesada estrutura até mais alto, onde ficam os janelões em veneziana”. Seitz (1974, p. 36), relata que “Infelizmente, os alicerces feitos em 1930/32, eram muito fracos, fato que Pe. Martinho ignorava e dois anos mais tarde, deu-se uma catástrofe por causa destes

<sup>122</sup> De acordo com Ávila (1996, p. 30), *campanário* se trata de uma pequena torre, com duas, três ou quatro sineiras, uma em cada face, e separada do corpo da igreja.

<sup>123</sup> Conforme Bruce-Mitford (2002, p. 18), o *Pináculo* é o ponto mais alto de um determinado lugar, um edifício ou uma torre. No caso do templo católico, o pináculo simboliza o dedo de Deus que aponta para o céu.

<sup>124</sup> Na década de 1920 os pioneiros do município de Matelândia vieram de diversas cidades do Rio Grande do Sul, dentre eles Miguel Emídio Matte, proprietário da Gleba Iguazu (território que hoje compreende os municípios de Matelândia, Medianeira e São Miguel). O topônimo do município de “Matelândia” constitui homenagem a Miguel Matte, assim como o município de São Miguel, este último não oficialmente. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/matelandia.pdf>>. Acesso em: 05 de nov. 2020.

<sup>125</sup> Esta informação revela-se imprecisa, pois consta gravado em destaque nos sinos a frase “Em honra a São Miguel Arcanjo”. Este registro, por sua vez, parece fazer referência ao próprio Miguel Matte.

<sup>126</sup> Durante a pesquisa foram observadas hipóteses, principalmente entre familiares descendentes de Miguel Matte, de que os sinos teriam sido trazidos da Alemanha. Contudo, esta informação contradiz ao que está grafado nos sinos: “Sinos Bellini – Marca Registrada – Rio Grande do Sul - Indústria Brasileira”.

alicerces com o peso dos sinos em movimento”, possivelmente referindo-se ao episódio descrito aqui no já citado depoimento da Sra. Ana Rodinski.

É possível observar que desta anotação surge uma situação antagônica. Conforme Myskiw (2002, p. 147), em meados de 1920, Miguel Matte, juntamente com seus irmãos, organizou a *Companhia Florestal do Paraná S/A* com sede em Foz do Iguaçu, para explorar e colonizar a área. Período este, que se insere no primeiro dos quatro ciclos de evolução socioeconômica de Foz do Iguaçu (1870 a 1970), predominado pela extração da madeira e cultivo da erva-mate<sup>127</sup>, onde, historicamente, se observa uma intensa exploração de recursos naturais nativos por meio destas empresas denominadas *obrages*. Sobre este fenômeno exploratório, Welter (1992) expressa um veemente descontentamento:

Sinto-me feliz por ter recolhido, em tempo hábil, os testemunhos dos participantes dessas jornadas das hercúleas, cercadas de imprevistos e incertezas, mas que foram arrostadas com determinada fé e incontido amor a Deus e aos irmãos, perdidos nas profundezas das selvas subtropicais paranaenses que já não existem. Que já não existem porque os governantes responsáveis ou irresponsáveis fecharam os olhos diante da famigerada “marcha para o Oeste”, da década de 50, que levou de roldão uma das maiores áreas florestais de pinheiros cedros, perobas, ipês e tantas outras madeiras de lei de que se tem notícia em toda a história da América latina. Com essa mesma sanha voraz, devastaram, depois, Mato Grosso do Sul e ultrapassaram, finalmente, as fronteiras, rumo ao Paraguai, para exterminar também ali, grande parte das selvas, com sua pujante fauna e flora, tão decantadas por Moisés Bertoni. (WELTER, 1992, p. 38)

Por estes adendos, não seria implausível supor, portanto, que a “falta de madeira para sustentar os sinos” poderia ter sido causada pela ação exploratória de empresas como a do próprio Miguel Matte, o doador dos sinos.

### 1.11. A IGREJA FINALIZADA

O período construtivo da igreja que abrange o início dos anos 1950, até o final dos anos 1970, pode ser considerado o que corresponde ao da igreja concluída em sua

---

<sup>127</sup> Fonte: PDDIS FOZ – Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado Sustentável 2016, p.46. Secretaria Municipal de Planejamento e Captação de Recursos. Prefeitura de Foz do Iguaçu. Disponível em: <[http://www.cmfi.pr.gov.br/pdf/projetos/2565\\_3.pdf](http://www.cmfi.pr.gov.br/pdf/projetos/2565_3.pdf)>. Acesso em: 12 de out. 2020.

originalidade, ou seja, a consolidação do que teria sido planejado num projeto inicial<sup>128</sup>. Certamente não é possível determinar que a igreja tenha sido realmente finalizada em algum momento, visto que, em seu percurso, sempre houve algum tipo de intervenção construtiva, de maior ou menor magnitude. Algo que ocorre até hoje, conforme a objetivação de seus gestores. Contudo, neste período mencionado houve a apropriação do espaço interno do templo pela população católica local, inaugurando não só aquele ambiente, mas também os ritos e seus consequentes processos de socialização. Não se tratava mais da igreja em obras, mas sim da igreja habitável e usual, porém, não necessariamente nova.

Segundo Valdir Garbin<sup>129</sup> (2019), arquiteto responsável pelos recentes projetos de reforma da paróquia, o desenho original da igreja é de autoria desconhecida. O estilo é misto, podendo ser classificada como neoclássica, predominando algumas referências ao gótico nas esquadrias, nos arcobotantes, na cúpula nervurada do altar e no forro<sup>130</sup>. A igreja se manteve com essas características internas por aproximadamente 36 anos.

A imagem a seguir, ilustra o que seria a Igreja Matriz de Foz do Iguaçu em seu aspecto externo “original”. Características peculiares que lhe foram asseguradas para os dias atuais com poucas dissonâncias.

**Figura 26:** A Igreja Matriz com a torre concluída.



Foto: Kiyoshi Hiratsuka. Data: 1966.

Fonte: Facebook - Grupo Foz do Iguaçu e Cataratas Memória e Fotos Atuais<sup>131</sup>.

<sup>128</sup> Um planejamento que certamente sofreu alterações durante o longo período de sua concretização.

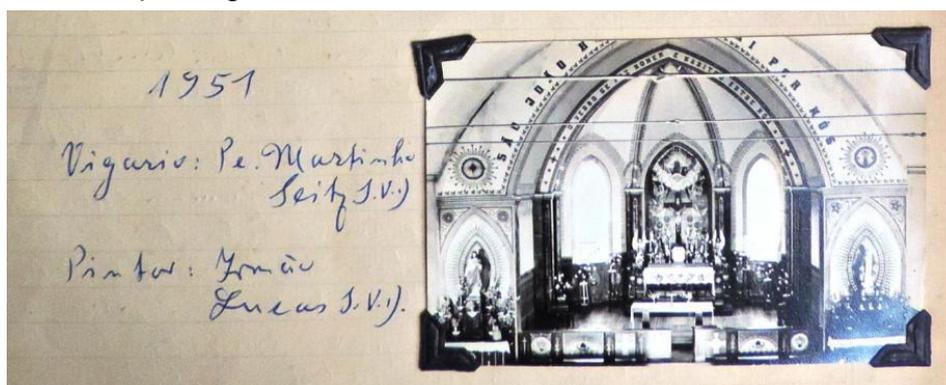
<sup>129</sup> Depoimento concedido à esta pesquisa em fevereiro de 2019. Anexo 11.

<sup>130</sup> Informações também contidas no Painel *História*.

Conforme descrito no Painel *História*, nos anos 1950 o aspecto interno da Igreja era caracterizado por ornamentos de arte sacra e detalhes construtivos com desenhos de temáticas bíblicas. Segundo Seitz (1974, p. 13), pintados artisticamente pelo Irmão Lucas Brudel SVD, de Posadas, Argentina, conforme é possível constatar na imagem a seguir, extraída de uma das páginas do Livro Tombo da Paróquia São João Batista.

**Figura 27:** Aspecto do presbitério em 1951.

Anotação: “Vigário: Pe. Martinho Seitz, SVD / Pintura: Irmão Lucas, SVD”.



Fonte: Livro Tombo da Paróquia São João Batista. Página 83, Vol.II, 1951.

Apesar da imprecisão estilística, o design se apresentava marcante por se assemelhar à inúmeras outras igrejas antigas existentes no Brasil. Algo que lhe conferia certo caráter histórico. Contudo, este seria um conceito violado pela descaracterização ocorrida em 1978. A aparência do templo antes desta intervenção, entretanto, serviu como referência para a reforma recente do templo. Um resgate à sua originalidade perdida, e que, como veremos adiante nesta análise, se configura como uma alegoria.

## 1.12. DOM ARMANDO CIRIO

Se por um lado havia a morosidade na evolução das obras, em sua estrutura administrativa a Igreja já antecipava mudanças. O Painel *História* informa que “em 1958 a Prelazia foi extinta e Foz do Iguaçu passou a ser uma Paróquia de Toledo, sob o comando do Bispo Dom Armando Círio”, pertencente à Congregação dos Oblatos de São José

<sup>131</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo/?fbid=3114167481947184&set=pcb.2692616940852024>>. Acesso em: 12 de abr. 2019.

(OSJ). Conforme Guizzardi (2014, p. 61), de 1960 à 1978, Dom Armando esteve a frente da Diocese de Toledo, a qual a Paróquia São João Batista pertencia. Posteriormente, tornou-se o primeiro bispo da Diocese de Cascavel<sup>132</sup>. Faleceu em 2014, aos 98 anos.

A Diocese de Toledo foi criada em 1959 por meio da *Acta Apostolicae Sedis*, promulgada pelo Papa João XXIII, com a descrição: “Com o território da prelazia *Nullius* de Foz do Iguaçu, totalmente extinta, são erigidas duas novas dioceses com o nome de *Campo Mourão e Toledo* no Brasil”.

A tese de Nilceu Jacob Deitos (2004) aponta que a criação destas dioceses não aplacou de imediato as precariedades da Igreja na região Oeste do Paraná. Dom Armando tomou a iniciativa de fundar seminários para preparar novos sacerdotes e, para atender o território, precisou criar diversas paróquias e buscar auxílio junto aos provinciais e congregações religiosas. Esta seria uma estratégia mais logística que expansionista, pois se tratava da capacidade de recursos para atender a crescente população oestina.

A ocasião em que Dom Armando tomou posse da Diocese, a área de abrangência era de em torno de 29.800 km<sup>2</sup> e era composta pelas paróquias de Toledo, Dez de Maio, Quatro Pontes, Guaíra, Palotina, Foz do Iguaçu, São Miguel do Iguaçu, Medianeira, Cascavel, Cafelândia, Corbéia, Guaraniaçu, Laranjeiras do Sul, Campo Novo (hoje Quedas do Iguaçu), Virmond e Marquinho. Na época existiam no território da Diocese 21 padres, sendo que 12 sacerdotes eram missionários do Verbo Divino, dois padres da Sociedade de São Vicente Palotti (Palotinos) e sete do clero diocesano<sup>133</sup>.

Ainda conforme Deitos (2004, p. 94), a Igreja, sob o comando de Dom Armando Círio, se esforçou em definir o espaço diocesano empreendendo a construção de paróquias, sendo que cada qual deveria ter sua igreja e casa paroquial. Como resultado desta objetivação, Dom Armando aponta que, em 1972, a diocese chegou a ter 37 igrejas matrizes em construção.

Em consonância com este ideal estão alguns dos registros encontrados no Livro Tombo da Paróquia São João Batista. Neles é possível conhecer uma mobilização na intenção de erguer uma nova Igreja Matriz São João Batista no lugar da antiga, que, segundo Dom Armando, se apresentava em precárias condições de preservação:

<sup>132</sup> Cf. CIRIO, Dom Armando. *Anotações da vida e da atuação da Arquidiocese de Cascavel: 1978-1996*. Org. Maria Tânia de Oliveira. ; Pe. Antonio Carlos Gerólomo. ASSOESTE. Cascavel - PR. 2014.

<sup>133</sup> Disponível em: <<http://www.diocesetoledo.org/diocese/historico/94>>. Acesso em: 05 de nov. 2020.

Necessário é mencionar projetos e propósitos para levantar uma Matriz mais espaçosa no centro da cidade, pois a velha igreja tornou-se cada vez mais insuficiente. A torre já se soltava do corpo da igreja, as paredes precisam ser seguradas por barras de ferro e por ser pequena tínhamos que rezar aos domingos 4 missas. O Sr. Bispo, Pe. Provincial, Pe. Bernardo<sup>134</sup> e o povo em geral estava de acordo. Eu hesitava prevendo bastantes dificuldades, finalmente aderi ao plano. Foi marcada e feita a festa da Iª Pedraria o “Ato de lançamento da Pedra Fundamental da Nova Igreja Matriz de Foz do Iguaçu”. Aos 25 dias do mês de junho (6º) do ano mil novecentos e sessenta e sete (1967), sendo Papa Sua Santidade Paulo VI, Presidente da República o Sr. Artur Costa e Silva, Governador do Estado Dr. Paulo Pimentel, Bispo Diocesano Dom Armando Cirio, Vigário da Paróquia Pe. João Assmann SVD, Prefeito Municipal Sr. Ozires dos Santos – no ano da Fé, após diversos discursos proferidos pelos oradores perante grande multidão do povo presente, foi benta pelo Sr. Bispo Diocesano a nova Pedra Fundamental da Nova Igreja Matriz da Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu. Houve grande entusiasmo por parte do povo de Foz do Iguaçu, interesse esse demonstrado pela valiosa cooperação dada em generosas ofertas para que o novo monumento a ser levantado seja um marco aos pastores da sua fé e amor a Igreja. Ass.: + D. Armando Cirio, Bispo de Toledo e mais 36 assinaturas, entre elas a do Comandante do Iº Batalhão de Fronteira: Cel. Jaime de Paiva Belo. (Livro Tombo da Paróquia São João Batista. Vol. II, 1967, p. 90).

Nesta análise, vale aqui ressaltar o aparente critério prático que envolve as discussões sobre a referida nova igreja. O texto citado do Livro Tombo não fala sobre demolição da igreja antiga, mas também não se observa em nenhum trecho a cogitação de um restauro ou preservação, nem mesmo uma menção que faça referência ao seu valor histórico. Fator indicativo de que, naquela época, o critério usual do templo é o que regia seus propósitos. Se a igreja não correspondesse às necessidades práticas, bastaria substituir por outra com melhores acomodações. É possível intuir que esta postura de indiferença ao seu valor histórico pode estar associada a critérios culturais, de locais ou épocas onde se observa certa objetividade nas ações e onde a ideia de preservação patrimonial se apresentava incipiente.

De qualquer forma, mesmo com toda a mobilização empreendida, a intenção não logrou sucesso, e a igreja original se manteve em pé, pelo menos por mais algumas

---

<sup>134</sup> Conforme descrito em um impresso de lembrança de falecimento encontrado durante as pesquisas, o religioso alemão Padre Bernardo Plate, SVD, (1896-1968) era conhecido por seu perfil calmo e ponderado. Na juventude, foi incorporado ao exército alemão na Primeira Guerra Mundial, onde foi dispensado por problemas de saúde. Ingressou na Congregação do Verbo Divino, onde foi ordenado em 1927. Enviado ao Brasil, trabalhou em Araraquara (SP), Ponta Grossa e Foz do Iguaçu. Tem seu nome dado a uma das ruas da região central de Foz do Iguaçu.

décadas. A citação a seguir é uma continuação da anterior, transcrita exatamente como se lê nas páginas do Livro Tombo, anotado em próprio punho por Dom Armando Cirio:

Porém... entretanto... houve troca na Província SVD. Pe. Pedro Kolz foi substituído pelo Pe. José Couto Motta. Saindo no tempo da preparação da festa recebemos uma missiva em nome do Conselho Provincial: “enquanto os bairros não tiverem igrejas de material, o Sr. não pode começar nova igreja no centro”. Reclamações! Resposta: o Conselho Provincial continua firme em sua decisão! *Roma locuta est*<sup>135</sup>. Pra sair do dilema, constava no boletim da festa: “Em benefício da Nova Igreja Matriz e de novas igrejas nos bairros de Maracanã e de Vila Yolanda”. Morreu, por enquanto sem projeto, mas surgiram dois outros para atender as necessidades que de fato existiam. Tudo foi feito em santa obediência. (Livro Tombo da Paróquia São João Batista. Vol. II, 1967, p. 91).

O estilo redacional deste registro foge um pouco do padrão documental. Indicando certo sarcasmo, a anotação de Dom Armando assume uma narrativa coloquial que evidencia uma aparente contrariedade à determinação do Conselho Provincial, onde ele finaliza com um leve tom irônico como “feito em santa obediência”. Desta feita, por pouco a Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu original não teria se transformado em apenas lembranças, já naquela época. Entretanto, providencialmente, as igrejas dos bairros Maracanã e Vila Yolanda foram beneficiados, tendo seus templos edificadas pelos incentivos decorrentes deste episódio.

A imagem a seguir é componente do Painel *História* e apresenta o evento de inauguração da Pedra Fundamental da nova igreja matriz. Na imagem estão Dom Armando Cirio e Padre Bernardo Plate, conforme descrito na citação.

**Figura 28:** Anotação: “Bênção da pedra fundamental da nova Igreja Matriz São João Batista, dia 25 de junho de 1967 pelo Revmo. Sr. Bispo Diocesano D. Armando Cirio”.



Foto: Autor desconhecido.

Fonte: Painel *História*: 1967 / Livro Tombo da Paróquia São João Batista. Página 96, Vol. II, 1967.

<sup>135</sup> Do termo em latim “*Roma locuta est, Causa finita est*”, traduzido: “Roma falou, a causa está encerrada”.

O período de episcopado de Dom Armando Cirio corresponde ao do golpe militar ocorrido no Brasil em 1964. As fontes pesquisadas, porém, não revelam ocorrências decorrentes daquele evento com maiores implicações na esfera eclesial do Oeste paranaense.

A igreja-edificação, entretanto, recebeu naquele tempo um elemento arquitetônico decorativo preservado até os dias atuais. Em 1964, por ocasião do aniversário de 40 anos de fundação da Paróquia São João Batista, foram instalados na igreja vitrais em estilo mosaico. Estes vitrais foram mantidos intactos na recente reforma na qual a igreja foi submetida e servem também como elemento indiciário para as discussões sobre o caráter alegórico em análise nesta tese, conforme veremos posteriormente.

### 1.13. PADRE GERMANO LAUCK

1972: Em janeiro de 1972, Padre Germano Lauck, SVD, tomou posse como Vigário e permaneceu na Paróquia até seu falecimento em 1º de março de 2009. Mesmo com dificuldades decorrentes do acidente de carro que o deixou tetraplégico em 1975, seus 37 anos de convívio com a comunidade iguaçuense são lembrados por sua alegria e incontáveis obras de caridade, criações de pastorais e estreitamento dos laços com a sociedade. (Painel *História*. PSJB, 2015).

O trecho citado no Painel *História* foi extraído dos escritos de Dom Laurindo Guizzardi (2014, p. 62), onde é salientada a dinâmica pastoral deste religioso. Seu desempenho é evidenciado por suas ações. Sobre sua biografia, o texto apresentado no memorial ao Padre Germano Lauck, localizado no interior do Hospital Municipal de Foz do Iguaçu, acrescenta que este sacerdote nasceu em 23 de março de 1934, em *Hasborn*, Alemanha, ingressou no seminário da Congregação do Verbo Divino na Áustria em 1954.

Enviado ao Brasil em 1972, assumiu a Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu naquele mesmo ano. Bastante atuante, implantou a missa dominical transmitida por rádio, ajudou a criar o Centro Pastoral Paroquial<sup>136</sup>, o Núcleo Sagrada Família e o Projeto Esperança e Vida. Em 1988 recebeu de Dom Olívio Fazza a função de vigário geral e

---

<sup>136</sup> Inaugurado por Dom Olívio Fazza em 24 de junho de 1992, o Centro Pastoral Padre Germano Lauck localiza-se no mesmo terreno da Igreja Matriz São João Batista e conta com salas para catequese e formações. O salão principal é utilizado, principalmente, para encontros da comunidade neocatecumenal, que o próprio padre ajudou a criar. Recebeu uma reforma em 2019 que deixou o espaço mais aprimorado.

judicial da diocese. Foi homenageado em 2006 pela Câmara Municipal<sup>137</sup> com o título de cidadão honorário de Foz do Iguaçu por sua relevante contribuição missionária em prol da fé cristã. Tem seu nome dado ao Centro Pastoral da Paróquia<sup>138</sup> e ao atual Hospital Municipal<sup>139</sup>.

Pelo tempo de atuação e presença, Padre Germano Lauck é, possivelmente, o religioso ligado à Paróquia São João Batista mais lembrado junto à comunidade iguaçuense. Atualmente alguns de seus pertences estão preservados em um cômodo da casa paroquial, assim como os de Dom Olívio. Segundo Padre Vicente (2019), existe a intenção de que, futuramente, estes artefatos possam ser devidamente organizados como espaço memorial para receber a visitação pública<sup>140</sup>. Contudo, os objetos mais representativos já foram destinados ao memorial do Padre Germano localizado no Hospital Municipal.

Falecido no dia primeiro de março de 2009, Padre Germano foi sepultado aos fundos da Igreja, numa área de fácil acesso próximo ao estacionamento, recebendo visitação frequente dos paroquianos. Este incremento tende a proporcionar aprimoramento ao espaço sagrado, tornando a Igreja não apenas uma obra de valor histórico, como também de visitação devocional.

Em caráter meramente ilustrativo, as imagens a seguir não estão apresentadas no Painel *História*, contudo, apresentam registros fotográficos de alguns locais e fatos memoráveis relacionados ao Padre Germano Lauck.

---

<sup>137</sup> Existe um espaço memorial no saguão de entrada da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu que contém objetos e livros antigos. Neste local estão expostas algumas fotografias da inauguração da Câmara antiga (Praça Getúlio Vargas), onde aparece o Padre Germano Lauck na celebração inaugural, ocorrida em 07 de setembro de 1972.

<sup>138</sup> O Centro Pastoral Padre Germano Lauck foi inaugurado em 1992. Conta com auditório e salas de reunião e de Catequese. Fica localizada nos fundos do terreno da paróquia.

<sup>139</sup> O Hospital Municipal Padre Germano Lauck foi oficialmente inaugurado em 10 de junho de 2011. Está inserido na rede de estabelecimentos de saúde, vinculados ao SUS, sob a gestão da Fundação Municipal de Saúde de Foz do Iguaçu. A instituição é a maior do extremo Oeste do Paraná, atendendo os nove municípios da 9ª Regional de Saúde; pacientes advindos da Tríplice Fronteira, assim como também é referência em emergência e trauma aos turistas brasileiros e estrangeiros sem seguro. Disponível em: <<http://www.hmpgl.com.br/>>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

<sup>140</sup> As condições de desgaste do prédio da Casa Paroquial ocasionadas pela ação do tempo e a precariedade de acesso ao andar superior, que é onde fica o local onde estão mantidos os objetos, dificultam este projeto.

**Figura 29 e 30:** Padre Germano Lauck celebra missa durante a inauguração da primeira sede oficial da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, situada na Praça Getúlio Vargas. A fotografia encontra-se em exposição permanente no memorial da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu.



Figura 29: Foto: Autor desconhecido. Data: 07 de setembro de 1972. Fonte: Memorial da CMFI.

Figura 30: Foto: Mac Fernandes. Data: outubro de 2020.

**Figura 31:** Fotografia vinculada à matéria publicada na *Revista Painel* sobre o acidente de carro ocorrido em 02 de julho de 1975, que deixou o Padre Germano Lauck tetraplégico.



Foto: Autor desconhecido. Fonte: Revista Painel – N°23, dezembro de 1975.

**Figura 32:** Padre Germano Lauck recebe o título de Cidadão Honorário de Foz do Iguaçu.



Foto Autor desconhecido. Data: 12 de junho de 2006. Fonte: Câmara Municipal de Foz do Iguaçu.

**Figura 33 e 34:** Hospital Municipal Padre Germano Lauck e o memorial ao religioso.



Foto: Mac Fernandes. Data: Ano 2020.

**Figura 35, 36 e 37:** O Centro Pastoral, recentemente reformado; a placa de inauguração (1992); e o túmulo do Padre Germano Lauck aos fundos da Igreja Matriz São João Batista.



Foto: Mac Fernandes. Data: 2020.

#### 1.14. DOM OLÍVIO FAZZA

Anos 1980: Dom Olívio Aurélio Fazza SVD, mineiro de Juiz de Fora, dirigiu a diocese de Foz do Iguaçu de 1978 a 2001, quando se tornou emérito. Nesse período, foi representante dos bispos do Paraná na Comissão de Pastoral da Terra, na Pastoral da Saúde, no Regional Sul 2 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e vice-presidente do Regional Sul 2. Tinha excepcional carinho pela Catedral São João Batista, onde estava sempre presente em reuniões pastorais e celebrações especiais. Faleceu no dia e Natal de 2008, aos 83 anos, no Hospital Costa Cavalcante em Foz do Iguaçu, e seu corpo está sepultado junto ao do amigo Pe. Germano Lauck, no terreno ao fundo da Paróquia São João Batista, como era de seu desejo. (Painel *História*. PSJB, 2015).

Outro religioso verbita em destaque no Painel *História*, Dom Olívio Aurélio Fazza, fez os votos em 5 de março de 1955, em São Paulo. Foi professor e educador dos irmãos da Sociedade do Verbo Divino (1955-1958), no Seminário Menor, em Toledo (1959-1962);

mestre de noviços dos irmãos e vigário, em São Paulo (1963-1975) e superior provincial da congregação, em São Paulo (1975-1978). Foi o primeiro bispo de Foz do Iguaçu, tendo estado à frente dessa diocese de 1978 até 2001, ano em que foi aposentado. Foi sagrado pelo arcebispo Dom Geraldo Maria de Moraes Penido.

Em 1978 foi criada a Diocese de Foz do Iguaçu<sup>141</sup>, com Dom Olívio Aurélio Fazza, SVD, como seu primeiro bispo, e a Paróquia São João Batista passou a ser a Catedral. Em outubro do mesmo ano iniciou-se a reforma que mudaria drasticamente as características internas da igreja, como veremos no capítulo seguinte.

A tese de Mezzomo (2009), destaca o papel de Dom Olívio em sua atuação na esfera social da diocese, considerando uma vanguarda nas problemáticas emergenciais que envolviam a população do Oeste do Paraná, tais como a fome, a violência, o desemprego e a migração forçada. Essas interações, por vezes conflitivas, lhe renderam notoriedade como religioso convicto de sua autoridade eclesial, impactando suas ações na sociedade civil em suas lutas contra injustiças. Seu desempenho obteve o reconhecimento da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu que, em 2005, lhe homenageou com uma Moção de Aplauso por suas contribuições junto à sociedade iguaçuense<sup>142</sup>. O religioso também teve uma homenagem póstuma, com seu nome dado ao CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil Dom Olívio Aurélio Fazza<sup>143</sup>, inaugurado em 2012, quase quatro anos após sua morte.

Na época de seu falecimento, seu corpo foi sepultado, a princípio, na Paróquia São João Batista, ao lado do túmulo de Pe. Germano Lauck, no terreno atrás da igreja. Em 2018 o corpo de Dom Olívio foi trasladado para a cripta<sup>144</sup> da nova catedral Nossa Senhora de Guadalupe, na Vila A, assim que esta parte da obra foi concluída.

---

<sup>141</sup> A Diocese de Foz do Iguaçu foi criada pelo decreto de sua Santidade o Papa Paulo VI no dia 05 de maio de 1978, com a bula “DE CHRISTIANI POPULI”. Foi instalada a 26 de agosto de 1978. Ela foi desmembrada da Diocese de Toledo com os territórios integrais dos municípios de Foz do Iguaçu, Céu Azul, Matelândia, Medianeira, São Miguel do Iguaçu e Santa Helena. A Diocese é composta atualmente por 14 municípios e 27 Paróquias. Disponível em: <<https://diocesedefoz.org.br/>>. Acesso em: 15 de abr. 2020.

<sup>142</sup> Disponível em: <<http://www.camarafoz.pr.gov.br/noticiasdetalhesV.php?p2=173>>. Acesso em: 05 de nov. 2020.

<sup>143</sup> Localizado na Av. Tancredo Neves, 4203, Foz do Iguaçu - PR.

<sup>144</sup> “Cripta” refere-se a uma capela inferior, normalmente localizada abaixo do corpo principal de uma igreja. Às vezes, uma capela da cripta terá uma área para enterro subterrâneo, mas esse nem sempre é o caso. Muitas vezes, uma paróquia constrói uma cripta, mas seu uso se restringe a ser uma capela secundária para a celebração da missa ou o local para a adoração eucarística perpétua. As criptas nos remetem espiritualmente aos primeiros cristãos que adoravam a Deus no subsolo nas catacumbas, confiando a Ele os restos mortais de

**Figura 38:** Missa da posse de Dom Olívio Aurélio Fazza como Bispo da Diocese de Foz do Iguaçu realizada no pátio da então Catedral São João Batista<sup>145</sup>.



Foto: Autor desconhecido. Data: 26 de agosto de 1978. Fonte: Painel *História*: Anos 1980.

Vale ressaltar a importância dada à Catedral São João Batista, não só pelo título, mas também por seu vínculo com Dom Olívio. A Enciclopédia Católica<sup>146</sup> descreve *Catedral* como sendo a igreja principal de uma diocese, na qual o bispo tem o seu trono (cátedra) e perto da qual está a sua residência. É, propriamente falando, a igreja do bispo, onde ele preside, ensina e conduz o culto para toda a comunidade cristã. A palavra é derivada do grego *kathedra* através do latim *cathedra*, trono, assento elevado onde se senta o Bispo. Na literatura eclesiástica primitiva, sempre transmitiu a ideia de autoridade.

A vultuosidade refletida por meio do perfil pastoral de Dom Olívio Fazza conferia, portanto, certo status de nobreza à catedral. Este fator favoreceu algumas manifestações de resistência por parte de paroquianos mais conservadores quando se cogitou a mudança do título para a nova Catedral Nossa Senhora de Guadalupe, considerando o fato como uma espécie de rebaixamento. De qualquer forma, certamente a morosidade das obras da nova catedral colaborou para que a mudança desta mentalidade ocorresse de maneira gradativa.

Ao final, o Painel *História* descreve algumas obras e ajustes ocorridos a partir dos anos 2000. Na linha sucessória episcopal, é acrescentado que “Após Dom Olívio, o

---

seus amados mortos. É uma tradição na Igreja Católica, que continua a ter grande significado quase 2.000 anos depois. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2019/11/08/os-2-significados-da-cripta/>>. Acesso em: 05 de jun. 2020.

<sup>145</sup> Concelebrando com Dom Olívio, aparece na imagem o, então padre, Dom Getúlio Teixeira Guimarães, SVD, bispo emérito da Diocese de Cornélio Procópio (PR), falecido em 1º de agosto de 2020 aos 83 anos; e o Núncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco, falecido em 12 de maio de 1982 aos 70 anos.

<sup>146</sup> Disponível em: <<https://www.newadvent.org/cathen/03438a.htm>>. Acesso em: 05 de nov. 2020.

comando da Diocese de Foz do Iguaçu passou para Dom Laurindo Guizzardi, CS<sup>147</sup>, de 2001 a 2010, quando então foi sucedido por Dom Dirceu Vegini”. Este último, no entanto, falecido em 2018<sup>148</sup>. Atualmente a diocese de Foz do Iguaçu é dirigida por Dom Sérgio de Deus Borges<sup>149</sup>.

Como proposição para a leitura do Painel *Reforma*, que será evocado no capítulo seguinte, o Painel *História* justifica que “O uso frequente e a deterioração causada pelo tempo fazem exigir uma nova intervenção, desta vez não só estética, mas também estrutural”.

---

<sup>147</sup> A Congregação dos Missionários de São Carlos, também conhecidos como Carlistas ou Escalabrinianos, foi fundada em 1887 pelo Beato italiano João Batista Scalabrini.

<sup>148</sup> Dom Dirceu Vegini, assim como Dom Olívio Fazza, foi sepultado na cripta da nova catedral N.Sra. de Guadalupe, na Vila A.

<sup>149</sup> De acordo com a cúria de Foz do Iguaçu, Dom Dirceu Vegini e Dom Sérgio de Deus Borges são Bispos de formação diocesana, portanto, não ligados a uma ordem ou congregação específica.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 1

Conforme proposto, este capítulo procurou desenvolver análises sobre a historiografia da Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu, tomando como elemento indiciário o Painel *História*, donde foi possível escrutinar fatos e personagens delineados de forma cronológica em sua apresentação.

Destarte, foi possível perceber, primeiramente, a possibilidade de ampliação dos temas por meio da pesquisa. As fontes puderam aclarar pessoas e fatos pouco explorados nas narrativas habituais. Esta carência pôde ser detectada também no Painel. A história sintetizada no enquadramento revela-se bem mais prolífera e potencialmente expansiva.

A maior parte das diversas fontes de pesquisa demonstra que, de alguma forma, a origem das informações que compõem a cronologia partiram de um registro realizado por religiosos, o que poderia resultar em uma descrição unilateral. Desta forma, tanto o conteúdo do Painel *História* como também o destes escritos, configuram-se como uma memória eclesial, uma historiografia indiciária produzida a partir da própria instituição. De qualquer forma, a escassez de outras fontes, ou de facilitadores de acesso a elas, torna o conteúdo apresentado no Painel um dos poucos elementos referenciais acessíveis para o conhecimento acerca da história da Igreja local.

No decorrer da investigação, foi possível tecer um paralelo entre o que se apresenta no painel e o que outras fontes de pesquisa puderam revelar, demonstrando ratificação em quase a totalidade das informações. Uma inconsistência detectada seria a apresentação do nome de Dona Elzira (doadora da imagem de São João Batista), como “Senhora Leiva”, cujo equívoco estaria já na fonte da informação, o livro do Padre Lotário Welter (1992, p. 12).

No início da narrativa foi possível perceber a participação do poder público nos primórdios de implementação da Igreja Católica na cidade, porém as motivações não são aclaradas nas fontes. O terreno doado pelo prefeito Jorge Schimmelpfeng não apenas se localizava em local nobre como também ajudou a enobrecer o prédio, pois se situava em local elevado, dando destaque e visibilidade ao templo e, conseqüentemente, enaltecendo sua instituição<sup>150</sup>. Notadamente, outras denominações religiosas não tiveram semelhante

---

<sup>150</sup> Essa característica geográfica é encontrada no texto de Welter, onde, em seus primórdios, ele aponta o local como *Vila Alta*. “Botafogo se chamava a parte do povoado que dava para os lados do quartel militar atual, e Vila Alta, o lado oposto, onde se encontram a casa paroquial e a Catedral” (WELTER, 1992, p. 13).

tratamento naquela época, o que caracteriza certo aspecto de elitismo. O livro de registros da prefeitura trás em uma de suas páginas a anotação da presença de um centro espírita já naquele tempo. Um exemplo de que, mesmo de forma rudimentar, já havia a presença de outras denominações religiosas na cidade<sup>151</sup>. Observação que está em consonância com o destacado pelo historiador José Carlos dos Santos:

Os espaços de colonização foram lugares de disputas acirradas entre agências e agentes do sagrado. Houve uma franca disputa entre católicos e protestantes, mas, como um microcosmo simbólico, outras agências se inseriram e prosperaram. Não é possível até o final da década de 70 quantificar ou ter dados históricos sobre religiões e crenças afro. Com certeza eles existiram, resistiram seja de forma instituída, seja no espaço doméstico. (SANTOS, 2008, p. 85).

Sobre a fotografia do incêndio da igreja em 1925, pode-se concluir que, de forma aparente, não há nada na imagem que evidencie o episódio da Coluna Prestes em Foz do Iguaçu. Existem outras imagens de autoria diversa que retratam de forma mais direta a passagem da Coluna pela cidade, apresentando seus soldados em formação ou em pose para as fotos. Diferente destas, no entanto, a fotografia de Harry Schinke contém um fator de subjetividade, suscitando interrogações sobre o porquê de aquela igreja estar pegando fogo.

De forma mais ampla, é possível pensar que a ocorrência registrada na foto vincula a então pequena Foz do Iguaçu à um significativo capítulo da história do Brasil. Contudo, ignorar este vínculo torna-se procedente, uma vez que é possível deduzir que essa referência não é explícita, justamente por não conter elementos diretos que evidenciem seu contexto.

Grande parte das diversas publicações existentes sobre a Coluna Prestes cita, mesmo que parcamente, a passagem do levante pela região de Foz do Iguaçu. A cidade aparece, por exemplo, na maioria dos mapas que traçam as rotas por onde as tropas percorreram. Embora aparentemente escassos, os registros documentais existem. Contudo, nos quase cem anos que se passaram do ocorrido, restaram poucas evidências materiais que

---

<sup>151</sup> Os escritos de Welter também apontam um indício de cisão popular no próprio meio católico daqueles tempos incipientes, e a pronta ação do Monsenhor Guilherme em contornar tal cenário: “Liderava o Botafogo uma tal de Ana Maria, com sua igreja do Divino. Sua clientela lhe obedecia cegamente. Com a chegada dos padres ela se sentiu inferiorizada e se afastava sempre mais da igreja central, com seu povo. Mons. Guilherme foi a seu encontro, convidou-a a participar das festas da igreja matriz com a bandeira do Divino, a que ela uniu, e assim se juntou à comunidade e com ela seus adeptos e, juntos, fizeram a festa e a procissão de São João Batista, desse ano em diante. Dna. Joconda acrescentou que Ana Maria era ‘mulher da vida’ e que, nessa mesma oportunidade abandonou totalmente a vida mundana que levava até então”. (WETER, 1992, p. 13).

lhe façam referência, o que torna a fotografia do incêndio da igreja um raro registro, mesmo que este esteja indiretamente vinculado ao tema.

As pesquisas demonstraram que, paralelamente ao seu contexto, o incêndio apresentado na fotografia configura-se também como um marco de transição entre a antiga e a nova igreja que viria a surgir.

No que tange às mudanças construtivas e administrativas sobre a Igreja Matriz São João Batista, a pesquisa evidenciou as fases do processo linear de transição entre capela, curato, prelazia, paróquia, catedral e novamente paróquia (ou Igreja matriz). As ocorrências mais pontuais detectadas podem ser observadas no gráfico a seguir:

<b>ANO</b>	<b>OCORRÊNCIA</b>
1907	Visita esporádica de um padre de Posadas, Argentina.
1916	Doação de um terreno pelo prefeito Jorge Schimmelpfeng. Construção de uma capelinha em madeira.
1922	Nomeação do Padre Guilherme Thiletzek como encarregado da Igreja de Foz do Iguaçu.
1924	A capela foi transformada em Curato. Escolha de São João Batista como padroeiro da cidade.
1925	Incêndio da capela em madeira. Início da construção da nova igreja em alvenaria e da casa paroquial.
1926	Criadas a diocese de Ponta Grossa e Prelazia de Foz do Iguaçu. Padre Thiletzek é nomeado “monsenhor” e primeiro administrador da prelazia.
1942	Após longo período em construção, a igreja é aberta ao público pelo Monsenhor Manoel Könnner, mesmo inacabada.
1952	Conclusão da torre e da obra da igreja pelo Padre Martinho Seitz.
1958	A prelazia foi extinta e Foz do Iguaçu passou a ser uma paróquia de Toledo, sob o comando do bispo Dom Armando Círio.
1978	Criada a Diocese de Foz do Iguaçu com Dom Olívio Aurélio Fazza como seu primeiro bispo. A Paróquia São João Batista passa a ser Catedral. A igreja original é descaracterizada com a ampliação das paredes laterais e uma reforma interna.
2007	Com a criação da nova Catedral Nossa Senhora de Guadalupe, a Catedral São João Batista volta a ser Paróquia, conhecida também como Igreja Matriz.
2013	Início da reforma/demolição/reconstrução da Igreja Matriz São João Batista.
2015	Reinauguração da Igreja Matriz São João Batista.

Autor: Mac Fernandes.

A Congregação do Verbo Divino se destaca no Painel, não só por ser a representação católica pioneira na região Oeste no início do século vinte, como também por sua marca. É

perceptível o esforço de implantação não só de uma representação católica em Foz do Iguaçu, mas da imagem da instituição verbita. A sigla SVD figura em suas edificações desde aquele tempo até os dias atuais<sup>152</sup>. Destarte, o texto dedica especial atenção a alguns religiosos do Verbo Divino, especialmente Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, Padre Germano Lauck e Dom Olívio Aurélio Fazza. A memória destes clérigos é afirmada pelo exercício de nomeação de vias públicas, obras assistenciais, de saúde e educação<sup>153</sup>. Estes seriam recursos duradouros preconizados por indivíduos ou instituições com intuito de relembrá-los ou apresentá-los às novas gerações.

Sobre estes religiosos citados, empiricamente é possível perceber que atualmente o nome “Monsenhor Guilherme” está mais vinculado às obras homônimas que ao catolicismo. Em âmbito geral, ao mesmo tempo em que o nome é popular, a pessoa do religioso é desconhecida. Por este fato, o Painel cumpre papel de conectar o nome ao personagem, ao menos de forma parcial.

Mais recente é a figura de Padre Germano Lauck, que se consolidou por seu longo tempo de atividade à frente da Paróquia São João Batista. Pensando subjetivamente, durante um longo tempo ele foi a imagem daquela igreja, sendo sua lembrança acionada rapidamente quando se mencionava aquela Paróquia, algo que ainda ecoa por meio das gerações de católicos que, em algum momento, tiveram passagem por ela. Por esta razão, o fator de contemporaneidade cumpre papel auxiliar para a manutenção de memórias em torno deste personagem.

Dom Olívio Aurélio Fazza destoa da maioria dos citados por ser um personagem de ação que concentrou esforços além do perímetro religioso para promover transformações no meio civil. Sua biografia revela um comprometimento com seu símbolo apostólico “*in uno spiritu*”, maior que sua congregação. Se por um lado a Catedral São João Batista tinha esse título enobrecido pelo Bispo, por outro lado, este era o lugar em que Dom Olívio menos estava presente, a não ser em celebrações litúrgicas especiais. O fato de não se fixar ali não significava indicativos de menosprezo, mas revelava uma dinâmica de atuação cujo comprometimento era bem mais abrangente.

---

<sup>152</sup> A Igreja Matriz São João Batista atualmente conta com o desenho do rosto de seus fundadores nos vitrais laterais do templo. A sigla SVD, juntamente com a logomarca da instituição, está grafada nos frontais dos edifícios onde ocorrem suas ações pastorais.

<sup>153</sup> O exercício de nomeação ocorre não apenas em homenagem aos clérigos. Até mesmo a Paróquia empresta seu nome ao “Cemitério São João Batista”, o mais antigo da cidade, e que se localiza na região próxima à igreja.

Na pesquisa foi possível também perceber assuntos que receberam mais atenção em detrimento de outros. No exercício de composição sobre o que seria apresentado ao público existiu escolhas e descartes. Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, Padre Germano Lauck e Dom Olívio Aurélio Fazza figuram como os religiosos mais evidenciados no Painel *História*. Por outro lado, as ocorrências que envolveram Dom Manuel Könnner em seu episódio de prisão parecem ter sido evitadas, mesmo tendo as fontes indicado sua inocência.

Sobre este evento, é possível pensar que o Painel poderia tê-lo tratado como um acontecimento histórico altamente relevante. De maneira abrangente, do mesmo modo que a fotografia do incêndio da igreja, de certa forma, liga a cidade a um importante episódio da história do Brasil, a prisão de Dom Manuel Könnner conecta Foz do Iguaçu à segunda guerra mundial.

Sobre estas escolhas, supõe-se que, no decorrer de sua história, existiram outros religiosos que também, em seu tempo, exerceram desempenho importante na vida da Paróquia São João Batista, sendo que alguns foram selecionados para serem lembrados e, evidentemente, outros obtiveram menos destaque ou foram simplesmente invisibilizados. Tal fato pode ser justificado pela falta de espaço físico no Painel para descrever sobre estes religiosos e suas ações e, mesmo que houvesse, revela-se inexistente a possibilidade de se mencionar a todos integralmente.

Outro aspecto digno de ser lembrado ou esquecido seria uma subliminar disputa por territórios, de riquezas do céu e da terra. Por um lado as *obrages* em sua famigerada exploração de recursos naturais e, por outro, a Igreja em sua causa missionária de prospecção dos recursos espirituais. Dois gigantes desbravando o igualmente vasto território do Oeste paranaense em objetivos incomuns, mas que, em dado momento, se cruzam na fragilidade da torre dos sinos da igreja.

Desta perspectiva, pode-se imaginar uma oportunidade desperdiçada na narrativa. O período colonial é componente da história paranaense, sendo que, de forma abrangente, o contexto dos sinos poderia ser devidamente apresentado ao público como um conectivo entre a igreja e a história do Paraná.

Sobre a eficácia objetiva do Painel *História*, ficou percebido que o processo de significação entre a alegoria do templo e sua interpretação condiciona-se principalmente ao que se apresenta no Painel. Entretanto, ao final, por questões de espaço, sua historiografia converteu-se a um conteúdo pouco detalhado, minimizando os assuntos abordados, cuja

leitura se restringe aos frequentadores do templo ou visitantes ocasionais. Fator este que, possivelmente, resulta em uma débil tentativa de se estabelecer conexões entre a história da Igreja e a memória popular.

A memória popular está atrelada à experiência vivencial com o objeto ou pode ser concebida a partir da monumentalização dele. O sentimento de apropriação da Igreja como monumento histórico pode ser melhor absorvido pelos mais antigos que, de alguma forma, tiveram maior envolvimento com ele. Porém, a carência de instrumentalização de sua permanência, em vista aos mais novos, pode decretar seu esvaziamento, uma vez que os idosos partem e esse sentimento se esvai junto com eles. Desta forma, o esforço de erigir a igreja como um monumento histórico configura-se como uma das poucas iniciativas que possibilitam a manutenção de memórias vinculadas a ela.

A forma como as informações são apresentadas assinalam para a consolidação de um discurso padronizado sobre o imaginário em torno da Igreja local, seus personagens e sua história.

## CAPÍTULO 2

### CONSTRUINDO UMA IGREJA ALEGÓRICA

Construir, erguer, edificar, erigir, levantar, são termos sinônimos que refletem uma atividade humana de manipulação sobre insumos para a consolidação de um objetivo preconcebido. A ação é mola propulsora para a transformação e, de certa forma, ela também reflete um sentimento anterior de desassossego ou inconformismo, sentimentos estes, que servem de motivação para desencadear o movimento transformador.

A transformação aplicada sobre algo que era rudimentar proporciona uma nova utilidade ou fruição e, neste aspecto, a ação é sempre revestida de intencionalidade.

Igrejas enquanto edificações não nascem naturalmente. Não são componentes orgânicos. Para existir elas precisam ser preconcebidas. Precisam, primeiramente, ser imaginadas por alguém que lhes dará forma e utilidade por meio de um esforço de planejamento e projeto. Os processos para tal são diversos, mas quase sempre sua concepção é inspirada por princípios místicos, ou seja, o elemento humano e o divino estão associados pelo autor na idealização do templo. Uma peculiaridade que distingue este tipo de arquitetura das demais. Neste aspecto, a igreja-edificação é posta aqui em observação nesta parte das análises, não somente por sua utilidade, mas também por sua subjetividade.

Este capítulo objetiva apresentar a conjuntura que envolveu o processo de transformação ocorrida na Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu proposto por um projeto de reforma iniciado em 2013 e finalizado dois anos após.

De forma semelhante ao desenvolvido no capítulo anterior, onde o Painel *História* foi esmiuçado, para este ponto o elemento indiciário principal será o Painel *Reforma*, atentando para as etapas de modificação do templo, seu projeto, suas motivações e seus feitores.

As análises partem da observância acerca da estética original do templo no período que corresponde à sua conclusão nos anos 1950. As percepções são realizadas por meio de fotografias e outras informações que demonstram o aspecto da igreja antes das primeiras intervenções construtivas ocorridas em 1978, que resultaram em sua descaracterização primária. Esta aparência corresponde, portanto, à idealização estética e conceitual na qual a alegoria da nova igreja preocupa-se em se vincular na atualidade.

Os subcapítulos são intencionalmente apresentados com a forma gramatical do participípio, onde a igreja é original, descaracterizada, planejada, demolida, preservada, reerguida e reinaugurada. Uma forma de demonstrar as diversas intervenções aplicadas ao edifício ao longo do tempo, perpassando as etapas de transformação da igreja realizadas pelas intervenções iniciadas em 2013, culminando em sua reconfiguração atual.

## 2.1. O PAINEL *REFORMA*

Conforme já mencionado, o Painel *História* ficou pronto anteriormente ao Painel *Reforma*, recebendo destaque por sua exibição pública já na celebração de reinauguração da igreja, demonstrando sua importância como instrumento de significação do novo templo. O Painel *Reforma*, por sua vez, foi instalado alguns meses após e serve para complementar as informações, proporcionando uma visão geral sobre o processo de transição entre a antiga e a nova igreja.

Diferente do painel anterior, que apresenta uma cronologia sobre a história da igreja local, neste novo enquadramento os elementos são dispostos de forma linear, classificados em etapas que vão de 1 a 15, acrescidas por descrições conclusivas sobre a obra, seus autores e sua importância no contexto geral.

**Figura 39:** Layout do Painel *Reforma*<sup>154</sup>. Dimensões 170cm x 75cm. Relata o processo que envolveu reforma/demolição/reconstrução do edifício por etapas.

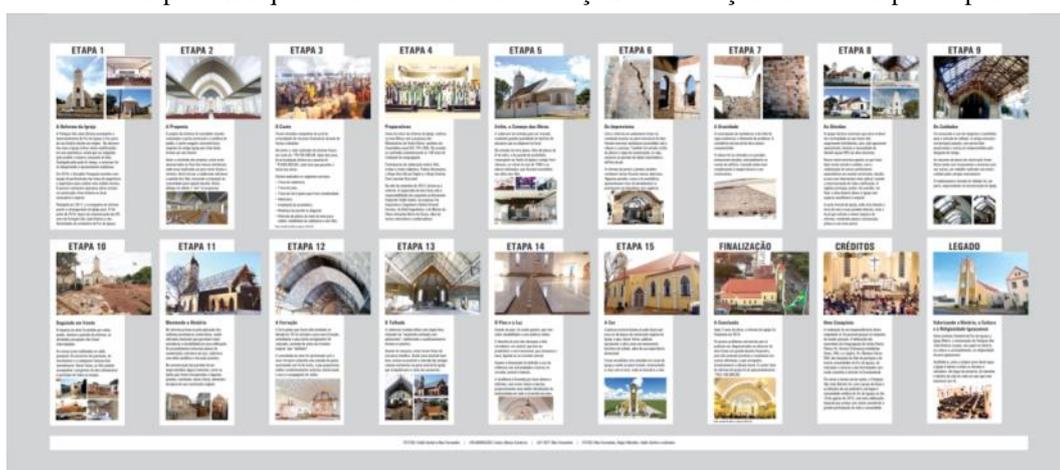


Foto: Mac Fernandes. Ano: 2016.

<sup>154</sup> Créditos descritos no Painel *Reforma*: TEXTOS: Valdir Garbin e Mac Fernandes; COLABORAÇÃO: Carlos Albano Conterno; LAYOUT: Mac Fernandes; FOTOS: Mac Fernandes, Roger Meireles, Valdir Garbin e anônimos.

Com layout concebido igualmente pela Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, o conteúdo do Painel *Reforma* foi organizado com informações fornecidas majoritariamente pela equipe técnica envolvida na obra, com destacada colaboração do arquiteto Valdir Garbin e do pároco Padre Vicente.

A narrativa principia-se pelos diagnósticos realizados na igreja em 2010, revelando a necessidade de reforma do edifício, onde são apresentados valores inquiridos no empreendimento, além de explanações sobre ocorrências detectadas em cada fase evolutiva dos trabalhos.

São citados também alguns dos materiais empregados na obra e assinalados alguns dos itens que foram preservados da demolição.

A exibição é finalizada com uma síntese que projeta o templo ao contexto cultural, aspecto este, que também está na pauta das análises desta tese.

As fotografias de aporte histórico, os diagnósticos, o projeto arquitetônico, atas e registros de resoluções do conselho paroquial, além do depoimento de seus realizadores, são acionados como amparo para as análises dos assuntos constantes no Painel *Reforma*. Observações estas, que buscam apresentar elementos para a compreensão das transformações ocorridas na Igreja Matriz São João Batista que resultaram em sua expressão alegórica.

## 2.2. A IGREJA ORIGINAL

Conforme abordado no capítulo anterior, o período que compreende 1942 (abertura da igreja ao culto) e 1952 (conclusão da torre), até 1978, seria onde a igreja se apresenta em seu aspecto construtivo original. Podendo ser considerado desta forma por se situar entre a inauguração da edificação, após um longo tempo em construção, e sua descaracterização ocorrida na época da criação da diocese.

A igreja naquele tempo era uma edificação imponente, ocupando local de destaque no alto de uma das principais vias da pequena Foz do Iguaçu. Havia poucas construções de porte semelhante, sendo que é possível perceber a igreja evidenciada em fotografias

antigas da cidade. Uma obra monumental, que acompanha o desenvolvimento do município desde a época de sua fundação.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa não foram encontrados registros que fizesse menção ao autor da planta arquitetônica original da igreja, e nem mesmo se chegou a existir tal projeto<sup>155</sup>. Este fator possibilita induzir que a idealização da obra pode ter sido realizada de forma rudimentar.

De acordo com o que já foi mencionado, seu longo histórico de construção sugere a participação de uma variedade de administradores que possivelmente interviram no projeto em seu percurso. Por estas imprecisões, não há como afirmar se o templo e sua torre correspondem ao que deveria ter sido planejado inicialmente. Contudo, o conjunto de estilo misto, característico desta igreja em particular, colabora em consolidar sua identidade arquitetônica heterogênea como um monumento da cidade.

Em seu estágio inaugural a igreja não era, por isso, nova. Sua construção já se arrastava por muitos anos. Era sim, uma obra inacabada, porém, conforme a avaliação de seus gestores na época, já apta para ser aberta ao público para o desenvolvimento das atividades paroquiais.

Entretanto, o volume de católicos existentes na fase da abertura do templo tornou-se maior do que havia quando a igreja foi concebida. Consequentemente, o espaço interno do templo se mostrava insuficiente para acomodação dos fieis já em sua fase inaugural.

A igreja, em sua parte externa, não era muito diferente de sua aparência atual. Um olhar mais técnico, porém, pode, até mesmo hoje, perceber com certa facilidade uma incompatibilidade estilística entre o desenho da torre e o corpo da edificação.

O interior da igreja era modesto, porém adornado com desenhos de temáticas bíblicas, pintados artisticamente pelo Irmão Lucas Brudel SVD, de Posadas, Argentina<sup>156</sup>, conforme já mencionado. Uma tendência provavelmente inspirada na arte sacra colonial e que se faz presente em diversas outras igrejas antigas existentes no Brasil<sup>157</sup>.

---

<sup>155</sup> Durante esta pesquisa mostrou-se inexistente a constatação de projetos referentes à edificação arquivados na prefeitura ou nas dependências da própria igreja.

<sup>156</sup> Vide Capítulo 1, Figura 27.

<sup>157</sup> A arte sacra, desde suas raízes na Antiguidade Clássica, passando pelo Renascimento até o Barroco, cumpria a função de adereço, mas também eram aplicados como recurso de catequese em épocas onde a

Em caráter ilustrativo, pela imagem a seguir é possível conhecer parte destes adereços pintados no altar da Paróquia São João Batista.

**Figura 40:** Registro de um casal em celebração de núpcias em frente ao altar adornado da PSJB.



Foto: Autor desconhecido. Data: Meados de 1960.  
Fonte: Blog Terrinha das Águas Foz – Rita Araújo<sup>158</sup>.

A nave era um bloco retangular básico, feito de tijolos maciços sem pilares de concreto como apoio. As paredes apresentavam aberturas laterais onde as esquadrias tinham o formato de arco ogival que faziam referência ao estilo gótico. A parte do fundo foi concebida em um padrão que na arquitetura se chama *abside*<sup>159</sup>. As paredes eram sustentadas por pilares que em seu caminho para o teto se encurvavam formando uma cúpula<sup>160</sup> nervurada. Estes detalhes construtivos, somados às aplicações de arte sacra, proporcionavam ao templo certo teor histórico, pois se assemelhava a uma estética presente até hoje em diversas outras igrejas antigas existentes no Brasil.

---

grande quantidade de iletrados que frequentavam as igrejas podia compreender melhor as narrativas bíblicas pelas ilustrações pintadas no teto e paredes dos templos.

<sup>158</sup> Disponível em: <<https://terrinhadasaguasfoz.wordpress.com/>>. Acesso em 12 de mar. 2019.

<sup>159</sup> Conforme Koch (1996, p. 96), *abside* é um tipo de nicho situado na extremidade do coro de um edifício (normalmente religioso) que se projeta para fora de forma semicilíndrica ou poliédrica e em que o remate superior é geralmente uma semicúpula ou abóbada.

<sup>160</sup> Conforme Fontana (2013, p. 157), a cúpula é um símbolo universal da abóboda celeste.

No ano de 1964 as janelas da abside foram substituídas por vitrais que acompanham o mesmo formato ogival das esquadrias, medindo 1,20m de comprimento por 3,8m de altura, cada um<sup>161</sup>. Os vitrais coloridos foram compostos em estilo mosaico, contendo ilustrações de símbolos sacramentais, sendo o da Eucaristia de um lado e a do Crisma (Espírito Santo)<sup>162</sup>, no outro. Os vidros coloridos recortados foram unidos por um filete de chumbo, uma técnica antiga<sup>163</sup> que ajudava a dar forma aos desenhos. Além do caráter funcional, geralmente estes tipos de vitrais são concebidos para a transmissão de uma mensagem figurativa de natureza bíblica, podendo retratar personagens, ações ou símbolos<sup>164</sup>.

As fotografias a seguir demonstram os vitrais ao fundo, numa celebração ocorrida na Paróquia São João Batista nos anos 1970.

**Figura 41 e 42:** Registros de uma celebração de Primeira Eucaristia ocorrida em 1977, onde é possível ver ao fundo os vitrais nas paredes da área do altar.



Foto: Autor desconhecido. Data: Dezembro de 1977  
Fonte: Fonte: Blog Terrinha das Águas Foz – Rita Araújo<sup>165</sup>

<sup>161</sup> Conforme Bruce-Mitford (2002, p. 94), assim como o olho é a “janela da alma”, a janela é o seu “olho”: ambos simbolizam a consciência e a percepção individual do mundo. Uma janela redonda é apropriadamente chamada óculo – do latim “*oculus*” (“olho”). Deixando a luminosidade passar, a janela simboliza a luz da verdade que entra na alma.

<sup>162</sup> Pelos sacramentos da iniciação cristã: Batismo, Confirmação e Eucaristia, são lançados os *fundamentos* de toda vida cristã. (CIC, 1993, parágrafos 1210 e 1212).

<sup>163</sup> Conforme Michelotti (2011), no século VI, em Ravena, ainda sob influência da cultura bizantina, os artistas italianos também começam a produzir os vitrais, compostos de fragmentos de vidro de formas e cores diversas, cortados e unidos com entalhes de chumbo. O chumbo aparece como o elemento técnico formal de união apenas no século XI, permanecendo até hoje.

<sup>164</sup> Cláudio Pasto, um dos maiores nomes da arte sacra no Brasil, chamava esta arte como “pobre”, não no sentido depreciativo. Segundo ele, esta arte românica é chamada de a “Bíblia dos Pobres” ou *Pauperum*, porque ela vai para os vitrais, para a pedra, para a pintura interna, sobretudo, porque as igrejas antigas eram fechadas, quase sem janelas. Só no final é que se abrem para o vitral que é o gótico. Seria como uma leitura dos evangelhos para os iletrados. Disponível em: <<https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/claudio-pastro-um-artista-pos-vaticano-ii.pdf>>. Acesso em: 02 de abr. 2020.

<sup>165</sup> Disponível em: <<https://terrinhadadasaguasfoz.wordpress.com/>>. Acesso em 12 de mar. 2019.

O efeito visual dos vitrais é favorecido pela incidência da luz natural <sup>166</sup>, proporcionando não apenas iluminação, como também beleza artística à estética do templo.

Durante o tempo de pesquisa para esta tese não foram encontrados apontamentos que evidenciassem a autoria dos vitrais. Mesmo o Livro Tombo da Paróquia São João Batista não faz nenhuma menção a eles nas páginas que correspondem ao período em que foram instalados. As informações mais precisas sobre os vitrais são as que se apresentam nos próprios itens. Na parte inferior dos mesmos existem as seguintes inscrições: “1924 – 40 anos de Paróquia de São João Batista – 1964” em um, e “1914 – 50 anos de Município Foz do Iguaçu – 1964” no outro, conforme pode ser observado nas imagens a seguir.

**Figura 43 e 44:** As bases dos vitrais com as referidas inscrições.



Foto: Mac Fernandes. Data: 1998. Fonte: Painei *História*: 1964.

Estes dados evidenciam que um dos propósitos da instalação seria a comemoração do quadragésimo aniversário da paróquia, e do cinquentenário da cidade. Os vitrais, assim como a torre da igreja e parte de sua fachada principal, são itens que foram preservados da demolição na recente ação de reforma do templo, e serão novamente acionados nas discussões que se seguem neste capítulo.

<sup>166</sup> De acordo com o teólogo americano Philip Kosloski, a luz é um tema espiritual comum na teologia cristã. As primeiras palavras de Deus durante a criação foram: “‘Faça-se a luz!’ E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas” (Gênesis 1,3-4). Jesus chegou, inclusive, a se identificar como luz, dizendo: “Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida” (João 8,12). Com isso em mente, era apropriado que os cristãos dedicassem muito tempo e energia para desenvolver o desenho das janelas das igrejas. As janelas canalizavam a luz do sol e dissipavam a escuridão das sombras. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2017/07/25/voce-sabe-como-surgiram-os-vitrais-das-igrejas/>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

### 2.3. A IGREJA DESCARACTERIZADA

O ano de 1978 foi marcante para o catolicismo local. Naquele ano o Papa Paulo VI, por intermédio da bula *De Christiani Populi*<sup>167</sup>, criou a Diocese de Foz do Iguaçu, sendo sua instalação ocorrida em 26 de agosto de 1978, desmembrando-a da Diocese de Toledo. Com a nomeação de Dom Olívio Aurélio Fazza, SVD, como primeiro bispo da Diocese de Foz do Iguaçu, a igreja da Paróquia São João Batista passou a ser Catedral Diocesana.

A celebração de posse de Dom Olívio em 26 de agosto de 1978, realizada no pátio da igreja<sup>168</sup>, já deflagrava uma lamentável realidade, a de que o templo não comportava mais o número crescente de frequentadores. Fator evidente não apenas em eventos especiais como o da posse do bispo, mas também nas celebrações comuns realizadas frequentemente, obrigando os clérigos a aumentar o número de celebrações em quatro missas dominicais para melhor acomodar o povo<sup>169</sup>. Por conseguinte, ainda naquele ano, idealizou-se uma reforma na igreja que pudesse sanar o problema de espaço e modernizá-la em face ao seu novo título, conforme descreve o Livro Tombo:

Em outubro de 1978, a atual diretoria [...], sentindo o andamento da catedral, iniciam uma reforma da mesma. A reforma vai exigir muitos recursos e tempo. Os membros da diretoria querem seguir o seguinte plano: Ampliar a igreja em seus locais laterais; Fazer novo piso e novo forro; Inovar a parte elétrica; Embelezar e diminuir o presbitério; Fazer uma capela para o Santíssimo; Pintar por dentro e por fora. Para que os trabalhos da reforma possam seguir um estilo e guardar certa beleza, o padre vigário pediu a assistência do arquiteto Emílio Zanon<sup>170</sup>, de Guaporé-RS. É ele quem está orientando a diretoria e os trabalhadores da obra. Paralelamente a diretoria dá início à reforma do barracão que está no meio do pátio. Se propôs a fazer uma única sala e alguns banheiros para os dias de festa. Urge que a comunidade tenha uma sala maior para as reuniões de casais e jovens para cursos de batismo e catequese e para

<sup>167</sup> Disponível em: <<http://www.diocesetoledo.org/diocese/historico/94>>. Acesso em: 12 de nov. 2020.

<sup>168</sup> Capítulo 1 - Figura 38.

<sup>169</sup> Cf. Livro Tombo da Paróquia São João Batista. Vol. II, 1967, p. 90.

<sup>170</sup> Emílio Benvenuto Zanon (04/01/1920 - 30/11/2008) foi um artista e arquiteto sacro residente em Guaporé, RS. É dele, inclusive, a autoria do desenho da bandeira da cidade. Não foram encontrados maiores informações sobre sua escolha para a reforma da igreja, contudo, conforme apontado no Livro Tombo, teria sido uma indicação feita pelo então vigário Padre Getúlio Teixeira Guimarães que, conforme consta no site da SVD, teria trabalhado anteriormente no Rio Grande do Sul, onde, possivelmente, teve contato com as obras de Zanon. O projeto da nova catedral diocesana de Foz do Iguaçu também foi idealizado por ele, conforme veremos adiante.

outras promoções assistenciais e religiosas. (Livro Tombo da Paróquia São João Batista - Vol. IV, p. 004).

Desta forma, naquela época foram ampliadas as paredes laterais, proporcionando maior espaço à nave da igreja para acomodar mais fiéis. Nas paredes novas, as antigas esquadrias em formato ogival foram substituídas por janelões redondos. Foi instalada a forração horizontal, composta por chapas de lã de vidro, escondendo, desta forma, o formato também ogival que acompanhava o telhado da igreja.

O forro, do mesmo modo, extinguiu um mezanino<sup>171</sup> que ficava na entrada do templo, onde os músicos se acomodavam para animar as celebrações, e onde também havia uma pequena porta que dava acesso aos sinos localizados na torre da igreja. Além da forração, outras mudanças modificaram consideravelmente o *layout* interno da igreja. O antigo depósito tornou-se Capela do Santíssimo<sup>172</sup>. No local onde o padre celebrava as missas foi erguida uma parede, dividindo o altar para se criar um novo depósito ao fundo. Consequentemente, a abside, o crucifixo e os vitrais ficaram separados da nave e ocultados da assembleia. O depósito abrigava objetos litúrgicos utilizado nas celebrações e também materiais de limpeza, cujo acesso se dava por uma porta com entrada pela sacristia.

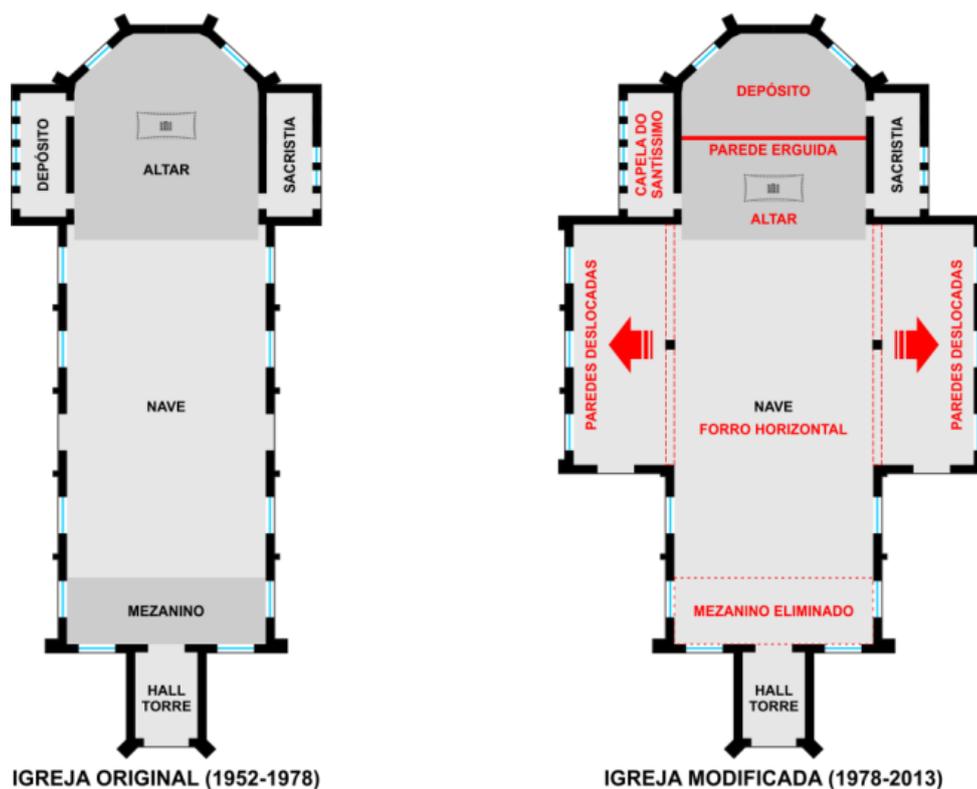
O *layout* a seguir, apresenta o desenho da igreja original finalizada em 1952, comparando-a com as intervenções aplicadas na edificação em 1978. No esquema é possível compreender a amplitude das mudanças ocorridas no templo, assinaladas em vermelho.

---

<sup>171</sup> Conforme Ching (1999, p. 82) em arquitetura, um *mezanino* é um pavimento baixo ou parcial entre dois pisos principais de um edifício, que se projeta como um balcão e compõe-se com o pavimento que está abaixo.

<sup>172</sup> Capela distinta onde se localiza o sacrário contendo hóstias consagradas (Santíssimo Sacramento da Eucaristia). Conforme Chig (1999, p. 148), este espaço corresponde a um santuário, local santificado.

**Figura 45:** Layout da igreja original e as modificações ocorridas em 1978.



Autor: Mac Fernandes. Data: 2020.

Apesar de não constar no Livro Tombo, as anotações de Guizzardi (2014, p. 63), citam a participação do Padre Germano Lauck como promotor da reforma da igreja<sup>173</sup>. De acordo com este autor, a reforma tornou o ambiente mais espaçoso e aconchegante, porém comprometeu o estilo arquitetônico original. Destarte, se já não havia consonância estilística, a reforma de 1978 tratou de desfigurar ainda mais a estética da igreja. O que havia de mais notável em seu interior, o visual da abside com sua abóboda e os vitrais artísticos, dali em diante estaria escondido no depósito, junto às demais quinquilharias.

Nas imagens a seguir é possível fazer uma comparação entre o aspecto interno da igreja antes e depois das referidas intervenções que provocaram mudanças significativas em sua aparência em 1978. Estes seriam, portanto, evidências da descaracterização do templo, onde em seu resultado parece até mesmo não se tratar da mesma igreja.

<sup>173</sup> Conforme relata a paroquiana Sra. Loty Ferreira (2020), em 1978 o Pe. Germano encontrava-se na Alemanha para tratamento de saúde em virtude de seu acidente, sendo o Padre Getúlio Guimarães o pároco naquele período.

**Figura 46:** Aspecto interno da igreja original. Aparecem o altar, a abside e sua cúpula, os vitrais e a forração em formato ogival.



Foto: Autor desconhecido. Data: Década de 1960.  
Fonte: Blog Terrinha das Águas Foz – Rita Araújo<sup>174</sup>.

**Figura 47:** Observado na mesma posição que a imagem anterior, a abside ficou escondida atrás da parede que foi erguida no altar. Nota-se o altar em forma de arco e aberturas nas paredes laterais.



Foto: Autor desconhecido. Data: 1985.  
Fonte: Rita Araújo / Salete Maria Bettin Klinguelfus.

**Figura 48:** Na imagem é possível ver o mezanino que existia na entrada principal da igreja.

**Figura 49:** Com a forração horizontal em chapas de lã de vidro o mezanino foi eliminado.



Figura 48: Foto: Autor desconhecido. Data: 1977.  
Fonte: Blog Terrinha das Águas Foz – Rita Araújo.

Figura 49: Foto: Autor desconhecido. Data: Anos 1990.  
Fonte: Acervo da Casa dos Missionários SVD - Ponta Grossa, PR.

<sup>174</sup> Disponível em: <<https://terrinhadasaguasfoz.wordpress.com/>>. Acesso em 12 de mar. 2019.

**Figura 50:** Ampliação da nave pelas paredes laterais deslocadas, onde foram instalados janelões redondos no lugar das ogivais. A abertura criou um pilar para sustentar a cobertura que, porém, dificultava a visão do altar.



Foto: Autor desconhecido. Data: Anos 1990.

Fonte: Valdir Garbin.

Em 2001, com o pedido de renúncia de Dom Olívio Aurélio Fazza, o novo Bispo da Diocese de Foz do Iguaçu, Dom Laurindo Guizzardi, é nomeado.

Novo bispo, nova igreja. O Volume IV, página 110, do Livro Tombo da Paróquia São João Batista descreve que, naquele ano a catedral recebeu uma nova reforma interna, o que modificou novamente as características do já descaracterizado altar, conforme pode ser observado na imagem a seguir.

**Figura 51:** Manteve-se a forração horizontal em chapas de lã de vidro, porém o altar foi novamente modificado, desta vez com melhor iluminação e adorno em divisórias de gesso acartonado.



Foto: Autor desconhecido. Data: Anos 2000.

Fonte: Valdir Garbin (2019).

Em 2007, com o avanço na construção da nova Catedral, dedicada à Nossa Senhora de Guadalupe<sup>175</sup>, a Catedral São João Batista voltou a ser Paróquia, conhecida também como Igreja Matriz. Mesmo com essa mudança, aparentemente apenas nominal, a frequência de fiéis na paróquia permaneceu inalterada.

Em 2010, com a renúncia de Dom Laurindo, toma posse da diocese de Foz do Iguaçu o Bispo Dom Dirceu Vegini. Mesmo ano em que se iniciam estudos para uma nova reforma.

#### 2.4. A IGREJA IDEALIZADA

A partir deste ponto as investigações são desenvolvidas tomando como base os conteúdos apresentados no Painel *Reforma*, principiando-se pela fase de planejamento da grande intervenção iniciada em 2013. Para as análises, os conteúdos são juntados a outras informações, em especial as que foram concedidas pelo arquiteto Valdir Garbin, profissional responsável pela obra da recente reforma, e que também exercia a função de presidente do Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) na época em que ocorriam as resoluções para a intervenção do templo.

De acordo com o Painel, a primeira etapa é descrita da seguinte forma:

ETAPA 1 - A reforma da Igreja: A Paróquia São João Batista acompanha o desenvolvimento de Foz do Iguaçu e faz parte de sua história desde sua origem. No decorrer dos anos a Igreja sofreu várias modificações em sua arquitetura, tendo que ser adaptada para acolher o número crescente de fiéis. Castigada pela ação do tempo, a estrutura foi se desgastando e apresentando problemas. Em 2010, o Conselho Paroquial convidou uma equipe de profissionais das áreas de engenharia e arquitetura para realizar uma análise técnica. O parecer conclusivo apontava sérias avarias na construção. Uma reforma se fazia necessária e urgente. Planejada em 2011, o cronograma da reforma previa a reinauguração da Igreja para 14 de junho de 2014, época de comemoração dos 90 anos da Paróquia São João Batista e das festividades do centenário de Foz do Iguaçu. (Painel *Reforma*. PSJB, 2016).

Conforme já mencionado no capítulo anterior, os problemas construtivos que se apresentavam na igreja acompanharam sua trajetória desde o início<sup>176</sup>. Os diversos ajustes

---

<sup>175</sup> Declarada “Padroeira da América Latina” pelo Papa Pio XII no dia 12 de outubro de 1945.

que foram aplicados na edificação ao longo do tempo se mostraram apenas como um paliativo para os perigos que a obra mal realizada escondia.

Ocorreu que em 2010 a antiga edificação começou novamente a apresentar problemas. Pequenas rachaduras notadas nas paredes aumentavam a cada dia. Havia também manchas de infiltrações nas paredes, além de goteiras que se mostravam em dias chuvosos. Conforme Garbin (2019), uma ação providencial revelou-se inadiável quando algumas das placas de lã de vidro que compunham a forração se desprenderam do teto durante uma celebração de formatura universitária, por pouco não ferindo alguns dos participantes.

Formou-se então uma comissão para a avaliação técnica sobre a situação do prédio, composta por arquitetos e engenheiros, membros do CPP em sua maioria.

Vale destacar que no catolicismo atual é veemente a força motriz dos leigos nas diversas formas de governo e administração de igrejas, com funções distintas em relação ao clero<sup>177</sup>. Não obstante, a Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu, já há algum tempo, passou a admitir uma relevante participação de leigos engajados nas atividades e resoluções eclesiais. Notadamente, a vida na Igreja é exercida paralelamente às atividades ocupacionais da sociedade, sendo a comunidade laica formada por uma mescla de elementos que atuam nas mais diversas áreas da vida civil, cujo conhecimento laboral é muitas vezes aproveitado nas ocupações paroquiais.

Importante também ressaltar que, tratando-se da Matriz São João Batista, uma Igreja situada no centro da cidade, localidade característica por reunir habitantes de maior poder aquisitivo, a classe dos leigos engajados nesta paróquia mostra-se integrada por um número elevado de profissionais com nível superior de escolaridade, alguns deles também membros do Conselho Paroquial de Pastoral. Fator este, que facilitou o recrutamento de engenheiros e arquitetos para a análise técnica em questão.

De acordo com Garbin (2019), o parecer técnico conclusivo que apontava os danos na edificação não foi documentado, porém este diagnóstico não foi contestado, primeiramente por ter sido realizado por profissionais experientes e também pelas

---

<sup>176</sup> O histórico de problemas construtivos sobre a Igreja aparece nos textos do Padre Martinho Seitz e de Dom Laurindo Guizzardi: “A construção teve início em 1926, mas só foi concluída em 1941, sob cuidados do Pe. Vicente Hackl, sucessor do Pe. José Mühlbacher, o qual, antes da inauguração, teve de corrigir erros do projeto e da própria construção”. (GUIZZARDI, 2014, p. 61).

<sup>177</sup> Postura fortalecida a partir do Concílio do Vaticano II (1962-1965), onde se iniciou uma série de atualizações na Igreja Católica.

evidências aparentes que a própria edificação tratou de apresentar. Havia, portanto, a clareza da necessidade iminente de reforma, pois o prédio comprometia a segurança de seus usuários.

A partir do parecer, deu-se início ao planejamento da reforma e a elaboração de um cronograma que iria nortear as modificações requeridas, tendo o arquiteto Valdir Garbin como idealizador do projeto por meio da prestação deste serviço, segundo qual, de forma inteiramente voluntária. As propostas, contudo, eram submetidas primeiramente à aprovação da liderança paroquial mediante uma série de reuniões, como também dos paroquianos, conforme apresentado no painel.

ETAPA 2 - A proposta: O projeto da reforma foi concebido visando contemplar a parte estrutural e a estética do prédio, e assim resgatar características originais da antiga Igreja que tinha belas formas em seu interior. Após a conclusão dos projetos, estes eram apresentados ao final das missas dominicais, onde eram explicados ao povo como ficaria a reforma. Desta forma, o celebrante solicitava a opinião dos fiéis, buscando a interação da comunidade junto àquele desafio. Deste diálogo foi obtido o “sim” às propostas. (Painel *Reforma*. PSJB, 2016).

Segundo Garbin (2019), de início, o projeto da reforma foi concebido visando contemplar a parte estrutural do edifício e uma restauração estética em seu interior. Ação esta, que corresponde primeiramente à necessidade improrrogável de manutenção do prédio mostrada por seus severos sinais de desgaste. Porém, a ocasião mostrou-se ideal para outro ajustamento, e este se refere ao seu conceito.

Houve, portanto, um planejamento para que a obra devolvesse o aspecto original da igreja, anterior à reforma de 1978. Ainda, de acordo com Garbin (2019), esta seria uma forma de reposicionar a edificação a um conceito histórico, por sua importância e presença na memória do município.

Concomitantemente, a ação propunha adaptá-la ao perfil turístico da região, pois, segundo percepções não oficializadas, por sua localidade central, a igreja recebe diariamente a visita de muitos turistas, participando das celebrações, em orações particulares, ou mesmo por mera curiosidade.

Deste modo, a restauração seria uma forma de atender não apenas a necessidade prática de segurança, assim como facilitaria a absorção do conceito histórico próprio da

edificação, resultando, por fim, também em um espaço apropriado à visitação turística. Contudo, a obra seria projetada para contemplar não apenas estes três fatores. Ela deveria ser aprimorada, proporcionando eficácia acústica e de luminosidade, além de conforto climático e beleza estética, propósitos estes que a tornariam apropriada ao perfil peculiar diversificado de seus usuários<sup>178</sup>.

Nas imagens a seguir, é mostrado os primeiros layouts produzidos como sugestão para a reforma. O primeiro apresentava formas mais tradicionais com ilustrações de temas bíblicos a serem aplicados na cúpula e na nave. O segundo desenho, aprovado para a execução, as linhas se mostram mais sóbrias e sofisticadas. Estes esboços, conforme mencionado no Painel, eram uma das formas de se apresentar as propostas de reforma para a aprovação da assembleia ao final das missas dominicais. Os desenhos eram expostos por projetor no telão ou impressos em banner, permanecendo fixados no mural próximo da entrada da igreja para a apreciação dos frequentadores. O convite para as contribuições, tanto financeiras como opinativas, eram feitas pelo celebrante.

**Figura 52 e 53:** Ilustrações das propostas de reforma, produzidas com o auxílio do software *Lumion*<sup>179</sup>. A primeira, com ilustrações na cúpula e nave, e a segunda, aprovada para a execução.



Autor: Maximiliano Esteban Garavano. Data: 2013.  
Fonte: Via Arquitetura / Valdir Garbin (2019).

A partir das definições sobre a aparência interna da igreja, pôde-se então produzir o projeto arquitetônico contemplando todas as indicações.

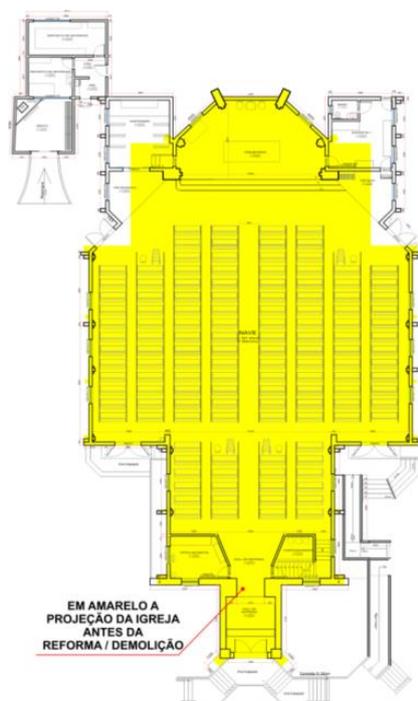
<sup>178</sup> Além de turistas e visitantes ocasionais, a IMSJB, por ser central, tem a característica de reunir, em sua maioria, participantes de vários outros bairros além do centro, diferente de outras paróquias onde se observa a participação de moradores do próprio bairro onde a igreja se fixa.

<sup>179</sup> *Lumion* é um software de renderização em *real time* (tempo real) para fotos realistas de projetos arquitetônicos, produzido pela empresa Holandesa *ACT3d*. Disponível em: <<https://lumion.com/>>. Acesso em: 12 de set. 2020.

Além do próprio projeto arquitetônico, um dos poucos registros encontrados sobre esta fase preliminar das obras é um memorando emitido pela Paróquia São João Batista ao Conselho de Assuntos Econômicos Diocesano, solicitando permissão para a execução da reforma<sup>180</sup>. O documento, datado de 06 de setembro de 2013 e assinado pelo pároco, Padre Vicente, informava a intenção de reforma da igreja e pedia autorização para sua execução, donde se lia: “Através de reuniões feitas com a comunidade e conselhos da Paróquia, vimos a necessidade de fazer uma reforma interna na igreja, visto que algumas partes internas encontram-se comprometidas, comprometendo (*sic*) assim a segurança dos fiéis.” Houve, desta forma, o cuidado da comunicação prévia à diocese, observando a escala hierárquica eclesial para a ciência e consentimento das ações que se pretendiam empreender.

O *layout* a seguir refere-se à planta do projeto arquitetônico de reforma da igreja elaborado por Valdir Garbin, comparando-a com o desenho do templo antes desta intervenção (perfil em amarelo). A planta demonstra que a obra propôs também um chanfrado em 45 graus nas paredes laterais como forma de ampliar seu espaço interno, além da construção de outros cômodos na parte de trás do templo.

**Figura 54:** Comparação entre o desenho arquitetônico do projeto de reforma e a projeção do contorno do templo antes das obras (em amarelo).



Autor: Valdir Garbin / Mac Fernandes. Data: 2013 / 2020.

<sup>180</sup> Disponível ao final da tese como Anexo 07. Sendo que o documento de resposta, pedindo mais detalhamento sobre a obra pode também ser conhecido no Anexo 08.

Sobre a captação de recursos para a obra, este aspecto se organizou da mesma maneira como é realizado tradicionalmente em campanhas beneficentes católicas. Primeiramente é feita a apresentação do problema e a necessidade da obra por seus gestores; é apontada a solução e proposto o projeto com seu custo; e, por fim, são organizadas promoções de arrecadação dos recursos necessários para sua concretização. Além das doações voluntárias, as campanhas em prol da angariação de fundos podem ser das mais diversas, como venda de rifas, festas comunitárias, coletas especiais, dentre outros. Geralmente estas ações se realizam durante a fase das obras, podendo ir além, estendendo-se mesmo após a obra ter sido concluída, objetivando quitar os valores investidos.

Conforme já comentado anteriormente, paralelamente ao objetivo primário, as campanhas buscam integrar seus colaboradores em torno de um causa comum, fortalecendo sua noção de pertencimento à comunidade e de que sua colaboração faz com que a obra seja, em parte, simbolicamente pertencente a quem nela investiu.

A imagem a seguir é um registro da tradicional Festa do Peixe Assado, promovido para a arrecadação de valores em prol das obras de reforma, realizada na área externa da Igreja Matriz São João Batista. Nela, além dos paroquianos, é possível perceber a participação de leigos voluntários e de religiosas ligadas à APMI e Colégio Vicentino São José<sup>181</sup>, o que reforça a demonstração de unidade entre os setores do clero em torno da causa comum. A fotografia encontra-se exposta no Painel *Reforma*, e serve para ilustrar a importância deste tipo de ação de integração comunitária, fortalecendo sua relação com o templo.

**Figura 55:** Festa do Peixe Assado, realizada no pátio da igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu.



Foto: autor desconhecido. Data: 2014.  
Fonte: Painel *Reforma* – Fase 3.

<sup>181</sup> As religiosas que atendem na Associação de Proteção a Maternidade e a Infância (APMI) de Foz do Iguaçu são pertencentes à congregação *Irmãs do Sagrado Coração do Verbo Encarnado*; e as do Colégio Vicentino São José são denominadas *Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo*.

As festas e doações seriam, portanto, as principais fontes de arrecadação de recursos para a obra em questão, conforme apontado no painel em sua Etapa 3. O texto também apresenta os valores estimados para a realização da reforma como sendo algo em torno de setecentos e cinquenta mil reais. Valores estes que, segundo Garbin (2019), foram sendo prontamente justificados na medida em que surgiam questionamentos. As interrogações eram respondidas com a apresentação dos problemas detectados na edificação e as ações e materiais que seriam aplicados para sua solução, sendo as indagações aplacadas com a concordância perante a explanação dos devidos argumentos.

Ainda de acordo com o Painel, os serviços a serem realizados para aquele momento seriam: troca da cobertura; troca do piso; troca do forro plano para forro arredondado; aberturas; ampliação do presbitério; mudança de parede na diagonal; e retirada de pilares do meio da nave para melhor visibilidade do celebrante e dos fiéis. Estes itens elencados estariam contemplados no orçamento inicial, sendo que, uma vez arrecadada a metade do montante, tornou-se possível o início das obras. O restante dos valores seria conseguido em seu decorrer.

Antes do início das obras houve uma importante ação integradora, desta vez com os religiosos missionários da Congregação do Verbo Divino reunidos em Foz do Iguaçu para uma assembleia anual de sua instituição, contando com membros do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. De acordo com o descrito no Painel *Reforma*, “na ocasião os confrades comemoravam os 138 anos de fundação da congregação. Participaram da celebração muitos fiéis, irmãos e irmãs religiosos, Padres diocesanos, o Bispo Dom Dirceu Vegini e o Bispo Emérito Dom Laurindo Guizzardi”. A imagem a seguir, presente também no Painel *Reforma*, apresenta os verbitas e o Bispo no interior da igreja antes de as obras começarem.

**Figura 56:** Missionários do Verbo Divino na IMSJB com Dom Dirceu Vegini ao centro, reunidos por ocasião de sua Assembleia anual.



Foto: Autor desconhecido. Data: Setembro de 2013. Fonte: Painel *Reforma* – Etapa 4.

A partir destes introdutórios, as obras puderam finalmente ser iniciadas no mês de setembro de 2013. Conforme descrito no Painel *Reforma*, “A supervisão ficou sob a responsabilidade dos seguintes profissionais: Arquiteto Valdir Garbin, da empresa Via Arquitetura; Engenheiro Edécio Amaral Ferreira, da Gold Engenharia; e do Mestre de Obras Armando Bento de Souza, além de outros voluntários e colaboradores”.

Conforme já mencionado, houve a oferta voluntária de elaboração do projeto por parte do arquiteto Valdir Garbin, sendo que as outras atividades e seus respectivos profissionais foram devidamente pagos de acordo com valores já inclusos no orçamento geral do empreendimento.

## 2.5. A IGREJA DEMOLIDA

De acordo com o descrito na Etapa 5 do painel, o início da reforma se deu pela desmontagem da forração plana, composta por placas de lã de vidro, e da derrubada da parede do presbitério que dividia o altar e o depósito. Estas primeiras ações fizeram ressurgir a abside e sua cúpula, além dos vitrais e pilares adornados. Dali pra diante, bastaria dar continuidade ao que era previsto no projeto inicial. Contudo, na medida em que a obra avançava, começaram a surgir imprevistos. A primeira delas seria a grande quantidade de detritos de pássaros que se acumulavam nos cantos da forração, principalmente acima do altar, onde havia reentrâncias próximas às paredes, formando um vão.

Conforme Garbin (2019), ali existiam locais com cerca de meio metro de sujeira. Eram fezes de morcegos, pombos e gambás, restos de ninhos de pássaros e de animais mortos, dentre outras impurezas. De fato, não era raro encontrar acessos entre os beirais da cobertura por onde os bichos entravam. Além do forte odor, os trabalhadores tiveram que se mobilizar para uma limpeza diferenciada, conforme as normas sanitárias vigentes. Porém, o mais grave ainda estava por se revelar, conforme apresentado no Painel:

ETAPA 6 - Os imprevistos: Com a reforma em andamento foram se revelando avarias na parte estrutural da obra. Havia enormes rachaduras escondidas sob o reboco e a pintura. Também foi notada a falta de pilares e vigas de sustentação, ou seja, somente as paredes de tijolos mantinham o edifício de pé. A retirada de portas e janelas também revelaram várias fissuras nestas aberturas. Algumas paredes, como a do presbitério,

apresentavam risco de desabamento e precisavam ser demolidas com urgência. (Painel *Reforma*. PSJB, 2016).

Não havia pilares que servissem de apoio para as paredes, tão pouco, vigas para sustentação da cobertura, causando enormes rachaduras nas paredes que evidenciavam um colapso. Com a eminência de um desabamento, a equipe de construtores precisou rever os planos de reforma, concluindo que, para a eficácia do empreendimento, haveria a necessidade de demolir quase 80% da obra existente<sup>182</sup>.

**Figuras 57, 58 e 59:** Com a reforma em andamento foram se revelando avarias na parte estrutural da obra. Havia enormes rachaduras escondidas sob o reboco e a pintura (F.57). Também foi notada a falta de pilares e vigas de sustentação, onde somente as paredes de tijolos mantinham o edifício em pé (F.58). Na desmontagem da cobertura, o forro da cúpula cedeu. A imagem mostra a abside e as aberturas de onde foram retirados os vitrais. É possível ver a mancha escura na parede onde se acumulavam detritos no forro (F.59).



Foto: Valdir Garbin. Data: 2013. Fonte: Painel *Reforma*: Etapa 6 e 7.

Em sua Etapa 8, o Painel *Reforma* indica que “Houve muita incerteza quanto ao que fazer”. Se mantivessem o plano de reforma integralmente, ignorando os problemas surgentes, haveria o risco de desabamento do edifício durante ou após a conclusão. Por outro lado, uma intervenção mais radical implicaria em investimentos até então não equacionados. Após a análise de outros profissionais, especialistas em avarias estruturais, optou-se pela demolição da igreja, mantendo intacta apenas a parte frontal, que compreendia parte da fachada e a torre dos sinos, sendo estes itens postos apenas para restauros.

ETAPA 10 - Seguindo em frente: O impacto da obra foi sentido por todos, porém, durante o período da reforma, as atividades paroquiais não foram interrompidas. As missas eram celebradas no salão paroquial. Os encontros de pastorais, de movimentos e a catequese transcorriam normalmente. Desta forma, os fiéis podiam acompanhar o progresso da obra diariamente e participar de todas as etapas. (Painel *Reforma*. PSJB, 2016).

<sup>182</sup> Esta informação consta no site da Paróquia São João Batista. Disponível em: <<http://saojoabatistafoz.com.br/reforma-da-paroquia-sao-joao-batista/>>. Acesso em: 05 de abr. 2020.

Segundo Garbin (2019), houve o cuidado de não se interromper as atividades paroquiais e, além disso, primou-se para que os participantes em trânsito pela paróquia pudessem observar a evolução das obras, o que certamente resultava em comentários nem sempre favoráveis às modificações do templo.

Por tamanha importância dos fatos, padres e liderança paroquial procediam em comunicar à comunidade todas as resoluções sobre a reforma na medida em que iam sendo discutidas, como forma de transparência, diálogo e ciência, e para que não surgisse a interpretação de que as ações teriam sido tomadas de forma unilateral. Mesmo com essas precauções, a intervenção extrema causou indignação de algumas pessoas que defendiam a permanência da edificação tal como estava. Por sua vez, alguns destes que procuraram o pessoal responsável para obter mais explicações sobre a motivação das obras, acabavam por concordar com a demolição ao serem esclarecidos.

Garbin (2019) acrescenta ainda que, só não houve maiores protestos pelo fato de a fachada e a torre da igreja terem sido poupados da demolição. Havia tapumes de contenção ao redor da obra e a população que transitava em frente à igreja não conseguia perceber o tamanho do estrago<sup>183</sup>. Como pode ser visto pelas imagens a seguir, da fachada para traz, tudo foi derrubado, restando apenas parte do prédio original.

**Figura 60:** Tapumes ajudam a esconder as obras da igreja. Apenas a fachada e a torre permaneceram em pé.



Foto: Autor desconhecido. Data: 2014.  
Fonte: Site Expedia<sup>184</sup>.

<sup>183</sup> Aqui vale um adendo: Se pensarmos nos tempos atuais, onde existe uma grande participação opinativa por meio das redes sociais, algo ainda incipiente em 2014, pode-se imaginar que as obras da reforma teriam sido barradas por força de protestos da opinião pública.

<sup>184</sup> Disponível em: <<https://www.expedia.com.br/Catedral-De-Sao-Joao-Batista-Foz-do-Iguacu-City-Centre.d6242273.Guia-de-Viagem>>. Acesso em: 12 de mar. 2019.

**Figura 61:** Por outro ângulo, a partir do pátio da igreja, é possível perceber a magnitude das obras.



Foto: Autor desconhecido. Data: 2014.  
Fonte: Painel *Reforma*: Etapa 10.

Esta imagem ilustra a Etapa 10 do Painel *Reforma*, e revela o impacto visual causado pela demolição. Também é possível ver, ao lado da igreja, a bandeira nacional brasileira, tremulando no alto da Avenida Brasil, próximo ao cruzamento com a Avenida Jorge Schimmelpfeng, bem no centro da cidade de Foz do Iguaçu. Esta foto demonstra claramente o caráter de centralidade do templo. Assunto este, que será abordado no próximo capítulo desta tese.

## 2.6. A IGREJA PRESERVADA

Conforme já citado, no que tange à reforma, dentre outros fatores, existiu também a intenção de se resgatar o aspecto da igreja em sua originalidade, presente até 1978. Destarte, o conceito histórico buscado estaria assegurado por meio de mecanismos de ativação de memórias, possíveis a partir da alegoria do templo. Um ponto facilitador deste processo, no entanto, poderia se dar pelo simples ato de preservação do que já se encontrava intacto. Itens que não entraram na lista do que seria posto ao chão. Por conseguinte, a torre e os sinos, parte da fachada, além dos vitrais do altar e outros elementos construtivos foram preservados, reaproveitados ou postos para restauração.

O texto apresentado na Etapa 9 menciona que, no desmanche do telhado revelou-se a antiga estrutura de madeira relativamente preservada, o que sugeriu a reutilização de parte dela. “As tesouras da época da construção foram feitas todas com travamentos e

encaixes umas nas outras, um trabalho realizado com muito cuidado pelos antigos marceneiros”, segundo descrito. Já na Etapa 11, pode-se ler “Na reconstrução das paredes foram reaproveitados alguns materiais, como os tijolos que foram incorporados a algumas paredes, mantendo, dessa forma, elementos da época de sua construção original.”

Estes procedimentos deflagram não apenas o intuito de se manter itens originais aplicados à edificação, como também o benefício de se reutilizar materiais e técnicas construtivas antigas, muitas delas notórias por sua alta qualidade, o que se revela como um diferencial perante algumas das atuais<sup>185</sup>. Por fim, é claro, existe ainda o fator de economia financeira resultante deste tipo de reciclagem.

A torre, os sinos e os vitrais seriam elementos mantidos intactos, necessitando, contudo, de serem submetidos à restauração. A pintura da fachada e da torre foi removida, sendo aplicados reparos em algumas estrias e outros pontos danificados.

No entanto, as aberturas da torre em formato ogival foram fechadas com vidro transparente, para evitar a entrada das já mencionadas aves. É possível observar também uma modificação na entrada da igreja, que recebeu um novo portal<sup>186</sup> em madeira, combinando com o *design* de seu interior. Descaracterizações estas, tidas como necessárias para salvaguardar a limpeza e a segurança do templo.

Quanto aos vitrais, estes seriam mais complicados de se manter preservados, visto que estavam instalados em paredes que seriam demolidas. Conforme Garbin (2019), a primeira avaliação feita pelos construtores indicava que seria muito difícil realizar a retirada dos vitrais sem que estes se desmanchassem por si só, por serem muito velhos e por conterem emendas de chumbo, um metal extremamente pesado, o que dificultaria a operação.

Entretanto, com a cautela necessária, os vitrais foram retirados com o mínimo de danos, sendo, em seguida, encaminhados para um trabalho de restauro, onde um religioso chamado Frei Paulo, pertencente à Fraternidade *O Caminho*<sup>187</sup> e especialista neste tipo de

---

<sup>185</sup> Como já citado, ainda hoje é possível conhecer, pelas esquadrias e cobertura da Casa Paroquial, o primor das técnicas construtivas dos antigos marceneiros, que utilizavam madeira de lei em suas edificações.

<sup>186</sup> Conforme Fontana (2013, p. 156), tanto simbólica como literalmente, a porta é o limite entre o mundo exterior e o interior sagrado. Cristo é descrito como “a porta” para a salvação (João 10:9).

<sup>187</sup> Fraternidade católica, plurivocacional, formada por consagrados, sacerdotes e leigos. Faz-se presente em diversos países e possui casas também no Brasil.. Em Foz do Iguaçu a Fraternidade dirige a casa *Fraternita*

ofício, trabalhou voluntariamente neles até que ficassem devidamente preparados para serem reinstalados no novo prédio da igreja<sup>188</sup>, conforme pode ser observado nas imagens a seguir.

**Figura 62:** Restauração dos vitrais feita pelo Frei Paulo, da Fraternidade *O Caminho*.



Foto: Autor desconhecido. Data: 2014.  
Fonte: Valdir Garbin (2019).

**Figura 63:** Aspecto do altar da Igreja finalizado com os vitrais reinstalados.



Foto: Roger Meireles. Data: 2015.

*Santos Anjos* (Casa de Passagem Masculina), localizada na Av. Juscelino Kubitschek, 294 – Centro. Disponível em: <<https://www.ocaminho.org/>>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

<sup>188</sup> Garbin (2019) complementa ainda que Frei Paulo precisou se deslocar a São Paulo para buscar os insumos necessários para a realização da restauração dos vitrais, visto que essa atividade é pouco comum na região, tornando raros os materiais empregados para tal.

## 2.7. A IGREJA REERGUIDA

O último processo construtivo da reforma da igreja seria o da reconstrução do templo. Este se revela como a materialização de todos os atributos imaginados por seus construtores sobre seu conceito e sua utilidade. Seriam mantidas as idealizações aplicadas no projeto inicial de reforma, atentando, contudo, que boa parte da obra teria de ser reedificada em vez de restaurada.

Se por um lado, a concepção do conceito histórico sobre o templo estaria sendo assegurado pelo *design* que faria lembrar a edificação original, por outro, os materiais a serem aplicados em sua reconstrução seriam bem mais modernos que os utilizados na igreja de outrora.

O texto presente na Etapa 11 do Painel *Reforma* revela que “Na reforma primou-se pela aplicação dos melhores parâmetros construtivos, sendo utilizados materiais que garantam maior resistência e durabilidade da nova edificação”. O alto padrão construtivo empregado na obra é delineado nas Etapas seguintes, apresentando não apenas a qualidade do material, como também sua utilidade prática.

Em síntese, as informações contidas no Painel *Reforma* descrevem que os procedimentos incluíam a construção de pilares de sustentação, que antes não existiam; estrutura em aço; cobertura com telha metálica; e forração acústica. Atendendo a meta do resgate histórico da estética da igreja, a nova forração trouxe de volta não apenas seu formato original, como também proporcionou o aprimoramento de sua sonoridade. A nova forração, contendo uma camada de gesso acartonado com lã de rocha, proporciona melhor condicionamento acústico, minimizando o eco e a propagação de ruídos; a cobertura recebeu telhas com dupla face, com recheio em poliuretano, melhorando o condicionamento térmico e acústico; as armações da cobertura foram feitas em estrutura metálica, sendo que, por ser este material mais leve, tornou-se possível a retirada das antigas colunas de sustentação existentes na parte central da igreja, que atrapalhavam a visão dos presentes; o piso foi revestido com granito, que apresenta maior durabilidade e uma estética sóbria; para a iluminação foi definido o uso de refletores nas extremidades e lustres no corredor central e lateral, com luzes diretas e indiretas, proporcionando uma melhor distribuição da luminosidade em toda a extensão da nave.

A Etapa 15, última do Painel *Reforma*, trata sobre a pintura da igreja, assinalando que houve a busca pela cor original a ser aplicada ao novo templo “e que, dessa forma, pudesse apresentar a obra como um monumento histórico da cidade, além de sua importância devocional”. O texto finaliza dizendo que “foram escolhidos tons amarelos no corpo da igreja e verde na parte frontal, contrastando a nave com a torre, onde se encontra o sino”.

Aqui, mais uma vez, é explicitada a intenção de se forjar o templo como monumento histórico, reafirmando o projeto inicial da reforma, onde já se propunha prepará-la para uma representação com alcance além do aspecto religioso.

Com a obra reerguida, boa parte destes objetivos haviam sido alcançados, e outros haveriam de ser conseguidos com o tempo. De qualquer forma, após dois anos em obras, a igreja estava novamente em pé.

Em sua conclusão, o Painel salienta que “os graves problemas estruturais que só puderam ser diagnosticados no decorrer da obra foram um grande desafio financeiro, pois não estavam previstos e resultaram em custos adicionais, o que extrapolou drasticamente o cálculo inicial.” De fato, o valor final se revelou quase o triplo do que havia sido estimado inicialmente<sup>189</sup>. Conforme Garbin (2019), apesar das incertezas, o resultado do investimento superou as expectativas e foi amplamente aprovado.

Em seu aporte técnico, por sua complexidade, a reforma desta igreja pode ser pensada como um triunfo da arquitetura e engenharia. Foram empregadas na obra diversas técnicas até então pouco realizadas na região, algumas delas exclusivas para o intento.

## 2.8. A IGREJA REINAUGURADA

CRÉDITOS - Uma conquista: A realização de um empreendimento desta magnitude só foi possível graças ao empenho de muitas pessoas. A dedicação dos sacerdotes da Congregação do Verbo Divino, Pároco Pe. Vincent Chinnaiyan Adaikkala Samy, SVD, e o vigário, Pe. Mariano Venzo, SVD, das doações de fiéis da paróquia e de outras comunidades de Foz do Iguaçu, de visitantes e turistas e das festividades com renda revertida à reforma foi fundamental. Por estas e tantas outras ações, a Paróquia São João Batista foi, com a graça de Deus e as bênçãos de seu padroeiro, entregue à comunidade católica de Foz do Iguaçu no dia 16 de agosto de 2015, com uma celebração especial que contou com vários

---

<sup>189</sup> Valor inicial estimado: R\$750.000,00. Valor final: R\$2.180.000,00. Fonte: Painel *Reforma*.

sacerdotes e grande participação de toda a comunidade. (Painel *Reforma*. PSJB, 2016).

Nas partes finais do Painel *Reforma* é feito o registro dos créditos da obra e a data de sua reinauguração. O novo prédio foi planejado para ser entregue em junho de 2014, por ocasião da comemoração aos 90 anos da Paróquia São João Batista e das festividades do centenário de Foz do Iguaçu. Porém, por toda a complexidade que se apresentou, só pôde ser concluído em 2015, em uma celebração especial que contou com a presença de autoridades locais, vários sacerdotes e a participação da comunidade católica.

**Figuras 64 e 65:** Celebração de reinauguração da Igreja Matriz São João Batista. A cerimônia obteve a participação do bispo diocesano, do clero, lideranças leigas e civis, e da comunidade.



Fotos: Roger Meireles. Data: 16 de agosto de 2015.

Este evento foi realizado conforme se prescreve no rito de *Dedicação da Igreja e do Altar da Igreja*, previsto no *Cerimonial dos Bispos* e no *Pontifical Romano*, sendo, portanto, diferenciada das cerimônias comuns que se realizam no decorrer do calendário católico<sup>190</sup>. A Ata de Dedicação da Igreja e do Altar da Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu<sup>191</sup>, foram redigidas pelo Chanceler do Bispado<sup>192</sup>, Padre Mariano Venzo, e assinadas por ele e pelo Bispo da Diocese, Dom Direceu Vegini. O texto apresenta o roteiro da cerimônia, conforme é possível conhecer a seguir.

A Dedicação da Igreja e do Altar seguiram os ritos descritos no Pontifical Romano e no Cerimonial dos Bispos, faço assim constar: A Solene

<sup>190</sup> O Rito de Dedicação de Igreja segue as orientações do *Cerimonial dos Bispos*, n. 864-917, e do *Pontifical Romano*: Dedicação de Igreja e de Altar, Cap. I.

<sup>191</sup> Anexo 9.

<sup>192</sup> O Chanceler, na Igreja Católica, tem por ofício principal “cuidar que sejam redigidos e despachados os atos da cúria e sejam guardados em seu arquivo”. Ele deve “ser de fama inatacável e acima de qualquer suspeita” (CDC, 483). Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/governo-diocesano/>>. Acesso em: 17 de set. 2020.

Liturgia de Dedicção teve início no Salão Paroquial, de onde partiu a procissão em direção à Igreja a ser dedicada. Chegando às portas do templo, o Sr. Valdir Garbin, representante do Conselho Paroquial, apresentou ao senhor Bispo e a todos os presentes um breve histórico da Igreja e, em seguida o sr. Luiz Carlos Santi e a Sra. Inês Machado da Silva Santi entregaram ao bispo as chaves da Igreja. Dom Dirceu Vegini convidou o pároco da comunidade, Revmo. Pe. Vincent Chinnaiyan Adaikkalasamy, SVD, a abrir as portas do Templo e todos entraram festivamente. O Bispo abençoou a água, com a qual aspergiu o povo, as paredes da igreja e o novo altar. A comunidade ouviu solenemente a Palavra de Deus. Após a Homilia, que explicou o significado da cerimônia que está sendo realizada, cantou-se a Ladainha de Todos os Santos e em seguida Dom Dirceu realizou a prece de Dedicção e Consagração com a devida unção e a incensação e a iluminação da Igreja; após, seguiu o Rito da Santa Missa como de costume. Após a Oração pós-comunhão foi inaugurada solenemente a Capela do Santíssimo Sacramento. Sem mais nada a constar, eu Pe. Mariano Venzo, Chanceler do Bispado, lavrei a presente ata que foi assinada por mim, pelo Senhor Bispo Diocesano e representantes da comunidade.

A ata traz o registro da participação de leigos e religiosos na cerimônia. Valdir Garbin, representante do CPP, afirma a importância histórica do templo em seu pronunciamento, fortalecendo o aspecto centralizador de memórias na qual a nova edificação a ser consagrada se configura. Outro fator a ser pontuado é a da entrega das chaves da igreja ao bispo, feita por um casal pertencente à paróquia. Este ato simbólico demonstra que a Igreja é patrimônio de toda a comunidade, sendo, naquele momento, disponibilizado para o serviço do clero, sob a bênção de Deus<sup>193</sup>.

A cerimônia de Dedicção da Igreja e do Altar é um evento que apresenta certa complexidade, sendo que, desta forma, foi necessário a explicação do rito para a compreensão do público presente durante a homilia. Este simbolismo ritual é fator que será acionado novamente no capítulo seguinte desta tese.

Ao público presente naquela celebração, e a todos os que passaram por ela, até os dias atuais, a reforma trouxe de volta o aspecto semelhante ao da igreja dos anos 1960, porém com acabamento e acessórios bem mais modernos, objetivando aprimorar sua estética e conforto.

---

<sup>193</sup> A entrega das chaves se apresenta como uma forte carga representativa no catolicismo, designando não apenas uma permissão, mas também a autoridade de ligar e desligar, premissas do Sacramento da Ordem na vida consagrada. Este princípio encontra bases nas palavras de Cristo dirigidas a Pedro (primeiro Papa), descritas no Evangelho de Mateus, capítulo 16, versículo 19: *“Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra, será desligado nos céus”*.

O último apontamento presente no Painel *Reforma*, é como uma síntese, não apenas dos esforços construtivos empreendidos, como também traduz muito de sua projeção conceitual, pensada, planejada e realizada tendo em foco um público e lugar específico.

LEGADO - Valorizando a história, a cultura e a religiosidade iguaçuense: Como primeira Catedral de Foz do Iguaçu e Igreja Matriz, a restauração da Paróquia São João Batista cumpre, seu papel na história, na cultura e, principalmente, na religiosidade do povo iguaçuense. Acolhedora, como o próprio povo deste lugar, a Igreja é aberta a todos os devotos e visitantes. Um lugar de encontro, de memória e história de vida de cada um que aqui vem expressar sua fé. (Painel *Reforma*. PSJB, 2016).

O povo e o lugar estão também atrelados à dinâmica do tempo. Este, por sua vez, parece apontar para o momento presente, respondendo uma demanda da atualidade: a forma como a Igreja é vista e como ela vê seu público. Impressões construídas por representações, e que não se encontram engessadas, mas que são mantidas enquanto durar seus benefícios.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 2

Neste capítulo o processo de descaracterização/reforma/demolição/reconstrução são delineados pelo conteúdo que se apresenta no Painel *Reforma*, sendo este item esmiuçado como elemento indiciário para as investigações. Diferente do Capítulo 1, onde a construção das análises históricas se deu pelo acesso a várias fontes, nesta segunda parte o aporte de pesquisa se apresenta bem mais reduzido. Assim como no capítulo anterior, a fotografia assume papel importante para uma melhor compreensão dos assuntos abordados. Foram somados ao conteúdo do Painel, documentos, atas, ofícios e outras deliberações levantadas junto à secretaria paroquial e diocesana, além de alguns relatos orais de pessoas ligadas à paróquia. As informações foram sendo certificadas pelo arquiteto Valdir Garbin conforme o fluxo das narrativas. Este, por sua vez, se mostrou como personagem fundamental para a compreensão das modificações do templo, sendo um dos idealizadores do aspecto alegórico na qual a estética da igreja se configurou.

Diz-se “idealizadores”, pois, conforme se apresenta as análises, mesmo havendo um autor, todas as resolutivas teriam sido submetidas primeiramente à apreciação, sugestão e aprovação do clero, lideranças paroquiais e comunidade. Aspecto este que, ao mesmo tempo em que transmite uma atmosfera de unidade entre os membros da igreja, pode também indicar certo princípio de preocupação (ou precaução), tendo em vista a audácia da empreitada, algo desaconselhável de se assumir sem o devido consentimento da maioria.

Por outro lado, reivindicar a autoria da obra com desassombro corresponde à tarefa dos religiosos da Congregação do Verbo Divino, já historicamente acostumados a deixar sua assinatura em seus mais diversos desafios missionários. Para a obra em questão, foi possível atestá-la não apenas entre o clero paroquial, mas também perante diversos outros verbitas reunidos em Foz do Iguaçu durante a assembleia anual da congregação. A fotografia apresentada no Painel *Reforma*, com os padres do Verbo Divino próximos ao altar da igreja e o Bispo Dom Dirceu ao centro (Figura 56), é bastante significativa neste sentido. Transmite a confiabilidade necessária ao empreendimento ao mesmo tempo em que demonstra mais uma conquista empreendida pela Congregação.

Aproveitar oportunidades também se mostra algo comum nesta esfera religiosa. Já de início, o Painel revela que havia a intenção de se inaugurar a reforma do templo na data de comemoração dos 90 anos da Paróquia São João Batista e das festividades do centenário

de Foz do Iguaçu. O que reforça a maneira de se associar a história da paróquia com a do município. Fator este, semelhante ao que se apresenta descrito no rodapé dos vitrais da igreja, onde, em 1964, se fazia o registro de homenagem aos 40 anos da paróquia e os 50 anos do município.

Além da arrecadação de recursos financeiros, as festas e celebrações paroquiais cumprem importante papel de promover o convívio fraterno entre a comunidade católica, fortalecendo laços de adesão e comprometimento com a Igreja local. Tanto o Painei *Reforma* como o *História* pontuam as festas em seus conteúdos demonstrando que estes eventos colaboram para a consolidação de um vínculo civil/religioso com a Igreja, onde o templo torna-se um símbolo ou materialização destas relações. Concomitantemente, a unidade dos fiéis se mostra imprescindível para o sucesso dos empreendimentos paroquiais, principalmente por sua colaboração voluntária.

O Capítulo 2 cumpre o objetivo de transitar pelo período em que se manifestaram as transformações na Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu entre 1978 a 2015, onde o templo original foi sendo descaracterizado até se tornar um componente alegórico de si mesmo.

Fator importante para a análise é o conhecimento sobre o que seria a “igreja original”<sup>194</sup>, sendo este elemento apresentado no início do capítulo, sobretudo por meio de imagens fotográficas registradas entre 1952 a 1978. Esta originalidade, porém, se revela um tanto dúbia, uma vez que não foram encontrados registros oficiais sobre seu projeto original. A igreja inicial, erguida após o incêndio da igreja de madeira em 1925, não tinha torre, o que poderia indicar que aquele pode ter sido seu projeto conclusivo.

Contudo, conforme foi demonstrado no primeiro capítulo, o templo foi erguido mui vagarosamente, permitindo induzir também que aquela igreja sem a torre poderia se tratar apenas da primeira fase da obra. Mesmo assim, a discrepância estilística entre a torre concluída e o restante da igreja parece conflitar com a ideia de que o conjunto torre/corpo da edificação teria sido idealizado conjuntamente na origem do projeto. Se esta hipótese procede, significaria que o corpo da igreja sem a torre teria sido a “igreja original”, o que

---

<sup>194</sup> Um importante ponto a ser observado neste aspecto é que, se formos considerar a “igreja original” de fato, esta seria a capelinha de madeira que foi consumida pelo fogo em 1925. Porém, nesta análise, podemos descartá-la, uma vez que a alegoria do templo na qual a pesquisa se desenvolve foi baseada na igreja de alvenaria cuja construção se inicia após o incêndio.

também leva a concluir que esta edificação não existe mais, pois tudo que havia da fachada para traz foi demolido com a reforma de 2013.

As imagens seguintes são raros registros da igreja apresentando o que seria evidências de seu aspecto “original”, sem a torre, na década de 1930.

A primeira imagem foi conseguida de um compartilhamento feito pela paroquiana Rita Araújo no grupo do *Facebook* “Dos Tempos Idos Mas Não Esquecidos de Foz do Iguaçu”<sup>195</sup>, gerenciado por ela. A publicação traz a seguinte legenda: Casa do pioneiro Sr. Cândido Ferreira, (carinhosamente chamado de Candinho), ao lado da Igreja Matriz São João Batista, anterior a Casa Marilú (que foi construída bem em frente desta casa). No portão, o casal Carlos Zeve Coimbra e Sussuca Coimbra. Início dos anos 30.

A segunda imagem é uma fotografia realizada por Harry Schinke, já apresentada na Figura 18, onde aqui é feito uma ampliação do detalhe onde se apresenta o templo original. Em ambas as fotografias a igreja parece não prever a construção de uma torre.

Como complemento a estas duas imagens, a terceira fotografia corresponde ao período em que a construção da torre teve início.

**Figura 66:** Registro do casal Carlos Zeve Coimbra e Sussuca Coimbra, com a igreja original ao lado.

**Figura 67:** Ampliação da imagem da Igreja Matriz, ainda sem a torre.



Figura 66: Autor: Desconhecido. Data: Início dos anos 1930.  
Fonte: Facebook / Acervo Loty Ferreira.

Figura 67: Autor: Harry Schinke. Data: anos 1930.  
Fonte: Painei *História*: 1932 / Acervo Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.

<sup>195</sup> <<https://www.facebook.com/groups/igutemposidos/permalink/1433503516803814>>. Acesso em: 05 de dez. 2020.

**Figura 68:** Operários instalando o telhado da igreja, onde é possível ver a torre em construção.



Autor: Harry Schinke. Data: anos 1930.

Fonte: Painel *História*: 1934 / Acervo Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.

A descaracterização deflagra um já citado costume notório naquela época, o da usabilidade prática acima da conceitual. Uma postura observada onde, se houvesse a necessidade, bastaria pôr abaixo sem muito que pensar.

A artista plástica iguaçuense Sra. Loty Ferreira<sup>196</sup>, nascida em 1943, reside ainda hoje ao lado da Igreja Matriz São João Batista e, desde a juventude, participou de várias atividades na paróquia ao longo da vida. Loty (2020) relata que, na época em que ocorreu a reforma que descaracterizou a igreja em 1978, ela teve o descontentamento de presenciar vários itens históricos sendo descartados e queimados num fosso que existia ao fundo do terreno da igreja. Dentre os objetos rejeitados estavam os lambrequins de madeira<sup>197</sup> que acompanhavam parte dos beirais da igreja, e a cadeira que pertencia ao Monsenhor Guilherme. Fato este que, segundo ela, demonstra a falta de cultura na época e total descaso com a história.

O fenômeno do descaso ao patrimônio histórico não se dissipou completamente, sendo possível de ser notado até os dias atuais. São vários os prédios antigos de Foz do Iguaçu que já foram demolidos por razões diversas<sup>198</sup>. De qualquer forma, a Igreja Matriz

<sup>196</sup> Anexo 10. Entrevista concedida em dezembro de 2020.

<sup>197</sup> Conforme Ávila (1996, p. 155), na arquitetura o *lambrequim* é um adorno recortado, contínuo, de madeira, zinco estampado ou chapa, instalados na beira de telhados ou que pendem em trabalhos de talha.

<sup>198</sup> O Conselho Municipal de Patrimônio Cultural de Foz do Iguaçu – CEPAC, só viria a ser formado com a promulgação da Lei nº 4.470, de 5 de agosto 2016 (Foz do Iguaçu, 2016). Este é, conforme a lei, o órgão normativo, consultivo, deliberativo, independente, subsidiado pela Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, que

São João Batista, ou pelo menos parte dela, sobreviveu ao tempo e seguiu seu curso de transformações até 2015.

A transição entre o antigo e o novo templo evidenciou a intenção de se consolidar a igreja como um monumento histórico do município. Entretanto, é possível pensar que, até a reforma de 1978 a igreja poderia já ter sido pensada como um edifício histórico e preservada como tal, uma vez que se desenvolveu juntamente com a cidade. Seria uma igreja histórica modesta, como tantas outras existentes no Brasil. Havia, porém, o fator de risco pela obra mal construída. No entanto, isto seria algo possível de se contornar com um devido projeto de restauração.

Este fator não foi completamente abandonado na recente reforma/demolição. Houve, pois, itens que foram preservados e restaurados. A torre, parte da fachada e os vitrais foram poupados e reparados para seguirem existindo. Outros itens menores, como a mesa do altar e os quadros da via sacra em alto relevo, foram retocados e postos novamente ao uso eclesiástico. Desta forma, existe uma mescla entre a antiga e a nova igreja, permitindo, por meio desta costura, pensá-la como monumento histórico mesmo sendo nova.

Para auxiliar a compreensão sobre a metamorfose entre a igreja história à alegórica foi possível elaborar um esquema utilizando alguns dos registros fotográficos do interior da igreja, selecionados na pesquisa e dispostos aqui de forma ordenada, apresentando quatro momentos da evolução ocorrida entre a igreja original (anos 1960) e a reconstruída (2015). Na comparação é possível perceber com melhor clareza a intenção de se resgatar a aparência perdida dos anos 1960, na qual a alegoria da igreja atual procura se referenciar.

---

institucionaliza a relação entre Administração Pública e os setores ligados ao Patrimônio Cultural, constituindo-se em instância permanente de intervenção qualificada da sociedade civil e poder público na formulação, planejamento orçamentário e de implementação de políticas públicas para a preservação do patrimônio cultural, material e imaterial, do município, observadas as competências que lhe confere a legislação municipal, estadual e federal específica. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/tsouj>>. Acesso em: 15 de abr. 2020.

**Figura 69:** Conjunto de imagens que demonstram as transformações ocorridas no altar da IMSJB.



Igreja Original - Anos 1960



Primeira descaracterização - Anos 1980/1990



Segunda descaracterização - Anos 2000



Reforma / Reconstrução - A partir de 2015 / Atualmente

Composição: Mac Fernandes. Data: Dezembro de 2020.

Em seu aspecto externo a igreja pouco mudou. Este seria um elemento intocável por sua forte representatividade. As figuras 60 e 61 deste capítulo, onde é mostrada a fachada e a torre poupadas da demolição, ajudam a compreender seu processo de monumentalização. São como o cenário de uma peça teatral que precisa produzir um espaço ilusório onde seus atores possam contar suas histórias. Sua aparência é muito evidente nos registros temporais. Um ícone em manutenção até hoje nas diversas formas de representá-la, conforme será visto no capítulo seguinte.

Na descrição das etapas consta a evidente intenção de se resgatar a estética da igreja original por meio da reforma. Este propósito, segundo Garbin (2019), não tem relação com o surgimento da nova catedral Nossa Senhora de Guadalupe, em obras na Vila A. De início, a ação primou pela necessidade de reforma da edificação em prol da segurança de seus usuários. Entretanto, haveria sim, um fator de competitividade ou adaptação, e este seria a de posicionar a Igreja Matriz São João Batista frente a outros ícones monumentais presentes na região. Seria, pois, uma forma de atualizá-la para que pudesse figurar

distintamente no ambiente multicultural e turístico característico do local. Assunto este, também em pauta no próximo capítulo desta tese.

Por esta razão, da mesma maneira, foram idealizados os painéis instrucionais de história e de reforma. Mesmo tendo sido instalados no interior do templo, seu alcance foi pensado para abranger um público além do usual<sup>199</sup>. Garbin (2019) acrescenta que em cidades turísticas no Brasil, ou fora dele, observa-se que grande parte dos monumentos traz consigo um totem ou placa contendo explicações sobre o item, semelhante aos inseridos na Igreja Matriz São João Batista. Uma vez remodelada, a igreja estaria apta para ser percebida como um monumento histórico com toda a instrução necessária.

---

<sup>199</sup> A decisão de instalar os painéis dentro da igreja se deu pela precaução em se resguardar o material das intempéries e da ação de vândalos. Existe outro totem, porém atualmente danificado, instalado na parte externa da igreja, próximo da calçada, onde constavam dados sobre a igreja como edifício histórico, porém a incidência do sol forte provocou o apagamento das informações impressas no mesmo. Este totem fez parte de uma iniciativa do setor turístico municipal, que instalou placas semelhantes também em outros locais de visitação.

### CAPÍTULO 3:

#### UM VELHO TEMPLO PARA OS NOVOS TEMPOS

No catolicismo, conforme Romag (1948, p. 11), o Compêndio da História da Igreja descreve a Igreja como que constituída de elementos visíveis e invisíveis. A Igreja é considerada como sendo corpo místico de Jesus Cristo<sup>200</sup> e, portanto, é divina e essencialmente imutável. Segundo qual, enquanto divina, a Igreja não tem história, porque a história é desenvolvimento e mudança. Mas ela é formada também de um elemento humano, os membros da hierarquia e os fiéis, também denominada como *Igreja Militante*<sup>201</sup>. A apologética e a história apresentam esse duplo elemento, divino e humano, visível e invisível. Por essa razão, a Igreja tem necessariamente sua história e seu desenvolvimento, e esta é quase sempre pensada num sentido mais amplo, pertencente a períodos específicos da macro-história. Neste aspecto, muitos teóricos já se debruçaram sobre a temática da religiosidade a fim de trazer à tona discussões sobre assuntos que parecem evidenciar mais incertezas que respostas.

Para Durkheim toda religião é uma cosmologia e, como fator essencial de organização e funcionamento das sociedades primitivas, seria a base de toda a vida social; para Weber uma forma entre outras dos homens se organizarem socialmente; para Gramsci um tipo determinado de visão de mundo que se situa entre a filosofia (religiosidade dos intelectuais) e o folclore (religiosidade popular), não desligando-se, portanto, das estratégias de poder que organizam diferentemente as sociedades; para Lévi-Strauss, baseando-se no “pensamento selvagem”, a religião pode ser definida como uma “humanização das leis naturais, um antropomorfismo da natureza”; para Freud uma ilusão coletiva, cujo objetivo é dominar o sentimento de impotência que todo homem experimenta frente às forças hostis; para Eliade a referência primordial, o sistema de mundo das sociedades tradicionais, berço privilegiado do “*homo religiosus*”. Portanto, seja através da sociologia, da fenomenologia, da antropologia, da política ou da psicanálise, segundo seus autores clássicos, a religião se definia a partir de uma dicotomia sagrado/profano, inscrita numa

<sup>200</sup> O apóstolo Paulo descreve a Igreja como o corpo de Jesus Cristo, sendo o próprio Cristo a Cabeça (I Coríntios 12:12-14). Outras referências são encontradas em Romanos 12:5, Efésios 3:6 e 5:23, Colossenses 1:18 e 1:24.

<sup>201</sup> Termo derivado do latim *Ecclesia Militans*, que envolve a noção de fé ativa e combativa, à semelhança dos soldados na batalha. Trata-se, portanto, dos cristãos vivos. As outras divisões desta vertente filosófica seriam a *Igreja Triunfante*, compreendendo aqueles que estão no Paraíso, e a *Igreja Penitente* (também chamada de Expectante ou Padecente), dos cristãos do Purgatório, conforme a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html#](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html#)>. Acesso em: 12 de ago. 2020.

racionalidade em cuja proposta, além de descritiva e classificatória, pouco se detinha na busca de explicações para o sentido específico das diversas formas de manifestações do que consideravam o “fenômeno religioso”. (CARDOSO; VAINFAS, 2012, p. 337).

A visão global é sempre fundamental para análises científicas, porém, como já mencionado, a amplitude da abordagem pode invisibilizar aspectos que seriam oportunos para a compreensão de uma história mais específica, como esta na qual esta tese se desenvolve. Portanto, a atenção é dada aqui à edificação (lugar de culto) e sua relação (representação) para com seus fiéis residentes em um lugar determinado (espaço), mais precisamente a Igreja Matriz São João Batista localizada na cidade de Foz do Iguaçu no Oeste do Paraná.

Mesmo se fosse pretendo o esforço de se descrever aqui as inúmeras concepções sobre a ideia de Deus, este ainda seria apenas um passeio superficial pela complexa teia de subjetividades existentes em torno deste tema. Por conseguinte, o foco será direcionado ao templo, local por excelência onde majoritariamente ocorre o ritual e as expressões da fé em toda sua representatividade.

### 3.1. A ALEGORIA DO TEMPLO

História e Alegoria são termos que estão no cerne desta tese, aplicados como adjetivos ao objeto central dos estudos em questão. A igreja, enquanto edificação pura e simples configura-se como uma concepção arquitetônica destinada a abrigar seus frequentadores nas ocasiões em que se reúnem em suas atividades religiosas. Porém, seu caráter subjetivo é intrínseco em suas percepções. Igrejas são quase que naturalmente associadas ao exercício da fé, que, por sua vez, corresponde à aplicação de uma semântica infinitamente variada. A natureza, o homem, suas relações, seus lugares e coisas, recebem novos sentido numa constante dinâmica de ressignificação que transpõe seu caráter objetivo. Não obstante, o próprio vocábulo “igreja” pode corresponder a múltiplos significados<sup>202</sup>.

---

<sup>202</sup> *Igreja*, no sentido genérico religioso, apresenta várias acepções ou usos dependendo do contexto, podendo se tratar da edificação (materialidade) como também de sua instituição ou doutrina. Conforme McKenzie (1983, p. 432), inicialmente o termo grego *ekklesia*, significava a assembleia dos cidadãos de uma cidade

A igreja São João Batista de Foz do Iguaçu, na forma como ela se apresenta atualmente, é tratada neste texto como uma obra alegórica. Esta indicação se dá por seu histórico de edificação, modificações, demolição e reconstrução, sendo este último aspecto um fator determinante para considerá-la uma alegoria.

Uma vez demolida em quase sua totalidade, o projeto para a nova igreja que seria reerguida na sequência poderia ter sido repensado abandonando-se qualquer semelhança com sua aparência anterior. As possibilidades para um novo *design* seriam inúmeras, contudo, optou-se por manter a reconstrução com vistas ao seu aspecto primitivo. Este empenho em resgatar sua originalidade arquitetônica e tecer mecanismos de vínculo desta nova obra com um conceito histórico singular são os fatores que sugerem sua alegoria.

Para pensar sobre este aspecto e como ela pode exercer certa influência nas formas de percepção sobre o templo, são acionados aqui, sobretudo, textos dos historiadores João Adolfo Hansen (2006) e Zahira Souki (2006) em seus escritos sobre alegoria.

De acordo com o dicionário Michaelis<sup>203</sup>, o termo “alegoria” refere-se à “forma ou técnica de representação figurada do mundo abstrato ou imaginário, utilizada no âmbito artístico e intelectual, por meio de imagens, figuras, pessoas, ideias ou qualidades abstratas, de modo que tais elementos funcionem como disfarce das ideias apresentadas”. [...] “Obra de pintura, desenho, arquitetura ou escultura em que as formas representam valores simbólicos”. Destarte, *alegoria* é uma figura de linguagem que amplia o significado de algo. Conforme Hansen (2006, p. 07), é possível ver isso na própria origem grega da palavra, que significa “dizer o outro” ou “falar o outro”, e é propriamente o que a alegoria faz, transporta o interpretante para outro universo de sentidos.

*A alegoria* foi o nome dado por Filão de Alexandria (25ac - 50dc), para designar “o outro dizer”. Através da junção das palavras *outro* (allos) e *dizer*, (agorium) a alegoria passou a ser reconhecida na Grécia helenística como uma linguagem capaz de fornecer, através das aparências, significações subjacentes. Entretanto, antes mesmo de receber este nome, a alegoria já existia e exercia a função de mediar o manifestado e o latente. (SOUKI, 2006, p. 95).

---

com objetivos legislativos ou deliberativos, e não tinha um uso religioso. O termo, contudo, foi aplicado à *ekklesia* de Jerusalém, que também era uma assembleia local. Mas, ao mesmo tempo, era também a assembleia de todos aqueles que acreditavam em Jesus Cristo, tida desta forma como a “igreja universal” composta por todos os cristãos de todos os tempos e lugares.

<sup>203</sup> Cf. MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 10 de set. 2020.

Ao proporcionar significações, a alegoria não se prende apenas ao texto escrito, podendo também ser empregada em outras formas de manifestação artística, tais como a pintura, a escultura, o cinema e a arquitetura. Nestas manifestações, a alegoria configura-se como um método de composição ou instrumento de interpretação de textos ou ideias de difícil compreensão direta.

Historicamente a alegoria foi utilizada ao longo do tempo como recurso retórico para se defender pontos de vista filosóficos. É possível citar, como exemplo, o mito de Orfeu e Eurídice, que apresenta as alegorias da redenção e da salvação. Outro exemplo seria o *Mito da Caverna* de Platão, que usa a alegoria para mostrar como a alma passa do estágio da ignorância para a verdade. Posteriormente, de acordo com Hansen (2006, p. 07), no renascimento a alegoria começou a ser utilizada como um recurso estético. Seria a *alegoria dos poetas*<sup>204</sup>. Neste contexto a alegoria foi utilizada como instrumento de invenção, auxiliando o artista na criação de sua obra, tornando-se parte fundamental na produção artística em movimentos, tais como o barroco. Contudo, para além da produção, a alegoria também foi utilizada como instrumento de interpretação por teólogos na chamada *alegoria hermenêutica*.

A rigor, portanto, não se pode falar simplesmente de “a alegoria”, porque há *duas*: uma alegoria construtiva ou retórica, uma alegoria interpretativa ou hermenêutica. Elas são complementares, podendo-se dizer que simetricamente inversas: como *expressão*, a alegoria dos poetas é uma maneira de falar e escrever; como *interpretação*, a alegoria dos teólogos é um modo de entender e decifrar. (HANSEN, 2006, p. 08).

Neste caso, a alegoria se estrutura como um conjunto de regras interpretativas que o teólogo utiliza para decifrar o texto sagrado<sup>205</sup>. Santo Agostinho, importante pensador cristão, aponta em sua obra *A Doutrina Cristã* que seria preciso uma leitura alegórica para alcançar o significado das escrituras bíblicas. Em *A Divina Comédia* de Dante, considerada uma obra-prima das alegorias teológicas, é composto um imaginário popular acerca da ideia do que seria céu e inferno.

---

<sup>204</sup> “Expressão alegórica, técnica metafórica de representar e personificar abstrações. [...] ela é mimética, da ordem da representação, funcionando por semelhança” (HANSEN, 2006, p. 08).

<sup>205</sup> É possível perceber a aplicação desta técnica, por exemplo, nas epístolas de São Paulo e no Livro do Apocalipse de São João, onde a Igreja é comparada a uma Noiva. Cf. 2 Coríntios 11:2; Efésios 5:24; Apocalipse 19:7-9; 21:1-2.

Com esta profusão de utilidades, não é raro confundir alegoria com outros recursos de expressão, sobretudo a metáfora, pelo fato de ambas utilizarem o sentido figurado. No entanto, a metáfora é aplicada principalmente a termos isolados, podendo estar presente tal como em um texto ou uma música. Já a alegoria ocorre em toda a produção. Um exemplo seria a obra do escritor inglês George Orwell, *A Revolução dos Bichos*, considerada uma alegoria sobre regimes totalitários.

Embora uma alegoria e uma metáfora partam de princípios semelhantes, elas diferem entre si. Ambas estabelecem uma relação entre dois elementos concretos para expressar um significado abstrato. Mas, enquanto a metáfora é construída a partir de uma associação que se apoia na semelhança entre dois elementos diferentes, a associação da alegoria é feita de forma arbitrária, sem nenhuma regra de similaridade. Na alegoria, o significado desejado se incorpora a um objeto escolhido, como resultado de um ato intencional. A diferença existente entre a metáfora e a alegoria se situa no fato de que nesta o significado apoia no significante e pode ser constantemente alterado, o que não acontece na metáfora. (SOUKI, 2006, p. 94).

A linguagem metafórica é mais dinâmica, possibilitando várias possibilidades de sentido. Por outro lado, a linguagem alegórica se concentra na dedução que está conectada a uma ideia ou moral.

Assim, estática ou dinâmica, descritiva ou narrativa, a alegoria é procedimento intencional do autor do discurso; sua interpretação, ato do receptor, também está prevista por regras que estabelecem sua maior ou menor clareza, de acordo com o gênero e a circunstância do discurso. (HANSEN, 2006, p. 09).

Outra ambiguidade possível seria entre alegoria e símbolo. A alegoria faz uso também de uma linguagem simbólica, mas isso não faz dela um símbolo. Na prática, o símbolo é aquele em que o sentido figurado é compreendido quase que imediatamente, se este se insere numa mesma dinâmica cultural entre autor e interpretante. Vemos o símbolo e já sabemos a que ele faz referência<sup>206</sup>. Já a alegoria exige uma interpretação de todo um código (texto, som ou imagem) para que o sentido figurado seja detectado.

Por outro lado, as suas diferenças em relação ao símbolo, como entendido pelos românticos, são mais acentuadas. Na alegoria, como cada

---

<sup>206</sup> “[...] romanticamente o símbolo é o universal *no* particular; a alegoria, o particular *para* o universal”. (HANSEN, 2006, p. 17).

significante foi escolhido de forma arbitrária, não lhe foram impostos limites interpretativos. Além disso, uma intenção alegórica não se prende ao significado sugerido pela sua origem, como acontece no símbolo; por exemplo, sino e igreja, cruz e Cristianismo. Pelo contrário, ela predispõe sempre a uma renovação de significados. (SOUKI, 2006, p. 94).

Por conseguinte, alguns pensadores tratam a alegoria como um conjunto simbólico complexo, composto por metáforas, fábulas, símbolos e outros elementos de figura de linguagem. Por meio deste princípio, é possível pensá-la em sua aplicação na festa popular do carnaval, que é, inclusive, onde este termo é mais comumente associado no Brasil. No carnaval existe uma mescla de elementos representacionais. Nos desfiles dos grandes centros cada escola de samba procura escolher um tema a ser apresentado ao público por meio de um enredo, fantasias e carros alegóricos, sendo que cada componente desenvolve uma fração da composição que será levado ao público esperando-se que haja uma apropriação da conjuntura, não apenas de forma racional, mas também afetiva. O sucesso da produção dependerá da eficácia desta absorção.

Diferentemente de uma representação literária, que conta apenas com as letras maiúsculas para definir uma personificação, a linguagem plástica alegórica utiliza adereços que completam a identificação de cada personagem. Assim, uma intenção alegórica é auxiliada por elementos secundários, que identificam cada personagem, diferenciando-as e ao mesmo tempo contribuindo para a construção de um impacto visual. Não seria possível, por exemplo, reconhecer a representação da alegoria da *Liberdade* ou da *Justiça* sem que lhes tivessem sido incorporados os adereços que tornassem reconhecíveis os seus atributos. Os olhos vendados, a balança, a espada falam da imparcialidade, do equilíbrio e da firmeza da justiça como se fossem um texto visual que obrigasse a uma leitura. (SOUKI, 2006, p. 95).

Nesta perspectiva, o conhecimento universal é um facilitador para a interpretação, uma vez que o sujeito já se encontra munido, em maior ou menor grau, de um repertório que lhe permite decifrar os códigos da alegoria sem um auxílio complementar.

Contudo, quando o objeto alegórico se posiciona num contexto mais restrito, os instrumentos indicativos de seus significados tornam-se obrigatórios para que haja a compreensão necessária sobre sua representação, como é o caso da alegoria acerca da Igreja Matriz São João Batista, um elemento bastante específico que, em função disso, acaba escapando do conhecimento popular, sendo necessário ser justificado por meio de seus painéis para ser compreendido.

Nas igrejas em geral existe muito de simbólico em sua arquitetura e muito de alegórico em sua arte sacra, sendo que algumas delas se tornam famosas por conterem estes dois aspectos em magnificência. O templo torna-se monumento por sua relevância cultural, por sua idade ou por seu autor, mesmo que o significado de seus símbolos ou de suas alegorias não sejam tão evidentes<sup>207</sup>. Não é raro, neste caso, que a igreja obtenha maior atenção por seu valor como atração turística que religiosa, tendo, inclusive, seu acesso condicionado ao pagamento de ingressos<sup>208</sup>.

Sobre o aspecto simbólico, é possível perceber que muitas das igrejas católicas no Brasil têm seu projeto inspirado nos modelos arquitetônicos europeus, onde se nota a presença de uma ou mais torres, e o corpo da igreja onde a nave recebe a cobertura com o habitual telhado inclinado, características estas, presentes também na arquitetura da Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu. Conforme já citado, a *nave* se refere ao espaço fechado do templo destinado à acomodação da assembleia. É originário do grego *naos*, que também significa “barco”. Conceito este, ligado à narrativa bíblica de Noé e o dilúvio, onde a arca é lugar de refúgio e salvação para os fiéis. Já a torre<sup>209</sup> (ou pináculo), se refere ao ponto mais alto de um determinado lugar, simbolizando o dedo de Deus que aponta para o céu, no caso do templo católico. Destarte, estes aspectos simbólicos não são evidentes, necessitando de artifícios instrucionais para serem compreendidos.

Ao longo da história, a alegoria desempenhou papéis diferentes, definidos pelo próprio momento histórico, devido mesmo à sua versatilidade, de tal maneira que, na ausência da possibilidade de uma linguagem direta, a sua obliquidade surgia como uma forma de sugerir a existência de um mundo subjacente àquilo que era manifestado. (SOUKI, 2006, p. 95).

---

<sup>207</sup> Nestes casos, são produzidos mecanismos adjacentes para a instrução acerca do significado do símbolo ou da alegoria, tais como livros, sites, folders, ou outros meios de comunicação. No local onde se encontra a igreja, as informações podem ser dispostas em totens e placas, ou por meio da explicação oral de um guia turístico.

<sup>208</sup> Como exemplo são as diversas igrejas históricas da Europa, buscadas prioritariamente como atrativo turístico. No Brasil, é possível citar algumas igrejas das cidades históricas de Minas Gerais, onde, em alguns casos, a cobrança de ingressos só é interrompida quando ocorrem as missas. Os valores arrecadados são destinados à limpeza, manutenção e conservação do templo. Em alguns casos, é necessário um alto investimento também em segurança, para assegurar a proteção do acervo de arte sacra presente na igreja, onde são mantidos itens em ouro e entalhes produzidos por artistas consagrados.

<sup>209</sup> A torre é um símbolo comum da loucura das aspirações humanas, notadamente na história bíblica da Torre de Babel (no Gênesis) – Construção cujo projeto de alcançar os céus e Deus fracassou. As torres também são símbolos de vigilância, em particular no sentido religioso de alertar para o apocalipse ou para a iminência do juízo final. No simbolismo psicanalítico, a torre representa o falo ereto: o herói que salva a donzela da torre é visto como metáfora da maturidade sexual. (FONTANA, 2013, p. 157).

A significação da complexa gama de elementos presentes na alegoria também está sujeita às variações da cultura e do tempo onde se posiciona seu intérprete. A ausência de objetividade presente na expressão alegórica pode resultar em leituras divergentes àquela que se propunha o autor. Mas também pode ser esta sua intenção ao se dispensar uma linguagem que poderia ser mais objetiva. Uma abstração que é fator inerente à arte e que, neste aspecto, se abre a múltiplos significados.

De qualquer forma, o conjunto de elementos que configuram a expressão alegórica pode ser detectado na Igreja Matriz São João Batista por três princípios. Primeiro por sua estética, presente em sua originalidade e depois em sua reconstrução; em segundo, por sua intenção, que se refere ao projeto deliberado em produzi-lo como tal; e, por fim, por seus mecanismos de significação, auxiliados por meio dos painéis que apresentam não apenas a composição de sua história, como também de sua própria concepção alegórica.

### 3.2. A SAGRAÇÃO DO TEMPLO

Os assuntos que serão aqui abordados se referem ao exercício de considerar a edificação do templo e seu espaço como sendo peculiares para a expressão da fé, distinguindo-os dos demais lugares. Para o auxílio da compreensão sobre o tema, são evocados, sobretudo, dois autores. O arquiteto e urbanista italiano Bruno Zevi (1992), conhecido como historiador e crítico da arquitetura; e o psicólogo britânico David Fontana (2013), que versa sobre o universo da simbologia. Estes dois aspectos, arquitetura e simbologia, mostram-se associados na concepção do templo enquanto lugar sagrado, auxiliando seus frequentadores a considerar o espaço como instrumento de ascese.

Desde os primórdios revela-se intrínseco ao homem a crença em Deus ou a um ser superior divinizado e, a partir dela, as formas de venerá-lo e a escolha de seus lugares de culto. Índícios arqueológicos apontam que os primeiros espaços sagrados, das primeiras religiões, foram os naturais: florestas nascentes e cavernas. No entanto, com o processo de ritualização dos cultos, surgiu a necessidade de definir lugares sagrados como construções designadas à devoção que apresentam as características essenciais de cada religião. Por conseguinte, existem também outros inúmeros registros e pesquisas que apontam vestígios

de altares ou locais de oferenda ou sacrifício erguidos pelo homem em quase a totalidade das civilizações ao redor do mundo<sup>210</sup>.

O templo é tido por seus frequentadores como um lugar sagrado. Espaço onde se desenvolve a mística da religiosidade como expressão pessoal ou comunitária da fé e comunicação com Deus. O sociólogo francês Émile Durkheim (2003, p. 18), considera a religião como uma projeção dos valores sociais da sociedade. Uma forma de ordenamento social por meio de afirmações simbólicas que, não necessariamente, estão vinculadas diretamente à ideia de Deus. Não obstante, o antropólogo americano Clifford Geertz (1978, p. 104), também associa a religião a um sistema de símbolos, uma teia de significados que o próprio homem ajudou a tecer como orientação da conduta humana, absorvidos, sobretudo, por meio do ritual. O rito, neste sentido, se apresenta como uma forma previamente orientada de expressão da fé, e esta encontra legitimidade ao se desenvolver em local apropriado para o culto.

Desta forma, o lugar de culto torna-se lugar sagrado, essencialmente puro e purificador, projetado para a redenção dos homens. Conforme Durkheim (2003, p. 452), “Com o puro se faz o impuro, e reciprocamente. É na possibilidade dessa transmutação que consiste a ambiguidade do sagrado”. Classificar o espaço sagrado como *lugar santo* ou *terra santa* deriva desta possibilidade de vivenciar o que é divinamente consagrado em oposto ao mundano, que seria todo o resto.

As edificações formam um braço importante do simbolismo desde a ideia medieval de Deus como “arquiteto do cosmo” até os atuais “arranha-céus”. Poucos tipos de edifício carregam um simbolismo tão profundo como os dedicados à adoração divina. Prédios sagrados e templos de várias tradições espalhados pelo mundo foram desenhados para evocar o poder cósmico. Os egípcios construíram pirâmides e obeliscos para refletir a luz perfeita do deus sol, enquanto no leste da Ásia, budistas erigiram pagodes com diferentes níveis para simbolizar a ascensão espiritual. O antigo tabernáculo judeu foi o precursor do templo judaico, da sinagoga e da igreja cristã, e representava a casa de Deus na Terra. Como outros santuários, o tabernáculo possuía dimensões geométricas precisas que refletiam a progressão espiritual, ou seja, a travessia iniciada no mundo exterior, com a passagem por espaços velados, até o altar mais sagrado, ou o ponto mais profundo da alma em que se encontra o “divino dos divinos”. (FONTANA, 2013, p. 156).

---

<sup>210</sup> Ruínas de um templo em Dura Europos, na Síria, datada de 235 d.C., são consideradas da mais antiga igreja cristã já identificada. No Brasil, a Igreja da Misericórdia, erguida em 1526 na cidade de Porto Seguro na Bahia, é considerada o templo católico mais antigo do país. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/terra-brasilis/lista-as-igrejas-mais-antigas-do-brasil.phtml>>. Acesso em: 10 de out. 2020.

O templo<sup>211</sup> é o local de culto por excelência, nas suas mais diversas concepções arquitetônicas. Contudo, sua representação simbólica geralmente alcança proporções bem mais profundas, abarcando uma cosmologia própria como forma de concentrar as demonstrações de fé que nela se manifestam. Dada estas qualidades, as igrejas figuram também como marco referencial para a história, não apenas por seu caráter material, mas também por sua representatividade cultural.

As basílicas romanas seculares<sup>212</sup>, caracterizadas por conterem salões públicos retangulares de grandes proporções, serviram como modelo para as primeiras igrejas cristãs. Segundo o arquiteto italiano Bruno Zevi (1992, p. 71), para uma concepção arquitetônica do templo, os cristãos se inspiraram na basílica mais do que no templo romano<sup>213</sup>. O templo passaria a assumir uma dimensionalidade espiritual, criado segundo a escala dos que deviam acolher e elevar a religião. A presença humana era fundamental para dar propósito às frias paredes de pedra, sendo, desta forma, protagonista desta arte.

A religiosidade não se expressa apenas por meio das narrativas sagradas, mas também por seus rituais e em seus objetos cerimoniais. Muitos destes itens carregam representações acerca de episódios e personagens aplicados mediante técnicas artísticas em tecidos, cálices, velas e candelabros. O próprio edifício também faz parte desta gama de elementos, tendo suas paredes, pilares, pisos, aberturas e forrações como espaços tridimensionais de expressão simbólica, onde, além de contemplá-la, o homem integra seu conteúdo.

[...] o caráter essencial da arquitetura que a distingue das outras atividades artísticas está no fato de agir como um vocabulário tridimensional que inclui o homem. A pintura atua sobre duas dimensões, a despeito de poder sugerir três ou quatro delas. A escultura atua sobre três dimensões, mas o homem fica de fora, desligado, olhando do exterior as três dimensões. Por sua vez, a arquitetura é como uma

---

<sup>211</sup> Do latim *templum*, “local sagrado”. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/templo/>>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

<sup>212</sup> Segundo Koch (1996, p. 111), a *basílica* corresponde originalmente a sede administrativa do Arconte Basileu na Ágora de Atenas. Um grande espaço coberto, empregado pelos romanos como mercado ou tribuna. Seu modelo arquitetônico foi largamente desenvolvido pelos Romanos, sendo mais tarde adaptado para os templos cristãos.

<sup>213</sup> Não é mais o templo que distingue a cidade medieval da cidade antiga, porque muitas vezes ou o templo foi reutilizado como igreja, ou então a igreja cristã foi construída sobre o local do templo. Com a igreja, um elemento fundamentalmente novo sobreveio. Os sinos aparecem e se instalam no século VII no Ocidente. Eles serão ponto de referência na cidade; em particular na Itália, onde o sino muitas vezes é instalado não no corpo do monumento, mas numa torre especial: o campanário. (LE GOFF, 1998, p. 9).

grande escultura escavada, em cujo interior do homem penetra e caminha. (ZEVI, 1992, p. 17).

Conforme Fontana (2013, p. 19), desde a antiguidade e a idade média, muitas igrejas foram concebidas como narrativas em forma de arquitetura, combinando diversos elementos, tais como a escultura, a pintura e os vitrais, para servirem também como instrumentos de catequese em épocas onde a grande maioria dos fiéis era composta por iletrados. Desta forma, eles podiam “ler” as histórias bíblicas por meio de ilustrações pintadas ou esculpidas nas paredes do interior do templo.

Na Europa, as igrejas góticas eram construídas em forma de cruz e alinhadas com o leste, lugar de nascimento de Jesus. Os altares eram dedicados ao sacrifício de Cristo e seu sepulcro; os arcos pontiagudos simbolizavam as duas mãos em posição de reza e lembravam aos fiéis a importância da prece na vida espiritual. As esculturas e os santos esculpidos remetem às virtudes sagradas e, a pintura das paredes, ao nascimento, aos milagres, aos ensinamentos e à morte de Cristo. Os afrescos do teto simbolizavam a necessidade de dirigir os olhos e o espírito para o alto, em direção ao mundo eterno. Os objetos podem ser focos de concentração para pensamentos, preces ou meditação. O crucifixo, por exemplo, é uma lembrança simbólica de que a vida e o sofrimento físico são inseparáveis. As uvas, o milho, os peixes, a água e a pomba também carregam significados simbólicos populares e compreendidos pela congregação. O Objetivo desses símbolos era guiar a mente até Deus, lembrar a brevidade da vida terrena e evitar as tentações da carne e as armadilhas do diabo. A vida física tinha um propósito em si mesmo e as igrejas eram monumentos vivos a esse fato. (FONTANA, 2013, p. 19).

Paralelamente à mística, o templo se apresenta nesta perspectiva como elemento visível e material, um ponto centralizador físico para incorporações imateriais. Desta forma, ela é também projetada para se distinguir das demais edificações produzidas para o uso comum. Ela é propositalmente pensada, erguida e ofertada a Deus antes de ser entregue aos homens.

Não obstante, a Igreja Católica mantém o costume de *Dedicação do Templo* prescrito em suas tradições milenares<sup>214</sup>. Em linhas gerais, o ato consiste em uma bênção

---

<sup>214</sup> Conforme o Cardeal Orani João Tempesta, o ato de dedicar algo à Deus possui suas raízes mais profundas no Antigo Testamento. Já ali se encontra a dedicação de alguns altares (Nm 7, 10-11. 84. 88), de casas (Dt 20,5) e sobretudo, as diversas e sucessivas dedicações do Templo do Senhor realizadas por Salomão (1Rs 8, 1-66), Esdras (Esd 6, 15-18) e Judas Macabeus (1Mc 4, 36-59). Esta festa tinha sua grande importância para o povo judeu, pois lhes recordava que o Templo onde realizavam suas orações era a *Casa do Senhor*, a

especial concedida pelo Bispo no intuito de reservá-la para o uso sagrado, tornando aquela edificação distinta de outros espaços.

Conforme já mencionado no capítulo anterior, a Igreja Matriz São João Batista após ser reerguida e finalizada, recebeu uma consagração especial por meio da cerimônia de dedicação ocorrida no dia de sua reinauguração. Um evento carregado de atos simbólicos que visam dar um sentido devocional à edificação, transcendendo sua materialidade e apontando para algo maior.

O roteiro sinteticamente descrito na Ata de Dedicação da igreja e do Altar da Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu (anexo 9), fazem uma demonstração sobre este complexo ritual. A cerimônia segue as orientações do *Cerimonial dos Bispos*, n. 864-917, e do *Pontifical Romano: Dedicação de Igreja e de Altar*<sup>215</sup>, Cap. I.

O protocolo prevê a aspersão, simultaneamente do povo e das paredes da igreja, com a água benta que o presidente da celebração faz logo no início da celebração como lembrança do batismo; é feita a oração da ladainha dos santos; são depositadas as relíquias (rito opcional) de um ou alguns santos sob o altar; em seguida o Bispo recita a oração de dedicação, oração que desenvolve amplamente a teologia sobre a Igreja, da qual este edifício é sinal; terminada esta oração ele procede unguindo o altar e as paredes da igreja com o óleo do crisma; a seguir se procede com o rito da incensação do altar, do povo e das paredes<sup>216</sup>; por último, após arrumar o altar como de costume para a Santa Missa, procede-se com a iluminação da igreja, onde se acendem as velas do altar e as velas que foram colocadas nas paredes da igreja onde o bispo assinalou com a unção; daí a missa prossegue como de costume<sup>217</sup>.

---

morada de Deus no meio deles. Esta festa também os recordava a sua dignidade de povo escolhido por Deus e o seu dever de ser-lhe fiel. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/a-dedicacao-de-uma-igreja/>>. Acesso em: 12 de dez. 2020.

<sup>215</sup> Livros de instrução ritual que contém a liturgia episcopal em geral. As várias celebrações no decurso do ano, as sacramentais, datas importantes na vida do Bispo e as celebrações litúrgicas relacionadas com atos solenes do ministério episcopal. Disponível em: <[https://www.liturgia.pt/pontificais/Dedicacao\\_Igreja\\_Altar.pdf](https://www.liturgia.pt/pontificais/Dedicacao_Igreja_Altar.pdf)>. Acesso 12 de dez. 2020.

<sup>216</sup> O incenso simboliza as orações dos cristãos que sobem ao céu.

<sup>217</sup> Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/a-dedicacao-de-uma-igreja/>>. Acesso em 12 de dez. 2020. De forma complementar, o site da Diocese de São João da Boa Vista - SP apresenta orientações para Dedicação da Igreja, que auxiliam na compreensão dos preceitos desta cerimônia. Disponível em: <<https://www.diocesesaiojoao.org.br/orientacoes-para-dedicacao-da-igreja/>>. Acesso em: 12 de dez. 2020.

Conforme o Cardeal Orani João Tempesta, para ter condições de ser dedicada, uma igreja precisa remeter a Deus, isso quer dizer que ela deve ser bela, sóbria, funcional e catequética<sup>218</sup>. Requisitos que condicionam a edificação à uma avaliação não apenas no atendimento à objetividade de utilização prática, mas em vista à sua subjetividade religiosa. A igreja-edificação, portanto, não surge sagrada. Ela não se encontrará apropriada até que seja submetida à ritualização de dedicação.

O espaço sagrado, desta forma, é também institucionalizado, posto primeiramente sobre alinhamentos eclesiásticos para só então ser divino. Apropriações, estas, pelas quais a Igreja Matriz São João Batista foi submetida e, posteriormente, consagrada.

Nesta pesquisa não foram encontrados registros que demonstrem que a Igreja Matriz São João Batista tenha passado por este processo de dedicação do templo em sua origem remota. Contudo, o fato de ela ter sido submetida a este rito na contemporaneidade demonstra a importância de sua reestruturação para um novo tempo. Fator, este, altamente relevante por também fazer referência à vida do próprio Cristo em Seu nascimento, morte e ressurreição.

### 3.3. A CENTRALIDADE DO TEMPLO

Ao redor do mundo é possível perceber a importância do templo como símbolo referencial de cidades importantes, principalmente na Europa, local onde a Igreja teve maior influência histórica. Igrejas como a *Catedral de Notre Dame* em Paris, França; O *Duomo de Santa Maria Assunta*, em Pisa, Itália; *São Pedro e Virgem Maria*, em Colônia, Alemanha; *Abadia de Wiestminster*, em Londres, Inglaterra; e a *Basílica de São Pedro*, no Vaticano, são alguns exemplos de templos que transcendem sua importância religiosa para se tornarem ícones referenciais de seus países.

---

<sup>218</sup> Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/a-dedicacao-de-uma-igreja/>>. Acesso em: 12 de dez. 2020.

O Brasil possui inúmeros templos católicos notáveis, porém o maior símbolo religioso do país para o resto do mundo não é uma igreja. Trata-se da estátua do Cristo Redentor, localizado no topo do morro do Corcovado no Rio de Janeiro<sup>219</sup>.

Notadamente no Brasil a implantação de templos Católicos geralmente é instaurada já na origem dos municípios. A fase colonial mostra-se também como sendo a do estabelecimento da fé, onde é possível perceber um tripé que determina esta estruturação até os dias atuais: o nome da localidade ligada à religiosidade; a escolha de um padroeiro, cujo dia de memória litúrgica se torna feriado municipal; e o templo de dedicação, o altar ou capela que posteriormente se tornará Catedral ou Igreja Matriz da cidade.

A localização do símbolo religioso é essencial nesta observação. Geralmente implantado em local de destaque<sup>220</sup>, sua visibilidade passa a figurar como marco referencial para a cidade. No centro de São Paulo, por exemplo, encontra-se a Catedral da Sé, na praça que leva o mesmo nome e cenário de importantes manifestações populares no decorrer da história. É uma igreja que se encontra em um ponto central, onde é possível perceber a cidade afluindo a partir dela. Em frente à Catedral da Sé encontra-se o Marco Zero da cidade de São Paulo, um monumento de mármore de formato hexagonal construído em 1934. Cada um de seus lados possui símbolos representativos de cidades e estados circunvizinhos a São Paulo. Ali é bem perceptível o caráter de centralidade do templo católico<sup>221</sup> na qual a Catedral da Sé se pronuncia.

O conceito, porém, se revela transposto ao fator geográfico. O filósofo romeno Mircea Eliade (1996), aponta para o aspecto de centralidade existente em diversas religiões, proporcionando um sentido espacial/ritual ou simbólico, sendo fator convergente de encontro, de identidade, e de autoafirmação para os cristãos.

[...] a história das religiões conhece um número considerável de construções rituais de um “Centro”. Notemos apenas uma coisa,

<sup>219</sup> De acordo com o site oficial da Biblioteca Nacional, considerado como símbolo do cristianismo brasileiro, o Cristo Redentor é administrado pela Arquidiocese do Rio de Janeiro, foi inaugurado no dia 12 de outubro de 1931, dia de Nossa Senhora Aparecida, e fica no bairro de Santa Teresa. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/04/historia-22-abril-1500-esquadra-pedro-alvares-cabral>>. Acesso em: 12 de abr. 2020.

<sup>220</sup> “O povo continuava sacrificando nos lugares altos, porque até aquele dia não tinha ainda sido edificado o Templo ao nome do Senhor”. (I Reis 3, 2).

<sup>221</sup> Corresponde a: “centralidade do Templo de Jerusalém como lugar santo, em que Deus habita de forma privilegiada” (Catecismo da Igreja Católica - parágrafo 576, 1993, p. 141);

importante a nosso ver: na medida em que os antigos lugares sagrados, templos ou altares perdem a sua eficácia religiosa, descobrem-se e aplicam-se outras fórmulas geomânticas, arquiteturais ou iconográficas que, ao fim e ao cabo, representam por vezes de maneira bastante estranha, o mesmo simbolismo do “Centro”. (ELIADE, 1996, p. 51).

O centro serve de direcionamento para os fiéis como uma bússola, e este aspecto encontra fundamento na teologia bíblica. Conforme confere o Catecismo da Igreja Católica (CIC 737, p. 182), a frase “o Corpo de Cristo” é uma metáfora comum do Novo Testamento para a Igreja, na qual Cristo é a “cabeça” (CIC 774). A Igreja é chamada “um só corpo em Cristo” em Romanos 12:5: “assim também nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada membro está ligado a todos os outros”. E nesta perspectiva, o próprio Cristo se coloca como “pedra angular”<sup>222</sup> do edifício. Ele diz no evangelho de São João 3:14-15: “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim deve ser levantado o Filho do Homem para que todo homem que nele crer tenha a vida eterna”. E complementa no evangelho de São João 12:32: “E quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim”. Dessa forma, a Igreja edificada em lugar central, em destaque para que todos a vejam, é também para os cristãos o próprio Cristo erguido na cruz, que atrai todos à Ele. E esta é uma definição que faz referência a um argumento ainda mais antigo.

O Paraíso onde Adão foi criado a partir do barro encontra-se, bem entendido, no Centro do Cosmos. O Paraíso era o “umbigo da Terra”, e, segundo uma tradição síria, ficava “numa montanha mais alta que todas as outras”. De acordo com o livro sírio *A Caverna dos Tesouros*, Adão foi criado no Centro da Terra, no próprio local onde devia erguer-se mais tarde a Cruz de Jesus. As mesmas tradições foram conservadas pelo judaísmo. O apocalipse judaico e o *midrash* precisam que Adão foi criado em Jerusalém. Tendo Adão sido enterrado no mesmo local onde fora criado, ou seja no centro do mundo, sobre o *Gólgota*, também o sangue do Senhor o redimiu. (ELIADE, 1996, p. 43).

Segundo o exegeta francês Jacques Musset (1993, p. 48), mesmo antes de Cristo, os judeus já edificavam sua sinagoga no local mais alto da cidade, e quase sempre às margens

---

<sup>222</sup> Evangelho de São Marcos 12, 10: "A pedra que os construtores rejeitaram veio a tornar-se pedra angular." A pedra angular era a pedra fundamental utilizada nas antigas construções, caracterizada por ser a primeira a ser assentada na esquina do edifício, formando um ângulo reto entre duas paredes. A partir da pedra angular, eram definidas as colocações das outras pedras, alinhando toda a construção. A pedra angular é o elemento essencial que dá existência àquilo que se chama de fundamento da construção. Atualmente, a pedra angular seria semelhante ao alicerce dos prédios contemporâneos.

de um rio. Não obstante, o Templo de Jerusalém era o centro da vida religiosa judaica. No tempo de Jesus havia sido reconstruído por Herodes “o Grande”, tendo sido iniciado em 20 a.C., inaugurado em 9 a.C. e concluído em 64 d.C., sendo destruído pelos romanos em 70 d.C. O primeiro templo construído por Salomão em 950 a.C. havia sido destruído pelos babilônios em 586 a.C. Um segundo, muito pequeno, foi reconstruído após o exílio na Babilônia.

Aqui é válido pensar que, embora estes apontamentos se refiram a acontecimentos antigos, o fato de o templo se localizar próximo a um rio, e os episódios de construção letárgica, inaugurações, destruições e reconstruções, fazem estes elementos se assemelharem com as ocorrências que envolveram a Igreja Matriz São João Batista.

Ainda conforme Musset (1993, p. 47), em 20 a.C., desejando ganhar as boas graças do povo, Herodes decidiu ampliá-lo e dar-lhe novamente o esplendor que havia tido no tempo de Salomão, o que configura, desta forma, num semelhante exercício de alegorização do Templo já naquela época. Este Templo era grandioso, construído conforme o plano do primeiro templo, em pedra branca, realçada por placas de ouro, erguendo-se do centro de uma esplanada de 480 metros de comprimento por 300 metros de largura, recoberta de lajes colorida, e de onde dominava toda a cidade. Era cercado por uma balaustrada em mármore esculpido, limite que os não-judeus (gentios) não podiam atravessar. Com seus pórticos dotados de soberbas colunas de mármore, o templo enchia de admiração os contemporâneos de Jesus. Tanto que lhes causou profunda indignação quando Ele proferiu as palavras descritas no evangelho de São João 2,19, epígrafe desta tese: “Destruí vós este templo, e eu o reerguerei em três dias”, referindo-se, entretanto, à sua morte e ressurreição<sup>223</sup>.

---

<sup>223</sup> "Com frequência a Igreja é também chamada de construção de Deus. O próprio Senhor comparou-se à pedra que os construtores rejeitaram e se tornou a pedra angular (Mt 21,42 par.; At 4,11; 1 Pd 2,7; Sl 118,22). Sobre este fundamento a Igreja é construída pelos apóstolos[a23], e dele recebe firmeza e coesão. Essa construção recebe vários nomes: casa de Deus (1 Tm 3,15) na qual habita sua família, morada de Deus no Espírito[a24], tenda de Deus entre os homens [a25] e principalmente templo santo, que, representado pelos santuários de pedra, é louvado pelos santos Padres e, não sem razão, comparado na Liturgia com a Cidade santa, a nova Jerusalém. Pois nela somos, nesta terra, como as pedras vivas que entram na construção[a26]. E João contempla esta cidade santa que, na renovação do mundo, desce do céu, de junto de Deus, adornada como uma esposa enfeitada para seu esposo (Ap [a27] 21,1-2). (Catecismo da Igreja Católica- parágrafo 756, 1993, p. 186).

O templo se relaciona com o centro na mesma proporção em que a cidade se relaciona com o templo em uma conexão circular<sup>224</sup>. Segundo Fontana (2013, p. 126), desde os tempos dos antigos egípcios e dos matemáticos gregos Pitágoras (sec. VI a.C.) e Euclides (sec. III a.C.), havia uma forte crença de que o mundo fora criado de acordo com princípios matemáticos, sendo a geometria uma das manifestações desse fato, donde surge a *proporção áurea*<sup>225</sup>, que influenciou a produção de diversos artistas ao longo da história. Conforme Corbalán (2016, p. 113), “os arcos de triunfo da Roma Clássica seguem a proporção áurea, do mesmo modo que os túmulos *lícios* e as igrejas da antiga cidade de Mira (atual *Demre turco*)”.

Inúmeras cidades medievais foram edificadas sobre a planta-baixa de uma *mandala* e rodeadas por muralhas de forma aproximadamente circular. Nestas cidades como em Roma, as artérias principais dividiam-nas em “quartos” e levavam a quatro portões. A igreja ou a catedral erguia-se no ponto de interseção destas artérias. O modelo de inspiração destas cidades fora a Jerusalém Celeste (do Livro do Apocalipse), que tinha uma planta-baixa de formato quadrado e muralhas que comportavam três vezes quatro portões. Mas Jerusalém não tinha um templo no seu centro, já que este era a presença próxima de Deus. (JUNG, 2002, p. 242).

Até aqui estão apresentados pontos conceituais que servem como argumento para uma apropriação simbólica do espaço central pelo templo católico. Com base nesse discurso, é possível perceber a escolha do local para a implantação da igreja como sendo uma definição estratégica e não aleatória<sup>226</sup>.

---

<sup>224</sup> O *círculo* representa totalidade, infinito, completude e perfeição; também simboliza o Sol ou a Lua cheia. Em forma de anel, o círculo é associado à unidade e harmonia incorruptíveis, por isso é usado como aliança de comunidade, amizade ou casamento. (FONTANA, 2013, p. 126).

<sup>225</sup> Conforme Cobalán (2016, p. 07) a *proporção áurea*, também conhecido como *número de ouro* ou *proporção de ouro*, é uma constante real algébrica irracional denotada pela letra grega  $\phi$  (*fi*) que habita um território de relações e propriedades numéricas notáveis, correlacionadas entre a natureza e as criações humanas.

<sup>226</sup> Como exemplo, o Bispo Emérito de Foz do Iguaçu Dom Laurindo Guizzardi (2014, p. 194), descreve que a escolha da área para a implantação da nova catedral Nossa Senhora de Guadalupe se deu por exclusão a outros locais apresentados ao Conselho de Presbíteros. Dentre os espaços cogitados estaria um terreno próximo à rodoviária, descartado por se situar em uma baixada sujeita a aluviões e cercado de pontos “mal afamados”, referindo-se aos motéis e locais de prostituição presentes naquela região. O lugar escolhido acabou sendo uma área localizada na Vila A, “por ocupar um lugar central para a cidade como um todo, no alto de uma elevação, com acesso fácil pela Avenida Juscelino Kubitschek e Paraná para quem vinha do centro, e pela BR 277, para quem vinha do interior, além do amplo espaço para estacionamento”, segundo ele.

A localização do templo católico repete essa característica de centralidade em diversas capitais ou municípios do interior do Brasil. Geralmente está implantada no centro da cidade, com a praça principal à frente e a estruturação urbana como que se expandindo ao seu redor. A maioria das cidades se desenvolveu a partir da implantação de suas igrejas. Dalí surge os traçados das ruas, as praças e as construções.

No caso de Foz do Iguaçu, conforme já citado, o ponto central é incerto, sendo considerada a região central como um bairro, que, por sua vez, geograficamente se mostra deslocado para o contorno oeste da cidade, próximo ao Rio Paraná. O marco zero do município, local pontual de onde a cidade teria iniciado seu desenvolvimento, é tido, de forma não oficial, como sendo o local onde hoje se encontra o mastro com a bandeira nacional hasteada na confluência entre as avenidas Brasil e Jorge Schimmelpfeng. Próximo dali está a Igreja Matriz São João Batista, cuja instalação se deu no início do século vinte, primeiramente com o erguimento da pequena capela em madeira. Naquele período inicial, havia um grupo escolar em frente à igreja<sup>227</sup>, sendo que a praça central se encontrava ao lado, um pouco mais adiante, em um terreno inclinado<sup>228</sup>.

Estes fatores revelam uma quebra de padrão em relação ao que já foi posto sobre a centralidade do templo nas cidades, com a praça e ruas afluindo da igreja como veias que fluem de um coração. Ela permanece sendo central por sua condição geográfica, mas não por ser um ponto originário do município. Este, por vezes, é também indicado como sendo o local de implantação da Colônia Militar nos idos de 1889.

Conforme dados apresentados nos escritos do sargento José Maria de Brito (2005, p. 84), inicialmente a Colônia Militar deveria ter sido estabelecida numa área que corresponde a quatro quilômetros de distância da confluência entre os dois rios (Iguaçu e Paraná), onde seria erguido um edifício com quatro metros de altura e as faces voltadas para os quatro pontos cardeais, com um mirante de modo a facilitar observações a grandes distâncias<sup>229</sup>. Porém, pelo infortúnio de não se encontrar água para saciar a sede dos soldados e seus cavalos em sua chegada, tiveram que aportar provisoriamente no local

---

<sup>227</sup> Primeiras instalações do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, cujo diretor era o Monsenhor Guilherme.

<sup>228</sup> Praça Getúlio Vargas, local que, mais tarde, recebeu a sede da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, cuja inauguração se deu em 1972 com bênção realizada pelo Padre Germano Lauck.

<sup>229</sup> Com os dados de distanciamentos apresentados na narrativa, é possível presumir que o local onde deveria ter ocorrido a fixação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu corresponde à região do alto da Vila Yolanda, o que tornaria, desta forma, aquela localidade seu marco central.

onde hoje se encontra o 34º Batalhão de Infantaria Mecanizado. A tese de Myskiw confirma este fato:

[...] as altas temperaturas e as escassas chuvas dos meses de dezembro e janeiro não tinham capacidade suficiente para fornecer água ao pessoal que fazia parte da expedição. Antonio Baptista da Costa Junior sugeriu a mudança provisória do acampamento junto ao arroio Monjolo, cujo volume de água era maior. (MYSKIW, 2009, p. 140).

Com a mudança de comando naquele período, o novo tenente que assumiu as tropas ignorou o plano inicial, tornando o que era provisória como algo permanente.

De qualquer forma, mesmo com as indefinições sobre o ponto central da cidade, é possível perceber que a Igreja Matriz São João Batista posiciona-se estrategicamente, figurando por muito tempo como um marco central referencial para o município.

É certo que o desenvolvimento urbano ocorrido ao longo dos anos fez com que o centro da cidade deixasse de ser um local de passagem obrigatório para se resolver as atividades cotidianas. Os bairros e a periferia se tornaram células individuais no cenário citadino, com bancos, lojas, e todo tipo de estrutura, oportunizando maior comodidade aos seus habitantes.

A antiga Igreja matriz São João Batista mantém-se, contudo, por entre os edifícios que se ergueram ao seu redor. Sua notoriedade permanece por sua localização, uma via praticamente obrigatória para quem percorre o centro de Foz do Iguaçu, muitos destes, fazendo o sinal da cruz ao passar por ela.

#### 3.4. O ESPAÇO DO TEMPLO

O templo o qual esta tese se dedica a pesquisar se refere à Igreja Matriz São João Batista e está localizada em Foz do Iguaçu, cidade esta, classificada pelas mais diversas instâncias como provedora de uma identidade multicultural que serve também para referenciá-la. Isto posto, demonstra o desafio de se enveredar por uma análise que possa trazer elementos tangíveis para a compreensão desta espacialidade. Não obstante, as observações aqui apresentadas servirão como um indicativo para os estudos de um lugar onde a vista pode até alcançar sua delimitação (ou fronteira), mas está longe de

compreender a totalidade de sua profundidade. Nesta perspectiva, os teóricos e suas teorias são apresentados nas linhas seguintes com temas que manifestam mais provocações que resoluções ao serem acionados durante o passeio por esta espacialidade. Desta maneira, as idealizações buscam, acima de tudo, iluminar o caminho na jornada.

O subcapítulo anterior mencionou o objetivo inicial de instalação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu em um local elevado, estrategicamente escolhido, onde seria erguida uma torre de vigia que pudesse abrigar sentinelas com visão privilegiada dos quatro cantos da cidade, podendo, desta forma, assegurar sua guarnição de qualquer investida de eventuais invasores. Esta estratégia militar não é algo novo. Castelos, fortificações e até mesmo igrejas e mosteiros da antiguidade construíam torres de vigia em suas edificações e buscavam se posicionar em local central e elevado para obter melhor visibilidade, proteção e defesa contra inimigos. Escolher o centro para se fixar, portanto, não representa apenas um posicionamento de destaque, de poder ser visto com maior vislumbre, mas uma tática de poder enxergar melhor e mais longe. Trata-se não apenas de ser notado, mas de poder visualizar o horizonte. Do centro se olha o todo e se vigia.

O posicionamento de centralidade possibilita a observação do seu entorno, da cercania. Esta, por sua vez, precisa ser compreendida por seu observador para uma melhor eficácia de suas investidas, tal como um espaço dominado. Uma dinâmica de apropriações sobre seu lugar e seu não lugar, o que se constrói e o que se faz nele, em qual língua se fala, seus costumes. Neste parâmetro, a conquista pode ser atrelada ao exercício de absorver ou provocar identidades culturais.

Destarte, uma vez que se percebe a objetivação de um posicionamento central para o templo no ambiente urbano, é possível também ampliar a observação para a compreensão de fatores socioeconômicos e culturais inerentes ao espaço no qual o templo escolheu se fixar. A Igreja Matriz São João Batista, objeto principal desta tese, está localizada na cidade de Foz do Iguaçu, lugar amplamente conhecida por seus atrativos turísticos. Soma-se a este fator sua condição geográfica de fronteira, o que contribuiu para incorporar ao local uma dinâmica econômica própria no decorrer dos anos, resultando em uma configuração étnica diversificada<sup>230</sup>.

---

<sup>230</sup> Com cerca de 260 mil habitantes, Foz do Iguaçu é caracterizada por sua diversidade cultural. São aproximadamente 80 nacionalidades, sendo que as mais representativas são oriundas do Líbano, China, Paraguai e Argentina. Disponível em: <<https://www5.pmfi.pr.gov.br/cidade/#next>>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

A chamada *Região Trinacional do Iguazu* compreende o território que abrange a tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, reunindo três cidades polo: Ciudad Del Este (Paraguai), Foz do Iguazu (Brasil) e Puerto Iguazú (Argentina). Conforme fontes emanadas do poder público, em sua origem histórica a região era habitada por índios Caingangues e Guaranis, antes da expansão colonialista iniciada a partir de 1542, período em que se registra a descoberta das Cataratas do Iguazu com a passagem do espanhol Álvaro Núñez Cabeza de Vaca rumo a Assunção, no Paraguai. Mais tarde, a povoação local ganhou impulso, primeiramente influenciada pelas Missões Jesuíticas e, mais tarde, pela extração da erva-mate e madeira, e a presença militar com a função de assegurar os limites fronteiriços. Época em que, além de indígenas, brasileiros, argentinos e paraguaios, alguns grupos espanhóis, franceses e ingleses já se aventuravam pela região<sup>231</sup>.

No âmbito eclesiástico, este período se mostrou como impulsionador para a expansão missionária<sup>232</sup>. Conforme Guizzardi (2014, p. 37), a reestruturação da Prelazia e o surgimento de novas paróquias e dioceses se deram, principalmente, pela demanda ocorrida a partir do fenômeno de colonização do Oeste do Paraná.

A partir do fim dos anos 1940, a Prelazia foi invadida por uma onda de imigrantes de todas as partes do País, especialmente agricultores de origem alemã e italiana, vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Após o Decreto - lei nº 646 do governador Moyses Lupion, de 1947, que instituiu a Fundação Paranaense de Colonização e Imigração, a população da Prelazia acusou um crescimento assombroso, multiplicando as exigências pastorais. Para atender a todas as necessidades, o Prelado e os missionários multiplicaram seu trabalho e correram de norte a sul, percorrendo distâncias enormes e enfrentando desafios de todo gênero. A imensidão do trabalho levou as autoridades eclesiásticas a decretar a criação das dioceses de Toledo e Campo Mourão. (GUIZZARDI, 2014, p. 37).

A Igreja, neste íterim, procurou se adaptar a um sensível crescimento populacional. O volume, no entanto, viria a estar associado também a uma despadronização cultural.

Com o tempo, o lugar foi se modernizando para atender a demanda turística crescente; recebeu infraestrutura viária com a pavimentação de rodovias e a construção das pontes que interligam os três países, aumentando as interações internacionais; construiu um

<sup>231</sup> Disponível em: <<https://www5.pmf.pr.gov.br/cidade/#next>>. Acesso em: 12 de dez. 2020.

<sup>232</sup> Nos diversos canais de comunicação governamental em que o histórico do município de Foz do Iguazu foi pesquisado para compor dados para este ponto, não constam menções sobre a Igreja Católica, sendo que as informações sobre a presença da Igreja na trajetória do município se apresentam por outros canais, em especial naqueles que se vinculam à religiosidade.

novo aeroporto, gerando maior fluidez ao tráfego de pessoas em grandes distâncias; e sofreu a explosão demográfica, ocasionada, sobretudo, pela construção da Hidrelétrica de Itaipu e pelas oportunidades oferecidas pelo comércio de fronteira. Conforme Catta (2003, p. 25), Foz do Iguaçu é uma cidade estrategicamente localizada na fronteira de três países, possuindo uma das mais impressionantes belezas naturais e uma das mais importantes obras construídas pelo engenho humano, além de um frenético comércio de produtos importados, movimentando milhões de dólares anualmente. Razões pelas quais, vários grupos étnicos, do Brasil e de diversas outras partes do mundo, vieram se somar aos imigrantes que já haviam se fixado no local em épocas coloniais, formando o que este autor vem a chamar de “caldeirão cultural”.

Estes seriam fatores que ajudaram a instaurar um imaginário local, de uma região tida como peculiar por apresentar uma representativa diversidade cultural. Condição esta, amplamente aproveitada para a promoção turística do lugar. Algo não raro no Brasil, mas que difere de diversas outras localidades, onde a cultura nativa é tida como patrimônio local, e onde é notado o interesse em seu resguardo como tal.

Sobre estes aspectos que evidenciam a construção de um discurso sobre a multiculturalidade local, Klauck e Szekut (2012) apontam para uma estruturação midiática com a finalidade de consolidação de um referencial patrimonializado.

[...] solidificou-se um discurso construído institucionalmente, pelo poder público e setores do turismo, de forma interessada, de que essa constituição multicultural é uma riqueza da cidade. As características dos grupos que integram este espaço são nomeadas pelos atributos identitários próprios, como a língua árabe, o templo budista, os temperos paraguaios, a gastronomia asiática, a música gauchesca, entre tantos outros. Esses traços são mostrados como patrimônios culturais. (KLAUCK e SZEKUT, 2012, p. 158).

Esta representação social multifacetada estaria igualmente determinada por levantamentos estatísticos e, desta forma, também institucionalizada. De acordo com dados apresentados pela Delegacia da Receita Federal, e do Plano Diretor Municipal<sup>233</sup>, Foz do Iguaçu possui 81 etnias, sendo que os principais grupos étnicos da região são: italianos, alemães, libaneses (árabes), hispânicos (argentinos e paraguaios), chineses, ucranianos e japoneses. Se considerados outros municípios limítrofes de cada país, a região forma um

<sup>233</sup> Lei Complementar nº 271, de 18 de julho de 2017. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/vkseh>>. Acesso em: 30 de nov. 2020.

grande conglomerado internacional, onde circulam pelo menos cinco diferentes moedas (real, guarani, peso, dólar e euro) e se fala diariamente, de forma fluente, no mínimo cinco idiomas: português, espanhol, guarani, árabe e mandarim.

Há que se considerar, entretanto, que o pressuposto da diversidade cultural são as identidades culturais que nela se notam, as formas pelas quais as culturas díspares se expressam por seus agentes, tornando-se também referências culturais associados aos locais onde se inserem<sup>234</sup>. Nesta perspectiva, a etnicidade pode também ser percebida pelas representações da religiosidade como uma das mais significativas formas de identidade cultural, seja por seus costumes como também por seus templos.

Conforme apontado pelo escritor Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 74), a identidade resulta da diferença, ou seja, são relacionais, dependem e se envergam sobre o mesmo objeto referencial. Deste modo, no momento em que se afirma ser algo, exclui-se uma cadeia ampla de outras identidades que foram suprimidas da delimitação referenciada. Afirmar-se como católico, por exemplo, remete a um posicionamento com relação a outras denominações religiosas. Entretanto, esta afirmação pode significar tanto uma militância exercida na instituição, como também apenas um costume de conveniência, como aqueles que popularmente se dizem “católicos relaxados”, referindo-se ao fato de terem sido batizados na igreja católica, mas raramente a frequentam. De qualquer forma, sendo ativo ou passivo no exercício da fé, a estatística o considerará numeralmente como católico. Uma aplicação que pode ser empregada a qualquer outra denominação religiosa, mas que não necessariamente reflete a realidade da expressividade cultural inerente a ação.

[...] não é possível definir que existe uma identidade coletiva, associada ao cenário da diversidade populacional de Foz do Iguaçu. E, quando se

---

<sup>234</sup> O Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) aponta que Pensar em referências culturais significa dirigir o olhar para representações que configuram uma ‘identidade’ da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e aos objetos, aos ‘fazeres’ e ‘saberes’, às crenças e hábitos. Referências são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão distantes, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidades, são o que popularmente se chama de “raiz” de uma cultura. São os saberes e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; Celebrações, festas e folguedos que marcam espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana; As linguagens musicais, iconográficas e performáticas; E os espaços em que se produzem as práticas culturais. Nestes contextos encontram-se os museus históricos, o artesanato, monumentos, praças, vias públicas, edifícios, objetos, datas, heróis, e tantos outros símbolos referenciais associados a culturas específicas. (IPHAN, 2000, p. 29).

valoriza a pluralidade cultural como riqueza, moldando referências de patrimônio cultural, deve-se considerar que estas estão sendo forjadas pelas lutas de representações, capazes de definir e fixar um imaginário social coletivo. (KLAUCK e SZEKUT, 2012, p. 174).

Tanto a identidade quanto a diferença são determinadas pelas relações sociais, estando sua significação sujeita a vetores de força, às relações de poder. Elas não são simplesmente definidas, elas são impostas e, por vezes, não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias. Elas são disputadas.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989) compreende a identidade como inserida dentro de um mercado de bens simbólicos, albergada propriamente na lógica simbólica de distinção, em que existir não é somente ser diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que, em suas palavras:

[...] a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença. Qualquer unificação, que assimile aquilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre outra, da negação de uma identidade por outra. (BOURDIEU, 1989, p. 129).

Por ser uma cidade onde a economia se baseia fortemente no turismo, Foz do Iguaçu se caracteriza, de forma especial, por sua representatividade visual. As imagens dos atrativos turísticos (Cataratas, Hidrelétrica de Itaipu, Macuco Safári, Parque das Aves, Marco das Três Fronteiras, dentre outros) são replicadas e expostas em diversos meios de comunicação como método de persuasão para atrair os visitantes. Da mesma forma, é possível perceber que existe uma busca por um aprimoramento nas representações visuais da religiosidade local. Templos e monumentos religiosos acabam se tornando componentes do repertório turístico da cidade por sua representatividade. Acima de tudo, a monumentalização do templo expressa a presença daquela determinada religião naquela espacialidade, tal qual uma bandeira hasteada no cume de uma montanha conquistada. É certo que nem todas as religiões promovem sistematicamente o proselitismo, contudo, o apelo visual dos templos se mostra como um indicativo da eterna disputa pela conversão das almas, onde aquelas igrejas que não aplicaram investimentos semelhantes em sua visibilidade, acabam sendo preteridas.

De qualquer forma, a reconfiguração de igrejas e monumentos para servirem igualmente à fé e ao turismo é uma realidade presente em muitas cidades. Um aproveitamento mútuo cuja iniciativa pode partir tanto da Igreja como da indústria turística. Um exemplo deste modelo é o que se apresenta no ônibus que faz o *city tour* (circuito turístico) de Foz do Iguaçu, conforme já citado. Uma iniciativa privada, gerenciada pela empresa *Loumar Turismo*. O passeio privilegia aspectos históricos e culturais da cidade, contando com paradas no Templo Budista, Mesquita Muçulmana e Marco das 3 Fronteiras<sup>235</sup>.

Na imagem a seguir é possível ver estampados na lateral do ônibus do *city tour*, as figuras do Marco das Três Fronteiras, o Gresfi<sup>236</sup>, a Mesquita Islâmica, a nova catedral Nossa Senhora de Guadalupe<sup>237</sup>, e o Templo Budista. No âmbito religioso, aparecem três grandes religiões representadas por seus templos: a cristã, a muçulmana e a oriental. Naturalmente existem outras denominações que não figuram ali, uma vez que há a oficialização de 81 etnias na cidade, onde cada qual possivelmente tende a uma linha religiosa. Esta observação leva a concluir que o critério de escolha para estar impresso no ônibus certamente perpassa pela sua representatividade, sendo escolhidas as de maior notoriedade e, conseqüentemente, descartando muitas outras que não apresentam condição semelhante.

**Figura 70:** Ônibus “Foz do Iguaçu City Tour” contendo templos e monumentos estampados nas laterais.



Foto: Autor desconhecido. Data: 2020.  
Fonte: Site *Tripadvisor*<sup>238</sup>

<sup>235</sup> Disponível em: <<https://www.loumarturismo.com.br/passeios-em-foz-do-iguacu/7/city-tour-em-foz-do-iguacu#>>. Acesso em: 17 de mar. 2020.

<sup>236</sup> O Gremio Esportivo e Social de Foz do Iguaçu (Gresfi) é um clube brasileiro que congrega militares das três forças armadas, sendo, inicialmente, o primeiro campo de pouso da cidade até a década de 1970.

<sup>237</sup> A Igreja Matriz São João Batista ficou de fora desta composição, sendo que a representação católica se faz pela figura da nova Catedral Nossa Senhora de Guadalupe.

<sup>238</sup> Disponível em: <[https://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g303444-d2211864-Reviews-Iguassu\\_City\\_Tour-Foz\\_do\\_Iguacu\\_State\\_of\\_Parana.html#>](https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303444-d2211864-Reviews-Iguassu_City_Tour-Foz_do_Iguacu_State_of_Parana.html#>). Acesso em: 12 de dez. 2020.

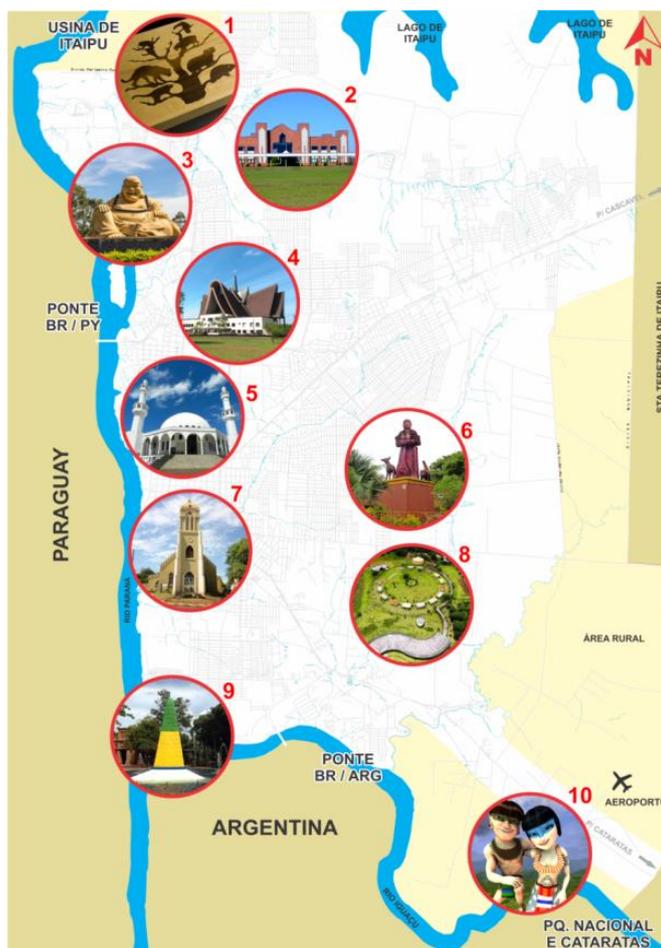
A espacialidade onde se detecta uma variada gama de representações religiosas pode ser tida como um exemplo de multiculturalidade, de pacificidade e harmonia. Mas pode significar também, talvez veladamente, um ambiente de disputas. É em função dessas disputas e contradições que Claude Lévi-Strauss (1980, p. 46) afirma que a noção de diversidade cultural não deve ser concebida de uma maneira estática.

[...] a humanidade está constantemente em luta com dois processos contraditórios, para instaurar a unificação, enquanto que o outro visa manter ou restabelecer a diversificação. A posição de cada época ou de cada cultura no sistema, a orientação segundo a qual esta se encontra comprometida são tais que só um desses processos lhe parece ter sentido, parecendo o outro ser a negação do primeiro. Mas ao dizer, como poderíamos estar inclinados a fazê-lo, que a humanidade se desfaz ao mesmo tempo que se faz, procederíamos ainda segundo uma visão incompleta. Porque, em dois planos e em dois níveis opostos, trata-se de duas maneiras muito diferentes de se fazer. [...] É uma atitude dinâmica, que consiste em prever, em compreender e em promover o que quer ser. A diversidade das culturas humanas está atrás de nós, à nossa volta e à nossa frente. A única exigência que podemos fazer valer a seu respeito (exigência que cria para cada indivíduo deveres correspondentes) é que ela se realize sob formas em que cada uma seja uma contribuição para a maior generosidade das outras. (LÉVI-STRAUSS, 1980, p. 86).

Por sua anteposição, notada já nos primórdios do município, a Igreja Matriz São João Batista obteve a vantagem de se fixar em local de destaque, apropriado a sua influência. Entretanto, é possível mapear outras instituições que, ao longo dos anos, também puderam conquistar espaços no âmbito da cidade e erguer seus monumentos em pontos determinados. Conforme Cardoso e Mauad (1997, p. 404), “uma cultura, ao definir seus objetos, remete a códigos de reconhecimento que indicam traços pertinentes e caracterizantes do conteúdo”. Nas observações é possível perceber que grande parte destas edificações, até mesmo aquelas que não são diretamente associadas a uma instituição ou doutrina religiosa, tende a uma temática mística ou mítica.

Para auxiliar a compreensão sobre esses domínios, a figura a seguir apresenta um mapa onde é possível visualizar a distribuição de alguns destes monumentos na área do município. Os elementos indicados no desenho foram escolhidos por sua notoriedade e por associarem-se a significados simbólicos em suas representações visuais ou contextualizações, algumas delas com maior ou menor grau de percepção. A legenda correspondente ao mapa faz um indicativo sobre o nome do monumento; a crença (ou doutrina) que, de alguma forma, se vincula a ela; e seu significado.

**Figura 71:** Mapa de Foz do Iguaçu com a distribuição de templos, monumentos e paisagens simbólicas<sup>239</sup>.



Autor: Mac Fernandes. Data: 2020.

Legenda:

Monumento	Crença/Doutrina
1 - Hidrelétrica de Itaipu	Mitologia indígena guarani: O artesanato de referência cultural <i>A Árvore da Vida</i> teria surgido inspirado na operação <i>Mimba Kuera</i> (pega-bicho), na época da formação do Lago de Itaipu.
2 - Unioeste – <i>Campus</i> Foz do Iguaçu	Cristã / Catolicismo: Prédio inspirado nas reduções das Missões Jesuíticas
3 - Templo Budista <i>Chen Tien</i>	Religião / Filosofia
4 - Catedral N. Sra. Guadalupe	Cristã / Catolicismo
5 - Mesquita Muçulmana <i>Omar Ibn Al-Khatab</i>	Islamismo
6 - Estátua de São Francisco	Cristã / Catolicismo
7 - Igreja Matriz São João Batista	Cristã / Catolicismo
8 - CEAEC - Cognópolis	Filosófica / Conscienciologia
9 - Marco das Três Fronteiras	Filosófica / Maçonaria
10 - Cataratas do Iguaçu	Mitologia ou lenda indígena: Lenda das Cataratas

<sup>239</sup> Informações mais detalhadas sobre os monumentos apresentados no mapa estão disponíveis no APÊNDICE, ao final desta tese.

Conforme apresentado no mapa, o território municipal revela-se bastante disputado por representações associadas à mística religiosa, mitológica ou filosófica. Seriam fatores que ajudam a moldar um discurso utópico de identidade multicultural pacífica nesta espacialidade de fronteira<sup>240</sup>, tornando-se, desta forma, sua referência. O espaço compartilhado, por sua vez, é favorável para o intercâmbio de costumes, o que não necessariamente reflete o mesmo para o ecumenismo, cuja manifestação notadamente se dá de forma esporádica em eventos pontuais. Existe a multiculturalidade como uma leitura homogênea do espaço, tal como a visualização da figura presente em um jogo de quebra-cabeças, cuja compreensão é possível pela junção das suas peças. Contudo, a setorização dos monumentos mostra-se como uma forma de apropriação de seus fragmentos, e cuja delimitação territorial é um importante procedimento para evitar conflitos.

Segundo o antropólogo argentino Néstor García Canclini (2005), é possível perceber a multiculturalidade como um fenômeno desestruturado em vista das frequentes transformações que ocorrem na sociedade, onde são moldadas novas configurações a cada momento. Para Canclini (2005, p. 16), “os Estados e as legislações nacionais, as políticas educacionais e de comunicação que ordenavam a coexistência de grupos em territórios delimitados são insuficientes ante a expansão das misturas interculturais”. A modernidade permite, pois, uma dinâmica de fusão entre culturas, descaracterizando conceitos anteriores, e caracterizando novas configurações.

De um mundo *multicultural* - justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação - passamos a outro, *intercultural* e globalizado. Sob concepções multiculturais, admite-se a *diversidade* de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: *multiculturalidade* supõe aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. (CANCLINI, 2005, p. 17).

---

<sup>240</sup> Russell Jacoby deu o título *O fim da utopia* à sua denúncia vigorosa da fatuidade do credo “multiculturalista”. Há uma mensagem nesse título: as classes ilustradas de nosso tempo não têm nada a dizer sobre a forma preferida da condição humana. É por essa razão que buscam refúgio no “multiculturalismo”, essa “ideologia do fim da ideologia”. (BAUMAN, 2001, p. 113).

Desta vertente é possível considerar que os monumentos são traços da multiculturalidade, porém estariam longe de uma leitura de interculturalidade por não produzirem conectivos<sup>241</sup>.

Para Canclini (1998, p. 17), a América Latina é o local em que “as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar”, e onde ele detecta um longo histórico de construção de uma cultura híbrida, em que a modernidade é sinônima de pluralidade. Sua análise antropológica revela que historicamente sempre ocorreu hibridação na medida em que há contato entre culturas e uma toma emprestados elementos das outras. No mundo contemporâneo, o incremento de viagens, de relações entre as culturas e as indústrias audiovisuais, as migrações e outros processos fomentam o maior acesso de certas culturas aos repertórios de outras. Nesse contexto percebe-se que os processos de hibridação são uma das modalidades de interculturalidade, porém, em muitos casos essa relação não é só de enriquecimento, ou de apropriação pacífica, mas conflitiva. Na cidade de Foz do Iguaçu é possível facilmente detectar traços de hibridação cultural. Lanchonetes que oferecem o *shawarma*<sup>242</sup>, pessoas que buscam no *tereré*<sup>243</sup> um refresco contra o calor, e até mesmo as rodas de amigos que compartilham o *narguilé*<sup>244</sup> deflagram esta realidade. Contudo, não são raros casos de estranhamentos que demonstram o caráter conflitivo deste fenômeno, onde se supõe que as interações se manterão pacíficas até onde não exista o choque cultural<sup>245</sup>.

---

<sup>241</sup> Os conceitos de *multiculturalidade* e *interculturalidade* podem ser associados ao tratamento em que a historiadora e filósofa portuguesa Olga Pombo (2008, p. 13) apresenta sobre a *Epistemologia da Interdisciplinaridade*. A etimologia dos prefixos que aqui antecedem a palavra *culturalidade*, podem ser empregadas onde a *multi* (ou *pluri*) *culturalidade* supõe o “pôr em conjunto”, estabelecendo algum tipo de paralelismo ou coordenação; e o prefixo *inter*, faz valer os valores da convergência, da complementaridade, do cruzamento e combinação.

<sup>242</sup> Tipo de comida originária do oriente médio.

<sup>243</sup> Bebida de origem guarani, baseada na fusão entre erva-mate e água fria.

<sup>244</sup> Espécie de cachimbo de água de origem oriental, utilizado para fumar tabaco aromatizado.

<sup>245</sup> Na entrada da Mesquita Muçulmana *Omar Ibn Al-Khatib* existe uma placa com restrições aos visitantes, escrita em português e inglês, onde se lê: “Usar roupas islâmicas; Não ingerir alimentos no interior da Mesquita; Retira o calçado antes de entrar; Moderação no tom de voz; Não tirar foto das pessoas sem permissão; Desligar o celular antes de entrar; Durante as orações, deverá aguardar para visitar o templo”. Advertência semelhante pode ser também observada no Templo Budista *Chen Tien*, onde a placa fixada na entrada apresenta uma série de restrições. Estes dois exemplos servem de indicativo sobre o possível choque cultural no âmbito da religiosidade. Vale a reflexão de que a Constituição Federal, no artigo 5º, VI, estipula ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias. Observância esta, que torna possível às representações religiosas estrangeiras se fixarem em um país diferente e ainda impor restrições

Estes aspectos seriam características do que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003) vem a classificar como *pós-modernidade*, onde todo o processo de novas informações e tecnologias que cada vez mais aparecem, torna-se difícil a percepção de contornos nítidos do que chamamos “identidade cultural” de determinada sociedade. Surge então o conceito de “crise de identidade” da cultura, se considerássemos as mudanças frequentes das sociedades modernas decorrentes do processo de globalização que, de certa forma, descaracterizam os grupos populacionais. Como consequência do processo de globalização, as identidades culturais não apresentam hoje contornos nítidos e estão inseridas numa dinâmica cultural fluida e móvel. Em decorrência disso, para Bauman (2003, p. 128) a comunidade representa um abrigo em relação aos efeitos da globalização em todo o planeta. Já na esfera trinacional este fenômeno pode ser agravado pela pluralidade étnica, onde comunidades de origens distintas convivem num mesmo espaço territorial compartilhado, causando a apropriação ou esvaziamento das expressões culturais locais que distinguem cada comunidade dentro de um padrão conceitual teórico.

A segurança é uma condição necessária do diálogo entre culturas. Sem ela, há pouca chance de que as comunidades venham a abrir-se umas às outras e a manter uma conversa que venha a enriquecê-la e a estimular a humanidade de sua união. Com ela, as perspectivas da humanidade parecem brilhar. (BAUMAN, 2003, p. 128).

Outra vertente teórica relacionado à identidade cultural analisa o fenômeno por outro prisma. Para o sociólogo jamaicano Stuart Hall (2002), o impacto da pós-modernidade fez surgir um novo interesse pelo local, com suas peculiaridades que o tornam únicos e estabelecem, através das diferenciações, uma identidade cultural própria. Como é o caso de Foz do Iguaçu, conhecida principalmente pelo fator turístico, mas que além desse aspecto apresenta diferenciais peculiares de cultura e etnias que, ao serem fortalecidos, servem para também referenciá-la.

[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (HALL, 2002, p. 59).

---

que deverão ser acatadas pelos nativos, cujo desrespeito implicará na aplicação das contingências previstas na lei. Há que se lembrar que, em alguns destes países que mantêm representações religiosas livremente no Brasil, a manifestação da fé diferente da praticada no seu país é expressamente vetada.

Aqui chegamos ao limite territorial da espacialidade do templo, delimitação esta, dada apenas por esta pesquisa. É hora de voltar ao centro, ao objeto de análise. Em âmbito internacional, poderia se pensar num avanço além fronteiras, uma vez que as pontes que fazem a conexão terrestre entre os três países sugerem o conceito simbólico da *amizade*, da *fraternidade* e, futuramente, da *integração* por meio de seus monumentos. À leste, os municípios que se apresentam no território brasileiro se incubem de dar continuidade às diversas representações religiosas por seus templos e monumentos<sup>246</sup>. Uma contínua e diversificada mensagem que se faz de forma silenciosa, tendo como principal eficácia comunicativa sua presença.

### 3.5. A REPRESENTAÇÃO DO TEMPLO

Conforme indicado no prólogo desta tese, a igreja com “i” minúsculo refere-se ao templo enquanto edificação arquitetônica, composta de estilo, cor, forma e outros atributos em sua materialidade, já postos em análise ao longo dos capítulos anteriores; a Igreja com “I” maiúsculo indica não apenas a instituição que comporta toda a hierarquia do clero e seus fiéis, mas também a idealização de um “corpo”<sup>247</sup>, um organismo vivo, cuja Cabeça é o próprio Cristo.

Da fusão entre a igreja material e a Igreja imaterial surgem novas concepções simbólicas, ampliando sua dinâmica de representações. De acordo com o descrito no Catecismo da Igreja Católica (CIC, 779), “A Igreja é, ao mesmo tempo, visível e espiritual, sociedade hierárquica e Corpo Místico de Cristo. É una, mas formada por um duplo elemento: humano e divino. Aí reside o seu mistério, que só a fé pode acolher”.

Nesta perspectiva, podemos tomar emprestado este conceito teológico para imaginar a Igreja como sendo uma pessoa e, a partir desta idealização, encaixá-la em

---

<sup>246</sup> Além de Foz do Iguaçu, a Região Oeste do Paraná possui diversos monumentos religiosos, com destaque à imagem de Nossa Senhora Aparecida de Itaipulândia, padroeira do município; O Santuário de Nossa Senhora da Salete, localizado no Morro da Salete em Medianeira; e a Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida de Cascavel, cujo telhado tem a forma de um leque que representa o manto e a coroa de Nossa Senhora.

<sup>247</sup> Na linguagem cristã, a palavra “Igreja” designa a assembleia litúrgica, mas também a comunidade local ou toda a comunidade universal dos crentes. Estes três significados são, de fato, inseparáveis. “A Igreja” é o povo que Deus reúne no mundo inteiro. Ela existe nas comunidades locais e realiza-se como assembleia litúrgica, sobretudo eucarística. Vive da Palavra e do Corpo de Cristo, e é assim que ela própria se torna Corpo de Cristo. (CIC, 752).

algumas das diversas concepções triádicas de representações, onde se apresentam: o sujeito em si; a forma como ele quer ser percebido; e como os outros o percebem. Este exercício é realizado a todo instante na práxis da comunicação. As redes sociais da internet, fenômeno midiático da contemporaneidade, podem servir de exemplo sobre este aspecto. O que se quer transmitir e o que é absorvido pertence ao campo da subjetividade intrínseco ao emissor e o receptor, o que pode não refletir necessariamente ao objeto em jogo.

Destarte, existem diferentes formas de percepção sobre um mesmo objeto. A Igreja Matriz São João Batista é o que é em sua materialidade, mesmo que esta tenha sido severamente modificada ao longo do tempo. No âmbito das representações, este aspecto sim, encontra-se sujeita à variações que ocorrem na forma como ela é mostrada e como é percebida. Conceito este, que se encaixa na teoria existencialista do filósofo francês Jean-Paul Sartre, em sua obra *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*, publicada originalmente em 1943. Conforme Trindade (2013, p. 157), Sartre compreende o mundo material, com seus objetos e seus corpos, como sendo o que são, denominados como *ser-em-si*; a consciência é *ser-para-si*, e surge do *ser-em-si*, e é negação direta dele, apreendido pelo que não é; as conjunções de *ser-em-si* e *ser-para-si* entram em relação ante o olhar do outro, dando origem a uma nova forma de incorporação, o do *ser-para-outro*. O conceito de *ser-para-outro* implica, primeiramente, em reconhecer sua existência, mas além de existir como objetividade e poder ser visto, o outro pode “também me olhar, se utilizando, assim, de sua transcendência para me transcender”.

Não obstante, outra vertente triádica semelhante foi desenvolvida pelo filósofo americano Charles Sanders Peirce (1999), constituindo uma lógica da interpretação dos signos baseada na Fenomenologia<sup>248</sup> aplicada à semiótica. Conforme Santaella e Nöth (2017, p. 37), ela se dá por meio das categorias: *Primeiridade*, que seria o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a outra coisa qualquer, sendo o objeto ou ser em si; *Secundidade*, que seria a categoria dual dos fenômenos, ou seja, destes em relação a outra coisa, é aquilo que existe e, para existir, chama por algo como tempo e espaço, ação e reação, sendo, desta forma, a sensação ou reação aplicada ao objeto; e a *Terceiridade*, que seria a

---

<sup>248</sup> Na filosofia do alemão Edmund Husserl (1859-1938), a *fenomenologia* se refere ao método filosófico que se propõe a fazer uma descrição da experiência vivida da consciência, por meio de uma volta às coisas em si, a fim de reencontrar a verdade nos dados originários da experiência. Esse método influenciou filósofos como Martin Heidegger (1889-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980). Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/bXnA/fenomenologia/>>. Acesso em: 12 de fev. 2021.

categoria do geral, da continuidade e da mediação de um terceiro entre um primeiro e um segundo, sendo esta, portanto, a categoria do *signo* ou representação.

Ainda de acordo com Santaella e Nöth (2017, p. 08), “o signo, é uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como consequência dele”. Desta idealização pode-se obter o conectivo entre “igreja” e “Igreja”, onde a edificação simboliza a instituição e ambas são *objeto* da palavra *igreja*, que seria seu *signo* na categorização peirciana.

Um *Signo*, ou *Representâmen*, é um Primeiro que se coloca numa relação triádica genuína tal com um Segundo, denominado seu *Objeto*, que é capaz de determinar um Terceiro, denominado seu *Interpretante*, que assuma a mesma relação triádica com seu Objeto na qual ele próprio está em relação com o mesmo Objeto. (PEIRCE, 1999, p. 63).

Das inúmeras possibilidades de representação, existem as que são mais usuais no âmbito do objeto de pesquisa em questão. Seriam as que se apresentam no campo da iconografia: logomarcas, brasões e fotografias; no campo discursivo: na oralidade e por meio de canais oficiais do clero ou pela mídia secular; e pela via da monumentalização: as formas de constituir o templo como patrimônio histórico (ou cultural) edificado. Nos subitens a seguir, estas formas de representação serão esmiuçadas e postas em relação com a Igreja Matriz São João Batista.

### 3.5.1. A representação iconográfica

Partindo para uma análise sobre as aplicações imagéticas acerca da Igreja matriz São João Batista, é possível constatar uma evolução em sua representação institucional. Mas para ser mais bem compreendida, é preciso que esta observação primeiramente seja ampliada para alguns aspectos conceituais.

No âmbito da religiosidade o termo *iconografia*<sup>249</sup> indica uma categoria de arte presente desde a idade média, onde as figuras apresentadas são detalhadas com elementos

---

<sup>249</sup> Vocábulo usado para designar o significado simbólico de imagens ou formas representadas em obras de arte. Também nomeia uma disciplina da História da Arte, dedicada a identificar, descrever, classificar e interpretar a temática das artes figurativas. Até fins do século XVI, a iconografia referia-se especialmente ao significado simbólico de imagens inseridas num contexto religioso. Atualmente o termo refere-se ao estudo

simbólicos de significação mais profunda. A arte sacra bizantina e russa daquela época se caracteriza por conter estes elementos em profusão. É possível citar como exemplo, a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, um dos diversos títulos dados à Maria, mãe de Jesus, que, neste caso, se trata de um ícone bizantino amplamente conhecido no meio católico por sua devoção popular. O termo, no entanto, se amplia para diversas outras expressões imagéticas.

Na atualidade a palavra *ícone* geralmente é associada às representações gráficas simplificadas presentes na tela do computador que dão acesso aos programas vinculados a elas. Nesta mesma linha estão os ideogramas (*Emojis* ou *Smileys*) dos *smartphones*, utilizados nas diversas plataformas de comunicação, onde a inserção de determinado ícone pode expressar um sentimento ou substituir uma palavra ou frase. Fenômeno este, que indica uma nova forma de diálogo híbrido, baseado em textos e figuras.

Ainda tratando-se sobre tríades nas formas de representação e compreensão, o historiador de arte alemão Erwin Panofsky (2001) desenvolveu uma forma de leitura de imagens iconográficas em três níveis: a *descrição pré-iconográfica*, que diz respeito à *forma*, as características factuais e expressivas observadas na imagem, cuja interpretação se baseia no repertório pessoal do observador, carecendo de alinhamentos sobre estilos da produção artística para a compreensão da obra; a *análise iconográfica*, que versa sobre seu *tema*, os significados das imagens, suas narrativas e suas alegorias, possíveis por meio de informações sobre o conceito da obra; e, por fim, a *interpretação iconológica*, termo este que se refere ao aprofundamento da análise iconográfica, ampliando sua observação sobre o *conteúdo* da obra, o contexto geral de seu tempo e espaço de produção, resultando em uma visão simbólica e cultural em seu contexto, possíveis também a partir do conhecimento histórico sobre os costumes retratados. A observação destes três elementos presentes na metodologia de Panofsky permite o aprimoramento acerca da iconografia e seu significado<sup>250</sup>.

Voltando ao campo da semiótica, é possível inserir o *ícone* em outra tríade. Para Peirce (1999, p. 64), “um *ícone* é um *Representâmen*. [...] Ou seja, a qualidade que ele tem

---

da história e da significação de qualquer grupo temático. Fonte: ICONOGRAFIA . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo101/iconografia>>. Acesso em: 20 de dez. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

<sup>250</sup> Disponível em: <<https://www.angelicaribeiroartista.com/post/2018/05/11/iconologia-uma-forma-de-ler-imagens>>. Acesso em: 20 de dez. 2020.

qua coisa o torna apto a ser um *representâmen*. Assim, qualquer coisa é capaz de ser um Substituto para qualquer coisa a qual se assemelhe”. Na concepção peirciana, os signos estariam subdivididos em três categorias: *ícones*: signos que tem semelhança com o objeto real (ex.: disquete na tela do computador para salvar o conteúdo); *índices*, se apresenta por estabelecer a associação de uma coisa à outra, onde sua interpretação se faz através da experiência adquirida. (ex: fumaça = fogo); e *símbolos*: categoria de signo mais complexa, pois não apresenta necessariamente relação de semelhança com o objeto representado, cuja interpretação se apóia na convenção social ou cultural, carecendo, desta forma, de informações para a compreensão de sua representação (ex.: logomarcas, placas de trânsito ou sinais gestuais).

Mesmo não abandonando completamente o campo das expressões puramente artísticas, é possível perceber que na contemporaneidade a iconografia encontra maior amplitude de aplicações no universo comercial ou institucional. Não obstante, a consolidação da marca de um produto ou empresa pode alcançar um elevado *status*, podendo atingir valor agregado maior que seu patrimônio físico. Uma marca bem estabelecida tende a transmitir qualidade, luxo, segurança, e tantos outros atributos subjetivos que se constroem ao longo de sua existência. Notadamente, estes valores imateriais se tornam o principal amparo para que marcas institucionais possam se consolidar proporcionando a confiabilidade necessária para que o empreendimento possa prosperar. Nesta perspectiva, seria possível ampliar as análises para diversas outras implicações sobre a iconografia e suas variantes mercadológicas. Porém, voltemos ao caráter religioso das representações, tema que, por si só, já abarca uma vasta gama de possibilidades investigativas acerca do emprego de elementos simbólicos.

Conforme Fontana (2013), muitas das grandes religiões existentes podem ser identificadas por meio de símbolos gráficos adotados universalmente, como por exemplo: Cruz (ou Peixe - *Ichthys*) = Cristianismo; Estrela de Davi = Judaísmo; Lua Crescente com uma Estrela = Islamismo; Roda *Dharmica* = Budismo; *Om* (ou *Aum*) = Hinduísmo; Yin-Yang = Taoísmo; *Torii* = Xintoísmo; dentre outras.

No âmbito do cristianismo, religião onde o objeto de pesquisa se insere, a cruz e o peixe podem ser classificados na concepção peirciana como *ícones*, por se tratarem de formas que se assemelham ao objeto real. Mas também são *símbolos*, por carregarem significações que diferem totalmente de sua forma gráfica, alcançando sentidos de maior

profundidade. Este tipo de mescla é também largamente aplicado na identidade visual de produtos, empresas ou instituições. Curiosamente, a Igreja Católica Apostólica Romana, principal representação da religiosidade cristã, não possui uma marca institucional como logomarca<sup>251</sup>. Internamente sua forma de identificação se faz por meio da *heráldica eclesiástica* (também conhecido como *brasão* ou *insígnia*), um antigo sistema gráfico de utilização formal, adotado por clérigos ou dioceses, composto por elementos simbólicos diversos que fazem referências ao perfil do representado. Por outro lado, quase a totalidade das diversas representações componentes da Igreja Católica adota brasões ou logomarcas como identificação. Nesta conjuntura, fazem parte as instituições, congregações, movimentos, pastorais, ONGs, dentre outras, cujo logotipo geralmente apresenta elementos simbólicos que fazem referência ao nome adotado.

Voltando a observação para a realidade local, é possível constatar que a Diocese de Foz do Iguaçu possui um brasão de identificação que parcialmente destoia desta tendência, pois o elemento visual que se destaca faz referência, sobretudo, à estética do templo da nova Catedral Nossa Senhora de Guadalupe, atualmente em construção, conforme demonstra a figura a seguir. Este brasão foi adotado a partir da consolidação do layout da nova catedral e, conforme Dom Sergio de Deus Borges, atual bispo diocesano, a diocese não possuía brasão próprio até então, sendo que as comunicações oficiais eram identificadas apenas com o nome da diocese no título ou com o carimbo da heráldica episcopal.

**Figura 72:** A nova catedral N.Sra. Guadalupe e sua variação iconográfica no brasão da Diocese.



Disponível em: <<https://diocesedefoz.org.br/>>. Acesso em: 12 de dez. 2020.

<sup>251</sup> Representação gráfica do nome de determinada marca, em letras com traçado característico, facilmente identificável, e que constituem seu símbolo visual. Fonte: MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <[michaelis.uol.com.br](http://michaelis.uol.com.br)>. Acesso em: 20 de dez. 2020.

Da mesma forma, a Paróquia São João Batista apresenta a fachada do templo de forma *pictográfica* (símbolo que representa um objeto ou conceito por meio de desenhos figurativos) em sua logomarca.

Conforme pesquisado, antes do início das resoluções que levaram à recente reforma do templo, não havia uma logomarca oficial da Paróquia. O papel timbrado utilizado nas comunicações oficiais eram impressos com o nome da Paróquia juntamente com uma pequena figura contendo a imagem de São João Batista realizando o batismo de Jesus no Rio Jordão<sup>252</sup>.

Uma nova concepção para esta logomarca fez-se coincidentemente com os ajustes realizados na igreja naquele período. Primeiramente, foi feita uma adaptação da logomarca da Congregação do Verbo Divino (figura 73), substituindo o globo central por um ícone que representa a parte frontal da igreja, acrescentando também o nome da Paróquia e a sigla SVD. Esta idealização partiu do Pároco na época, Padre Vicente, e propunha modernizar a identidade visual da igreja, dando também ênfase à congregação verbita. Esta logomarca encontra-se atualmente aplicada no uniforme dos funcionários da Paróquia, na placa inaugural do templo fixada na entrada da igreja, no tapete do hall da torre, além de outros itens.

Recentemente a logomarca que faz referência à congregação SVD deixou de ser usada, sendo, contudo, substituída pela original verbita. Para figurar juntamente com ela, outra logomarca<sup>253</sup> foi elaborada para a Paróquia São João Batista apresentando um novo ícone representativo da igreja com a mesma cor do templo real, além do nome da Paróquia e o ano de sua fundação “1924”. Fatores estes, que tendem a valorizar a edificação e seu aspecto histórico. Em todo caso, é notada a relevância dada ao ícone do templo em detrimento ao Santo que empresta seu nome à Paróquia.

---

<sup>252</sup> Vide Anexo 7.

<sup>253</sup> Desenvolvida pela agência *DO IT! Propaganda*. Disponível em: <<http://doitpropaganda.com.br/>>. Acesso em: 20 de dez. 2020.

**Figura 73:** Logomarca da Congregação do Verbo Divino - SVD.



Disponível em: <<http://www.verbodivino.org.br/Portal/>>. Acesso em: 12 de dez. 2020.

**Figura 74:** Visão frontal da IMSJB e suas variações nas logomarcas da Paróquia São João Batista.



Disponível em: <<http://saojoabatistafoz.com.br/>>. Acesso em: 12 de dez. 2020.

A ênfase dada à representação do templo na logomarca, tanto no caso da Diocese e sua catedral, quanto da Paróquia São João Batista e sua Igreja Matriz, deflagram um interesse de se “monumentalizar” o templo, conforme será retomado posteriormente nesta tese. Estas representações, por serem emanadas da própria instituição católica, se encaixam no conceito sartriano de *ser-para-outro*, por reconhecer sua existência e existir com a objetividade de poder ser visto. E também na categoria de *terceiridade* de Peirce, por cumprir a função de mediação entre o objeto e a sensação que este objetiva transmitir, sendo, desta forma, um *signo* ou representação.

### 3.5.2. A representação fotográfica

Outro campo de representação fortemente relacionado à Igreja Matriz São João Batista é o da fotografia. Mesmo que o objeto de pesquisa primordial desta tese não seja o mote fotográfico, muito do que já foi investigado neste estudo valeu-se pelas imagens

obtidas nas prospecções, onde foi possível ampliar a visão sobre as variações ocorridas no templo apresentadas em diferentes períodos de sua composição histórica. Desta forma, é também possível pensar que esta tese construiu, reformou, demoliu e reedificou o templo por meio da fotografia, transportando seu leitor a uma experiência cognitiva impossível de se fazer fisicamente por sua extensão, porém acessível por meio das imagens, servindo de conhecimento a todos que poderão absorver este conteúdo, seja para este momento ou até quando a história permitir que estas imagens possam existir.

Para o fotógrafo e historiador brasileiro Boris Kossoy (2001), é intrínseca a relação entre a fotografia e a história, uma vez que ela permite análises tanto da história da fotografia (item) como também da história através da fotografia (registro).

A gênese e história dos documentos fotográficos, assim como os fragmentos do mundo visível que esses mesmos documentos preservam congelados, dão margem a duas vertentes distintas de investigação que, todavia, não se desassociam, posto que ambas têm como núcleo central os próprios documentos fotográficos. A mesma matéria e expressão que os constituem trazem informações decisivas de um passado que lhes é comum. (KOSSOY, 2001, p. 53).

Por conseguinte, a fotografia tende a colaborar para o conhecimento histórico ao mesmo tempo em que é item componente desta mesma história, conforme aponta os historiadores Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad:

[...] a própria fotografia integra um sistema sógnico não-verbal que pode ser compreendido através de um duplo ponto de vista: enquanto artefato produzido pelo homem e que possui uma existência autônoma como relíquia, lembrança, etc.; enquanto mensagem que transmite significados relativos à própria composição da mensagem fotográfica (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 408).

De acordo com o teórico de imagens francês Jacques Aumont (1993, p. 60), “só há busca visual quando houver projeto de busca mais ou menos consciente”. Portanto, podemos pensar que não há a produção de imagem completamente inocente ou fortuita a partir do momento que o fotógrafo carrega uma câmera. A imagem por ele capturada revela uma maneira de ver os eventos (conjunto de relações sociais presentes no local e no tempo de sua produção). Para o semiólogo italiano Umberto Eco (2013), na fotografia, como em toda a grande arte, a beleza artística não consiste em representar uma coisa

bonita. A beleza está na representação concedida a partir da seleção da imagem, posteriormente enquadrada nos mais diferentes gêneros fotográfico existentes.

Nesta perspectiva, indiferente sobre sua intenção primária, é possível inserir a fotografia em um contexto historiográfico e, desta forma, torná-la documental. Tirar uma foto é criar um documento histórico, conforme atesta a historiadora Solange Portz:

[...] as fotografias, apresentam-se como monumentos, herança do passado e também como documentos escolhidos pelos pesquisadores para a reconstituição de parte daquele passado. Assim, os monumentos manifestam aquilo que o grupo selecionou para evocar o passado, para perpetuar a recordação e, o documento/monumento deve ser estudado numa perspectiva econômica, social, jurídica, política, cultural e espiritual, mas, sobretudo, enquanto instrumento de poder. (PORTZ, 2017, p. 37).

Dentro de uma análise historiográfica, a fotografia enquanto fonte documental permite certo exercício de abstração. Na imagem estão contidos elementos aparentes que servem diretamente como base para as investigações, porém a leitura imagética complementar clama para o que também não está sendo diretamente apresentado. Desta forma, o contexto da feitura fotográfica tende a esclarecer o presente e o ausente na representação, resultante na produção de sentidos.

[...] para se chegar àquilo que não foi imediatamente revelado pelo olhar fotográfico, há que se perceber as relações entre signo e imagem, aspectos da mensagem que a imagem fotográfica elabora; e, principalmente, inserir a fotografia no panorama cultural, no qual foi produzida, e entendê-la como uma escolha realizada de acordo com uma dada visão de mundo. Elementos que uma análise histórico-semiótica pode oferecer. (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 406).

De acordo com o filósofo francês Roland Barthes (1984, p. 15), “O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. A fotografia captura instantaneamente um fragmento de tempo e espaço. Uma realidade que ficará eternamente congelada e que, de alguma forma, será propícia ao historiador. A partir da foto realizada não existe mais o presente, aquele momento em que se vive na dinâmica do movimento, mas um tempo encapsulado. Um fragmento da realidade adaptado ao testemunho visual de personagens, locais e costumes de uma época. A fotografia nos permite conhecer o passado, mas não de maneira

definitiva. O passado, assim como o presente, encontra-se em movimento, aberto a novas descobertas e indagações. A fotografia serve de caminho para uma dessas abordagens. Não há como inteirar-se completamente sobre um fato tendo apenas o fragmento fotográfico, mas é possível iniciar, mediar ou finalizar uma investigação a partir da fotografia.

Na tríada formulada por Barthes, são propostas três formas de visão fotográfica distintas: *Operator*, que seriam os fotógrafos; *Spectator*, pessoas que compulsam coleções de fotos; e *Spectrum*, que são os fotografados, os alvos, referentes da foto em si. Na pesquisa de fotos históricas que compuseram o primeiro capítulo desta tese, boa parte é atribuída a Harry Schinke (*Operator*), onde um selo ou assinatura são indicativos de sua autoria. Outras fotografias de outros autores foram compiladas de arquivos diversos, sendo provenientes do meio eletrônico em sua maioria. Uma tarefa de seleção de imagens pelo pesquisador (*Spectator*) com vistas à estruturação das argumentações apresentadas. No decorrer dos estudos, o templo, seus objetos, seus clérigos e demais temas (*Spectrum*) constituem a motivação fotográfica necessária para a construção das ideias.

Mesmo que o fenômeno fotográfico sempre se trate de um registro do passado, a partir da fotografia é possível conhecer uma realidade que, mesmo sendo ausente pelo lapso do tempo, de alguma forma, continua ativa ao fornecer subsídios para análises atuais.

A fotografia, assim compreendida, deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo, tanto como imagem/documento quanto como imagem/monumento. A imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material de um determinado tempo do passado de que a mais detalhada descrição verbal não daria conta. Neste sentido, a imagem fotográfica seria tomada como índice de uma época, revelando, com riqueza de detalhes, aspectos da arquitetura, indumentária, formas de trabalho, locais de produção, elementos de infraestrutura urbana tais como tipo de iluminação, fornecimento de água, obras públicas, redes viárias etc.; ou ainda, se a imagem for rural, tipo de mão-de-obra, meios de produção, instalações diversas (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 406).

Conforme apontado na introdução desta tese, parte das análises de fotografias constantes no Painel *História* foram pautadas pelo método de leitura de imagens proposta por Mauad e indicado nas pesquisas da historiadora Lucia Teresinha Macena Gregory (2010), que se desenvolvem, não em três, mas em cinco categorias: *O espaço fotográfico*: relacionado ao fotógrafo e como ele organiza sua produção; *O espaço geográfico*: que compreende o espaço físico representado na fotografia; *o espaço do objeto*: onde são

observados itens e pessoas constantes na paisagem; o *espaço da figuração*: que observa a distribuição dos figurantes no espaço enquadrado; e o *espaço da vivência*, que se constitui como uma síntese dos espaços anteriores. A observância destas categorias para a análise de imagens selecionadas, como as que foram aplicadas na presente tese, permite uma melhor compreensão de seu contexto. A partir desta metodologia, foi possível, por exemplo: conhecer o modo de locomoção do padre missionário em suas primeiras viagens pastorais pelo sertão (Figura 06) conforme o *espaço geográfico*; identificar a imagem de São João Batista, que empresta seu nome à Paróquia, presente na fotografia da primeira capelinha de madeira (Figura 10), conforme o *espaço da figuração*; perceber o enquadramento alcançado no registro do incêndio da igreja (Figura 11), conforme o *espaço fotográfico*; e tecer interpretações sobre as interações sociais a partir da fotografia da reunião de pessoas em frente à igreja (Figura 20), conforme o *espaço da vivência*.

A fotografia se configura como uma das formas mais simples e direta de comunicação, podendo transpor barreiras culturais, de idioma, idade ou instrução. Seria o que a designer americana Donis A. Dondis (2007) vem a chamar de “alfabetismo visual”, uma linguagem imagética que se utiliza de uma variada possibilidade de representações gráficas para gerar sentimentos ou ideias em quem as visualiza.

Se a invenção do tipo móvel criou o imperativo de um alfabetismo verbal universal, sem dúvida a invenção da câmera e de todas as suas formas paralelas, que não cessam de se desenvolver, criou, por sua vez, o imperativo do alfabetismo visual universal, uma necessidade que há muito se faz sentir. (DONDIS, 2007, p. 01).

Para Dondis (2007, p. 85), ao compor sua comunicação visual, o artista estrutura o sentir e o pensar e, desta forma, é possível tecer uma anatomia da mensagem visual em três níveis: o *representacional* (primeiro nível): que identifica e reconhece os elementos com base na vivência e no discernimento pessoal. A informação do primeiro nível é o estável, por isso, o mais utilizado da comunicação forte e direta dos detalhes visuais do meio ambiente, sendo eles naturais e artificiais; o *abstrato* (segundo nível): A qualidade do movimento de um fato visual se vem de um nível abstrato com itens diminuídos de uma forma básica, destaca os meios mais diretos, emocionais e mesmo primitivos da criação de mensagens. O abstrato é o segundo nível da informação, e surpreendentemente benéfico no método de busca que não compromete uma problemática num processo de opções e soluções visíveis; e o *simbólico* (terceiro nível): uma diversificação de um universo de

sistemas e símbolos codificados que foi criado pelo homem eventualmente e ao qual concedeu significados. De uma imagem simplificada a um sistema amplamente extenso de significados concedidos, a exemplo da linguagem ou dos números, pode fortalecer de diversas formas a mensagem e o significado da comunicação visual. Segundo a autora, para a anatomia da mensagem visual ser constituída, é necessária que esses níveis, simultaneamente, sejam a maior força e de mais importância na comunicação visual. Desta forma, a fotografia é, ao mesmo tempo, mensagem simples e direta por sua linguagem visual desconectada de códigos pré-requeridos, mas também complexa por seu conteúdo, que pode armazenar em si uma intrincada gama de contextualizações.

Colabora com isso a concepção de Boris (2001, p. 101), de que “uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento real visível, destacando-o do contínuo da vida”.

Seria possível dar continuidade na tessitura de uma infinidade de argumentações sobre o fenômeno fotográfico, porém, conforme o objetivo da análise, as observações que se seguem serão focadas sobre o enquadramento de seu uso como item de representação da Igreja Matriz São João Batista ao longo de sua existência.

Primeiramente é importante considerar que a produção fotográfica encontra-se vinculada também à produção de memórias artificiais, e que neste processo existem escolhas sobre o que se quer perenizar em detrimento ao que será desconsiderado. Conforme Cardoso e Mauad (1997, p. 407), “ela é agente de um processo de criação de uma memória que deve promover tanto a legitimação de uma determinada escolha quanto, por outro lado, o esquecimento de todas as outras”.

Os critérios de escolha ocorrem desde a seleção do motivo fotográfico (objetivo principal do registro) pelo fotógrafo, seu enquadramento, iluminação, composição, dentre outros atributos, até a triagem do que será publicado. Neste último critério, a imagem deixa de pertencer unicamente ao seu autor, sendo condicionada a sua preservação na temporalidade e aos objetivos nos quais novos manuseadores pretendem inseri-la.

Nesta perspectiva, as fotografias selecionadas para esta tese configuram-se como um compilado de registros de diferentes épocas e autores, e que também foram submetidas a critérios de escolha por este pesquisador.

Parte destas imagens foi elencada dos Painéis *História e Reforma*, elementos indiciários de investigação neste estudo, que, por sua vez, também passaram por uma triagem por seus autores para serem componentes dos painéis. Para a tese aqui apresentada, as imagens foram tomadas como amparo ao texto, proporcionando o aprimoramento dos assuntos abordados, sendo também acionadas outras fotografias além das constantes nos painéis, conforme já indicado na introdução.

No que se refere à sua história, supõem-se que, das muitas imagens antigas que demonstram a Igreja Matriz São João Batista, o templo não era o motivo principal para o tema fotografado, e sim a paisagem urbana de Foz do Iguaçu. Por sua imponência arquitetônica, a igreja acaba se destacando em meio a outras construções de menor porte. Este fator colabora para distinguir o templo enquanto monumento histórico do município desde seus primórdios, uma vez que as imagens se perpetuam no tempo para se tornarem na contemporaneidade fontes de conhecimento sobre a história da cidade, sendo a igreja percebida neste processo.

A imagem a seguir demonstra um exemplo de um registro da paisagem urbana de Foz do Iguaçu, onde o conjunto arquitetônico eclesiástico se sobressai no local elevado, tido atualmente, de forma não oficial, como sendo componente do centro histórico do município<sup>254</sup>.

**Figura 75:** Paisagem urbana de Foz do Iguaçu onde se destacam a igreja, a Casa Paroquial e o Grupo Escolar.



Autor: Harry Schinke. Data: 1932.

Fonte: Painel *História*: 1932. Acervo Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.

<sup>254</sup> Conjunto que engloba o prédio da Prefeitura, a antiga Câmara Municipal, a Fundação Cultural (antigo fórum da cidade), Colégio da Polícia Militar de Foz Do Iguaçu (antigo Bartolomeu Mitre), o prédio do antigo Hotel Cassino (atual Senac-Foz), além do já citado conjunto arquitetônico agregado à igreja (Matriz São João Batista, Casa Paroquial e antigo prédio do Grupo Escolar Caetano Munhoz da Rocha/Bartolomeu Mitre).

No entanto, a representação da igreja pela via fotográfica não se dá apenas por seu monumento, sua arquitetura. A Igreja enquanto instituição católica é percebida também por seus indicativos relacionais. Sendo assim, ao se apresentar registros fotográficos da antiga Santa Casa Monsenhor Guilherme, do atual Hospital Municipal Padre Germano Lauck, do Grupo Escolar, da Casa Paroquial, e até mesmo de pessoas componentes do clero, de certa forma estas imagens convergem para a Igreja Matriz São João Batista, tornando-se componentes indiretos de sua representatividade.

Como já mencionado, a fotografia tende a produzir clareza e confiabilidade ao evidenciar de forma visual aquilo que a complexidade da argumentação textual esforça-se em explicar. Este é um fundamento amplamente aproveitado no Painel *Reforma*, uma vez que busca convencer por meio de imagens a complicada tarefa de justificar a severa intervenção aplicada ao templo.

Os Painéis *História e Reforma* caracterizam canais de uma representação oficializada de imagens do templo, fator que encontra aderência com o aspecto já estudado de como ela quer ser percebida (*ser-para-outro*). Mesmo que quase a totalidade das fotografias presentes no Painel *História* não tenha sido realizada pela instituição, esta as absorveu como sendo sua representação consentida. Já os registros fotográficos componentes do Painel *Reforma* foram produzidos intencionalmente por meio da instituição, servindo como um inventário técnico pertinente à compreensão de sua reconfiguração. De qualquer forma, os painéis não abarcam a totalidade da produção fotográfica ocorrida ao longo da trajetória do templo, seja por questões de espaço, critérios de escolha, ou pelo desconhecimento sobre a existência de registros até então não divulgados.

Outrossim, a produção fotográfica em torno da igreja manteve-se também pela via dos canais não oficiais, por meio de registros pessoais realizados principalmente durante a ocorrência de eventos sociais. Casamentos, batismos, crisma, primeira comunhão, dentre outras celebrações, sempre foram motivações para que as pessoas envolvidas na ocasião produzissem fotos ou fossem fotografadas, tendo a igreja como cenário de fundo e, desta forma, “sacralizando” o evento, sendo assim, um indicativo de como a igreja é percebida no contexto.

Boa parte do acervo fotográfico físico antigo, no entanto, encontra-se armazenado em arquivos pessoais de seus possuidores, aguardando a possibilidade de serem digitalizados e publicados em algum momento para a apreciação popular. Há que se

considerar, entretanto, que esta possibilidade depende do interesse e condição técnica para fazê-lo. Neste aspecto, os sítios da internet, tais como o blog *Terrinha das Águas*<sup>255</sup>, e grupos do *Facebook* como o *Dos Tempos Idos Mas Não Esquecidos de Foz do Iguaçu*, administrados por Rita Araújo, são de suma importância, tanto para tornar público imagens de arquivos pessoais, como também para fomentar a possibilidade de fazê-lo.

A fotografia é a arte de eternizar um momento. Um fenômeno tecnológico desenvolvido a partir da descoberta da combinação entre componentes químicos e físicos, possíveis graças a uma câmera e um suporte que permite controlar a quantidade de luz que incide sobre uma lente, atingindo uma base fotossensível. Este sistema de produção fotográfico é classificado por meio da tricotomia de Santaella e Nöth (2012, p. 163), segundo qual, existe três paradigmas fotográficos detectados no decorrer da história: O *pré-fotográfico*, o *fotográfico* e o *pós-fotográfico*. Dentro desta classificação, cada um apresenta suas respectivas características: No *paradigma pré-fotográfico*, a característica básica do modo de produção artesanal está na realidade matérica das imagens, ou seja, na maneira como ela é física. A pintura é tratada como exemplar do paradigma pré-fotográfico, e muitas afirmações sobre, esse paradigma também valem para o desenho e a gravura. Quando não havia outra forma de registro da imagem de pessoas e coisas, o desenho e a pintura foram essenciais para que pudéssemos ter uma noção mais clara nos dias atuais de como eram os lugares, os costumes, os objetos e também o semblante de pessoas importantes no decorrer da história; No *paradigma fotográfico* observa-se que a grande modificação que se dá na passagem do *paradigma pré-fotográfico* ao *fotográfico* está no processo de produção diádico que a fotografia inaugurou. Nesse paradigma, a imagem é o resultado do registro sobre um suporte químico ou eletromagnético do impacto dos raios luminosos emitidos pelo objeto ao passar pela objetiva. Enquanto o suporte do *paradigma pré-fotográfico* é uma matéria ainda vazia, como uma tela a espera da mão do artista para lhe dar vida, no *paradigma fotográfico* o suporte é um fenômeno químico ou eletromagnético preparado para o impacto, pronto para reagir ao menor estímulo da luz; Por fim, no *paradigma pós-fotográfico* verifica-se que o suporte das imagens não é mais matérico como na produção artesanal, nem físico-químico como na fotografia, mas sim digital, resultado do casamento entre um dispositivo eletrônico e uma tela de vídeo, mediados ambos, por uma série de operações abstratas, programas e cálculos.

---

<sup>255</sup> Disponível em: <<https://terrinhadasaguasfoz.wordpress.com/>>. Acesso em: 13 de dez. 2020.

A passagem de um paradigma a outro nunca se dá de forma direta, mas são etapas que vão se passando com o tempo, até que saia totalmente do velho paradigma para o novo. Compreender a evolução desse processo possibilita detectar que, no momento atual, a produção fotográfica estaria dentro do *paradigma pós-fotográfico*, e provavelmente inaugurando um novo paradigma, em que o armazenamento das imagens já não depende de uma unidade física, mas estariam disponíveis na “nuvem”.

Na atualidade, o incremento tecnológico permite maior dinamismo na produção e consumo da fotografia, sendo que a utilização de plataformas virtuais propicia maior alcance de visibilidade<sup>256</sup>. A possibilidade de produção é ampliada, forçando também o aperfeiçoamento dos ambientes favoráveis para os registros. Sendo assim, uma vez reerguida, a Igreja Matriz São João Batista se apresenta como um novo atrativo visual, retocado e aprimorado para figurar como cenário ou motivo dos registros fotográficos conseguintes, não apenas para os paroquianos, mas para um público mais amplo e heterogêneo.

### **3.5.3. A representação monumental**

Tratemos agora de observar a Igreja Matriz São João Batista em sua representação como um monumento e, desta forma, o campo de análise pode ser desenvolvido a partir de duas vertes: primeiramente, tendo o monumento como ponto referencial de memórias (e sobre este aspecto buscaremos tratar mais adiante); em segundo lugar, sua materialidade física que, por sua vez tende a indicar significações simbólicas.

Ao longo desta tese muito já se tem descrito sobre as características da igreja em questão, sua mescla de estilos arquitetônicos, sua torre e seus sinos, a nave e sua forração, seus acabamentos e adereços, seus vitrais e demais itens que se reconfiguraram para dar forma a um templo que remete ao seu passado mesmo sendo novo.

---

<sup>256</sup> Aqui vale a reflexão de que, ao mesmo tempo em que a tecnologia permite facilidades no ato de fotografar (não necessariamente com uma máquina fotográfica), aumentando consideravelmente o volume de produção fotográfica, este fenômeno parece indicar sinais de crise de conteúdo. O ato de fotografar ganha mais força com o desenvolvimento incessante da tecnologia e as possibilidades de comunicação, configurando numa extensa rede de armazenamento de dados. As pessoas aumentam gradativamente seus acervos, passando a registrar não só ocasiões importantes, mas fatos corriqueiros e banais do cotidiano. É comum, por exemplo, o acúmulo de fotos de si mesmo, de animais ou de comida. A facilidade de clicar e deletar proporciona liberdade para que não haja critérios no fotografar.

Enquanto objeto, a igreja pode ser percebida de diversas formas. Ela é o que é em sua materialidade, conforme estudado anteriormente. Contudo, a forma como um templo católico é edificado, sua ritualização e dedicação à Deus, como já demonstrado, indica seu apelo monumental, distinguindo seu uso dos demais edifícios de uso público.

Em primeira instância é fácil pensar o monumento como um obelisco ou estátua representativa de alguma figura histórica ou mitológica e, desta forma, podendo ser considerado também como uma produção artística dotada de elementos simbólicos em sua conjuntura. Neste aspecto, o monumento artístico é passível de provocar abstrações e interpretações arbitrárias por seu observador. Conforme Panofsky (2001, p. 36), “a experiência recreativa de uma obra de arte depende, não apenas da sensibilidade natural e do preparo visual do espectador, mas também de sua bagagem cultural”. Com o tempo, o exotismo ou atributos dados à algumas obras arquitetônicas culminaram em consagrar (no sentido coloquial da palavra) algumas edificações de habitação ou circulação humana como sendo também monumentos, cuja visita turística tratou de fortalecer este conceito tornando aquela edificação um elemento referencial para a cidade, região ou país na qual ela se fixa.

Nesta ótica, a historiadora francesa Françoise Choay (2006) ajuda a compreender o que se entende por monumento:

O sentido original do termo é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. (CHOAY, 2006, p. 17).

O edifício católico, mesmo podendo ser adornado com uma variada gama de elementos artísticos (ou abstrações) em sua feitura, exprime em sua unicidade a ideia do sagrado. São vias que podem ser tidas como pré-determinadas para o processo de significação do templo como monumento. Não obstante, o simples gesto de se fazer o sinal da cruz realizado pelos católicos ao passar em frente à igreja demonstra a eficácia do processo de significação do templo em seu alinhamento a valores devocionais. A igreja como monumento, portanto, produz o efeito de amparo e realinhamento de valores

propostos pela fé ao se colocar como marco referencial centralizador de vivências, conforme aponta Choay:

Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança. O monumento assegura, acalma, tranqüiliza, conjurado o ser do tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos. Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e o aniquilamento. (CHOAY, 2006, p. 18).

Há que se pensar, entretanto, que o monumento, como o próprio nome evoca, carece de certa notoriedade para se distinguir e desempenhar sua tarefa de elemento centralizador de significações.

Destarte, voltando a observação para a Igreja Matriz São João Batista, é possível perceber que, como monumento, a edificação cumpriu a função de prédio referencial da cidade em seu conjunto (igreja + casa paroquial), por sua notoriedade arquitetônica e por se destacar em sua localização elevada nos tempos iniciais da cidade. Fator este, que pôde ser constatado na representação fotográfica do templo, abordado a pouco. Contudo, em sua trajetória histórica, é também notado um longo tempo de estagnação na construção do templo, enquanto a urbanidade crescia ao seu redor. Houve, portanto, um significativo atraso em relação ao desenvolvimento do município. Aspecto este, evidenciado pela falta de espaço para acomodar o público já em sua abertura (1952), tendo este problema se agravado nos anos seguintes, conforme já mencionado.

Desta conjuntura, é possível também constatar uma diminuição de sua visibilidade. A imponente do templo passou a se minimizar com o crescimento urbano, onde novos edifícios se ergueram impedindo que o templo fosse amplamente notado, diferentemente do que se percebe em fotografias que mostram a cidade naquele período inicial, nas quais a igreja se destacava.

No conjunto de imagens a seguir é feito um comparativo entre fotografias antigas e atuais. Aqui, mesmo o tema se tratando de *monumento*, a análise se faz novamente pela via fotográfica por apresentar a melhor opção de esclarecimento acerca do assunto abordado. Para o exercício de contraposição buscou-se fazer registros novos posicionando-se nos mesmos locais em que as antigas fotografias foram realizadas. Desta forma é possível

perceber no enquadramento a diferença do efeito representacional da igreja na cidade antes e nos dias de hoje em meio ao ambiente urbano progredido e, desta forma, obter uma noção de seu efeito monumental historicamente prejudicado em sua visibilidade.

**Figura 76:** Conjunto de imagens comparativas sobre o efeito de notoriedade do templo no ambiente urbano ao longo dos anos.



Autor: Diversos / Mac Fernandes. Data: Diversos / atualmente.

A mesma urbanidade que colaborou em consolidar a Igreja Matriz São João Batista como edifício monumental evidenciado em meio a pequena cidade de Foz do Iguaçu em suas origens, involuntariamente passou a desvanecê-la no passar dos anos com seu robustecer. Por conseguinte, a recente reforma do templo resgata, ao menos em parte, sua pujança perdida ao rerepresentá-la para este novo tempo. A igreja readequada tende a atrair velhos e novos olhares ao reafirmar, por meio de seu aspecto alegórico, não apenas o templo como mais um local de culto, mas uma edificação planejada para prosseguir em seu posicionamento de monumento histórico da cidade.

#### 3.5.4. A representação clerical

Há um pensamento formulado em alguns dos muitos filmes e desenhos animados com a temática de super-heróis que povoam as telas do cinema e da televisão na atualidade, de que “os heróis não nascem prontos, mas são construídos”. Uma idealização da ficção, mas que não está muito distante da realidade. A história sempre elegeu seus heróis, pessoas que se destacaram por seus feitos e foram considerados dignos de serem lembrados, e, desta

forma, eternizados por meio de estátuas, monumentos, museus, pinturas, fotografias, filmes e nomeações. A Igreja também se inclui neste processo, considerando que “a caridade é a alma da santidade à qual todos são chamados” (CIC, 826). Uma santificação que não ocorre apenas por meio de um processo de canonização instituído pela Igreja, mas que se refere mais à uma ação ou postura desenvolvida no cotidiano por religiosos (e leigos) que se destacam em sua real entrega vocacional com reflexos na vida civil.

Não pretendendo ser redundante sobre o que já foi dito, é importante pontuar que outra via de representação da Igreja Matriz São João Batista é o clero. Fator este, que se desloca de materialidades para indicarem personificações. As pesquisas aqui delineadas apontam que, paralelamente à edificação do templo, houve também o tributo a religiosos que se tornaram incorporação da Igreja.

O exercício de nomeação de ruas, hospitais, creches, escolas, e outras obras públicas puderam auxiliar o processo de sedimentação de figuras como Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, Padre Germano Lauck e Dom Olívio Aurélio Fazza. Nomes que, direta ou indiretamente, apontam para a Igreja Matriz São João Batista, uma vez que tiveram ligação com ela. Fator que, entretanto, também se revela como um demonstrativo da controversa questão já abordada sobre estas escolhas. Os homenageados e os indignos, os que devem ser lembrados ou esquecidos, são também formas de se agregar ou dissociar um indivíduo à imagem da instituição, uma vez que os homens sacros também são pecadores.

De qualquer forma, incorporado aos religiosos, ou acima deles, está a congregação verbata SVD, que historicamente associa sua a imagem (não apenas em sentido figurado mas também gráfico) à Igreja Matriz. O conteúdo dos painéis, principalmente o que se refere à história da Paróquia, busca reforçar a presença constante dos Missionários do Verbo Divino na trajetória da igreja desde sua fundação.

Fotografias e relatos que integram seus assuntos tendem a formular um imaginário acerca de seus clérigos, hora como heróis desbravadores de um campo inexplorado, ou como personagens que influíram e deixaram sua marca na sociedade.

O exercício de nomeação dos espaços caracteriza uma forma de vincular seu objetivo básico a um conceito subjetivo, atrelado ao perfil do homenageado, como ocorre ao se erigir um monumento. O legado, por vezes, torna-se maior que seu autor, podendo inclusive, obter o poder de redefini-lo.

O legado dos padres na atualidade pode não necessariamente significar as atividades que tenham se dedicado em vida, mas ao nominá-las em sua homenagem propiciam certo teor de credibilidade ou sacralidade, itens importantes para conceituar obras de uso público. Um movimento contínuo até a atualidade, que promove o impulso tanto dos religiosos no bom desempenho de sua vocação, quanto da esfera governamental, com seu ganho de imagem ao relacionar-se a eles.

O sacerdócio<sup>257</sup>, por si só, provoca certa distinção entre o homem religioso e o secular, em especial quando o clérigo adota o uso de vestimentas próprias de sua religiosidade em seu cotidiano, algo comum (ou obrigatório) nos tempos idos. O ato de “batizar” uma obra com o nome do padre ou bispo torna-se uma via triplamente sacra, em que o religioso, que já é um homem consagrado, se consagra (torna-se famoso) por sua homenagem, tornando a obra material que leva seu nome, também sacralizada. Dinâmica esta, não determinista, pois está sujeita às variações valorais próprias da inconstância humana e de sua temporalidade. Porém reflete um ganho mútuo, pois a cada vez que o nome for referido, a Igreja ou templo na qual ele se vincula, de alguma forma também é evocada.

### 3.5.5. A representação discursiva

Complementando as análises de representação é possível fazer observações sobre como a imagem da igreja (aqui não apenas no sentido imagético, mas também institucional) é apresentado em algumas das diversas vias possíveis de expressão. As análises seguem a tendência de tríades como forma simplificadora das explicações. Deste modo, as comunicações ocorrem entre o objeto, sua mensagem e seu ouvinte, que podem ser pensadas por meio de três meios: *canais oficiais*, aqueles que são organizados para servirem de porta-voz das mensagens da Igreja (o que ela diz sobre si mesma); O *objeto*, uma variação do canal oficial que tende a mensagens mais abstratas, onde a igreja-edificação é preparada para se apresentar de forma instrucional; e *canais não oficiais*, que seria as informações fixas sobre a Igreja presentes nos meios de comunicação de órgãos do poder público municipal e também

---

<sup>257</sup> A Ordem é o sacramento graças ao qual a missão confiada por Cristo a seus Apóstolos continua sendo exercida na Igreja até o fim dos tempos; é, portanto, o sacramento do ministério apostólico. Comporta três graus: o episcopado, o presbiterado e o diaconato. (CIC, 1536).

as publicações esporádicas, eventos e ocorrências noticiosas veiculadas sobre a Igreja na mídia jornalística ou informal (o que dizem sobre ela).

Em linhas gerais, a teoria da comunicação apresenta uma estruturação discursiva básica, tendo o *emissor* como agente que gera a mensagem; o *receptor*, que seria a quem a mensagem se destina; e o *código*, a maneira pela qual a mensagem se organiza. O emissor aqui examinado, que se expressa por via oficial ou não oficial a receptores diversos, se condiciona a utilizar códigos que sofreram mudanças consistentes no decorrer dos anos. O que antes era comumente publicado majoritariamente pela via impressa, hoje se apresenta em quase sua totalidade de forma *online* pelos mais diversos canais de comunicação proporcionados pela internet, ampliando o alcance da mensagem ao mesmo tempo em que a desconfigura. O modelo comunicativo desenvolvido pelo cientista político estadunidense Harold Lasswell (1987) nem sempre responde coerentemente às questões propostas em seu método: *Quem? Diz o quê? Através de que canal? A quem? Com que efeito?*

O discurso é um suporte abstrato que serve para moldar idealizações que estão inseridas em campos ideológicos de legitimação. Conforme o filósofo francês Michel Pêcheux (1990), a formação discursiva estaria condicionada às proposições de *produção do discurso*, e esta, por sua vez, subordinada à *formação ideológica*, outorgando o que se pode e se deve dizer em determinada época, e em determinada sociedade. Como existem várias classes na composição social, várias ideologias estão permanentemente em disputas. Esta idealização encontra consonância na análise discursiva desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2008), indicando que o fator de convencimento estaria tanto na capacidade do emissor em revestir-se de certa autoridade institucional para pronunciá-lo, quanto da submissão do receptor em ouvi-lo.

A eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito, ou então, o que dá no mesmo, quando se esquece de si mesma ou se ignora, sujeitando-se a tal eficácia, como se estivesse contribuindo para fundá-la por conta do reconhecimento que lhe concede. (BOURDIEU, p. 95).

Desta forma, a palavra proferida por canais oficiais da Igreja (seja pela via oral, figurada ou escrita), mesmo se tratando da paróquia local, estaria revestida de um poder simbólico concatenado ao sagrado, proporcionando uma mensagem revestida de maior

poder enunciativo, onde “aquilo que numa posição dada, numa conjuntura dada [...] determina o que pode e deve ser dito [...]”, conforme Pêcheux (1988, p. 160).

Os registros noticiosos sobre a Igreja que são aqui apresentados estão longe de representar a totalidade do que já foi publicado sobre ela. Contudo, do muito que foi procurado e o pouco que foi encontrado é possível obter um pouco da atmosfera que permeia o conteúdo sobre o que ela diz e o que se fala dela.

O diálogo oficializado praticado pela Igreja se desenvolve de forma interna e externa. Internamente é semelhante a qualquer outra empresa secular, onde a comunicação é realizada por meio de ofícios, comunicados, documentos, cartas, e demais instrumentos próprios da esfera eclesial para que haja os devidos intercursos entre as partes envolvidas que, comumente, correspondem a membros do clero ou leigos engajados. O Livro Tombo da Paróquia São João Batista, uma das fontes primárias aplicadas a esta tese, é um dos mais antigos instrumentos de comunicação (ou registro) oficial interno utilizado pela Igreja. Em âmbito externo, as comunicações são feitas a partir dos clérigos (portavozes), por meio dos comunicados orais, em missas e outras celebrações, em avisos fixados nos locais de fluxo dos paroquianos, ou por meio de canais da internet, sendo este último, o mais usual na atualidade.

O site oficial da Paróquia São João Batista apresenta informações referentes à agenda paroquial, eventos, estrutura administrativa, movimentos e pastorais, dentre outras informações. O site também disponibiliza os canais “história” e “reforma”, cada qual apresentando o mesmo conteúdo disponibilizado pelos painéis instalados na igreja.

Sobre si mesma, o site traz a seguinte informação referente ao templo: “Reconhecida por ser a primeira igreja católica em Foz do Iguaçu, a Paróquia São João Batista faz parte da história de nossa cidade”<sup>258</sup>. Este seria um dos poucos canais de uso corriqueiro amplamente aproveitado na atualidade para a divulgação de informações oficiais.

Os canais não oficiais que citam a Paróquia ou a Igreja Matriz São João Batista (o que se fala sobre ela) são diversos, sendo que, em âmbito governamental, se destacam o portal da Prefeitura e o site da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu.

O portal oficial da Prefeitura de Foz do Iguaçu conta com um *link* que apresenta um texto sobre a história da cidade, na qual não são citados a Paróquia São João Batista ou

---

<sup>258</sup> Disponível em: <<http://saojoabatistafoz.com.br/>>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

membros do clero. Entretanto, o mesmo site fornece uma cronologia do município, que traz em seu conteúdo alguns fragmentos sobre a presença da Igreja em momentos específicos:

[...] 1916: O Prefeito Jorge Schimmelpfeng doou o terreno para construção da igreja matriz que recebeu o nome de São João Batista, em virtude da doação da imagem do Santo; [...] 1928: Inaugurado o primeiro grupo escolar do Município, Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, sendo o diretor o Padre Monsenhor Guilherme; [...] 1947: As Irmãs da caridade de São Vicente de Paula, chegaram na cidade e construíram Instituto São José. [...] 1978: Em 26 de agosto, é criada a diocese de Foz do Iguaçu.<sup>259</sup>

A Câmara Municipal de Foz do Iguaçu tem demonstrado reconhecimento à atuação de diversos clérigos por meio de seus vereadores ao longo dos anos, outorgando o título de *Cidadão Honorário de Foz do Iguaçu* ou *Moção de Aplauso* pelo desempenho empreendido. Dos religiosos que estão relacionados com a Paróquia São João Batista, é possível citar homenagens concedidas a Dom Olívio, Padre Germano e, mais recentemente, ao Padre Vicente.

Ao Bispo Dom Olívio Aurélio Fazza foi conferido o título de Cidadão Honorário “em reconhecimento aos relevantes serviços prestados ao município” e também a Moção de Aplauso, cuja proposta foi acatada “por unanimidade dos vereadores”, conforme noticiado na época. A matéria do Jornal *A Gazeta do Iguaçu* trazia a frase “[...] muitos dos quase milhares de católicos de Foz do Iguaçu foram crismados por Dom Olívio”<sup>260</sup>, salientando de forma um tanto exagerada a aproximação que o religioso desenvolveu com os fiéis católicos.

Padre Germano Lauck recebeu o título por indicação da vereadora Nanci Rafain Andreola em 12 de junho de 2006, donde se lê “Em reconhecimento aos serviços prestados frente à Igreja Matriz São João Batista e relevante contribuição missionária em prol da fé cristã em nosso Município”. O trecho a seguir, extraído do *Jornal 1ª Linha*, faz uma síntese do que foi publicado na época por outros veículos de comunicação:

O padre Germano Lauck, recebeu em sessão solene na segunda-feira, dia 12, na Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, o título de Cidadão Honorário. Desde 1972 em Foz, quando foi escolhido para ser pároco da

<sup>259</sup> Disponível em: <<https://www5.pmfi.pr.gov.br/cidade/#next>>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

<sup>260</sup> Disponível em: <<http://www.cmfi.pr.gov.br/noticiasdetalhesV.php?p2=136>>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

Igreja São João Batista, Padre Germano Lauck dedicou sua vida não somente à religião, mas, principalmente, à solidariedade aos iguaçuenses, sejam eles necessitados ou apenas em busca de fé e paz. Lauck se tornou, ao longo desses 34 anos, “um símbolo de dedicação e amor pela cidade que deveria ser seguido por todos”, acredita o prefeito Paulo Mac Donald Ghisi.<sup>261</sup>

No dia 17 de dezembro de 2019 o Poder Legislativo Municipal, concedeu Moção de Aplauso ao Padre Vicent Chinnaiyan Adaikkalasamy que, na ocasião, estava se desligando do comando da Paróquia São João Batista para assumir outra função em São José dos Pinhais. Por se tratar do administrador que esteve à frente da Igreja no período da reforma/reconstrução, sendo também coautor da obra, obteve reconhecimento especial por sua atuação. Conforme noticiado no site da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu<sup>262</sup>:

Padre Vincent Assumiu a Paróquia São João Batista em 2011 onde uniu forças entre as pastorais e movimentos da igreja administrando o Conselho Paroquial. Ampliou a estrutura física da igreja acompanhando o desenvolvimento da cidade e agora deixa seu legado a toda comunidade iguaçuense.

De acordo com o vereador João Miranda, proponente da moção, “o padre Vincent exerceu durante todos esses anos um trabalho excelente. Sua presença trouxe mudanças e evolução”, afirmou na ocasião. O vereador Luiz Queiroga, coautor da honraria, destacou os relevantes trabalhos realizados na Igreja Matriz São João Batista:

Fiquei pensando o que leva os fiéis a se preocuparem em homenagear alguém que liderou por um tempo sua instituição ou igreja, a não ser algo que possa ser extraordinário. Você está deixando sua missão, depois de ter feito muito mais que o básico. Além do chamado da unção divina que Deus tem para sua vida, a lei dos homens reconhece seu legado, Padre Vincent.

---

<sup>261</sup> Disponível em:

<<http://www.cmfi.pr.gov.br/noticiasdetalhesV.php?p2=655#:~:text=de%20Cidad%C3%A3o%20Honor%C3%A1rio-O%20padre%20Ger%2Dmano%20Lauck%2C%20recebeu%20em%20sess%C3%A3o%20solene%20na,o%20t%C3%ADtulo%20de%20Cidad%C3%A3o%20Honor%C3%A1rio>>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

<sup>262</sup> Disponível em:

<<https://www.fozdoiguacu.pr.leg.br/institucional/noticias/padre-vincent-e-homenageado-na-camara-de-foz>>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

Estas falas são indicativos de como o poder público municipal percebe a Igreja por meio da atuação de seus clérigos, principalmente quando as ações transcendem o círculo religioso, proporcionando intervenções no plano social.

Outra fonte de consulta se deu pela mídia impressa. Nas pesquisas realizadas para esta tese foi possível encontrar algumas revistas antigas componentes do acervo de periódicos da Biblioteca Pública Municipal. Uma destas revistas da década de 1970 apresenta uma matéria (sem autoria expressa) sobre a presença da Igreja Católica em Foz do Iguaçu, onde em determinado trecho da reportagem se destaca a valorização dada aos clérigos<sup>263</sup>.

Nos dias atuais a igreja colhe os frutos do labor de seus distintos representantes de outrora. Desempenha um papel relevante na comunidade, traçando a sua presença com a pregação cristã. No sacrifício dos antepassados, acha-se depositada a glória que ao presente cabe conservar com imponência e esplendor. (Revista Painel nº 61. 15 de outubro de 1978. Edições Jovite. Foz do Iguaçu).

Contudo, nem sempre apenas notícias boas foram publicadas. Conforme já demonstrado, a história da Paróquia São João Batista também apresenta seus reveses, como o caso ocorrido com Monsenhor Manoel Könnner descrito no primeiro capítulo desta tese, e onde o Livro Tombo da Paróquia São João Batista (Vol.II, 17 de outubro de 1943, p. 43) porta o registro da indignação do clero sobre a repercussão negativa sobre o fato, chamando os jornais de “imprensa inimiga”. No longo tempo de sua existência, certamente este não foi o único caso inconveniente sobre a Paróquia a ganhar páginas noticiosas. Sejam verdades ou calúnias, a imprensa se farta do espetáculo das polêmicas, ao que o escritor francês Guy Debord (1987, p. 39) descreve que “a moderna sociedade está ao mesmo tempo unido e dividido. Ele edifica a sua unidade sobre o dilaceramento. A contradição, quando emerge no espetáculo, é contradita pela inversão do seu sentido”.

O avanço tecnológico promoveu a ampliação das possibilidades comunicacionais e o número de comunicadores que, por sua vez, utilizam seus canais para divulgar ideias e informações nem sempre consistentes.

O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na

---

<sup>263</sup> Anexo 12.

medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador. (BOURDIEU, p. 89).

Outras fontes de informações não oficiais sobre a Igreja Matriz São João Batista são aquelas divulgados pelos diversos canais de notícias da internet. Estas, quase sempre trazem informações sobre celebrações especiais ou eventos pontuais promovidos pela Igreja (Natal, Páscoa, Quaresma, Festa do Padroeiro, Campanha da Fraternidade, dentre outros). Foi percebido, entretanto, que durante o período de reforma/reconstrução do templo as notícias sobre a Igreja eram mais voltadas à evolução das obras ou assuntos que se relacionavam à construção<sup>264</sup>.

Por fim, é possível observar que o monumento também transmite mensagem. A igreja conta com seus painéis *História e Reforma*, fixados em seu interior, que são formas encontradas para instruir seus frequentadores quanto ao seu propósito conceitual. O novo *design* do templo “fala” sobre seu passado e como esse fator é importante para representá-lo. A Igreja Matriz São João Batista enquanto edificação é objeto inanimado e, portanto, incapaz de emitir um enunciado verbal. Contudo, a “voz” da Igreja pode ser dita e ouvida também em seu silêncio, ambientação comum do espaço sagrado apropriado às preces, uma mensagem clara de interiorização reflexiva.

### 3.6. A MEMORIALIZAÇÃO DO TEMPLO

Tratar sobre *memória* é adentrar um território polissêmico, onde a compreensão sobre o que vem a ser e como se delimitam as memórias individuais ou sociais não oferecem contornos nítidos, muitas vezes lançando o pesquisador em uma infinidade de campos teóricos sem que se obtenha um caminho seguro. Neste ponto, o que aqui se pretende esboçar não são mais que pistas que buscam oferecer possibilidades interpretativas sobre a construção de memórias relacionadas à Igreja, provocadas principalmente por meio de seus instrumentos de representação.

Para esta incursão, são acionadas, especialmente as idealizações dos seguintes autores: a historiadora francesa Françoise Choay (2006) nas citações sobre monumento e

---

<sup>264</sup> Anexos 13 e 14.

memória; as exemplificações de memória social a partir da formulação prevista pelo historiador francês Jacques Le Goff (1996); são acionadas, igualmente, definições do sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006), fundador do conceito sobre memória coletiva; a base interpretativa da igreja enquanto monumento histórico centralizador de memórias é observado por meio da classificação de *protomemória*, *memória* e *metamemória*, formulada pelo antropólogo francês Joël Candau (2014).

Retomando a análise sobre o templo como *monumento*, conforme indicado, é possível estabelecer sua forte relação com a memória. Conforme o teólogo belga Eduardo Hoornaert (1986, p. 17), “Em contraste com as outras religiões, o judaísmo e o cristianismo são por excelência religiões da memória, fundamentadas na recordação de fatos históricos que ficam rememorados ao longo dos tempos”. Não obstante, a *Oração Eucarística* prevista no Missal Romano<sup>265</sup> para a liturgia católica apresenta o “memorial da Paixão de Cristo” que se repete todos os dias, a todo o momento onde se celebram missas. Grupos humanos específicos, como os cristãos, necessitam de marcos referenciais para perpetuarem sua fé. Além da escrita e do culto, seus templos são seus monumentos e, portanto, instrumentos de grande importância nesse processo, pois cumprem o papel de pontos convergentes onde as lembranças são ancoradas. Locais onde é possível corporificar a memória e onde o sentido de continuidade permanece.

A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa “fazer recordar”, donde “avisar”, “iluminar”, “instruir”. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o *monumento* é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, dos atos escritos. [...] O *monumento* tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado da memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. (LE GOFF, 1996, p. 535).

Para Le Goff (1996, p. 95) “o *monumento* tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva), o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos”.

O conceito de memória se relaciona com as formas pelas quais as pessoas constroem sentidos ou significados do passado, e como estes sentidos relacionam esse passado ao

<sup>265</sup> Livro usado nas missas de rito romano para as leituras próprias do celebrante.

presente no ato de recordar. Processos estes, subjetivos e ancorados em experiências ou em marcadores materiais e simbólicos nos quais a memória se perpetua. Para Candau (2014, p. 35). “existência de atos de memória coletiva não é suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva. Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado” O templo como monumento configura-se, portanto, como ponto convergente de alinhamento de memórias, pois vem “delimitar uma área de circulação das lembranças”, conforme alude Candau.

A relação humana para com o objeto é fator primordial para a construção de significações. Para Choay (2006), a função antropológica é a essência do monumento, por sua relação com o tempo vivido e com a memória.

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 2006, p. 18).

Nesta tese são apresentados *história* e *alegoria*, já em seu título, como dois motes onde se configura a representação dada ao *monumento* Igreja Matriz São João Batista. Se de um lado temos a *história* e de outro a *alegoria* como coisas distintas, o efeito conectivo entre estes princípios podem ser obtidos por um processo de significação procedente da memória. Conforme já mencionado, este exercício semântico se desenha pela fenomenologia peirceana (1999), onde um *signo*, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém, e onde este conectivo entre objeto e sua representação é realizado por meio da memória.

O objeto de representação aponta para algo que está ausente e que se compõe a partir de uma percepção pessoal, cuja interpretação se constrói por meio da conjuntura cultural na qual os sujeitos estejam inseridos. O sociólogo austríaco Michael Pollak (1992, p. 5) afirma que a identidade é auxiliada pela memória “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

A identidade tem no passado seu lugar de construção, e a memória exerce forte papel na formação da identidade, pois o que um grupo ou uma sociedade consegue se lembrar ou escolhe esquecer, legitima ou desclassifica discursos, comportamentos, atitudes, cerimônias e até direcionamentos políticos e sociais. Memória e identidade, portanto, configuram-se como fatores indissociáveis, pois não existe busca identitária sem memória e, ao mesmo tempo, a busca ativada pela memória sempre acaba trazendo um sentimento de identidade.

A memória se constitui do sentido de continuidade daquele que se lembra, portanto, para Halbwachs (2006, p. 81) “aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. Idealização esta, que se vincula ao esforço de preservação ou promoção de pontos de referência para a práxis da memória.

Segundo Candau (2014, p. 22), é possível classificar a memória como o que ele vem a chamar de “memórias fortes e fracas”, distinguindo a memória a partir de três qualidades: a *protomemória*, que seria a memória socialmente incorporada, expressa na linguagem, nos gestos e reações, que são ações automáticas, até mesmo impensadas, semelhante ao conceito de *habitus* de Bourdieu (2009); a *memória* propriamente dita, ancorada nos saberes culturais, crenças e emoções, acionadas por recordação ou evocação voluntária, promovidos por extensão em plataformas artificiais, tais como filmes, fotografia, música livros, dentre outros, e possíveis de serem replicadas; e, por fim, a *metamemória*, que se constitui como construção identitária ou memória coletiva, de pertencimento e socialização, onde ocorre a valorização das próprias lembranças.

As duas primeiras memórias constituem a memória individual e a terceira, a memória coletiva, possível de ser compartilhada, visto que seria comum a todos os membros de um grupo.

Este conceito se aplica nas possibilidades de vínculo que a memória possa vir a ter com o objeto em questão. Uma pessoa pode ativar diversos níveis de percepção ao se deparar com Igreja Matriz São João Batista: se for um estrangeiro, pode ver a igreja como templo de alguma denominação religiosa qualquer (percepção cultural); se for um cidadão local, possivelmente vai associar a igreja ao catolicismo, ao Papa, padres e bispos (percepção institucional); no caso de um paroquiano, a igreja vai ativar lembranças mais próximas, como um casamento, batizado, festas, celebrações e pessoas que lhe foram marcantes (percepção social); por fim, a pessoa munida de conhecimento prévio acerca da

obra, seu conceito, seus objetos, seus personagens e suas ações, poderá ter uma percepção mais apurada ao ver a igreja (concepção histórica). De qualquer forma, estas são algumas das muitas interpretações que podem ocorrer, mas em todas elas o efeito de ativação é proporcionado pela memória em suas instâncias, conforme classificado por Candau.

Para tornar-se memória social, ou *metamemória*, existe o esforço já mencionado de construção de identidade a partir de um ponto de referência. Contudo, sem a devida valorização das pistas que lhe são comuns e agregadoras, tal como o conhecimento histórico acerca do objeto referencial, esta tarefa configura-se, por demais, infrutífera. A história, neste quesito, compreende uma importante ferramenta para a ativação da memória, proporcionando significado às representações que, no caso da Igreja Matriz São João Batista, se faz por seus componentes alegóricos.

Para Halbwachs (2006, p. 61) nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social, pois o pensamento coletivo é produzido na sociedade por meio do que ele vê como “uma lógica de percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior”. Destarte, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Ainda conforme Halbwachs (2006, p. 102), a memória coletiva é “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de vertical, pois não retém do passado se não o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”.

Para Jacques Le Goff (1996, p. 29) a memória coletiva e a memória social estão associadas, sendo ambas advindas da história, que as vê como “essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas que constitui o vivido dessa relação nunca acabada entre o presente e o passado”.

Mesmo sendo novo, o templo evoca a memória da antiga igreja. Esta, por sua vez, carece de elementos concretos para se permanecer, proporcionando sentido às suas representações. É possível inferir que para grande parte da população iguaçuense, principalmente os mais jovens, a memória da Igreja Matriz São João Batista é uma novidade. O elemento alegórico, por si só, não encontra eficácia sem a junção ao seu significado que se encontra instrumentalizada em memórias artificiais, sobretudo por meio de seus painéis. A memorialização, portanto se mostra como um suporte para a significação de suas vivências, conforme alude Cadau:

A memória nos dará esta ilusão o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. Pela retrospectiva o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar sua vida presente. (CANDAUI, 2014, p. 15).

As ferramentas de memorialização apresentadas pelo templo em sua alegoria: seu *redesign*, sua logomarca, seus painéis instrucionais, sua história, suas fotografias, seus clérigos e seus discursos, tendem a reativar, reformular ou manter seu imaginário de uma igreja que, no presente, se projeta para o futuro por meio de seu passado.

### 3.7. A PATRIMONIALIZAÇÃO DO TEMPLO

Na breve explanação que se segue serão citados, sobretudo, textos do antropólogo catalão Llorenç Prats (2005), tratando sobre os efeitos de patrimonialização; e do historiador francês Dominique Poulot (2009) na fundamentação aos assuntos sobre patrimônio.

Durante o tempo em que se desenvolveu esta pesquisa, a Igreja Matriz São João Batista passa por um processo de tombamento municipal, conforme previsto pela Lei Municipal N.º 4470/16.<sup>266</sup> Membros da Comissão Permanente de Preservação e Fiscalização do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (CEPAC), reuniram-se recentemente com o pároco Padre Vicente, para uma visita técnica à Paróquia como parte das ações já iniciadas pela Comissão.<sup>267</sup>

A atividade integra o plano de trabalho da comissão, que ainda tem como meta elaborar estudos, pesquisas e levantamentos acerca dos “bens patrimoniais, materiais e imateriais, públicos e privados, passíveis de medidas de proteção e preservação”, bem como de “acompanhar e fiscalizar os bens protegidos ou de interesse patrimonial”, conforme previsto na lei.

---

<sup>266</sup> Lei nº 4470, de 5 de agosto de 2016. Dispõe sobre a proteção do Patrimônio Cultural, Histórico, Artístico e Ambiental do Município de Foz do Iguaçu, e dá outras providências. Disponível em: <<http://leismunicipais.tsouj.gov.br>>. Acesso em: 20 de dez. 2020.

<sup>267</sup> Fonte: Agência Municipal de Notícias. Disponível em: <<https://www.radioculturafoz.com.br/2019/09/20/comissao-de-preservacao-inicia-visitas-a-bens-culturais-e-historicos-de-foz-do-iguacu/>>. Acesso em: 20 de dez. 2020.

As localidades de interesse histórico no município incluem, além da Igreja Matriz São João Batista, o antigo Hotel Cassino, Colégio Agrícola, Clube Gresfi, os Centros de Tradições Gaúchas, Movimentos Indigenistas, entre outros. Até o momento, os únicos bens reconhecidos oficialmente no município são o mural intitulado *Painel do Barrageiro* de autoria do artista plástico curitibano *Poty Lazzarotto* (1924-1998), localizado nas dependências da Hidrelétrica de Itaipu, tombado pelo estado; e as Cataratas do Iguaçu, reconhecidas pela UNESCO como patrimônio natural da humanidade.

Esta iniciativa vem corresponder a uma tendência percebida na atualidade de se proceder a patrimonialização de elementos representativos de cidades ou regiões. Todo lugar tem sua história e, por conseguinte, elementos referenciais que contribuem com suas narrativas. Um patrimônio cultural, artístico, religioso ou natural faz parte da história das cidades, constituindo papel simbólico indicativo das culturas locais. Um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução na história das cidades, e que deixam marcas que se aderem à vivência de suas populações.

Existe um pensamento popular de que ao se dar nome a algo, se começa a afeiçoar a ele. Denominar algo como patrimônio é, portanto, categorizá-lo a um patamar que agrega uma série de atributos, sendo que a preservação (ou proteção) revela-se como uma condição central. Seria um convocatório ao público em geral de que aquele item, por ser patrimônio, pertence a todos (ao menos discursivamente) e, portanto, é merecedor de cuidados especiais. Mas este é um procedimento notadamente recente. Choay (2006, p. 12) ajuda a lembrar que, historicamente, sempre houve registros de descaso com o patrimônio, e que as iniciativas de preservação se configuram como um fenômeno relativamente novo.

No Brasil, o Iphan<sup>268</sup>, criado nos anos 1930, foi uma forma de intervir e frear o desmantelamento do patrimônio existente que sofria com descaso causado pela mentalidade desenvolvimentista que propunha eliminar o que considerava arcaico para interpor o novo em nome da modernidade. Entretanto, nos dias atuais o patrimônio valorizado já não é visto mais como um problema, e sim como uma oportunidade para a ampliação da expressão social e para o crescimento econômico nos locais em que se inserem.

Conforme Prats (2005, p. 24), “o patrimônio local é constituído por todos os objetos, lugares e manifestações locais que, em cada caso, têm uma relação metonímica com a externalidade cultural”. Desta forma, os processos de patrimonialização são

---

<sup>268</sup> Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 22 de dez. 2020.

acionados pelas construções sociais que se moldam por meio de identidades culturais. Um movimento não necessariamente espontâneo ou não completamente espontâneo, mas que pode comportar um alto grau de espontaneidade e consenso prévio, uma vez que seus elementos referenciais sejam preservados.

A valorização das referências patrimoniais pela população segue em parte, implicitamente, os mesmos princípios de legitimação que este terá adquirido em seu processo de aprendizagem cultural (natureza, passado e gênio), mas outro princípio adquire um valor ainda mais relevante: o significado. Determinados objetos, lugares e manifestações, patrimoniais ou não, estão relacionados intensamente com a biografia dos indivíduos e com suas interações. (PRATS, 2005, p. 25).

O templo, objeto desta tese, apresenta dupla possibilidade de patrimonialização. Conforme já explanado, a identidade cultural característica de Foz do Iguaçu tende para a *multiculturalidade*, onde a Igreja Matriz São João Batista é mostrada como um dos elementos desta heterogeneidade. Desta forma, a igreja pode ser pensada como um patrimônio cultural por ser componente do “conjunto multicultural local”. Porém, o templo, por si só, garante outro aspecto patrimonial por seu fator histórico. Diferente de outros templos religiosos, a Igreja Matriz São João Batista se faz presente no município desde sua origem, incorporando personagens e memórias ao longo de sua existência. Algo que também lhe assegura a classificação de “patrimônio histórico” cuja titulação, segundo Poulot (2009, p. 199), “lhe permite inscrever-se em uma filiação e reivindicar uma transmissão”. Conceito intransferível por estar nitidamente localizado e que não pode ser realocado por estar intimamente relacionado com a história e os elementos do lugar.

Contudo, há que se considerar que Foz do Iguaçu tem o turismo como uma de suas principais fontes de economia e os processos de patrimonialização, conseqüentemente, tendem a ser influenciados por este aspecto. Conforme Prats (2005, p. 24) a magnitude dos fluxos de visitantes de que o patrimônio localizado é capaz de atrair depende de vários fatores. Em primeiro lugar, do interesse social que o suscita por sua atratividade intrínseca. Mas também por parâmetros turísticos, como a sua localização em relação ao mercado emissor e receptor de visitantes, a logística e a infraestrutura turística existente, que inclui outros tipos de atrações complementares, seu marketing como um produto turístico ou sua inclusão em produtos turísticos mais amplos. O já mencionado ônibus de *city tour* vem de encontro a este aspecto, promovendo o desenvolvimento do turismo baseado no patrimônio

local. Desta forma, o processo de ativação patrimonial em Foz do Iguaçu também mostra-se modulado pelo mote turístico, mesmo se tratando de itens de cunho cultural que, ao fim, acabam sendo direcionados a um vislumbre mercadológico.

A mercantilização do patrimônio ocorre como consequência da configuração social, na medida em que o turismo existe e se apropria do discurso sobre identidade, não da identidade em si. Neste parâmetro, a ativação do patrimônio revela-se como um artifício, uma ficção, um jogo simbólico e econômico.

Por fim, o templo em questão é um patrimônio, se não efetivo, ao menos afetivo para muitos dos seus frequentadores que, para os quais, os mecanismos de ativação memorial, sua nova “roupagem” e todos os outros atributos que moldam seu aspecto alegórico, não passam de meros retoques realizados em um lugar que representa mais que tudo isso. Fatos e personagens continuarão sendo história que, sendo contadas ou não, não farão diferença no cotidiano das orações e missas. As socializações continuarão a ocorrer nas festas, celebrações, casamentos e batizados, e estes serão para eles “a história da paróquia”. Por outro lado, esta igreja talvez se adeque melhor a um novo público que se adestrou ao espetacular e que se satisfaz pelo ilusório. São vias de possibilidades que só o tempo poderá definir, conforme indica Poulot:

No decorrer do século XX, a distinção entre grande arte e arte de massa, assim como entre obra e artefato, devem desaparecer em benefício de um ponto de vista “indiciário”, capaz de valorizar qualquer vestígio. O interesse pelo monumento intencional vai forçosamente diminuir, uma vez que o objetivo dessa espécie de monumento consiste sempre em colocar o passado no presente, tornando-o, em cada instante, pertinente e atual. (POULOT, 2009, p. 215).

Neste aspecto, mesmo não enquadrada como patrimônio cultural ou histórico, a Igreja Matriz São João Batista será o patrimônio de seus frequentadores que a tornam parte integrante de suas socializações, consagrado não por decreto, mas por vivências particulares.

### CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 3

Um novo tempo! Uma frase antiga, um tanto desgastada, mas agradável de ouvir, pois provoca um sentimento esperançoso de novidade ou renovação. O que é velho tende a ser arcaico, ultrapassado ou obsoleto. O que é novo atrai e constitui maior valor.

Foz do Iguaçu possui atrativos antigos que, de tempos em tempos, passam por renovação buscando oferecer novidades a quem já os visitou, e aprimoramento estrutural para atrair novos visitantes. Uma postura estratégica que se distancia do que é antigo, ao menos até que este possa ser redefinido a fim de oferecer algum retorno.

Não é raro ouvir dizer que Foz do Iguaçu tem uma vocação turística. O vocacionado é um sujeito que recebeu um direcionamento prévio para alcançar determinado objetivo. A cidade, e por que não dizer a região, tem sido modelada e remodelada para corresponder à sua missão. Por conseguinte, para se manter “renovada”, ela tende a redefinir antigos atrativos a eleger novas referências turísticas.

A Igreja Matriz São João Batista está localizada em um ambiente onde se tecem discursos de unidade como forma menos evidente de negar suas disputas. Ela, por si só, parece atualmente conflitar com seu propósito existencial, entre a antiga e a nova concepção do templo. Um novo que evoca o passado ou “constrói” memórias por meio da alegoria. No entanto, a mecanização da memória é também uma forma de adestramento da memória, uma vez que não estejam amplamente acessíveis outras fontes referenciais para moldá-la.

As iniciativas de memorialização do templo sinalizam para a tendência de patrimonialização de monumentos. Nesta perspectiva, a iniciativa de se forjar um templo alegórico não surge de forma espontânea. Os indicativos perscrutados aqui apontam para uma conformidade mercadológica, ao mesmo tempo em que asseguram os enraizamentos de uma nova categoria para a edificação, que, até então, se propunha apenas à utilidade religiosa. Contudo, as palavras de Jesus registradas no evangelho de João (Capítulo 2, versículo 16) são veementes em determinar: “*não façais da casa de meu Pai uma casa de negociantes*”. Desta forma, a finalidade turística (essencialmente mercadológica) não deve jamais ser encarada como um objetivo, mas como uma consequência.

O templo agora é igreja, é memória, e é identidade cultural. Itens que lhe asseguram um lugar pontual na geografia iguaçuense, espacialidade colorida por diversas bandeiras e crenças. Contudo, categorizá-la seria diminuir suas potencialidades.

As igrejas são materializações da indubitável necessidade do homem de transcender. O templo é bem mais que uma simples edificação, ela corresponde a um canal conectivo entre Deus e os homens, onde o espaço sagrado é lugar de ascensão. Ela não apenas está no centro da cidade, como também é centralizadora da fé para seus fiéis, mesmo que eles não tenham plena consciência sobre estes conceitos.

Esta centralidade, desenhada desde os tempos coloniais, se não a tornou maior, ao menos fez com que ela fosse, por muito tempo, percebida. Contudo, a notoriedade é algo fugaz nos dias atuais, exigindo atitude performática de quem pretende permanecer ilustre. Desta forma, o momento atual parece ser momento oportuno para repaginá-la.

A Igreja apresenta-se multifacetada em suas representações. De forma dogmática, o Catecismo da Igreja Católica (CIC 813-822) declara que a Igreja é “una” por sua *fonte* (Deus); por seu *fundador* (Jesus Cristo); e por sua *alma* (Espírito Santo). Entre esta visão até a Igreja Matriz São João Batista existem diversas outras concepções. Ela é, neste caso em particular, também representado por sua história, pela iconografia, pela fotografia, por seu monumento, por seu clero e por seus discursos. Um mosaico, tal qual seus vitrais, que na junção de cada fragmento, forma uma só representação.

Mesmo que tenha sido por necessidade estrutural, a igreja reerguida é um presente para o tempo presente, que se projeta para o futuro por meio de seu passado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa foi possível não apenas ampliar o olhar sobre este espaço fronteiriço e diverso por sua cultura plural, mas também observá-la de forma diferenciada. Ao estudar representações o pesquisador corre o risco de perder-se nos encantos do personagem sem levar em conta a pessoa do ator. Esmiuçar, pois, estes dois aspectos, que aqui se mostram como o objeto e sua alegoria, permitem uma maior compreensão sobre as intencionalidades do enredo proposto.

Nesta perspectiva, em linhas gerais, este estudo cumpre seu propósito de evidenciar o transcurso entre a igreja original e seu aspecto alegórico, prescrito por um planejamento proposto por seus gestores.

A metodologia indicada por Ginzburg por meio da *micro-história* e o *paradigma indiciário*, tornou-se altamente eficaz para as propostas aqui engendradas. As investigações puderam evidenciar a necessidade do ajuntamento de fragmentos para a construção de uma pesquisa mais coesa, revelando conteúdos históricos que tendem a propiciar pistas de investigação também a outros pesquisadores em sua dedicação interpretativa para a feitura ou fortalecimento de conteúdos, não apenas da Igreja, como também sobre o município de Foz do Iguaçu.

Nesta perspectiva, existe um campo ainda pouco explorado de pesquisa, convidativo para se conhecer histórias sobre pessoas e acontecimentos emanados a partir da Igreja Matriz São João Batista, cuja importância extrapola o campo religioso.

A Igreja, tal qual o município, surge a partir de um processo colonial de apropriação do espaço por sujeitos alheios a ele. Neste decurso o direito de domínio (ou opinião) do nativo é desconsiderado. O que seria uma cultura local passa a ser uma cultura inserida, e se constitui como representativa da espacialidade. Evidentemente, uma característica presente não apenas na realidade aqui perscrutada.

A temática sobre a multiculturalidade local tem sido largamente explorada pela comunidade acadêmica como um fenômeno social de ampla conjectura. Esta dinâmica é, ao mesmo tempo, positiva como também preocupante, pois pode evidenciar impressões apenas aparentes ou atreladas a bases discursivas já previamente estabelecidas, ignorando expressões culturais que fogem de um padrão esperado. Nesta perspectiva, os monumentos

erguidos na espacialidade do município tendem a sustentar um imaginário multicultural que certamente não representa sua totalidade. Desta forma, a representatividade se estabelece na medida em que determinada cultura se encontra capacitada a figurar, ou é considerada socialmente permitida.

O monumento apresenta-se neste processo com um elemento que carece de manutenção, não apenas em sua materialidade, como também em sua eficácia representacional, uma vez que o propósito existencial do objeto está ancorado ao fator simbólico nele projetado. O monumento é um elemento frio e inerte, submetido, portanto, a uma total dependência do que o homem lhe atribui culturalmente, e este, por sua vez, é um ser essencialmente mutável.

A Igreja Matriz São João Batista, que aqui foi inquirida, corresponde a uma parcela da identidade cultural de Foz do Iguaçu. A reforma/reconstrução da igreja e sua composição historiográfica demonstradas nesta pesquisa indicam esta igreja ser possuidora de valores agregados que estão além dos da fé. É um edifício que acompanhou o desenvolvimento de Foz do Iguaçu e agora consolida-se como um dos símbolos da história e da cultura da cidade. O que outrora era tido tão somente como um lugar apropriado à prática do catolicismo, agora se reconfigura em um novo patamar. Seu posicionamento perante os diversos outros ícones do município requer um contínuo trabalho de manutenção e promoção, colocando-a ao mesmo tempo, no eixo turístico já consolidado, e no imaginário do povo iguaçuense como monumento histórico.

Uma vez que as memórias constituídas em torno da Igreja mostram-se dispersas, seus painéis sobre *história* e *reforma* se posicionam como elementos centralizadores ou indicadores para seu estabelecimento ou continuidade. Memórias estas acionadas por componentes produzidos pela própria instituição ao viabilizar suas fontes.

O desenvolvimento desta pesquisa proporcionou a imersão ao conteúdo destas fontes, que se mostraram itens altamente relevantes. De modo especial, é possível citar o Livro Tombo da Paróquia São João Batista, um documento único, quase centenário, que se mostrou primordial, não apenas para esta tese, como também para que os escritos do padre Martinho Seitz e do padre Lotário Welter fossem redigidos. O acesso a este Livro colaborou também com o fornecimento de outras informações complementares que se juntaram às já citadas obras para poderem constituir argumentações coerentes para uma historiografia fundamentada.

Na feitura das investigações foi possível perceber, no entanto, certa precariedade na produção de registros documentais referentes à Igreja. Existem, pois, atas de reunião contendo resoluções diversas sobre atividades e projetos da paróquia, dentre eles, algumas que concernem às decisões sobre a manutenção do templo. Não obstante, as indicações sobre a intenção de se resgatar a aparência original da igreja por meio da reforma é legitimada, sobretudo, pela fala de seu arquiteto responsável, Valdir Garbin e seu projeto. Idealização esta, cujo registro descrito não foi localizado em ata.

A pesquisa pôde revelar conectivos entre temas em torno da igreja e outras conjecturas de maior amplitude. Dentre os assuntos abordados, é possível citar a relação dos sinos da igreja e seu doador, Miguel Matte, um dos principais patrocinadores do processo de colonização do Oeste do Paraná. Já a fotografia do incêndio da primeira capela em madeira ocorrido em 1925 tem sua relação indireta com os revolucionários da Coluna Prestas, integração esta que, em linhas gerais, posiciona a então modesta Foz do Iguaçu a um importante capítulo da História do Brasil. Da mesma forma, o episódio que envolveu a prisão do religioso verbita Monsenhor Manoel Könnner, faz referência aos conflitos da Segunda Guerra Mundial ocorrido nos anos 1940. Por conseguinte, estes temas levantados na pesquisa, de certa forma, relacionam a Igreja Matriz São João Batista à temas inseridos na esfera estadual, nacional e mundial, consecutivamente.

Estas e outras análises puderam ser mais bem aclaradas pelo componente fotográfico que, ao final se tornou elemento fundamental para a compreensão do processo de modificação da igreja. Por meio das análises fotográficas e textuais, foi possível tecer um panorama sobre a evolução construtiva das obras do templo nas diversas etapas apresentadas em seu percurso. As informações permitiram ao pesquisador, maior aproximação ao objeto e, conseqüentemente, a compreensão sobre suas alterações.

Já o trabalho de pesquisa relacionada aos clérigos resultou num processo de inversão, no qual nomes que eram conhecidos apenas como ruas, hospitais ou colégios, puderam ser aqui personificados por meio de fotografias e textos biográficos que revelaram parte da história dos religiosos e suas realizações marcantes, além do próprio exercício de nomeação, o que certamente lhes garante sua perpetuação.

Outro fator importante a se destacar sobre a pesquisa é a que se relaciona aos discursos constituídos em torno da Igreja. A maior eficácia neste exercício se dá por seus porta-vozes. Primeiramente por meio dos registros históricos documentais; também pelas

narrativas constituídas a partir destes documentos; pelos mecanismos comunicacionais tais como sites, publicações e até mesmo os painéis; incluem-se também as mensagens pronunciadas pelos celebrantes nas diversas missas diárias; são interações cotidianas que asseguram a manutenção de imaginários sobre a Igreja e, por meio dela, se moldam tantos outros discursos exteriores à instituição que, de uma forma ou de outra, se alimentam de suas informações, sendo, ao final, a Igreja por ela mesma.

Os termos memorialização e patrimonialização não se referem a um processo espontâneo, pois indicam uma dinâmica de ação no qual a presente pesquisa pôde comprovar como sendo, no primeiro caso, os esforços empreendidos pela Igreja no intuito de desnudar relatos e personagens até então pouco explorados, para servirem de referência às memórias populares ou como forma de provocá-las. Neste último aspecto, o exercício se dá, não pela evocação do elemento pela memória, mas pela ação da escolha de itens para que se tornem memórias, e aí é que se revela o movimento de memorialização.

O segundo caso mostra-se atrelado ao primeiro, onde é percebido um desencadeamento que parte da legitimação de itens memoriais que, na contemporaneidade acabam por se tornar patrimônio. Isso se dá pela já citada tendência atual de preservação do passado como refúgio às crises existenciais do presente. A patrimonialização, seja ela provocada pela via institucional ou exercida de forma involuntária por seus simpatizantes, é uma forma de assegurar a permanência das referências memoriais.

O que a pesquisa pôde revelar, ou ao menos indicar, é que estes fenômenos são intencionados pela indústria do turismo, que se beneficia a cada momento em que re-potencializa algo que já estava desgastado, ou propõe uma nova utilidade a elementos que até então não eram considerados como atrativo turístico.

A alegoria referente ao templo configura-se como uma tentativa plausível para uma conexão entre o que é a igreja hoje e o que ela traz consigo como valores de seu tempo. Contudo, as informações contidas em seus mecanismos memoriais são demasiadamente sintéticas, carecendo de outros canais de informação que apresentem estas memórias de forma mais detalhada. E provavelmente este seja um dos principais valores pretendidos por esta tese: provocar novas incursões.

Edificar, demolir e reconstruir são processos que marcam a vida das cidades e refletem uma dinâmica dicotômica de insatisfação e progressão do homem em sua relação com seu espaço de vivência. A vida sempre clama por renovação.

A Igreja Matriz São João Batista em sua reforma/reconstrução revela-se como uma velha árvore que, uma vez plantada no alto de uma colina, cresceu e criou raízes profundas, mas que também precisou ter seus galhos podados no devido tempo, a fim de poder continuar seu desenvolvimento sendo não apenas frondosa, mas fornecedora de bons frutos.

As subjetividades citadas no início desta tese permitem que este final indique também um começo, uma porta de entrada. A placa inaugural da nova Igreja Matriz São João Batista, fixada na parede do acesso principal, traz a locução latina “*ad perpetuam rei memoriam*”, que significa: “para perpetuar a memória do fato”<sup>269</sup>. Algo apropriado igualmente para este estudo, que também se faz como instrumento para a ativação de memórias. As lembranças são uma forma de comunhão entre aqueles que percebem a igreja como sendo este sempre eterno lugar de encontro.

---

<sup>269</sup> “*ad perpetuam rei memoriam*”: Fórmula que se inscrevia no alto de determinadas bulas pontifícias, e que se encontra igualmente em monumentos comemorativos, medalhas, etc. Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/ad%20perpetuam%20rei%20memoriam>>. Acesso em: 22 de dez. 2020.

## FONTES PRIMÁRIAS

FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU – *Foz 80 anos – Projeto memória Vol.1* – Foz do Iguaçu, PR, 1994.

GUIZZARDI, Dom Laurindo. *História da Diocese de Foz do Iguaçu. Coleção Testemunhos – 6*. Brasília: Edições CNBB, 2014.

PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA. *Livro Tombo – Volume I a IV* – Foz do Iguaçu, PR, 1924.

PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA. Memorando da Paróquia S. J. Batista ao Conselho de Assuntos Econômicos Diocesano, solicitando permissão para execução da reforma da Igreja. Padre Vincent C. Adaikkalassamy. 06 de setembro de 2013.

SCHIMMELPFENG, Ottília. *Retrospectos iguaçuenses: Narrativas históricas de Foz do Iguaçu*. Foz do Iguaçu: Tezza, 1991.

SEITZ, Padre Martinho (org.). *1924-1974: Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu no seu cinquentenário*. São Paulo: Editora SVD, 1974.

SVD. *Jubileu Áureo: 19 de Março - 1895-1945 - 50º Aniversário da chegada dos primeiros missionários da Congregação do Verbo Divino ao Brasil*. Juiz de Fora, MG: Tipografia do Lar Católico, 1945.

WELTER, Pe. Lotário. *Tempos heróicos de uma igreja nascente (memórias) – Foz do Iguaçu - Início do século até 1941*. Edição Bilingue. Asunción – Paraguai, 1992.

**FONTES ORAIS**

ADAIKKALASAMY, Padre Vincent C. **Entrevista.** Foz do Iguaçu. 11 de março de 2019.

FERREIRA, Loty. **Entrevista.** Foz do Iguaçu. 16 de dezembro de 2020.

GARBIN, Valdir. **Entrevista.** Foz do Iguaçu. 10 de julho de 2019.

GUIZZARDI, Dom Laurindo. **Entrevista.** Foz do Iguaçu. 16 de março de 2019.

## REFERÊNCIAS: MEIO ELETRÔNICO

ALETEIA. *Os 2 significados da cripta*. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2019/11/08/os-2-significados-da-cripta/>>. Acesso em: 05 de maio de 2020.

ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO. 85 anos do Cristo Redentor. Disponível em: <<http://arqrio.org/formacao/detalhes/1469/85-anos-do-cristo-redentor>>. Acesso em: 12 de abr. 2020.

BIBLIOTECA NACIONAL. *História - 22 de abril de 1500: Esquadra de Pedro Alvares Cabral chega ao Brasil*. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/04/historia-22-abril-1500-esquadra-pedro-alvares-cabral>>. Acesso em: 12 de abr. 2020.

CÂMARA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Disponível em: <<http://www.cmfi.pr.gov.br/>> Acesso em: 15 de nov. 2020.

CATEDRAL DIOCESANA NSA. SRA. DE GUADALUPE. História da Obra. Disponível em: <<https://www.guadalupe.org.br/historia>>. Acesso em: 20 de mar. 2020.

CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO. Disponível em: <<http://www.verbodivino.org.br/Portal/index.php/dimensoes>>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO. *No mundo, no Brasil*. Disponível em: <<http://www.verbodivino.org.br/Portal/index.php/svd/no-mundo-no-brasil>>. Acesso em: 10 de jul. 2020.

DE TOMMASO, Wilma Steagall. *Claudio Pastro: Um Artista Pós Vaticano II*. (online). 2016. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano XIII, n. 54. Disponível em: <<https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/claudio-pastro-um-artista-pos-vaticano-ii.pdf>>. Acesso em: 02 de abr. 2020.

DEITOS, Nilceu Jacob. *Presença da Igreja no Oeste do Paraná: A construção do imaginário católico (1930-1990)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Porto Alegre. 2004. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10302>>. Acesso em: 30 de ago. 2020.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha], 2008-2020. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/ad%20perpetuam%20rei%20memoriam>>. Acesso em: 22 de dez. 2020.

DIOCESE DE FOZ DO IGUAÇU. História. Disponível em: <<https://diocesedefoz.org.br/pagina-inicial/>>. Acesso em: 11 de mar. 2020.

DIOCESE DE TOLEDO. Disponível em: <<http://www.diocesetoledo.org/diocese/historico/94>>. Acesso em: 05 de nov. 2020.

EXPEDIA. Catedral de São João Batista. Disponível em: <<https://www.expedia.com.br/Catedral-De-Sao-Joao-Batista-Foz-do-Iguacu-City-Centre.d6242273.Guia-de-Viagem>>. Acesso em: 12 de mar. 2019.

FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULA. História. Disponível em: <<http://filles-de-la-charite.org/>>. Acesso em: 15 de abr. 2020.

FOZ DO IGUAÇU (PR). *Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu 2014*. Secretaria Municipal de Turismo. Diretoria de Desenvolvimento do Turismo. Observatório de Turismo. Divisão de Estatísticas e Estudos Turísticos. Secretaria Municipal de Turismo – Foz do Iguaçu (PR): SMTU, 2014. Disponível em: <<http://www.pmfi.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=75475>>. Acesso em: 05 de abr. 2020.

FOZ DO IGUAÇU (PR). Lei Nº 4470, de 5 de agosto de 2016. Dispõe sobre a proteção do Patrimônio Cultural, Histórico, Artístico e Ambiental do Município de Foz do Iguaçu. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/tsouj>>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

FOZ DO IGUAÇU (PR). Prefeitura Municipal. A Cidade. Disponível em: <<https://www5.pmfi.pr.gov.br/cidade>>. Acesso em: 11 de abr. 2020.

FOZ DO IGUAÇU. Lei Nº 3144, de 14 de dezembro de 2005 (Anexo 08). Padroniza as calçadas no município de Foz do Iguaçu e dá outras providências. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/abkdq>>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal. A Cidade. Disponível em: <<https://www5.pmfi.pr.gov.br/cidade>>. Acesso em: 15 de mar. 2020.

FRATERNIDADE O CAMINHO. Quem somos. Disponível em: <<https://www.ocaminho.org/>>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

FURLAN, Najla. Justiça declara falência da Santa Casa de Foz. Tribuna Paraná. Disponível em: <<https://www.tribunapr.com.br/noticias/parana/justica-declara-falencia-da-santa-casa-de-foz/>>. Acesso em: 12 de out. 2020.

GOOGLE ARTS & CULTURE. *Primeira Missa no Brasil. Victor Meirelles, 1860*. Disponível em: <[https://artsandculture.google.com/asset/first-mass-in-brazil/IQFUWbm\\_Wu1XaA?hl=pt-BR](https://artsandculture.google.com/asset/first-mass-in-brazil/IQFUWbm_Wu1XaA?hl=pt-BR)>. Acesso em: 16 de fev. 2020.

GOVERNO MUNICIPAL DE CASCAVEL. História. Disponível em: <<https://cascavel.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/2>>. Acesso em: 20 de out. 2020.

HOSPITAL MUNICIPAL PADRE GERMANO LAUCK. Disponível em: <<http://www.hmpgl.com.br/>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE – Biblioteca. Colégio Estadual Bartolomeu Mitre. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445488&view=detalhes>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE – Biblioteca. Cascavel. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=31650&view=detalhes>>. Acesso em: 20 de out. 2020.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Patrimônio cultural, direito e meio ambiente: um debate sobre a globalização, cidadania e*

*sustentabilidade* [recurso eletrônico] / Juliano Bitencourt Campos, Daniel Ribeiro Preve, Ismael Francisco de Souza, organizadores - Curitiba: Multideia, 2015. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/texto\\_especializado.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/texto_especializado.pdf)>. Acesso em: 20 de mar. 2020.

KOSLOSKI, Philip. *Você sabe como surgiram os vitrais das igrejas?* ALETEIA. (online). 2017. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2017/07/25/voce-sabe-como-surgiram-os-vitrais-das-igrejas/>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

LEIS MUNICIPAIS. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/jfibq>>. Acesso em: 12 de out. 2020.

LEIS MUNICIPAIS. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/kcaqe>>. Acesso em: 12 de out. 2020.

MEZZOMO, Frank Antonio. *Dom Olívio Aurélio Fazza: Trajetória Eclesial de um bispo em uma região de conflitos*. Tese (Doutorado em História) Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92564>>. Acesso em: 27 de out. 2020.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <[michaelis.uol.com.br](http://michaelis.uol.com.br)>. Acesso em: 11 de mar. 2020.

MICHELOTTI, Denise. *Arte em vitrais: a salvaguarda, a extroversão e a sociomuseologia*. Dissertação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Departamento de Museologia. Portugal. Lisboa. 2011. Disponível em: <[http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/denise\\_michelotti.pdf](http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/denise_michelotti.pdf)>. Acesso em: 05 de abr. 2020.

MINISTÉRIO DO TURISMO. *Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS*. Polo de Foz do Iguaçu. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/DPROD/PDITS/PARANA/PDITS\\_POL\\_O\\_DE\\_FOZ\\_DO\\_IGUACU.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/DPROD/PDITS/PARANA/PDITS_POL_O_DE_FOZ_DO_IGUACU.pdf)>. Acesso em: 17 de mar. 2020.

NEW ADVENT – *Cathedral*. Fonte: <<https://www.newadvent.org/cathen/03438a.htm>>. Acesso em: 05 de nov. 2020.

PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA. Reforma da Paróquia São João Batista. Disponível em: <<http://saojoaobatistafoz.com.br/reforma-da-paroquia-sao-joao-batista/>>. Acesso em: 05 de abr. 2020.

PREFEITURA DE FOZ DO IGUAÇU. *Cronologia*. <<https://www5.pmfi.pr.gov.br/cidade>>. Acesso em: 11 de abr. 2020.

PRESTES, Luis Carlos. *O Velho - A história de Luis Carlos Prestes*. 1997. (1h44m). A.H.F. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=tRpEw2q0GWw](http://www.youtube.com/watch?v=tRpEw2q0GWw)>. Acesso em: 16 de jan. 2020.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Colégio Estadual Monsenhor Guilherme. Disponível em: <<http://www.fozguilherme.seed.pr.gov.br/modules/noticias/>>. Acesso em: 20 de out. 2020.

SILVA, Micael Alvino. *Vigilância aos súditos do Eixo na parte brasileira da Tríplice Fronteira (1942-1943)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/2970>>. Acesso em: 20 de out. 2020.

SOCIETAS VERBI DIVINI. Disponível em: <<http://www.svdcuria.org/public/mobile/dimidx.htm>>. Acesso em: 05 de set. 2020.

## REFERÊNCIAS: ARTIGO - DISSERTAÇÃO - TESE

DEITOS, Nilceu Jacob. *Presença da Igreja no Oeste do Paraná: A construção do imaginário católico (1930-1990)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Porto Alegre, 2004.  
Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10302>>. Acesso em: 30 de ago. 2020.

GREGORY, Lucia Teresinha Macena. *Retratos, Instantâneos e Lembranças: a trajetória e o acervo da fotógrafa Írica Kaefer, Marechal Cândido Rondon (1954-1990)*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro), 2010.

KLAUCK, Samuel; SZEKUT, Andressa. Diversidade Populacional: Discursos de fixação do Patrimônio Cultural de Foz do Iguaçu. In *Revista Ideação: Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste - Campus de Foz do Iguaçu* v. 14 nº 2 p.157-177. 2º semestre de 2012.  
Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/7175/5807>>. Acesso em: 30 de abr. 2020.

MELLO, Cláudio Renato de Camargo. *O Patrimônio Arquitetônico e Urbano na Tríplice Fronteira: Brasil (BR), Paraguay (PY) e Argentina (AR)*. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras). Centro de Educação, Letras e Saúde (CELS). Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu, Paraná, 2020.

MEZZOMO, Frank Antonio. *Dom Olívio Aurélio Fazza: Trajetória Eclesial de um bispo em uma região de conflitos*. Tese (Doutorado em História) Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis. 2009.  
Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92564>>. Acesso em: 27 de ago. 2020.

MYSKIW, Antonio Marcos. *A Fronteira como Destino de Viagem: A Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888/1907)*. Tese (Doutorado em História Social). Centro de Estudos Gerais. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Curso de Pós-graduação em História Social. Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói, RJ, 2009.

MYSKIW, Antonio Marcos. *Colonos, Posseiros e Grileiros: Conflitos de Terra no Oeste Paranaense (1961/66)*. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Estudos Gerais. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Curso de Pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense – UFF-UNIOESTE. Niterói, RJ, 2002.

POMBO, Olga. *Epistemologia da interdisciplinaridade*. *Ideação: Revista do Centro De Educação e Letras da Unioeste - Campus de Foz do Iguaçu*, v. 10 nº1 p.9-40. 1º semestre de 2008. Disponível em:  
<<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141/3187>>. Acesso em: 20 de dez. 2020.

PORTZ, Solange da Silva. *As paisagens da memória: um estudo das fotografias do Plano de Colonização da Empresa MARIPÁ – 1946-1955*. Dissertação (Mestrado em História Social). Niterói. Biblioteca UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2017.

PORTZ, Solange da Silva. *Fronteiras, Vivências e Memórias: Moisés Santiago Bertoni e as Centralidades*. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras). Centro de Educação, Letras e Saúde (CELS). Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu, Paraná, 2020.

PRATS, Llorenç. *Concepto y gestión del patrimonio local*. Artigo. Cuadernos de Antropología Social, Buenos Aires, n. 21, p. 17-35, 2005.

SILVA, Micael Alvino. *Vigilância aos súditos do Eixo na parte brasileira da Tríplice Fronteira (1942-1943)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/2970>>. Acesso em: 20 de out. 2020.

SOUKI, Zahira. *Alegoria: A linguagem do silêncio*. Artigo. MEDIAÇÃO / Universidade Fumec - Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, Belo Horizonte, nº5, pgs.92-108, novembro de 2006. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/251>>. Acesso em: 14 de set. 2020.

TRINDADE, Rafael. *Sartre: a consciência de ser visto*. Artigo. Alabastro: revista eletrônica dos alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, ano 1, v. 1, n. 2, p.157-168. 2013. Disponível em: <<http://revistaalabastro.fespsp.org.br/index.php/alabastro/article/view/42>>. Acesso em: 05 de jan. 2021.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR, Jurandir Colonado. *Intrépidos Missionários da Igreja no Paraná – Biografias de Presbíteros*. Curitiba: Champagnat, 2010.
- AMADIO, Italo. *Le Livre de La Bible- L’Ancien Testament*. São Paulo: Ed. Rideel, 1993.
- ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas: Papirus Editora, 1993.
- ÁVILA, Affonso. *Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. (Trad. de Antônio de P. Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUMAN, Zygmunt – *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. 57<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ave Maria, 1987.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- BRITO, José Maria de. *Descoberta de Foz do Iguaçu e a fundação da colônia militar*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.
- BRUCE-MITFORD, Miranda. *O livro ilustrado dos símbolos: o universo das imagens que representam as ideias e os fenômenos da realidade*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- BUENO, Eduardo. *Brasil: Terra à vista! A aventura ilustrada do descobrimento*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2000.
- BURKE, Peter. (Org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. Tradução de Nilo Odalia. São Paulo: UNESP, 1997.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 6ª Edição. São Paulo: Editora Vozes; Edições Paulinas; Edições Loyola; Editora Ave-Maria, 1993.

CATTA, Luiz Eduardo. *O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHING, Francis D.K. *Dicionário visual de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora da Unesp: Estação Liberdade, 2006.

CIRIO, Dom Armando. *Anotações da vida e da atuação da Arquidiocese de Cascavel: 1978-1996*. Org. Maria Tânia de Oliveira; Pe. Antonio Carlos Gerólomo. Cascavel: ASSOESTE, 2014.

CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil* (Documentos da CNBB, n. 43). 6ªed. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

COLODEL, José Augusto. *Obrages e companhias colonizadoras: Santa Helena na história paranaense até 1960*. Santa Helena, PR: Editora Educativa, 1988.

CORBALÁN, Fernando. *A proporção áurea: a linguagem matemática da beleza*. São Paulo: Salvat, 2016.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1987.

DERRIDA, Jacques. *Pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DRUMMOND, José Augusto. *A Coluna Prestes – rebeldes errantes*. Coleção Tudo é História: 103. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- ECO, Umberto (org.). *História da Beleza*. 3ªEd. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- FAUSTO, Carlos. *Os Índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação*. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.
- FONTANA, David. *A linguagem dos símbolos: a história e os significados ocultos em um guia completo e ilustrado*. São Paulo: Publifolha, 2013.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU – *Foz 80 anos – Projeto memória Vol.1* – Foz do Iguaçu, PR, 1994.
- GEERTZ, Clifford James. *A interpretação da cultura*. In: *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editoriais, 1978.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- GONTIJO, Silvana. *O Livro de Ouro da Comunicação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GUIZZARDI, Dom Laurindo. *História da Diocese de Foz do Iguaçu. Coleção Testemunhos – 6*. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart – *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* – 7ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria. Construção e interpretação da metáfora*. Hedra. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.
- HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão*. Série I Experiência de Deus e Justiça. Coleção Teologia e Libertação. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1986.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO NACIONAL [IPHAN]. *Manual de aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília: IPHAN, 2000.
- JUNG, Carl Gustav; FREEMAN, John; VON FRAZ, M. L.; HENDERSON, Joseph L.; JACOBI, Jalande; JAFFÉ, Àniela. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

- KLAUCK, Samuel. *Gleba dos Bispos: colonização no Oeste do Paraná – uma experiência católica de ação social*. Porto Alegre, RS: EST Edições, 2004.
- KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KOSSOY, Boris. *Viagem pelo Fantástico*. São Paulo: Kosmos, 1971.
- LASSWELL, H. *A estrutura e a função da comunicação na sociedade*. In: COHN, G. (Org.) *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LE GOFF, Jacques. *Por amos às cidades*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Raça e história*. Tradução de Inácia Canelas. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores), 1980.
- LOCATELLI, Nelson. *Dom Olívio Aurélio Fazza, Mensageiro da Paz*. Foz do Iguaçu, PR: Gráfica e Editora Nadai, 2006.
- LOPES, Marcos Antônio (org.). *Fernand Braudel: tempo e história*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. *O Imaginário é uma realidade*. Revista FAMECOS. Nº 15. Quadrimestral. Porto Alegre: Agosto de 2001.
- MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MEIRELLES, Domingos. *As noites das grandes fogueiras: uma história da Coluna Prestes*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.
- MEZZOMO, Frank Antonio. *Religião, nomos e utopia. O catolicismo na colonização de Toledo (Paraná, 1940-1970)*. Cascavel: Edunioeste, 2001.
- MICHELOTTI, Denise. *Arte em Vitrais: a Salvaguarda, a Extroversão e a Sociomuseologia*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Departamento de Museologia. Lisboa, 2011.
- MUSSET, Jacques. *A Bíblia em Cores – O Novo Testamento*. São Paulo: Editora Rideel Ltda., 1993.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: *Estudos Históricos*, vol.5, nº10. Rio de Janeiro, 1992.
- SANTAELLA, Lúcia. NÖTH, Winfried. *Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. NÖTH, Winfried. *Introdução à Semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação*. São Paulo: Paulus, 2017.

SANTOS, José Carlos dos. *Luzes na floresta: religiosidade como arte de governar no espaço colonial*. Cascavel. PR: Coluna do Saber, 2008.

SARTRE, Jean Paul. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHALLENBERGER, Erneldo. *Reduções Jesuíticas: sem moeda, pobres ou mendigos*. In: CARUSO, Raimundo C. *Desafios de Foz do Iguaçu: educação, saúde, segurança*. Florianópolis: Officio, 2011. p.151-163.

SEITZ, Padre Martinho (org.). *1924-1974: Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu no seu cinquentenário*. São Paulo: Editora SVD, 1974.

SVD. *Arnaldo Janssen, ontem e hoje: Personalidade, carisma, herança*. Congregação do Verbo Divino. Curitiba: SVD-Brasil-Sul, 2000.

SVD. *Jubileu Áureo: 19 de Março - 1895-1945 - 50º Aniversário da chegada dos primeiros missionários da Congregação do Verbo Divino ao Brasil*. Juiz de Fora, MG: Tipografia do Lar Católico, 1945.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PORTZ, Solange da Silva. *Modalidades do olhar fotográfico: Fotografias do plano de colonização da Maripá*. in *Tempos Históricos / Universidade Estadual do Oeste do Paraná*. Campus de Marechal Cândido Rondon. Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras. Colegiado do Curso de História – v. 05/06. Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE/PR, 2003/2004.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no ocidente, séculos XVIII-XXI. Do monumento aos valores*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PRATS, Llorenç. *Antropología y patrimonio*. Barcelona: Ariel, 1997.

PRUNER, Renato Rios. *Frederico Engel, Pioneiro no turismo em Foz do Iguaçu*. Blumenau, SC: Nova Letra, 2014.

ROMAG, O. F. M, Frei Dagoberto. *Compêndio da História da Igreja – 1º Volume: a Antiguidade Cristã*. Petrópolis. RJ: Editora Vozes, 1948.

RÖWER, Frei Basílio. *Dicionário litúrgico para uso do Revmo. Clero e dos fiéis*. Petrópolis: Vozes, 1947.

SANTAELLA, Lúcia. NÖTH, Winfried. *Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SCHIMMELPFENG, Ottília. *Retrospectos iguaçuenses: Narrativas históricas de Foz do Iguaçu*. Foz do Iguaçu: Tezza, 1991.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WACHOWICS, Ruy Christovam. *Obrageros, mensus e colonos: história do Oeste paranaense*. Curitiba: Vicentina, 1882.

WELTER, Pe. Lotário. *Tempos heróicos de uma igreja nascente (memórias) – Foz do Iguaçu - Início do século até 1941*. Edição Bilíngue. Asunción – Paraguai, 1992.

ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

## ANEXOS

### ANEXO 1

Padre Edvino Sicuro, SVD, na biblioteca da Casa dos Missionários do Verbo Divino em Ponta Grossa, PR.

Foto: Mac Fernandes. Data: Janeiro de 2020.



### ANEXO 2

Fonte primária de pesquisa: Volume único do caderno *SVD Jubileu Áureo: 19 de Março - 1895-1945 - 50º Aniversário da chegada dos primeiros missionários da Congregação do Verbo Divino ao Brasil*, arquivado na Casa dos Missionários do Verbo Divino em Ponta Grossa, PR.

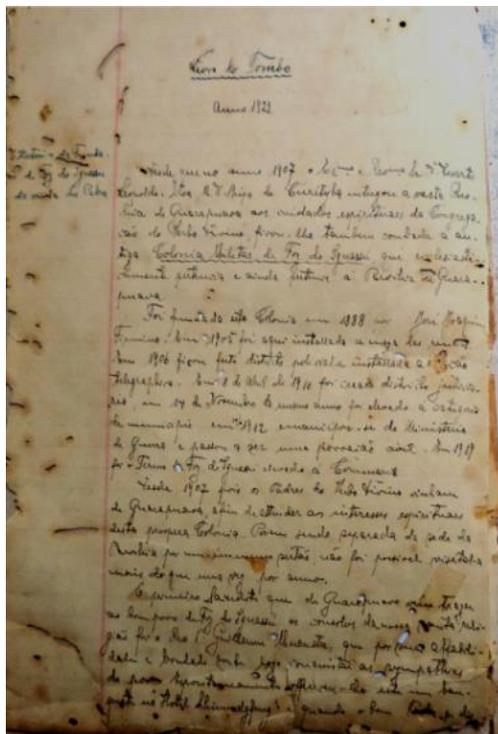
Foto: Mac Fernandes. Data: Janeiro de 2020.



## ANEXO 3

Fonte primária de pesquisa: Livro Tombo da Paróquia São João Batista (Volume I a IV). Na imagem, uma das primeiras páginas do volume I, escrito a mão pelo Padre Guilherme Maria Thiletzek em 1923.

Foto: Mac Fernandes. Data: outubro de 2019.



## ANEXO 4

Fonte primária de pesquisa: Livreto 1924-1974: Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu no seu cinquentenário, organizado pelo Padre Martinho Seitz e impresso pela Editora SVD em 1974.

Foto: Mac Fernandes. Data: outubro de 2019.



## ANEXO 5

Fonte primária de pesquisa: Livro escrito pelo padre iguaçuense Lotário Welter *Tempos heróicos de uma igreja nascente (memórias) – Foz do Iguaçu - Início do século até 1941*. Em edição bilíngue (português e espanhol), e impressa em Assunção, Paraguai, em 1992.

Foto: Mac Fernandes. Data: outubro de 2019.



## ANEXO 6

Fonte primária de pesquisa: Livro *História da Diocese de Foz do Iguaçu*, escrito em 2014 por Dom Laurindo Guizzardi, CS, Bispo Emérito de Foz do Iguaçu, fornecido por ele próprio para esta pesquisa na ocasião da visita para colher informações para a presente tese.

Foto: Vanuza A. Prado. Data: 15 de março de 2019.



## ANEXO 7

PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA. Memorando da Paróquia S. J. Batista ao Conselho de Assuntos Econômicos Diocesano, solicitando permissão para execução da reforma da Igreja. Padre Vincent C. Adaikkalasamy.

Data: 06 de setembro de 2013.



**PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA**  
 CNPJ – 77.945.152/0002-72  
 AVENIDA JORGE SCHIMMELPFENG – 70  
 FONE - FAX (45) 35235045  
 CEP: 85851-110 – FOZ DO IGUAÇU – PARANÁ

Foz do Iguaçu, 06 de setembro de 2013.

**Ilmo. Senhores**  
**Conselho de Assuntos Econômicos Diocesano**

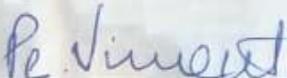
Venho por meio desta informa-lhes, sobre o projeto de reforma da Paróquia São João Batista.

Através de reuniões feitas com a comunidade e conselhos da Paróquia, vimos à necessidade de fazer uma reforma interna na Igreja, visto que algumas partes internas encontram-se comprometidas, comprometendo assim a segurança dos fiéis que aqui frequentam. A mesma tem previsão de início para o mês de outubro de 2013.

Portanto pedimos a vossa autorização, para que possamos executar essa obra, respeitando as normas determinadas pela Cúria Diocesana e pela Prefeitura de Foz do Iguaçu.

Por ser expressão da verdade, firmo a presente carta.

Atenciosamente

  
 Pe. Vincent C. Adaikkalasamy, SVD  
 Pároco



## ANEXO 8

DIOCESE DE FOZ DO IGUAÇU – MITRA DIOCESANA DE FOZ DO IGUAÇU. Devolutiva do Conselho de Assuntos Econômicos Diocesano à Paróquia S. J. Batista, solicitando o envio do projeto de reforma e orçamento para a devida aprovação.

Data: 25 de setembro de 2013.



**DIOCESE DE FOZ DO IGUAÇU**  
**MITRA DIOCESANA DE FOZ DO IGUAÇU**

Rua Venanti Otremba, 585 - Maracanã - CEP 85852-020  
 FOZ DO IGUAÇU - PR  
 Fone/fax: (45) 3574-5811 - E-mail: mitrafoz@hotmail.com - www.diocesedefoz.org.br  
 CNPJ 77 945 152/0001-91

Foz do Iguaçu, 25 de setembro de 2013

Revmo. Pe.  
 Vicente C. Adaikkalassamy, SVD  
 e Conselho de Assuntos Econômicos da  
 Paróquia S. João Batista

O Conselho de Assuntos Econômicos da Diocese, esteve reunido no dia 24 p.p., e analisou o pedido para autorização da reforma interna da igreja, visto que algumas partes encontram-se comprometidas, comprometendo a segurança dos fiéis.

No Estatuto da Diocese, no regimento interno, Art. 61, e seguintes: para o Conselho aprovar um projeto tem que analisar o mesmo e também um orçamento aproximado.

Pedimos a gentileza de enviar os mesmos para a Cúria, para a referida aprovação.  
 Desde já os agradecimentos.

  
 Dom Dirceu Vegini  
 Bispo Diocesano



  
 Pe. Agostinho Gatelli  
 Ecônomo

## ANEXO 9

DIOCESE DE FOZ DO IGUAÇU – MITRA DIOCESANA DE FOZ DO IGUAÇU.

Ata de Dedicção da igreja e do Altar – Igreja matriz Paróquia São João batista.

Data: 16 de agosto de 2015.



**DIOCESE DE FOZ DO IGUAÇU**  
**MITRA DIOCESANA DE FOZ DO IGUAÇU**

Rua Venanti Otremba, 585 – Maracanã – CEP 85852-020  
 FOZ DO IGUAÇU – PR  
 Fone/fax: (45) 3574-5811 - E-mail: [mitrafoz@hotmail.com](mailto:mitrafoz@hotmail.com) - [www.diocesedefoz.org.br](http://www.diocesedefoz.org.br)  
 CNPJ 77 945 152/0001-91

**ATA DE DEDICAÇÃO DA IGREJA E DO ALTAR**

**IGREJA MATRIZ**  
**PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA**

Aos dezesseis dias do mês de agosto de dois mil e quinze, às dezesseis horas e trinta minutos, sob a presidência de Dom Dirceu Vegini – Bispo Diocesano de Foz do Iguaçu, e com grande participação do povo de Deus, foi realizada solenemente a Dedicção da Igreja e do Altar da Igreja Matriz São João Batista.

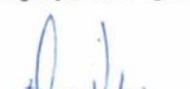
A Dedicção da Igreja e do Altar seguiram os ritos descritos no Pontifical Romano e no Cerimonial dos Bispos, faço assim constar: A Solene Liturgia de Dedicção teve início no Salão Paroquial, de onde partiu a procissão em direção à Igreja a ser dedicada. Chegando às portas do templo, o sr. Valdir Garbin, representante do Conselho Paroquial, apresentou ao senhor Bispo e a todos os presentes um breve histórico da Igreja e, em seguida o sr. Luiz Carlos Santi e a sra. Inês Machado da Silva Santi entregaram ao bispo as chaves da Igreja. Dom Dirceu Vegini convidou o pároco da comunidade, Revmo. Pe. Vincent Chinnaiyan Adaikkalassamy, SVD, a abrir as portas do Templo e todos entraram festivamente. O Bispo abençoou a água, com a qual aspergiu o povo, as paredes da igreja e o novo altar. A comunidade ouviu solenemente a Palavra de Deus. Após a Homilia, que explicou o significado da cerimônia que está sendo realizada, cantou-se a Ladainha de Todos os Santos e em seguida Dom Dirceu realizou a prece de Dedicção e Consagração com a devida unção e a incensação e a iluminação da Igreja; após, seguiu o Rito da Santa Missa como de costume. Após a Oração pós-comunhão foi inaugurada solenemente a Capela do Santíssimo Sacramento.

Sem mais nada a constar, eu Pe. Mariano Venzo, Chanceler do Bispado, lavrei a presente ata que foi assinada por mim, pelo Senhor Bispo Diocesano e representantes da comunidade.

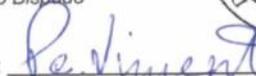
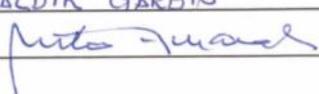
Foz do Iguaçu, 16 de agosto de 2015.

  
 Pe. Mariano Venzo  
 Chanceler do Bispado



  
 Dom Dirceu Vegini  
 Bispo Diocesano

Testemunhas:

  
 VALDIR GARBIN  


## ANEXO 10

Loty Ferreira, iguaçuense nascida em 1943. Sua residência fica ao lado da IMSJB, onde exerceu diversas atividades ao longo da vida.

Foto: Mac Fernandes. Data: Dezembro de 2020.



## ANEXO 11

Arquiteto Valdir Garbin, idealizador do projeto de reforma da IMSJB.

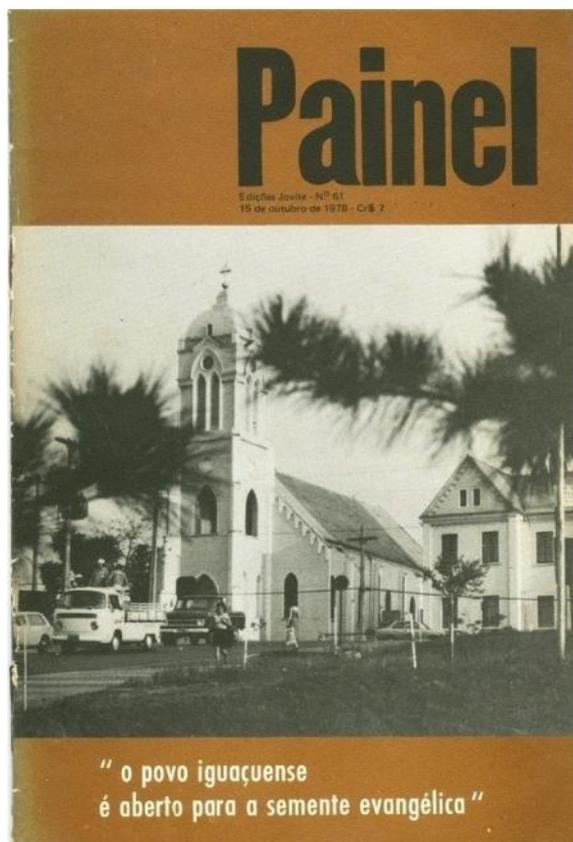
Foto: Miguel Pauluk Filho. Data: Fevereiro de 2019.



## ANEXO 12

Revista Paine! n° 61. 15 de outubro de 1978. Edições Jovite. Foz do Iguau.

Digitalização: Mac Fernandes. Data: Outubro de 1978.



## a igreja católica

O marco inicial da pregação cristã no município de Foz do Iguau, deve-se à presença esporádica de missionários argentinos, advindos de Posadas, e que enfrentaram inúmeros obstáculos que as condições naturais ofereciam, opondo-se à instituição do dogma cristão.

Por volta de 1918, atendendo a solicitação dos moradores locais, o padre Guilherme Muster deslocou-se de Guarapuava para Foz do Iguau.

Mais tarde veio à Foz do Iguau, o batalhador padre Guilherme Maria Thiletzek, acompanhado pelo padre João Prozbeba e do irmão Bianchi, para inspecionar a região detalhadamente, a fim de estudar a possibilidade de criação de uma paróquia em Foz do Iguau.

A Santa Casa Monsenhor Guilherme e o Colégio Monsenhor Guilherme, são obras dinâmicas que trazem em si, a homenagem de nossa gente pelo trabalho honesto e grandioso do padre Guilherme Maria Thiletzek.

A pequena capela erguida nos primórdios da colonização, não era suficiente para atender ao grande número de religiosos que surgiu.

Em 1942, é benta a igreja matriz de Foz do Iguau, por Don Manoel.

Homem dinâmico e lutador, foi o Monsenhor Manoel Konner, nascido em 1885 na Alemanha. Este destacado missionário, que tauto



fez pela religião e ensino no município, faleceu em 1968, mas tem imortalizada a sua vida de lutas e realizações, pois um importante estabelecimento de ensino local, o colégio Dom Manoel Konner, leva o seu nome como prova de reconhecimento de nossa gente, pelo que ele fez pela cidade onde moramos hoje.

Foi o padre João Assmann que deu início à construção de mais duas igrejas em Foz do Iguau. A primeira continua até hoje como capela da paróquia São João Batista; a segunda em 1970, foi desmembrada da paróquia, tornando-se independente. Nos dias atuais, a igreja colhe os frutos do labor de seus distintos representantes de outrora. Desempenha um papel relevante na comunidade, traçando a sua presença com a pregação cristã. No sacrifício dos antepassados, acha-se depositada a glória que ao presente cabe conservar com imponência e esplendor.

## ANEXO 13

Sites de notícias *G1* sobre as obras da Igreja Matriz São João Batista.

Digitalização: Mac Fernandes. Data: Outubro de 2013.



01/10/2013 12h34 - Atualizado em 01/10/2013 12h34

## Missas na igreja matriz de Foz do Iguaçu serão suspensas para reforma

Restauração do prédio da década de 1950 está orçada em R\$ 800 mil. A partir desta terça (1º), celebrações serão realizadas no salão paroquial.

Do G1 PR, em Foz do Iguaçu



A matriz São João Batista é a igreja mais antiga de Foz do Iguaçu (Foto: Fabiula Wurmeister / G1)

As missas na igreja matriz de **Foz do Iguaçu**, no oeste do **Paraná**, ficarão suspensas a partir desta terça-feira (1º) e passarão a ser celebradas no salão paroquial. A mudança se deve às obras de reforma do prédio inaugurado na década de 1950. A restauração está orçada em cerca de R\$ 800 mil.

Os recursos para a conclusão da obra, a primeira de grande porte em 60 anos, estão sendo levantados com o auxílio de doações da comunidade e a realização de promoções e festas. Até agora foram arrecadados cerca de R\$ 300 mil. "Para o restante, continuamos contando com a ajuda da comunidade. E, a colaboração é espontânea", reforçou o padre Vincent Samy.

De acordo com o projeto de reforma e restauração, o altar mudará de lugar, o salão receberá novos vitrais e o etilo gótico será recuperado. Segundo os responsáveis, a

previsão é que tudo fique pronto até maio de 2014, próximo do centenário de Foz do Iguaçu e quando a paróquia comemora 90 anos.

## ANEXO 14

Sites de notícias *Clickfoz* sobre as obras da Igreja Matriz São João Batista.

Digitalização: Mac Fernandes. Data: Junho de 2016.



FOZ DO IGUAÇU

Por: Lauane de Melo Publicado em: 23/06/2016

## IGREJA MATRIZ, DE FOZ DO IGUAÇU, COMPLETA 92 ANOS NESTA SEXTA, 24

*No dia de São João Batista, a paróquia terá única celebração com missa solene às 19 horas*

A Igreja Matriz São João Batista, localizada no centro de Foz do Iguaçu, faz parte da história da cidade. Passou por uma ampla reforma recentemente, com o objetivo de recuperar a arquitetura existente antes da modificação feita em 1978, e resgatar a originalidade da edificação, especialmente do altar, que passou a ser mais amplo e com dois grandes vitrais ao fundo, que foram restaurados e trouxeram mais beleza à igreja.

A reforma foi feita em alusão ao centenário de Foz do Iguaçu, em 2014, ano em que a matriz completou 90 anos. A previsão para a reforma era de um ano, porém, quando os trabalhos de restauração iniciaram-se, foi constatado que pelo menos 70% do prédio precisava ser reconstruído.

A demolição começou no dia 16 de outubro de 2013. O espaço interno foi ampliado e tem condições para acomodar 550 pessoas. A reinauguração ocorreu no dia 16 de agosto de 2015, com a celebração de uma missa, com a presença do Bispo Dom Dirceu Vegini, do Bispo Emérito Dom Laurindo e do pároco Vincent Adaikkala Samy, além de outros padres e paroquianos.

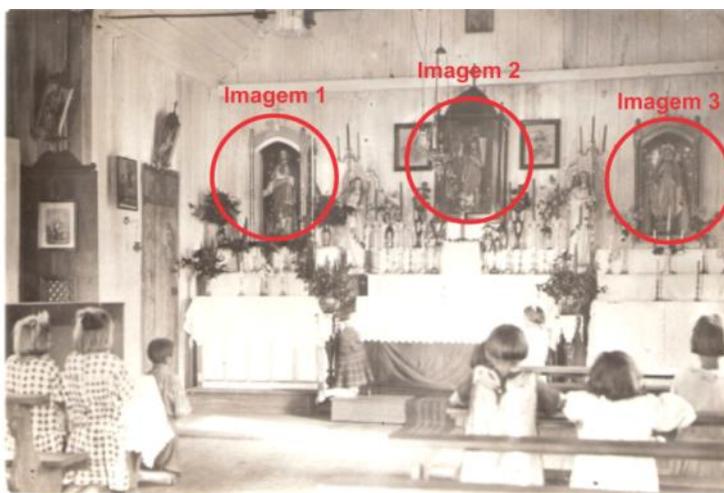
Atualmente, a igreja, frequentada pela comunidade local, também pode ser visitada durante o dia por turistas de todas as partes do mundo, que têm interesse em sua arquitetura, espiritualidade, sendo feitos muitos registros em diversos sites de avaliações de atrativos não somente culturais, mas todos de Foz do Iguaçu.

**Padroeiro** – A paróquia já realizou sua tradicional Festa Junina, em alusão ao Dia do Padroeiro, São João Batista, no último final de semana. Para esta sexta-feira, dia 24, será realizada uma missa solene, às 19h, conduzida pelo bispo Emérito Dom Laurindo.

## ANEXO 15

Ampliação das imagens de santos presentes na Figura 10 para identificação.

Composição: Mac Fernandes. Data: Fevereiro de 2021.



## APÊNDICE

As informações a seguir são complementares ao “Mapa de Foz do Iguaçu com a distribuição de templos, monumentos e paisagens simbólicas”, apresentado no Capítulo 3, Figura 71.

### **Monumento 1:** Hidrelétrica de Itaipu. **Crença/Doutrina:** Mitologia indígena

**Significado:** Operação *Mimba Kuera* (pega-bicho) deu origem ao artesanato de referência cultural *A Árvore da Vida*. Com a inundação causada para o enchimento do lago, os animais que viviam na região afetada procuraram refugiar-se nas copas das árvores para poderem salvar suas vidas. Este fenômeno, uma vez registrado, culminou com a criação do artesanato de referência cultural intitulado como *A Árvore da Vida*, atribuído aos índios guarani, e que serviu para aglutinar bases referenciais de crenças e símbolos fundamentais da cultura indígena desta etnia, com forte paralelismo entre fatos e mitos. (o Dilúvio, a Terra sem Males, dentre outros). Este artesanato foi posto em produção pelo antigo Projeto Ñandeva com o apoio da Itaipu e é comercializado ainda hoje em diversas lojas de souvenir<sup>270</sup>.

### **Monumento 2:** Unioeste – *Campus* Foz do Iguaçu. **Crença/Doutrina:** Cristã / Catolicismo

**Significado:** Prédio inspirado nas reduções das Missões Jesuíticas. Mesmo se tratando de um estabelecimento de ensino superior e, portanto, de utilidade, sobretudo acadêmica, a edificação se projeta também como atrativo turístico com a publicação da Lei nº 4051, de 30 de novembro de 2012, que “Declara como Patrimônio Turístico do Município de Foz do Iguaçu O *Campus* da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - E dá outras providências”.<sup>271</sup>

<sup>270</sup> Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/2560>>. Acesso em: 10 de dez. 2020.

<sup>271</sup> Disponível em: <<http://leismunicipa.is/kqfac>>. Acesso em: 10 de dez. 2020.

**Monumento 3:** Templo Budista *Chen Tien*. **Crença/Doutrina:** Religião / Filosofia

**Significado:** Conforme Mello (2020), o Templo Budista Chen Tien é um dos pontos turísticos bastante visitados em Foz do Iguaçu. Sua construção, datada de 1996, localiza-se em um parque de aproximadamente 50 hectares no Bairro Porto Belo, próximo às margens do Rio Paraná. A topografia elevada do terreno propicia vistas parciais para as cidades de Foz do Iguaçu (BR) e Ciudad del Este (PY), onde o Templo pode ser visto ao longe, inclusive na travessia da Ponte da Amizade. O templo principal, denominado de Santuário *Ksitigarbha* é um edifício com 1.600m<sup>2</sup> de área construída, distribuídos em dois pavimentos, em alvenaria de tijolos e estrutura em concreto armado. Sua cobertura em telhas de barro apresenta as tradicionais características dos telhados chineses de linhas curvas e cantos arredondados para cima e, apesar de sua solução formal e estrutural conter detalhes que nos remetem à arquitetura chinesa, não reproduz a ostentação dos templos budistas do tradicional estilo *Dzong*, geralmente ricos em detalhes e cores. O espaço do santuário é consagrado aos Budas, contendo 18 estátuas de *Arahants* – termo que qualifica pessoas de elevado grau de iluminação, e também desempenha a função de moradia do mestre budista. Seu acesso principal se abre para uma grande esplanada denominada praça dos budas, onde se encontram 108 estátuas do Buda *Amitabha* – um dos cinco budas da meditação – dispostos de forma alinhada em direção ao pôr do sol. O *Chen Tien* é considerado o segundo maior templo da América Latina, e seu parque acolhe um centro de estudos e meditações budistas, uma loja de souvenirs, amplos jardins onde podem ser contempladas outras estátuas de Buda, com destaque para o Buda *Mí Lè Pú Sa* (Buda Sorridente), também conhecido como *Maytreia* – que possui 7 m de altura e recebe os visitantes na entrada do templo, bem como a grande estátua do *Amithaba*, com 10m de altura, colocada no centro da praça principal.

**Monumento 4:** Catedral N. Sra. Guadalupe. **Crença/Doutrina:** Cristã / Catolicismo

**Significado:** A nova catedral propõe valorizar não só os conceitos ligados à espiritualidade, mas também a diversidade étnica e cultural próprias da América Latina que se fazem presentes em Foz do Iguaçu<sup>272</sup>. Sua planta é projetada no formato de uma Cruz

<sup>272</sup> Descrição presente no site oficial da Catedral de Foz do Iguaçu: A Catedral Diocesana Nossa Senhora de Guadalupe fortalece a devoção à padroeira da América Latina, em uma região centralizada em Foz do Iguaçu, cidade de três fronteiras, principal ponto de contato privilegiado entre diversas culturas e tradições. Disponível em: <<https://www.guadalupe.org.br/historia>>. Acesso em: 05 de abr. 2020.

Grega, ou seja, uma cruz reta com todos os braços de mesmo tamanho, onde, ao centro, encontra-se o círculo, sinal da perfeição e da eternidade de Deus. Sinal também da grande Aliança de Amor de Deus com a humanidade. Localiza-se na Vila A, um dos pontos mais altos da Cidade de Foz do Iguaçu, referindo a todo o significado do Monte, na literatura bíblica: Moises recebe os 10 mandamentos no Monte Sinai, Jesus sempre que sai para rezar, sobe o monte (das Oliveiras, das Bens Aventuranças). Monte é o lugar próximo de Deus. A igreja tem três portas iguais simbolizando a igualdade dos três povos que vivem na tríplice fronteira. Cada uma delas representa um povo: brasileiros, paraguaios e argentinos. O presbitério, lugar onde se encontra o altar é a parte central da Igreja, tem um formato arredondado, sendo a representação de Cristo, Cabeça de toda a Assembleia reunida. O telhado apresenta três níveis: O primeiro com o formato do manto de Nossa Senhora, tendo uma leve curvatura como se envolvesse o próprio rosto de Maria. No segundo nível existe uma ondulação trazendo dois significados: em primeiro lugar, em forma de uma *Estola* (paramento litúrgico que representa o poder e autoridade do sacerdote), e, em segundo, reporta às quedas das Cataratas do Iguaçu. No terceiro nível encontra-se uma Coroa, tendo como significado em primeiro lugar, a simbologia de Cristo Rei do Universo e, em segundo, a grande devoção católica a Maria, Rainha do Céu e da Terra. Todos os três níveis têm quatro lados, simbolizando os quatro Evangelistas. Todos têm uma elevação, de dentro para fora, que projeta a Palavra que dentro da Igreja é proclamada por todos os quatro cantos do mundo e para todo o mundo. O ponto mais alto de toda a Igreja, acima do telhado, encontra-se a torre com o símbolo Cristão, a Cruz: Sinal da Salvação e libertação dada por Cristo. Os Vitrais representam os quatro evangelistas e os elementos da natureza: terra, água, fogo e ar: Evangelista Mateus: Anjo (Elemento água - Nascimento de Jesus); Evangelista Lucas: Touro (Elemento terra - Morte de Cristo); Evangelista Marcos: Leão (Elemento fogo - Ressurreição de Cristo); Evangelista João: Águia (Elemento ar - Ascensão de Cristo)<sup>273</sup>.

Curiosamente, o site da Catedral N.Sra. de Guadalupe traz a inscrição “Casa Mãe da Diocese de Foz do Iguaçu”, sendo que, conforme indicado anteriormente (nota de rodapé 17), o termo “Igreja Matriz” significa “Igreja Mãe”, e este é o título já dado à Igreja Matriz São João Batista.

---

<sup>273</sup> O site da Catedral N. Sra. Guadalupe salienta os aspectos de sua localização como sendo uma região centralizada em Foz do Iguaçu, cidade de três fronteiras, principal ponto de contato privilegiado entre diversas culturas e tradições. Disponível em: <<https://www.guadalupe.org.br/historia>>. Acesso em: 15 de dez. 2020.

**Monumento 5:** Mesquita Muçulmana *Omar Ibn Al-Khatab*. **Crença/Doutrina:** Islamismo.

**Significado:** De acordo com Mello (2020), A mesquita representa a religiosidade, a sabedoria e o poder da cultura muçulmana, caracterizando-se como um lugar de difusão da palavra do profeta Maomé, não possuindo o caráter litúrgico do cristianismo, onde os templos representam “a casa do Senhor”. Foz do Iguaçu possui a segunda maior comunidade muçulmana do Brasil (aproximadamente 12 mil pessoas) e um dos grandes símbolos arquitetônicos da cidade é a mesquita *Omar Ibn Al-Khattab*, cuja inauguração data de 20 de março de 1983, contendo o local onde também funciona o Centro Cultural Beneficente islâmico (CCBI). Com uma arquitetura de clara inspiração no segundo maior centro sagrado do islamismo, a mesquita de *Al-Aqsa*, em Jerusalém, possuindo uma área total construída de 1248,00m<sup>2</sup> em um terreno de 20 mil metros quadrados. Exteriormente a mesquita possui uma cúpula assentada uma base octogonal cercada por arcos em todo seu perímetro, possuindo ainda dois minaretes (torres) de 31 metros de altura. Sua sala de orações, em forma octogonal, possui 580,00m<sup>2</sup>, abrigando aproximadamente oitocentas pessoas, e em cujo interior apresenta o *Mimbar* (púlpito da mesquita) – lugar em que se posiciona a pessoa que conduz as orações, e o *Mirabe* – elemento em forma de nicho que tem como função indicar a direção da cidade de Meca. O *Mirabe* (*Mihrab*) da mesquita de Foz do Iguaçu possui inscrições do Alcorão que falam sobre a história do profeta Zacarias e de João Batista e duas vezes a inscrição *Alá*, que significa Deus na língua árabe. As pinturas do interior (arabescos e passagens do alcorão) foram feitas por artistas egípcios, na etapa final da construção da mesquita, assinadas e datadas de 1987. O Mezanino existente no interior cumpre a função de espaço destinado às mulheres e pode ser acessado por meio de uma escada em “U” com peitoril e corrimão em madeira.

**Monumento 6:** Estátua de São Francisco. **Crença/Doutrina:** Cristã / Catolicismo

**Significado:** Construído como referência ao Bairro São Francisco (o mais populoso da cidade, compreendendo os Loteamentos Morumbi I, II, III e IV, Vila Borges, Jd. Europa, dentre outros), foi concebido pelo artista plástico Giovanni Vissotto, que se inspirou em um morador humilde do bairro para moldar o semblante sofrido do santo como característica do povo daquele lugar.

**Monumento 7:** Igreja Matriz São João Batista. **Crença/Doutrina:** Cristã / Catolicismo

**Significado:** Primeiro templo católico da cidade. Apresenta uma arquitetura de estilo misto, com predominância ao neoclássico na torre e ao gótico nas aberturas e cúpula interna. Sua recente reforma/reconstrução apresenta, em seu exterior, uma edificação antiga, porém restaurada; e, em seu interior, uma igreja com layout moderno que, mesmo sendo nova, remete à sua originalidade antiga, o que lhe assegura um conceito de prédio histórico do município.

**Monumento 8:** CEAEC. **Crença/Doutrina:** Filosófica / Conscienciologia

**Significado:** A Cognópolis, também conhecida como “Cidade do Conhecimento”, é um bairro localizado em Foz do Iguaçu, que abriga uma área de preservação ambiental, condomínios residenciais, um centro empresarial e de convenções, e um campus onde funcionam 17 instituições voltadas ao estudo da Conscienciologia, dentre elas o Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), fundado pelo médico e médium Waldo Vieira. O local é considerado por seus adeptos como o de maior concentração de recursos destinados à execução da *maxiproéxis* (alto nível de organização existencial evolutiva grupal). No local encontra-se um imenso círculo, cercado por diversos laboratórios de pesquisa, com um monumento chamado *Megálito da Paz* ao centro<sup>274</sup>. Por sua proximidade com o aeroporto de Foz do Iguaçu, esta circunferência pode ser vista com certa facilidade de dentro do avião por seus passageiros durante a aterrissagem.

**Monumento 9:** Marco das Três Fronteiras. **Crença/Doutrina:** Filosófica / Maçonaria

**Significado:** Conforme Mello (2020), o Marco das Três Fronteiras é um dos monumentos de maior relevância cultural de Foz do Iguaçu e sua inauguração ocorreu a 20 de julho de 1903, pela comissão estratégica militar brasileira, sob o comando do General Dionísio Cerqueira e pelo marechal Cândido Rondon<sup>275</sup>. Para além de um lugar turístico, o Marco

<sup>274</sup> Disponível em: <<https://editares.org.br/livro/cognopolis-foz-um-lugar-para-se-viver/>>. Acesso em: 15 de dez. 2020.

<sup>275</sup> Rondon era adepto do Positivismo, doutrina criada pelo filósofo francês Auguste Comte (1798 - 1857). O lema da Revolução Francesa *Liberté, égalité, fraternité* (liberdade, igualdade e fraternidade) foi incorporado tanto pelo Positivismo como pela Maçonaria. O lema escrito na Bandeira do Brasil (1889), *Ordem e Progresso*, tem inspiração em uma frase de Augusto Comte, que diz: “O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim”. Fonte: <<http://templodahumanidade.org.br/>>. Acesso em: 12/12/2020.

das Três Fronteiras foi erigido para celebrar o fim pacífico da longa disputa de terras entre o Brasil e a Argentina, conhecida como a “Questão de Palmas”. Neste contexto, o monumento arquitetônico em forma de obelisco constitui-se em uma construção de pedra e argamassa, formando um bloco monolítico vertical, pintado nas cores do país, de base triangular que vai diminuindo de maneira progressiva, formando uma pirâmide em seu ápice. Em 2016 o espaço foi revitalizado, proporcionando uma maior visibilidade a partir da concepção do Complexo Turístico Marco das Américas, constituído pelo Marco das Três Fronteiras e, pelo Espaço das Américas<sup>276</sup>. O programa do novo espaço cenográfico conta com praças, mirantes, show de luzes e águas, restaurante, entre outros. Localizados no limite entre os três países da tríplice fronteira Brasil (BR), Paraguai (PY) e a Argentina (AR), na união entre os rios Paraná e Iguçu. Em cada um dos países existe um obelisco pintado com suas cores nacionais correspondentes e um mirante onde se pode apreciar a união dos rios e os três territórios. Os três obeliscos formam um triângulo equilátero com aproximadamente 700 metros de lado, fixando o limite territorial e a soberania dos países.

Obs.: Nesta pesquisa não foram encontrados registros oficiais que associem o Marco à maçonaria, contudo, algumas contextualizações podem indicar esta proximidade. O obelisco apresenta-se em formato piramidal (um dos diversos símbolos incorporados à maçonaria)<sup>277</sup> e foi construído em 1903, época em que o Chefe de Estado era Rodrigues Alves, pertencente a uma longa linha sucessória de presidentes maçons que governaram o Brasil desde o fim do período imperial<sup>278</sup>.

---

<sup>276</sup> A recente revitalização do Marco das Três Fronteiras foi idealizada objetivando remetê-lo ao contexto das Missões Jesuíticas por meio de cenários fictícios, exibição de documentário audiovisual, exposição de material cenográfico do filme “A Missão” (produção de 1986, dirigido por Roland Joffé), dentre outros itens. Tema bastante distinto e desconectado com o Marco, por ser algo que difere completamente de sua concepção original. Esta reconfiguração mostra-se como uma forma mercadológica de apropriação, uma vez que o lugar tinha acesso gratuito anteriormente e agora se apresenta condicionado a pagamento com valores variados e focados no turismo. Por fim, esta conjuntura evidencia também um flagrante propósito alegórico, no qual o atrativo veio a se tornar.

<sup>277</sup> Conforme Bruce-Mitford (2002, p. 94 e 109), para os antigos egípcios, a pirâmide simbolizava o eixo do mundo no centro do universo. Seu topo representa o mais alto nível espiritual. George Washington, primeiro presidente dos Estados Unidos, adotou emblemas da maçonaria, a que era afiliado, na nota de dólar, a exemplo da pirâmide (sabedoria e conhecimento) e do olho onividente de Deus, como símbolos da nova nação.

<sup>278</sup> Disponível em: <<https://www.gob.org.br/macons-presidentes/>>. Acesso em: 15 de dez. 2020.

**Monumento 10:** Lenda das Cataratas. **Crença/Doutrina:** Mitologia ou lenda indígena

**Significado:** De época e autoria imprecisa, a lenda conta sobre o amor proibido entre Naipi e Tarobá, pertencentes à uma tribo de índios caingangues que habitavam as margens do rio Iguaçu. Acreditavam que o mundo era governado por Mboi (um deus com forma de serpente e filho de Tupã). Naipi, filha do cacique, estava prometida à Mboi, e passaria a viver somente para seu culto. Tarobá, porém, se apaixonou ao ver Naipi e fugiu com ela numa canoa. Ao saber da fuga, Mboi ficou furioso. Penetrou as entranhas da terra, retorcendo o seu corpo e produzindo uma enorme fenda que formou as cataratas. Os fugitivos caíram de uma grande altura desaparecendo para sempre. Naipi foi transformada em uma rocha e Tarobá foi convertido em uma palmeira, inclinada sobre a garganta do rio. Debaixo dessa palmeira acha-se a entrada de uma gruta onde o monstro vingativo vigia eternamente as duas vítimas<sup>279</sup>.

---

<sup>279</sup> Disponível em: <[https://grupocataratas.com/lenda\\_das\\_cataratas/](https://grupocataratas.com/lenda_das_cataratas/)>. Acesso em: 15 de dez. 2020. Diversas produções culturais, tais como: artesanato, música, desenhos animados, filmes, livros, histórias em quadrinhos, poemas, dentre outros, serviram de base para a comercialização de materiais para a promoção das Cataratas do Iguaçu, colaborando em tornar este atrativo como um dos mais procurados pelos turistas no Brasil e no mundo.